



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

MAÍRA FERNANDES ALENCAR

**OS ARQUIVOS COMUNITÁRIOS NA PESQUISA E
EDUCAÇÃO ARQUIVÍSTICA: UMA ANÁLISE A PARTIR DA
*ARCHIVAL EDUCATION RESEARCH INITIATIVE***

Londrina
2022

MAÍRA FERNANDES ALENCAR

**OS ARQUIVOS COMUNITÁRIOS NA PESQUISA E
EDUCAÇÃO ARQUIVÍSTICA: UMA ANÁLISE A PARTIR DA
*ARCHIVAL EDUCATION RESEARCH INITIATIVE***

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Estadual de Londrina para a obtenção do título de Doutora em Ciência da Informação.

Linha de Pesquisa: Organização e Representação da Informação e do Conhecimento.

Orientadora: Prof^a. Dra. Brígida Maria Nogueira Cervantes

Coorientador: Prof. Dr. Mario Barité

Londrina
2022



O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior-Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

Alencar, Maíra Fernandes .

OS ARQUIVOS COMUNITÁRIOS NA PESQUISA E EDUCAÇÃO ARQUIVÍSTICA : UMA ANÁLISE A PARTIR DA ARCHIVAL EDUCATION RESEARCH INITIATIVE / Maíra Fernandes Alencar. - Londrina, 2022.
242 f. : il.

Orientador: Brígida Maria Nogueira Cervantes.

Coorientador: Mario Barité.

Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Educação Comunicação e Artes, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, 2022.

Inclui bibliografia.

1. Pesquisa e Educação Arquivística - Tese. 2. Archival Education Research Initiative - Tese. 3. Arquivos Comunitários - Tese. 4. Arquivística Decolonial e Estudos arquivísticos críticos - Tese. I. Cervantes, Brígida Maria Nogueira . II. Barité, Mario . IV. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Educação Comunicação e Artes. Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação. V. Título.

CDU 025.171

MAÍRA FERNANDES ALENCAR

**OS ARQUIVOS COMUNITÁRIOS NA PESQUISA E
EDUCAÇÃO ARQUIVÍSTICA: UMA ANÁLISE A PARTIR DA
*ARCHIVAL EDUCATION RESEARCH INITIATIVE***

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Estadual de Londrina para a obtenção do título de Doutora em Ciência da Informação.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora

Prof^a. Dr^a. Brígida Maria Nogueira Cervantes.
Universidade Estadual de Londrina

Co-orientador

Prof. Dr. Mario Barité
Universidad de la República, Uruguay

Prof^a. Dr^a. Natália Bolfarini Tognoli
Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. Miguel Luiz Contani
Universidade Estadual de Londrina

Prof^a. Dr^a. Franciele Marques Redigolo
Universidade Federal do Pará

Prof. Dr. Rogério Ap. Sá Ramalho
Universidade Federal de São Carlos/ Universidade
Estadual de Londrina

Londrina, 21 de dezembro de 2022.

Dedico esse trabalho à toda minha família, avós/avôs, meu pai e minha mãe, que com fé, amor e muitos esforços nos criaram, à minhas irmãs/irmão, sempre me ajudando em tudo, ao meu irmão, nosso anjo amado, navegante das estrelas à quem sou eternamente grata por tudo que aprendi e aprendo, de que a vida é semente, apenas uma breve passagem e os reencontros virão, floresceremos todos juntos novamente em moradas celestes.

AGRADECIMENTOS

Fazer um doutorado não se resume a: escrever uma tese, ter reuniões com os orientadores, participar de eventos, cursar disciplinas, e produzir artigos, entre outras atividades. A vida acadêmica não está separada da vida familiar, do cultivo de si, das relações, das preocupações, dos sonhos, dores e alegrias, e das emoções. Na verdade, é uma vida só, em um tempo só. A tese está entrelaçada em suas dimensões de ser e estar no mundo, ainda que inconscientemente não percebamos. Nesse processo todo fui aprendendo a construir caminhos sobre como chegar no que fosse possível no contexto do programa, orientações, e de minha biografia, para apresentar em forma de um texto argumentativo, e que pudesse ter sentido diante dos desafios existentes nesse sistema-mundo no geral, e em específico dos debates arquivísticos. Não via muito sentido no tipo de arquivística da época da graduação, voltada muitas vezes, apenas, para um foco de grupos. Sempre pensei que podíamos ser mais inclusivos e críticos em relação ao cuidado da memória para e com os grupos que são socialmente marginalizados. Vejo que na América Latina temos tudo para seguirmos criando nossos caminhos nessa vertente. Assim, faz anos que almejo ver outras formas de pensar o campo. E fazer um doutorado foi, e é uma parte desse caminho, é incompleto por natureza, por ser sempre restrito dentro do tempo possível. Por isso, esse caminho não tem fim, e está sempre mudando. Na sociedade do desempenho e cansaço como Byung-Chul Han aborda, o doutorado pode se tornar aquele momento de desespero e angústia feito nos moldes coloniais, de que precisamos dar conta de tudo. Percebendo a incompletude e impermanência, o que faria sentido era fazer o possível dentro de um tempo disponível na temática escolhida, com o apoio essencial de quem acredita nessa via também. Assim, escrever essa tese não se resumiu a definir um problema, sustentar hipóteses, realizar leituras e fichamentos a partir de um determinado tema circunscrito pelo tempo do relógio/datas. Houve muitas mudanças no processo da construção. Escrever essa tese foi habitar também, o tempo do momento oportuno de estar atenta aos *insights*, as sínteses, e questões/reflexões/dores/alegrias. De estar ciente que as vezes os sonhos irão mostrar dimensões, que as leituras não chegam nem perto. Durante todo o processo não se abandona o lado emocional/espiritual, sorri e chorei com esse processo. Houve o sofrimento psíquico dos prazos. Houve também muitos incentivos, e ajudas para que eu tivesse condições de continuar.

Dessa forma, sou eternamente grata a Deus, à todas as forças superiores, a minha família/amigos/orientadores/banca de avaliação que me ajudaram a seguir mesmo nos momentos mais difíceis. Foi uma pesquisa emocionalmente exigente. Essa tese foi escrita num período de muito sofrimento que atravessamos no mundo com a COVID-19. Tempos de resistência também quando se vive relacionamento abusivo/tóxico, exige-se uma força constante de seguir para não desistir. Consegui finalizar graças a Deus e a todas pessoas que me ajudaram. De todos os ensinamentos, a esperança, fé e a gratidão. Respiro profundamente enquanto agradeço a todos e todas, com quem pude aprender no caminho da vida e que me ajudaram diretamente e indiretamente a organizar as ideias em torno desse tema da tese, e ter as condições/ambientes para realizar a pesquisa. Nesse processo, uma das situações mais dolorosas, a passagem do meu irmão, um anjo filho da promessa, para o mundo espiritual. Apesar de saber que não somos esse corpo, de que aqui é só uma passagem rápida para nosso crescimento espiritual, a separação da matéria traz sofrimento e a busca de sentido por entender nossa existência é inevitável. Eu sou grata por ter aprendido e conhecido esse anjo, que trouxe muitos benefícios enquanto esteve na Terra, ajudando a todos e a tudo com o coração puro e alma leve. Um ser humano que muito nos ensinou e ensina, que a saudade caminha do lado da esperança e da fé, de que nos reencontraremos, todos, no final da nossa jornada.

Agradeço meus ancestrais, minhas raízes, meu pai e minha mãe que me ajudaram em tudo que precisei em todas etapas da minha formação, desde sempre! Agradeço minhas irmãs, ao meu irmão, cada um de seu modo, me mostrando que podemos caminhar mais longe quando estamos unidos e com amor, sempre presentes e ajudando em tudo. Eu não teria finalizado essa etapa se não fosse pelo amor, ajuda, apoio e orações de vocês. Minha gratidão eterna! Agradeço aos meus *pets* amados pela companhia de madrugadas e dias. Agradeço a todas minhas amigas queridas de anos, desde a *roots*, das medicinas/psicologias/terapeutas integrativas/ transpessoais/junguianas, da antroposofia e ayurveda, e aos amigos queridos, todos me ajudando em tudo que fosse possível, nas conversas e nos encontros presenciais e *onlines* via redes sociais, que alimentaram a alma, e a esperança.

Agradeço a todas professoras e professores de minha formação na graduação, desde a iniciação científica da UNESP/Marília, depois no mestrado e doutorado na UEL/Londrina, que mostraram caminhos na área da Organização do Conhecimento e da Arquivística.

Agradeço imensamente minha orientadora, Professora Brígida, que respeitou todos os tempos que tive dificuldades nas entregas, e com calma e muito amor soube incentivar o melhor em mim, soube acolher em todos os momentos, sem sua didática maravilhosa de condução e orientação, certamente, eu não teria chegado nas etapas finais. Agradeço meu co-orientador Professor Barité, que aceitou o convite para embarcar nessa jornada no segundo tempo, mesmo com os desafios existentes, e esteve sempre presente, atento e muito gentil. Agradeço à banca da qualificação/ defesa, à Professora Natália, que tem acompanhado minha trajetória nesse percurso da arquivística, desde a graduação sempre na torcida, por esse caminho de ampliar a arquivística, com uma maestria nas excelentes sugestões, correções necessárias e justas, com um olhar sempre sensível as dimensões da justiça social na área.

Agradeço à banca da defesa, que gentilmente aceitaram o convite para participação, Professor Miguel, Professora Franciele, e Professor Rogério, muito obrigada pela participação na defesa, pela leitura atenta e pelas sugestões/críticas excelentes! Agradeço a todos/as funcionários/as da UEL, de todos setores, ao PPGCI, à CAPES, pelo financiamento da pesquisa.

Agradeço aos docentes da AERI, e outras/os docentes no contexto internacional e nacional, que estão se dedicando diretamente ou indiretamente, por meio de variadas ações, para as questões de rupturas e renovações de olhares para o campo com preocupações de cunho crítico e decolonial.

Por fim, sou grata pela oportunidade de tratar por meio desse estudo a visibilidade dessa temática da pesquisa e educação no âmbito dos Arquivos Comunitários. Que esse estudo possa ajudar a regar essa Arquivística ampliada para uma visão libertadora/emancipatória, no fortalecimento de lutas, e sentidos, para e com diferentes grupos historicamente marginalizados, por meio de propostas teóricas/metodológicas e práticas diversas.

*“Ayni, es una de las más bellas palabras de la lengua Quechua, el antiguo idioma de los Incas. Expresa el acto de la reciprocidad, el intercambio de energías. Uno solicita un favor y se compromete a devolverlo. Pero lo bello, es que no obliga a devolvérselo necesariamente a la misma persona. Así uno va por la vida, prestando ayuda y recibéndola, de donde menos la espera. Pero lo más bello aún, es el Ayni que realizamos con la vida, cuando somos conscientes del maravilloso regalo de la existencia, y que lo único que realmente nos pertenece y que a la vez es la única moneda que aceptan nuestros creadores es la gratitud, **la gratitud es el mayor nivel de conciencia al que se puede llegar.**” (Hidalgo - Agradezco)*

“Sempre que tendes dúvidas ou se vosso ego se tornar demasiado grande, fazei o seguinte teste. Recordai o rosto do homem mais pobre e mais fraco que possais ter visto e perguntai-vos se o passo que contemplai dar irá trazer-lhe algum benefício. Irá ele ganhar alguma coisa? Irá devolver-lhe um controle de seu destino? Por outras palavras, conduzirá ao *swaraj* as milhões de pessoas desnutridas e com fome espiritual? Desta maneira, verão esvanecer vossas dúvidas e os vossos egos. “

Gandhi, (1999d, p. 311 apud Santos, 2019, p.85-86)

[Essa citação foi feita por Boaventura quando ele fala do que Gandhi dizia a respeito da orientação do cientista]

[...] os arquivistas têm responsabilidades sociais e éticas em relação aos indivíduos que têm menos poder para se envolver com registros oficiais e práticas de manutenção de registros ou para manter seus próprios registros; e que a resposta exigirá a implementação de práticas e políticas de arquivamento e manutenção de registros em níveis supranacionais e meta arquivísticos, (ou seja, que operam acima e entre nações individuais, instituições arquivísticas e diversas tradições arquivísticas); e que espaços arquivísticos confiáveis e defensores não alinhados com órgãos oficiais também são essenciais (tanto aqueles que já existem, como os arquivos comunitários, quanto aqueles que precisam ser estabelecidos). [...]

Gilliland, Anne, (2021, p.2- tradução nossa)

“Qualquer que seja a teoria, qualquer que seja o endereçamento metodológico, epistemológico, filosófico, é sempre uma limitação, um empobrecimento, comparado com a riqueza criativa do comportamento humano. Isto é, nenhuma teoria, nenhuma doutrina ou instrumentação é capaz de exaurir o cabedal das condições de troca, de emissão e de recepção constitutivas do viver humano. Por isso, sempre no manuseio, no conhecimento e na aprendizagem dessas teorias deve-se ter consciência de que se vai defrontar com delimitações.”

Emmanuel Carneiro Leão (2013, s.p)

“La sabiduría no consiste en conocer el mundo, sino en intuir los caminos que habrá de andar para ser mejor. La sabiduría consiste en el arte de descubrir por detrás del dolor, la esperanza.”

El viejo Antonio

(GUERRERO ARIAS, 2010, p. 45)

RESUMO

Inserida na arquivística contemporânea engajada com questões de justiça social, direitos humanos e decolonialidade, dentre outros, selecionamos a *Archival Education Research Initiative*, uma comunidade discursiva que visa, entre outros focos, atuar sobre e com comunidades historicamente marginalizada, a partir de um suporte de nível educativo e de pesquisa. Delimitamos nosso problema em: considerando a AERI enquanto uma iniciativa inovadora, e pioneira nas discussões sobre as dimensões inclusivas, como caracterizar essa comunidade discursiva, de modo que a temática dos Arquivos Comunitários seja contemplada em conjunto com outras especificidades dessa comunidade? Quais ações de foco plural podem ser descritas a partir dessa análise para a educação e pesquisa arquivística possíveis para o contexto brasileiro? O objetivo geral da pesquisa é fomentar as discussões dos estudos arquivísticos de cunho pluralista, com especial ênfase sobre os arquivos comunitários, por meio da caracterização da comunidade discursiva da AERI. São os objetivos específicos: 1) Situar teoricamente as dimensões da análise de domínio, bem como a intersecção das lentes epistêmicas/de estruturação científica e terminológicas; 2) Implementar um estudo teórico-conceitual da discussão sobre o pluralismo arquivístico, a partir da perspectiva decolonial, e; 3) Sistematizar a análise realizada da AERI, a partir da intersecção das lentes epistêmica-biográfica, estruturação científica e terminológica pontual, sobre o contexto de uso do termo “arquivos comunitários”. O método da pesquisa é hipotético-dedutivo, a natureza da pesquisa é qualitativa; o tipo de pesquisa é exploratório e descritivo, e utiliza enquanto método a Análise de Domínio (HJØRLAND, 2002). Para a coleta das publicações analisadas fizemos uso da base *Library, Information Science & Technology Abstracts*, a partir da busca por nome dos membros e para a análise dos dados, utilizamos a Análise de Domínio (AD) Hjørland (2002), com os: 1) Estudos de Estrutura na Comunicação Científica; 2) Estudos Epistemológicos e Críticos, e 3) Estudos Terminológicos. Em conformidade com a análise realizada, demonstramos a hipótese apresentada de que a intersecção das lentes epistemológicas, de estruturação científica e terminológica da Análise de Domínio ajudam a caracterizar a comunidade AERI dando visibilidade aos Arquivos Comunitários e, mediante tal análise temos três ações derivadas dessas lentes, o campo biográfico, campo da prática e do envolvimento comunitário com e/ou sobre comunidades marginalizadas, e o campo da comunicação científica, possíveis de serem focos para o contexto da perspectiva inclusiva e pluralista para a educação e pesquisa arquivística brasileira.

Palavras-chave: Pesquisa Arquivística; Educação Arquivística; *Archival Education Research Initiative*; Arquivos Comunitários; Análise de Domínio; Multiverso Arquivístico; Arquivística Decolonial; Estudos arquivísticos críticos; Pluralismo Arquivístico.

ABSTRACT

Inserted in contemporary archival science engaged with issues of social justice, human rights and decoloniality, among others, we selected the Archival Education Research Initiative, a discursive community that aims, among other focuses, to act on and with historically marginalized communities, based on a support of educational and research level. We delimit our problem in: considering the AERI as an innovative initiative, and pioneer in the discussions about the inclusive dimensions, how to characterize this discursive community, so that the theme of the Community Archives is contemplated together with other specificities of this community? Which actions with a plural focus can be described from this analysis for possible archival education and research for the Brazilian context? The general objective of the research is to encourage discussions on archival studies of a pluralistic nature, with special emphasis on community archives, through the characterization of the discursive community of AERI. The specific objectives are: 1) To theoretically situate the domain analysis dimensions, as well as the intersection of epistemic/scientific structuring and terminological lenses; 2) Implement a theoretical-conceptual study of the discussion on archival pluralism, from the decolonial perspective, and; 3) Systematize the analysis carried out by the AERI, based on the intersection of the epistemic-biographical lenses, scientific and punctual terminological structuring, on the context of use of the term "community archives". The research method is hypothetical-deductive, the nature of the research is qualitative; the type of research is exploratory and descriptive, and uses Domain Analysis as a method (HJØRLAND, 2002). To collect the analyzed publications, we used the Library, Information Science & Technology Abstracts database, from the search by name of the members and for the data analysis, we used the Domain Analysis (AD) Hjørland (2002), with: 1) Studies of Structure in Scientific Communication; 2) Epistemological and Critical Studies, and 3) Terminological Studies. In accordance with the analysis carried out, we demonstrate the presented hypothesis that the intersection of the epistemological, scientific and terminological structuring lenses of the Domain Analysis help to characterize the AERI community, giving visibility to the Community Archives and, through such analysis, we have three actions derived from these lenses, the biographical field, the field of practice and community involvement with and/or about marginalized communities, and the field of scientific communication, possible to be guidelines for the context of the inclusive and pluralist perspective for Brazilian education and archival research.

Keywords: Archival Research; Archival Education; Archival Education Research Initiative; Community Archives; Domain Analysis; Archival Multiverse; Decolonial Archival Science; Critical Archival Studies; Archival Pluralism.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Caracterizando o panorama da pesquisa arquivística.....	64
Tabela 2. Perfil dos membros do Grupo Colonialidade/Modernidade.....	77
Tabela 3. Principais termos de codificação em todos os institutos, 2009–2018.....	100
Tabela 4. Listagem dos co-autores.....	138
Tabela 5. Análise da lente terminológica pontual 16 artigos <i>versus</i> quantidade de ocorrência das classes.....	150

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1. Temáticas presentes nos trabalhos do <i>corpus</i> 1, de 139.....	133
Gráfico 2. Quantidade de publicação por membro AERI.....	134
Gráfico 3: Listagem de todos os periódicos do <i>corpus</i> de 139 trabalhos.....	136
Gráfico 4. Listagem dos anos dos trabalhos publicados membros/as AERI 2008-2021 na Base LISTA.....	137
Gráfico 5. Idioma das publicações.....	138

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Caracterização das lentes utilizadas na tese.....	42
Quadro 2. Metodologia do microtrabalho terminológico pontual.....	114
Quadro 3. Modelo de ficha de registro de termo para lente terminológica pontual.....	115
Quadro 4. Matrizes metodológicas da Análise de Domínio de dados coletados, técnicas e instrumento de registro.....	116
Quadro 5. Descrição dos websites (pessoal e institucional); universidade que está vinculada/o (2022); departamento; e país dos membros/as AERI.....	118
Quadro 6. Descrição temas de pesquisa e formação dos membros/as AERI.....	119
Quadro 7. Relação <i>corpus</i> 1 total de trabalhos membros/as AERI no LISTA 2008-2021.....	123
Quadro 8. <i>Corpus</i> 2 da pesquisa extraído do <i>corpus</i> 1.....	140

Quadro 9. <i>Corpus</i> 3 da lente terminológica pontual.....	147
--	-----

LISTA DE DIAGRAMAS

Diagrama 1 – Mapa 2.....	81
Diagrama 2 – Analítica da colonialidade: Algumas dimensões básicas.....	83
Diagrama 3 – Analítica da decolonialidade: Algumas dimensões básicas.....	84

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Linhas gerais da Análise de Domínio.....	39
Figura 2. Relações entre as onze abordagens de Hjørland.....	40
Figura 3. Conceitos da arquivística contemporânea, para ilustrar a perspectiva das epistemologias do sul e do giro decolonial no domínio arquivístico representados sob a metáfora de um jirau.....	92
Figura 4. Nuvem de palavras dos títulos <i>corpus</i> 1 de 139 trabalhos.....	131
Figura 5. Nuvem de palavras das palavras-chave <i>corpus</i> 1 de 139 trabalhos...	132
Figura 6. Nuvem de palavras dos títulos <i>corpus</i> 2 de 49 trabalhos.....	144
Figura 7. Nuvem de palavras dos títulos <i>corpus</i> 2 de 49 trabalhos.....	145
Figura 8. Síntese do <i>corpus</i>	154
Figura 9. Caracterização da comunidade AERI a partir Intersecção das lentes 1,2 e 3 da A.D.....	155
Figura 10. Ações de perspectiva inclusiva e pluralista para a educação e pesquisa arquivística extraídas a partir da análise da AERI.....	157

LISTA DE FICHAS DE REGISTROS TERMINOLÓGICOS

Ficha N ° 1. Registro do termo <i>Community archives</i> para lente terminológica pontual.....	175
Ficha N ° 2. Registro do termo <i>Community archives</i> para lente terminológica pontual.....	179
Ficha N ° 3. Registro do termo <i>Community archives</i> para lente terminológica pontual.....	183
Ficha N ° 4. Registro do termo <i>Community archives</i> para lente terminológica pontual.....	189
Ficha N ° 5. Registro do termo <i>Community archives</i> para lente terminológica pontual.....	192
Ficha N ° 6. Registro do termo <i>Community archives</i> para lente terminológica pontual.....	196
Ficha N ° 7. Registro do termo <i>Community archives</i> para lente terminológica pontual.....	201
Ficha N ° 8. Registro do termo <i>Community archives</i> para lente terminológica pontual.....	205
Ficha N ° 9. Registro do termo <i>Community archives</i> para lente terminológica pontual.....	208
Ficha N ° 10. Registro do termo <i>Community archives</i> para lente terminológica pontual.....	212
Ficha N ° 11. Registro do termo <i>Community archives</i> para lente terminológica pontual.....	215
..	
Ficha N ° 12. Registro do termo <i>Community archives</i> para lente terminológica pontual.....	221
Ficha N ° 13. Registro do termo <i>Community archives</i> para lente terminológica pontual.....	225
Ficha N ° 14. Registro do termo <i>Community archives</i> para lente terminológica pontual.....	228
Ficha N ° 15. Registro do termo <i>Community archives</i> para lente terminológica pontual.....	233
Ficha N ° 16. Registro do termo <i>Community archives</i> para lente terminológica pontual.....	238

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AERI	<i>Archival Education and Research Initiative</i>
AERIs	<i>Archival Education and Research Institutes</i>
ALA	Associação Latino-Americana de Arquivos
CI	Ciência da Informação
GERIBEAU-ALA	<i>Grupo de Expertos de la Red Iberoamericana de Enseñanza Archivística Universitaria</i>
LISTA	<i>Library, Information Science & Technology Abstracts</i>
OC	Organização do Conhecimento
REPARQ	Reunião Brasileira de Ensino e Pesquisa em Arquivologia
UEL	Universidade Estadual de Londrina

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	17
2	AS DIMENSÕES DA ANÁLISE DE DOMÍNIO.....	29
2.1	O QUE É UM DOMÍNIO, COMUNIDADES DISCURSIVAS E EPISTÊMICAS?.....	30
2.2	POR QUE ANALISAR UM DOMÍNIO?	37
2.3	AS LENTES PROPOSTAS POR HJØRLAND EM 2002 ENQUANTO UM DOS MÉTODOS DE ANÁLISE.....	38
3	PLURALISMO ARQUIVÍSTICO E A PERSPECTIVA DECOLONIAL: EM FOCO OS ARQUIVOS COMUNITÁRIOS.....	50
3.1	ARQUIVÍSTICA: A SÍNTESE DE UM DESEJO ANTIGO DE TECER MEMÓRIAS... 53	
3.2	UM TECIDO DE SABERES SUBALTERNOS, ALTERNATIVOS, TRANSFORMADORES E PÓS-ABISSAIS: OS CONCEITOS DA EPISTEMOLOGIAS DO SUL E DO GIRO DECOLONIAL.....	72
3.3	UM JIRAU DE OUTRAS DIMENSÕES DE ARQUIVO E ARQUIVÍSTICA: NOMEANDO TEORIAS E PRÁTICAS PARA SULEAR PRÁTICAS E TEORIAS.....	86
3.4	UM ESPAÇO PARA ABRIGAR JIRAU ARQUIVÍSTICO NAS UNIVERSIDADES COM E A PARTIR DAS COMUNIDADES DISCURSIVAS EM ÂMBITO DA PESQUISA E EDUCAÇÃO ARQUIVÍSTICA: O CASO DO <i>ARCHIVAL EDUCATION RESEARCH INITIATIVE</i>	95
3.5	OS ARQUIVOS COMUNITÁRIOS.....	102
4	METODOLOGIA.....	111
4.1	ETAPA 1: A CONSTRUÇÃO DE PARÂMETROS PARA DEFINIÇÃO DO <i>CORPUS</i>	111
4.2	ETAPA 2: COLETA DO <i>CORPUS DE ANÁLISE</i>	111
4.3	ETAPA 3: ANÁLISE DO <i>CORPUS</i>	112
5	RESULTADOS: ANÁLISES E DISCUSSÕES.....	117
5.1	PERFIL EPISTÊMICO- ASPECTO BIOGRÁFICO.....	117
5.2	PERFIL DE ESTRUTURAÇÃO CIENTÍFICA.....	122
5.3	PERFIL TERMINOLÓGICO PONTUAL:.....	140

5.4	SÍNTESE DOS PERFIS DOS MEMBROS/AS DA AERI E AS POSSIBILIDADES DA INTERSECÇÃO DAS LENTES 1,2 E 3 DA ANÁLISE DE DOMÍNIO PARA PAUTAR AÇÕES DE PERSPECTIVA INCLUSIVA À EDUCAÇÃO E PESQUISA ARQUIVÍSTICA.....	153
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	161
	REFERÊNCIAS.....	167
	APÊNDICE 1- FICHAS DE REGISTROS DO TERMO <i>COMMUNITY ARCHIVES</i> PARA LENTE TERMINOLÓGICA PONTUAL.....	174

1 INTRODUÇÃO

Os campos¹ dos saberes se alteram com influências políticas, culturais, sociais, econômicas, entre outras, pois, isso corresponde ao dinamismo das atividades, e intenções humanas. Em alguns campos é possível ver propostas de rupturas centrais, quando teóricos (as) questionam as origens, teorias, métodos, e horizontes inerentes a eles, isto é, fazem a crítica para pautar transformações sobre diferentes aspectos da questão social². Se tratando da Arquivística, há pesquisas e projetos em nível internacional que tem sido iniciado por autores/as nos últimos anos, com foco na perspectiva plural, inserindo nas discussões a dimensão crítica e decolonial.³

A tônica dessas correntes epistêmicas propostas por tais autores/as foca em mudanças da forma estrutural na práxis arquivística, o que envolve, entre outros, a urgência em reconhecer a pluralidade de perspectivas sobre os Arquivos, teorias e métodos subjacentes, visando se aproximar do contexto de grupos historicamente excluídos.

Uma comunidade discursiva no âmbito internacional que pode ser considerada representativa ao pautar tais debates, por ter membros/as que atuam na pesquisa, e ensino em tais ênfases, é a AERI (*Archival Education Research Initiative*), cuja atuação ocorre no campo da Pesquisa e Educação Arquivística.

A AERI é uma comunidade com docentes atuantes entre os principais programas de educação arquivística nos Estados Unidos e no mundo. Foi criada em 2009 por docente da área arquivística nos Estados Unidos. Ela promove os AERIs (*Archival Education and Research Institutes*) um evento com duração de uma semana nas instituições parceiras. Essa iniciativa visa atuar,

¹ Por campo compreendemos o espaço simbólico que tem disputas de espaços conforme teoria de Bordieu.

² Utilizamos o “social” nessa pesquisa, levando em consideração a descrição, a partir do do verbete “questão social” da enciclopédia contemporânea da América Latina e do Caribe (2006, p.1106).

³ Sobre a dimensão crítica citamos Caswell, Punzalan e Sangwand (2017) que entendem os “estudos arquivísticos críticos como aquelas abordagens que “(1) explicam o que é injusto com o estado atual da pesquisa e prática arquivística, (2) postulam objetivos práticos de como essa pesquisa e prática podem e devem mudar, e/ou (3) fornecem as normas para tal crítica.” Por estudos arquivísticos decoloniais eles visam romper com a lógica da colonialidade existente no campo, seja no ensino ou nas práticas de criação e preservação da memória. Na seção 2 será discutida essa visão.

entre outros âmbitos, com inovação curricular e pedagógica arquivística, a partir de seu foco de preocupação com grupos sociais marginalizados, com temas de pesquisa sobre justiça social e direitos humanos, entre outros.

Em seu estatuto (2022) um dos objetivos é “promover comunidades historicamente marginalizadas”. Alguns dos membros/as que compõe essa comunidade são atuantes nos debates teóricos e metodológicos de uma perspectiva inclusiva, isto é, que ao considerar o cenário de desigualdades, e injustiças frente ao poder que o registro e a memória têm de exclusão e não pertencimento, atuam frente a tais contextos, por meio de diferentes propostas teóricas/conceituais e projetos acadêmicos e independentes.

Para fins dessa tese, entendemos que uma das formas possíveis de inclusão nesse contexto, estão os debates teóricos e metodológicos que tais membros/as fazem a respeito dos Arquivos Comunitários, os quais podem ser caracterizados nessa dimensão inclusiva, uma vez que eles “[...] combatem a aniquilação simbólica ao criar condições para o pertencimento representacional em comunidades minoritárias” (CASWELL, 2021, p. 6- tradução nossa).⁴

Sabendo ainda que essa temática dos Arquivos Comunitários e o debate da educação e pesquisa inclusiva/pluralista são escassos na forma explícita nas produções arquivísticas brasileiras, e que são panoramas fundamentais para ampliar a dimensão epistêmica da arquivística, da produção e validação de saberes marginalizados, para fins de ensino e pesquisa, partimos da seguinte **premissa**: um caminho inicial para situar tais temáticas é analisar os perfis de membros(as) da AERI, essa iniciativa existente há 13 anos, cujos trabalhos têm sido pautar os debates sobre as inovações curriculares e pedagógicas de cunho pluralista na arquivística, a partir de seu foco de preocupação com grupos sociais marginalizados, com temas de pesquisa sobre justiça social, decolonialidade, estudos críticos, direitos humanos e arquivos comunitários.

O campo temático dessa tese é, portanto, a análise da AERI circunscrita a respeito de seus membros/as (micro biografias e características de sua produção científica no período de 2008 a 2021), e sobre o contexto do uso

⁴ “Community archives, I have argued, counter symbolic annihilation by catalyzing representational belonging in minoritized communities.”

do termo “arquivos comunitários” a partir dessa comunidade.

Cabe destacar que duas considerações sobre os Arquivos Comunitários são relevantes para a construção desse trabalho:

1) Eles são um território da prática, ou seja, que se faz necessário não apenas a dimensão teórica, mas sim, um campo de envolvimento, de determinadas comunidades, com docentes, discentes e/ou ativistas⁵ em projetos acadêmicos/institucional ou não. Assim, nessa tese, optamos por não estudar essa temática isoladamente, mas em conjunto com outras variáveis dessa comunidade, situando uma micro biografia dos membros/as e analisando suas produções científicas no período de 2008 a 2021.

2) Partimos da constatação de que um tema não está isolado da dimensão educativa, assim se há, por exemplo, o ensino com base na arquivística pluralista, incluindo as discussões sobre grupos que são marginalizados da questão da preservação da memória, logo, as configurações dos tipos de arquivos tendem a mudar para atender a tal demanda, chegando nas configurações de um arquivo comunitário. Por isso, não pretendemos compreendê-los desassociado da perspectiva do ensino e da pesquisa, o que justifica a escolha pela AERI.

A partir desses argumentos evidenciados acima, delimitamos nosso **problema** em: considerando a AERI enquanto uma iniciativa inovadora, e pioneira nas discussões sobre as dimensões inclusivas, como caracterizar essa comunidade discursiva, de modo que a temática dos Arquivos Comunitários seja contemplada em conjunto com outras especificidades dessa comunidade? Quais ações de foco plural podem ser descritas a partir dessa análise para a educação e pesquisa arquivística possíveis para o contexto brasileiro?

Partimos da **hipótese** de que a intersecção das lentes epistemológicas, de estruturação científica e terminológica da análise de domínio ajudam a caracterizar a comunidade a AERI dando visibilidade aos Arquivos Comunitários e, mediante tal análise podemos chegar em três ações derivadas dessas lentes, possíveis de serem focos no contexto da perspectiva inclusiva e pluralista para a educação e pesquisa arquivística brasileira.

Nesse sentido, apresentamos a **tese** de que a análise

⁵ Aqui poderia enriquecer as discussões o uso dos conceitos “*active archivist*”, ou “*archiving activism*” – ver as discussões que Caswell (2021, p. 18) debate a esse respeito.

interseccional da análise de domínio da AERI permite extrair três tipos de ações com perspectiva inclusiva à educação e pesquisa arquivística, em que um destes, contempla o campo da prática, como é o caso os Arquivos Comunitários.

A **justificativa do estudo** compreende a importância de trazer a temática dos Arquivos Comunitários em nível nacional, e criar debates fomentando uma discussão inicial de uma perspectiva arquivística inclusiva, e próxima ao contexto de grupos socialmente marginalizados. Partindo ainda da perspectiva de que não se pode pensar nessas dimensões inclusivas sem considerar o campo da pesquisa e educação arquivística, que é onde institucionalmente há a formação profissional, e há as comunidades discursivas de cada país composta por docentes, que formam iniciativas ou fórum para fomentar estudos e debates de tal natureza, consideramos necessário pautar ações que fomentem esses debates.

Situando o contexto brasileiro, nossa escolha delimitada para o lado da pesquisa e educação arquivística também está amparada na constatação, de que, a formação do arquivista no Brasil está direcionada em uma mentalidade não pluralista em termos explícitos, com proposições teóricas e metodológicas, já que em grande parte, o foco na formação está centralizado para as discussões de preservação de uma memória estadista⁶ (nacional, estadual ou municipal). Há ainda a bibliografia e o referencial teórico da arquivística brasileira que é quase 100% europeu, até pelas razões do desenvolvimento da arquivologia no país. Essa característica é compreensível, mas não se sustenta mais hoje, quando temos mais abordagens (diferentes), novos referenciais teóricos, novos países pensando e desenvolvendo a teoria e a prática arquivística.

Destacamos ainda, que não somos contra a formação para esse ambiente de característica estadista, é muito necessário, mas, situamos que em nível de formação acadêmica, trazer apenas tal contexto para fins de ensino limita pensar outras formas de atuar com os Arquivos. Quando os discentes são apresentados para discutir conceitos e perspectivas de cunho da questão social, pode haver um maior potencial de criação e preservação das memórias que são marginalizadas.

⁶ Sobre os termos estadista e social ver Cook (2018).

O **objetivo geral** da pesquisa é fomentar as discussões dos estudos arquivísticos de cunho pluralista, com especial ênfase sobre os arquivos comunitários, por meio da caracterização da comunidade discursiva da AERI.

São os **objetivos específicos**:

- 1) Situar teoricamente as dimensões da análise de domínio, bem como a intersecção das lentes epistêmicas/de estruturação científica e terminológicas;
- 2) Implementar um estudo teórico-conceitual da discussão sobre o pluralismo arquivístico, a partir da perspectiva decolonial, e;
- 3) Sistematizar a análise realizada da AERI, a partir da intersecção das lentes epistêmica-biográfica, estruturação científica e terminológica pontual, sobre o contexto de uso do termo “arquivos comunitários”.

Quanto a Metodologia, para fins de detalhamento, **o método da pesquisa** é hipotético-dedutivo, a natureza da pesquisa é qualitativa; o tipo de pesquisa é exploratório e descritivo, e utiliza enquanto método a Análise de Domínio (HJØRLAND, 2002). Para a coleta das publicações analisadas fizemos uso da base LISTA, a partir da busca por nome dos membros e para a análise dos dados, utilizamos a Análise de Domínio (AD) Hjørland (2002), com os 1) Estudos de Estrutura na Comunicação Científica; 2) Estudos Epistemológicos e Críticos, e 3) Estudos Terminológicos.

Nosso entendimento de alguns conceitos centrais na tese são:

Educação e Pesquisa Arquivística: O termo educação vem do latim *educare*, que significa “conduzir para fora” ou “direcionar para fora”. Em âmbito de diferentes atividades sabemos que o termo pode se referir a muitos contextos no âmbito do saber formal ou informal (escolas, universidades, centros de pesquisas, rodas de conversas, entre outros). A respeito das finalidades amplas da educação “[...] como experiência especificamente humana, a educação é uma forma de intervenção no mundo [...]” (FREIRE, 2019, p.96). Tal intervenção pode ser de natureza dominante ou libertadora.

Se tratando da educação superior, muitos argumentos poderiam enriquecer esse diálogo de como intervir no mundo, mas não estendemos esse ponto. Focando no caso da formação do arquivista, uma primeira nota sobre esses dois termos juntos, educação e pesquisa tem fundamento na concepção de que “não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses quefazer

se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando.” (FREIRE, 2019, p.30). Essa ligação mútua está presente nas diferentes dimensões que compõe a formação do profissional e pesquisador que atuam na arquivística.

Para fins categóricos, de acordo com o verbete *Archival Education* na enciclopédia da arquivística (2015)⁷ podemos elencar que a educação arquivística se concretiza mediante cinco tipos de ações: o estabelecimento acadêmico de programas formais de educação arquivística, as diretrizes curriculares e colaboração, a avaliação da qualidade e estratégias, as redes de educadores/as (aqui se inclui a AERI) e os programas de doutorado da pesquisa arquivística. Certamente outras categorias seriam válidas também.

Se tratando da pesquisa de cunho arquivístico no âmbito das universidades, como todas as pesquisas no geral nesses ambientes, em contexto acadêmico nacional, elas se concretizam a partir de diferentes elementos, desde da questão financeira/de equipamentos/laboratórios até a viabilidade teórica/ metodológica e de orientação, mas no geral, sempre há um projeto elaborado em conjunto com docentes inseridos em programas de pós-graduação (aqui esses programas em geral são da Ciência da Informação) para atuar com alguma temática frente a uma problemática, podendo ser representada no final via trabalho de conclusão de curso, dissertações, teses, artigos, ou outros formatos possíveis, o que varia de acordo com a área do conhecimento.

Em síntese, o tipo e a condução tanto da educação quanto da pesquisa implicaram em propostas que conduzirá o discente em sua atuação profissional futura. Por isso, a importância da especificidade de um ensino pautado na perspectiva inclusiva e pluralista (de base crítica e decolonial).

Nas duas esferas tanto da educação quanto da pesquisa o eixo central diz respeito às formas de produção/reprodução e validação do conhecimento/saberes.

Perspectiva pluralista e inclusiva: No campo internacional da arquivística, no idioma em inglês predominante, há termos representativos dessa dimensão, o que inclui estudos arquivísticos críticos, multiverso arquivístico,

⁷ editada por Luciana Duranti e Patricia C. Franks.

arquivística decolonial e pluralismo arquivístico. Esses conceitos, podem ser vistos agrupados, uma vez que pautam visões sobre ampliar e questionar a base tradicional do campo. Para tanto, oferecem análises da teoria e prática inserindo os debates arquivísticos no aspecto mais amplo dos problemas sociais, a respeito de como a sociedade está organizada e de suas desigualdades.

Para fins dessa tese, nossa compreensão do que seja uma perspectiva de cunho pluralista e inclusiva possui relação com a aproximação do debate arquivístico, por exemplo, na preservação da memória e reconciliação, entre outras possibilidades, para os grupos historicamente marginalizados por esse sistema-mundo, isto é, grupos excluídos por sua “cultura, raça, etnia, religião, posição socioeconômica, gênero, identidade de gênero, sexualidade, deficiência e *status* de cidadania, bem como bem como reconhecer as interseções entre eles.” (PACG, 2011, p. 72). Para o contexto brasileiro, e da América Latina, esses grupos são os povos e comunidades tradicionais⁸ (para citar alguns: os povos originários brasileiros - indígenas, quilombolas, ciganos, entre outros), a população em situação de vulnerabilidade social, a população negra, os retirantes nordestinos, a população LGBTQI+, os camponeses de movimentos sociais, entre outros.

Arquivos comunitários: Pode ser comum confundir arquivos comunitários com arquivos participativos, e para isso, Gilliland e Mckemish (2014, p. 4 – tradução nossa) esclarecem que ainda que estes conceitos estejam relacionados, o que os diferenciam é que “mais de uma comunidade são simultaneamente e explicitamente envolvidas e responsáveis pela criação, manuseio e uso de um arquivo participativo.” Elas exemplificam que podem ser, uma ou mais “comunidades originárias, uma comunidade judicial, uma comunidade acadêmica, a comunidade arquivística profissional [...]”.

Essa distinção é importante, em se tratando dos arquivos comunitários, o termo comunitário pode se referir a muitas possibilidades, para fins dessa tese, concordamos com Drake quando ele argumenta, de acordo com

⁸ De acordo com o Decreto 6.040, de 7 de fevereiro de 2007, que institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais, **povos e comunidades tradicionais podem ser definidos como:** “grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição (Decreto 6.040, art. 3º, § 1º).”

Brilmyer; Gabiola; Zavala, Jimmy e Caswell (2019):

“[...] que noções como local e comunitário podem “oferecer valor analítico (e, conseqüentemente, acionável)”, porque “por qualquer métrica da definição de 'comunidade', somos compelidos a caracterizar literalmente todo arquivo como um 'arquivo comunitário’”. Trabalhadores de 'arquivos comunitários' devem reformular radicalmente sua orientação para o trabalho e **deixar claros seus projetos políticos” enquanto centralização da política de comunidades marginalizadas e os objetivos libertadores/emancipatórios de seus arquivos.** Ele argumenta que só porque um arquivo é participativo e baseado na comunidade não necessariamente torná-lo libertador. E, como observa Elizabeth Crooke, “comunidade e patrimônio não são apenas conceitos maleáveis; eles também são altamente emotivos, bem guardados e são usados para controlar e definir autoridade. (BRILMYER; GABIOLA; ZAVALA, JIMMY; CASWELL, 2019, p. 14- *grifo e tradução nossa.*)

Nesse mesmo sentido de distinção, pautando a dimensão política, há de se atentar para a diferença que pode existir dentro da visão que se entende por arquivos comunitários.

Estamos de acordo com Caswell (2021) ao citar o clássico artigo dos autores do Reino Unido, Andrew Flinn, Mary Stevens e Elizabeth Shepherd de 2009⁹, a respeito da breve análise da definição centrada no fato de que arquivos comunitários se definem por serem coletados por membros de uma comunidade e que eles têm algum nível de controle, quando ela nos chama a atenção, propondo duas categorias amplas de arquivos comunitários:

Mais especificamente, argumento que não podemos discutir o fenômeno dos arquivos comunitários nos Estados Unidos sem abordar as desigualdades de poder. Aqui podemos dividir amplamente os arquivos comunitários em duas categorias - aqueles que representam e servem comunidades dominantes, como sociedades históricas que frequentemente investem em histórias de supremacia branca como forma de manter ou aumentar os valores de propriedade local, e **aqueles que representam e servem comunidades sub-representadas, marginalizadas e/ou oprimidas.** (CASWELL, 2021, p. 16- *tradução e grifo nosso*)

Ainda que no contexto brasileiro, precisaremos de mais estudos

⁹ “coleções de material coletado principalmente por membros de uma determinada comunidade e sobre cuja comunidade os membros exercem algum nível de controle... ou localidade em seus próprios termos.”

para nossa definição de arquivos comunitários, por ora, essa distinção pode ser aplicada em nosso contexto. Outro ponto, é que esses tipos de arquivos “não são apenas às omissões da história como a história oficial escrita por uma guilda de historiadores profissionais, mas às omissões das instituições de memória”, e que a partir disso, “podem ser lidos como um desafio direto ao fracasso dos repositórios convencionais em coletar uma representação mais diversificada da sociedade.” (CASWELL; CIFOR; RAMIREZ, 2016, p. 61-62- tradução nossa).

Diante dessa caracterização da diversidade, ou sendo mais abrangente, a partir da pluralidade é que estamos entendendo os arquivos comunitários, pautados a partir dessa segunda categoria que Caswell (2021, p. 16 – tradução nossa) menciona, para representar e servir as comunidades sub-representadas, marginalizadas e/ou oprimidas. E que, portanto, nesse sentido, estamos partindo da compreensão de que os arquivos comunitários são partes de um projeto maior, isto é, são expressões da dimensão pluralista e inclusiva focado em uma práxis arquivística crítica e decolonial, que denuncia opressões por meio de propostas e projetos visando pautar a temática da libertação/emancipação em âmbito dos registros e da memória para grupos socialmente marginalizados.

Visto a respeito da temática do estudo, expomos a seguir a trajetória acadêmica da graduação até os estudos do doutorado, a partir de um breve panorama do percurso realizado.

Os estudos desde a graduação em Arquivologia pela UNESP-FFC-Marília, sempre estiveram concentrados na linha da Produção e Organização da Informação, com bolsa no CNPq, no enquadramento de iniciação científica, de 2011-2012 com a Análise da presença e articulação das concepções teóricas de *subject cataloguing* e análise documental na literatura científica dos Encontros Nacionais de Pesquisa e Pós-Graduação da ANCIB (ENANCIBs); de 2011 – 2012: A dimensão conceitual da Organização do Conhecimento nos congressos internacionais da ISKO: uma análise bibliométrica da coleção *Advances in Knowledge Organization* (1990-2010) e em 2012 – 2013: A dimensão conceitual de Organização do Conhecimento e Organização da Informação na literatura científica da Ciência da Informação, todos os estudos sob orientação do Prof. Dr. José Augusto Chaves Guimarães.

Naquele momento de iniciação científica, os métodos da

pesquisa foram de cunho da Análise de Domínio de Hjørland (2022), em específico nos estudos bibliométricos.

Posteriormente, no mestrado, manteve-se a atenção na continuidade dos estudos na linha da Organização e Representação da Informação e do Conhecimento, mas direcionado às questões da arquivística, encontrando no tema de vocabulário controlado intitulado tesauro funcional, aportes de interesse para a ampliação da relação Arquivologia e Organização do Conhecimento, de 2016 a 2017 com a dissertação: Organização e Representação do Conhecimento na Arquivística: abordagens para construção de tesouros funcionais, com orientação da Dra. Brígida Maria Nogueira Cervantes.

No mestrado, constatou-se que a temática de tesauro funcional não foi recuperada na literatura de forma ampla, tendo verificado, contudo, que na Austrália havia um manual que poderia orientar sua construção, o que foi sistematizado como resultado da dissertação. A padronização da linguagem por meio do instrumento terminológico tesauro funcional, contribui para a recuperação da informação, uma vez que normaliza os termos (as funções) e cria acessos complementares. Nesse sentido, o tesauro funcional “[...] controla o vocabulário que designa a razão de ser do documento (sua função) e não o que ele contém (assunto).” (SMIT; KOBASHI, 2003, p. 44). Essa característica faz com que esse tipo de vocabulário controlado seja específico de documentos arquivísticos que já foram classificados. (NATIONAL ARCHIVES OF AUSTRALIA, 2003). Ao situarmos o contexto teórico do tesauro funcional, nota-se que sua origem está fundamentada na teoria arquivística do *records continuum*, enquanto uma ferramenta desenvolvida pelo Arquivo Nacional da Austrália. (DINGWALL, 2016, p. 206).

De acordo com Cunningham (2007, p. 81), “[...] no *continuum* do pensamento australiano, os documentos não são tidos enquanto ‘objetos passivos a serem descritos retrospectivamente’, mas como agentes da ação, ‘participantes ativos nos processos de negociação’”. No panorama macro, a teoria do *Continuum*, na qual o tesauro funcional é inserido, reside à preocupação no gerenciamento das informações, com ênfase na continuidade dos registros e leva em conta seu contexto de criação e uso, para comportar diferentes necessidades informacionais durante a existência do documento no

tempo e no espaço.

A característica de ver as funções em um *continuum* mostra as diferentes possibilidades de uso futuro, por meio da compreensão das relações que são existentes nas responsabilidades e atividades governamentais. Em síntese, uma vez que a teoria do *continuum* na década de 1990 esteve ligada ao contexto de guarda de documentos governamentais (MCKEMMISH, 2017), é a ideia de facilitar para o usuário-cidadão o acesso a respeito das decisões e ações do governo, que foram produzidas ferramentas pelo Arquivo Nacional da Austrália, dentre elas, os tesouros funcionais, como dito anteriormente. Os tesouros funcionais, nesse sentido, atuam enquanto instrumentos que padronizam as linguagens orgânico-funcionais, possuem relações semânticas que estruturam as funções amplas, específicas e equivalentes de uma instituição arquivística. Esse instrumento apresenta as razões de existência do Arquivo, pois, expõe e define cada função, atuando como um ponto de acesso complementar da informação arquivística.

Com os estudos do mestrado, a ênfase estava centrada no aspecto teórico-metodológico do acesso, mediante um instrumento notadamente de cunho arquivístico, uma vez que se interessa pela função, ou seja, a razão da existência de ser criado um documento. Esse acesso situado no panorama do *continuum* se torna mais amplo em vez do ciclo vital, por conceber o tempo sem quebra em fases, por exemplo, não há a ideia de um arquivo corrente, intermediário e permanente.

Importante destacar que durante a graduação e o mestrado, a temática do acesso informacional em âmbito teórico-metodológico orientou os projetos em consonância com as linhas de pesquisa dos programas das respectivas universidades (UNESP e UEL). As motivações das temáticas da graduação e do mestrado seguiram uma linha de continuidade da Organização do Conhecimento, para a Organização do Conhecimento Arquivístico.

Os estudos no mestrado permitiram um primeiro contato com a abordagem do *continuum*. Essa forma de ver os Arquivos e os documentos trouxe uma mudança de perspectiva, que refletiu na escolha do tema do doutorado.

Em contato com outras discussões de autoras e autores que seguem e criticam também essa linha teórica do *records continuum*, sem perder

o aspecto social como horizonte, optou-se por não seguir apenas no *continuum*, uma vez que, mesmo essa teoria não está livre de críticas do ponto de vista de ser uma teoria que pode não ser inclusiva, por isso, de acordo com Mckemmish (2017, p.146 – tradução nossa):

A pesquisa e a escrita do *records continuum* têm explorado cada vez mais a realização mais completa do potencial do modelo, como previsto por Cook. Ao fazê-lo, eles estão **se baseando cada vez mais na teoria crítica, nas visões pós-colonialistas sobre a descolonização do Arquivo, nas formas indígenas de conhecimento, no conceito do multiverso arquivístico e nos insights do movimento radical de arquivos**, como discutido abaixo. Pesquisas e escritos mais recentes baseados em *records continuum* estão desafiando a maneira, pela qual as tradições de manutenção de registros *mainstream* na Austrália e em outros lugares sustentam configurações particulares de poder e contribuem para a marginalização de muitos grupos.¹⁰

Nesse sentido, para os estudos do doutorado, focou-se justamente nessa vertente que visa desafiar/questionar/ampliar a Arquivística, porém, sem perder seguimento com a formação da graduação e do mestrado, mantendo, portanto, com a Organização do Conhecimento na parte metodológica com a Análise de Domínio, já que se analisou a produção científica, e da Arquivologia, especificou-se um domínio no prisma da pesquisa e educação de cunho pluralista.

Em seguida a essa introdução, apresentamos na segunda seção as dimensões da análise de domínio. Na terceira seção abordamos o pluralismo arquivístico com foco na perspectiva decolonial. Posteriormente, na quarta seção tratamos da metodologia, com as etapas da construção de parâmetros para definição, coleta e análise do *corpus*. Na quinta seção expomos e discutimos os resultados obtidos. Já, na sexta seção temos as considerações finais. Finalmente, relacionamos as referências utilizadas no estudo.

¹⁰ *Records continuum research and writing have increasingly explored the fuller realization of the model's potential as envisioned by Cook. In so doing, they are increasingly drawing in particular on critical theory, postcolonialist views on the decolonisation of the Archive, Indigenous ways of knowing, the concept of the archival multiverse, and insights from the radical archives movement as discussed below. More recent records continuum-based research and writing are challenging the way in which mainstream recordkeeping traditions in Australia and elsewhere sustain particular power configurations and contribute to the marginalization of many groups* (MCKEMMISH, 2017, p.146).

2 AS DIMENSÕES DA ANÁLISE DE DOMÍNIO

Um domínio não é algo dado a *priori*, mas uma construção dinâmica mediante saberes e experiência delimitados em uma especificidade, mais ampla que ciência ou disciplina (BARITE, 2022).

Nesse sentido, na temática da pesquisa e educação arquivística dispomos de uma comunidade discursiva sendo construído explicitamente a partir de um foco pluralista, é o caso da AERI que iremos ampliar na próxima seção. Analisar tal comunidade é nosso foco nesta pesquisa. Mas, antes, vamos situar as diferentes dimensões de tal perspectiva que é de cunho social, uma vez que visa circunscrever a noção de que os grupos ou comunidades discursivas são partes da divisão social do trabalho, ou seja, em âmbito da Sociologia da Ciência. Essa perspectiva da AD ajuda por meio da categorização, a mapear ou identificar segmentos de atuação, padrões ou ainda pode funcionar enquanto uma ferramenta diagnóstica, para quando se pretende atuar com focos estratégicos.

A escolha dessa base teórica-metodológica da AD, se justifica por conta da afinidade com o projeto do mestrado na linha da Organização do Conhecimento Arquivístico e a iniciação científica, que trabalhamos desde 2011 utilizando especificamente a abordagem bibliométrica¹¹.

Para essa seção, apresentaremos algumas questões que irão nos guiar: o que é um domínio, comunidades discursivas e epistêmicas? Por que, para quem e onde analisar um domínio? E como fazer? Quais são as lentes propostas por Hjørland em 2002 enquanto um dos métodos de análise? E de que maneira a intersecção dessas lentes podem auxiliar em categorias para extrair possíveis ações, a partir da análise de uma comunidade discursiva?

¹¹ Um exemplo dessa situação são as pesquisas de Cunha, que ao ter estudado as interlocuções nacionais e internacionais da Arquivística, mostra um panorama de diálogos.

2.1 O QUE É UM DOMÍNIO, COMUNIDADES DISCURSIVAS E EPISTÊMICAS?

Ao discorrermos a respeito dos campos científicos, devemos cruzar as fronteiras conceituais abstratas entre autores, e também andar por fronteiras concretas, conscientes de que são sujeitos pertencentes de uma história, localizados em um tempo e espaço, e com suas circunstâncias na produção e sistematização de uma ideias, de uma forma de pensar, de uma forma de viver e daquilo que deseja fixar na posterioridade, ao registrar tais pensamentos e ações em livros, artigos, pinturas, músicas, entre outras formas possíveis de registros. Em outras palavras, precisamos ter consciência de que nessa atividade humana de buscar formas de entender e explicar o mundo, as teorias e conceitos são construções dotadas de aspectos inconscientes, e conscientes, pensados a partir de um lugar, o de que “uma pessoa sempre escreve e lê do lugar onde seus pés estão plantados, do chão de onde se ergue seu posicionamento particular, ponto de vista”. (GLORIA ANZALDÚA, 2017, p. 421).

Com base nessa concepção explícita e metafórica de que falamos a partir de onde nossos pés estão plantados, como sendo, portanto, sempre uma parte possível, na OC, um desses posicionamentos tem sido a compreensão de que um horizonte possível, entre vários, é o estudo de domínios de conhecimentos. Não só da OC, mas da CI, como afirma Hjørland sobre o artigo seminal *Toward a new horizon in Information Science: domain-analysis* dele e da autora Albrechtsen, em 1995, de que “o artigo afirmou que o horizonte mais frutífero para a CI é estudar domínios de conhecimento como comunidades de pensamento ou discurso, que são partes da divisão do trabalho da sociedade”. (HJØRLAND, 2017, p.- tradução nossa). Esse horizonte sugerido pelos autores naquela época, há 26 anos, segue atuante em âmbito das pesquisas, com a inclusão das 11 abordagens em 2002 por Hjørland¹², principalmente aqui no Brasil, em que se pesquisarmos sobre as metodologias utilizadas em artigos, dissertações e teses, a veremos com predominância. Como é o caso também dessa nossa pesquisa, em que estamos utilizando tal

metodologia.

Hjørland (2017) no verbete da *International Society for Knowledge Organization* do termo análise de domínio, contextualiza por meio de uma discussão da literatura da área, entre outros aspectos, a respeito de domínio:

Um domínio é um corpo de conhecimento, definido social e teoricamente como o conhecimento de um grupo de pessoas que **compartilham compromissos ontológicos e epistemológicos**. Os domínios são muitas vezes disciplinas acadêmicas, mas também podem ser, por exemplo, hobbies. Diferentes teorias e interesses sociais podem construir domínios de forma diferente e, portanto, o classificador deve ser explícito quanto aos interesses e visões teóricas em que a construção se baseia. Do ponto de vista do CI e OC, é importante otimizar a troca de informações nos domínios; portanto, os domínios precisam ter um certo nível de estabilidade e infraestrutura para serem bons candidatos para análise de domínio. (HJØRLAND, 2017- *tradução e grifo nosso*).

Vamos destacar um aspecto que envolve a definição que o autor discute, seu aspecto dinâmico. A caracterização dos domínios enquanto construções, e o autor faz essa concepção citando (em concordância total ou parcial) com outros pesquisadores, como por exemplo, de Albrechtsen (2015) quando explica que “[...] domínios’ não são terrenos lá fora, esperando para serem descritos e analisados pelos poucos iniciados. Fundamentalmente, todos nós podemos criá-los [...]” (ALBRECHTSEN, 2015, p. 561- *apud* HJORLAND, 2017, *s/p -tradução nossa*). Nos faz lembrar que os domínios se constroem com determinados propósitos.

Esse aspecto mencionado nos aproxima da dimensão complexa quando estamos lidando com os saberes existentes e compartilhados. Essa definição de domínio, nos interessa, uma vez que dialoga com a perspectiva decolonial, tema central da pesquisa, já que implica em uma forma de ver enquanto incompleta e em um constante vir a ser, o que significa também, do nosso ponto de vista, que vivendo no sistema-mundo¹³ desigual, onde não há um justo acesso à todos e todas que queiram desenvolver pesquisas, adotar a

¹³ “O conceito de “sistema-mundo” é uma alternativa ao conceito de “sociedade”. Ele é utilizado para romper com a ideia moderna que reduz “sociedade” às fronteiras geográficas e jurídico-políticas de um “Estado-Nação” (GROSFOGUEL, 2018, p.55)

concepção de um domínio enquanto algo a ser construído, pode auxiliar teoricamente a fundamentar espaços futuros de formas de saberes. Em outras palavras, essa dimensão nos traz a explicitação consciente de que algum domínio é sempre uma parte possível, entre outras, que possam a vir existir. Pensemos, nos temas que raramente encontram espaços nas universidades, como por exemplo, as pesquisas sobre *canabidiol*.

Apesar de enfrentar questões legais no Brasil, avança na pesquisa¹⁴, à medida que se investiga, outros domínios relacionados com esse campo de atuação podem encontrar espaços. Em concordância a essa dimensão dinâmica, Hjørland e Hartel (2003) situam os domínios com dimensões ontológicas, e conceitos epistemológicos e sociológicos. Com essa linha de pensamento, Smiraglia (2012, p. 114 - tradução nossa) define domínio:

Um domínio é melhor entendido como uma unidade de análise, para a construção de um KOS. Ou seja, um domínio é um grupo com uma base ontológica que revela uma teleologia subjacente, um conjunto de hipóteses comuns, consenso epistemológico sobre abordagens metodológicas e semântica social. (SMIRAGLIA, 2012, p.114)

Notamos que inserção da coerência de uma “semântica social” dialoga com outros léxicos, inerente ao domínio, por exemplo, as comunidades discursivas, ou também utilizada pela área recentemente, comunidade epistêmica (MARTÍNEZ-ÁVILA; GUIMARÃES; EVANGELISTA, 2017, p.114-tradução nossa). Há nas discussões da literatura, uma comparação e aproximação desses dois termos, com o domínio. Por exemplo, os autores supracitados (2017) descrevem que na OC “as comunidades epistêmicas foram comparadas ao termo “domínio” no paradigma analítico de domínio [...]” e ao citar Meyer e Molyneux-Hodgson, os autores afirmam “[...] as comunidades epistêmicas influenciam o conhecimento científico que é produzido, bem como o campo científico no qual eles estão imersos”.

No *Diccionario de Organización del Conocimiento Clasificación*,

¹⁴ Por exemplo, de acordo com o Jornal da USP, edição 17/07/2020: “USP tem a maior produção científica mundial sobre canabidiol -Em artigo científico internacional, quatro professores da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto aparecem entre os dez mais produtivos na área”. <https://jornal.usp.br/ciencias/usp-tem-a-maior-producao-cientifica-mundial-sobre-canabidiol/>

Indización, Terminología (2015, p. 62), domínio é definido enquanto:

Ámbito del saber o de la experiencia humana que se caracteriza por su especialización, o por la posibilidad de ser delimitado en función de las prácticas o los intereses propios de una comunidad de usuarios. **En este sentido, la idea de dominio es más extensiva que la de ciencia o disciplina.** El dominio se constituye así en un universo autónomo y más o menos autosuficiente, que se apoya en una estructura de conceptos relacionados entre sí bajo una perspectiva común. En Ciencia de la Información, la delimitación de un dominio a través del llamado «análisis de dominio» permite desarrollar sistemas de organización del conocimiento especializados. En Terminología, la noción de dominio es básica para establecer el universo temático que será estudiado, con el propósito de crear un repertorio terminológico. (BARITÉ *et al.*, 2015, p.62)

Um destaque dessa definição, reside no uso da palavra “experiência humana”, uma vez que, mostra uma posição de inclusão para outras perspectivas, por exemplo, um grupo de artistas circenses que atuam nos espaços públicos, dessa forma, podem ser entendidas um domínio, vivem uma experiência, são delimitados por uma especialização no âmbito das artes. De igual maneira, essa ênfase da experiência é tecida por Santos (2019, p. 125) sobre as epistemologias do sul, de acordo com o sociólogo, “se, como defendo nesse livro todo conhecimento é corpóreo, não é aceitável que se conceda a experiência um estatuto inferior ao da teoria”, tal concepção é atribuída por caracterizar a experiência enquanto um gesto vivo, em que reúne “como um todo tudo aquilo que a ciência divide, seja o corpo e alma, a razão e o sentimento, as ideias e as emoções” de tal forma que não é possível ser “transmitida de forma completa, nem apreendida em sua totalidade” (SANTOS, 2019, p.125). Em seguida, o sociólogo faz uma defesa de que para as epistemologias do sul, o conceito que é relevante é a experiência como experiência vivida. Mas, não aprofundaremos nesse momento esse aspecto.

Voltemos para outros conceitos que se relacionam com o conceito de domínio, as comunidades discursivas e colégios invisíveis, Smiraglia (2012, p. 113) afirma que “[...] os parâmetros funcionais dos três são divergentes. O conceito de "domínio" sugere fronteiras intelectuais, e o conceito de "comunidade discursiva" sugere uma troca ativa de informações; o termo "colégio invisível" tem sido usado para sugerir tanto a uniformidade intelectual,

quanto o discurso ativo que ocorre em uma unidade socialmente estruturada.” Tênis (2003, p.191- tradução nossa) também falou sobre esse ponto, quando mencionou que “há uma série de conceitos similares ao de domínios na CI; como comunidades de prática, e comunidades epistêmicas [...].

Outra contribuição importante para esse debate é o trabalho de Evangelista; Grácio e Guimarães (2022) que analisaram as afinidades e as especificidade dos conceitos de domínio, comunidade discursiva e comunidade epistêmica. Para os autores, as características do que venha a ser uma comunidade atuam enquanto núcleo desses três conceitos. Sobre a escolha desses três termos a justificativa dos autores é que “analisam a ciência e o conhecimento a partir de seus indivíduos, e sob sua perspectiva social [...]” (EVANGELISTA; GRÁCIO; GUIMARÃES, 2022, p.3 - tradução nossa).

Para os autores a semelhanças entre esses três conceitos converge no aspecto do contexto que foram propostas, já que fazem menção a análise científica e sociológica de produzir conhecimento; contexto histórico e contexto da necessidade, servindo para analisar a lógica de como o conhecimento é compartilhado. Eles estabelecem ainda uma visão hierárquica com base em Smiraglia (2012), domínio, comunidade discursiva e comunidade epistêmica. Citam ainda outros autores que comentam a respeito da visão de Hjørland sobre ser relacionado o a AD com a comunidade discursiva. Relacionam esses três conceitos com a vertente do movimento helicoidal de Guimarães (2006). Outro ponto em comum, destacados por eles, é sobre a base teórica ser comum. Há ainda uma discussão da relação entre comunidade discursiva e comunidade epistêmica.

Sobre as distinções, os autores supracitados destacam: níveis de interação entre os membros e também o lugar. Em domínios ou comunidade discursiva, o consenso entre as ideias dos membros não é requisito, ter os temas de interesse dentro do mesmo domínio é o que se faz necessário, aspecto este, que não equivale para as comunidades epistêmica, já que nessa configuração de comunidade estão unidos pela forma de pensar. Outra diferença é sobre a maneira que se formam, enquanto um domínio pode ser diverso, uma comunidade epistêmica necessita de grupos no âmbito do universo científico. Por fim, há uma tabela com 21 características para mostrar o que cada um desses três conceitos pertence, sobre as comunidades discursivas, os autores

inserir:

“[...] um domínio tem formas próprias de organizar o conhecimento, tanto do ponto de vista intelectual quanto social, e possui fronteiras difusas, o que pode ser explicado pelo seu alto nível de interação com outros semelhantes. Uma comunidade discursiva, por sua vez, é composta por membros que compartilham práticas e atividades profissionais, revelam um sentimento especial de pertencimento e compartilham o conhecimento produzido principalmente por meio de textos. Em uma configuração mais específica, uma comunidade epistêmica se caracteriza por ser restrita à esfera científica e por possuir membros especialistas com autoridade, reputação nacional e internacional na tomada de decisões institucionais, conhecimento relevante na área e, conseqüentemente, um poder implícito de controlar o conhecimento e a informação. (EVANGELISTA; GRÁCIO; GUIMARÃES, 2022, p. 39- grifo e tradução nossa).

Visto sobre esses conceitos similares, e focando nas comunidades discursivas escolhemos Swales (1990) que é um autor muito citado nos trabalhos na OC, e em específico, o seu entendimento no artigo de 1990, em que uma das partes apresentou seis características para identificar um grupo enquanto uma CD. Posteriormente, depois de 26 anos, em 2016, o autor publicou um outro trabalho, em que dentre outros aspectos, reconsiderou os critérios anteriores proposto por ele.

“[...]o conceito de comunidade discursiva originalmente concebido era excessivamente estático. Embora isso talvez não importasse tanto em 1990, no mundo mais instável e incerto de hoje, parece um problema, em particular, o conceito não abordou diretamente como as pessoas ingressam ou saem das comunidades discursivas.” (SWALES, 2016, p.4 – tradução nossa).

Um dos argumentos para tal revisão decorreu do tempo transcorrido, e das mudanças principalmente, tecnológicas, já que à medida que o mundo mudou nesse tempo, o próprio conceito de comunidade discursiva e os critérios se tornaram limitados, estáticos e idealistas. Ele inseriu ainda uma discussão sobre tipos de comunidades discursivas, categorizando em três tipos: comunidade discursiva local (grupo de pessoas que trabalham no mesmo local), comunidade discursiva focal (são tipicamente associações que designam região, nação ou em âmbito internacional, podem ser recreativas ou profissionais) e comunidade discursiva “folocal” (são híbridas e contemplam os dois anteriores).

Outra mudança proposta por Swales (2016) foi a inserção de mais dois critérios, e reflexão sobre as anteriores, ficando, portanto, oito critérios que uma comunidade discursiva possui:

1) Tem um conjunto de objetivos que podem ser formulados e reconhecidos de forma geral ou parcial por seus membros.

2) Possui mecanismos de intercomunicação entre seus membros que podem contar com os novos canais das tecnologias de informação.

3) Usa de seus mecanismos participativos para fornecer informações e feedbacks, e também para gerenciar operações próprias e promover recrutamento, mudanças e crescimentos.

4) Utiliza uma seleção evolutiva de gêneros para promover seus objetivos e como forma de gerir seus mecanismos participativos, as quais se desenvolvem conforme são utilizadas.

5) Adquiriu e continua a desenvolver sua terminologia específica.

6) Existe uma hierarquia e/ou estrutura explícita ou implícita que gerencia o desenvolvimento da comunidade, e isso faz com que haja um limite de membros com um grau de conteúdo e especialização.

7) Desenvolve um senso de “relações silenciosas” o que faz com que alguns aspectos não precisem serem ditos ou explicados em detalhes.

8) Desenvolve um horizonte de expectativas, ritmos definidos de atividades, percepção de sua história e sistemas de valores para o que bom ou não no âmbito do trabalho. (SWALES, 2016, p. 8,9 e 10 – tradução nossa).

Após inserir esses novos critérios, o autor insere um debate sobre o status dessas discussões da comunidade discursiva, em que outras possibilidades, também poderiam fazer parte desses critérios, mas, se posiciona argumentando, a respeito do que para ele é mais relevante nos debates: a dimensão da visibilidade dos “princípios retóricos de organização, nas expectativas discursivas, nos símbolos linguísticos significativos e nos extratos textuais relevantes” (SWALES, 2016, p. 10 – tradução nossa). Para reforçar esse ponto, ele cita Porter (1992) sobre a razão de ser útil o termo CD, pautando que torna-se útil para descrever um espaço na qual anteriormente não tinha reconhecimento, uma vez que não havia tal termo para nomear, de tal forma que, esse termo comunidade discursiva configura-se de uma nova forma as unidades

de escritor, público e texto. (SWALES, 2016).

Sobre as origens do conceito de comunidades epistêmicas, ele foi retomado pelo cientista político Pedro M. Haas, definindo-o como “rede de profissionais com conhecimento e competência reconhecidos em um domínio particular, e com autoridade legitimada em conhecimentos politicamente relevantes dentro de um domínio ou área de conhecimento.” (HAAS, 1992, p. 3).

Por fim, há ainda nessa relação de categorias, uma outra tipologia de domínios em que Barité (2020, p. 245) estuda: os domínios emergentes e os domínios de emergência súbita, este enquanto um tipo daquele, mas que por ser súbito, ainda tem poucos materiais produzidos. Nos interessa, o primeiro, que é definido enquanto, “[...] *aquellos de desarrollo reciente (20 a 40 años), que son consecuencia del vertiginoso proceso de especialización y de intersección recíproca entre disciplinas y/o campos temáticos*” (BARITE, 2020, p.242). Voltaremos a situá-lo adiante.

Para fins de nossa pesquisa, adotaremos o conceito de domínio na perspectiva de Hjørland (2017) e do DOCCIT (2015) e utilizaremos o léxico comunidade discursiva, no sentido que Smiraglia (2012) atribuiu como uma troca ativa de informação, e a caracterização de Swales (2016).

2.2 POR QUE ANALISAR UM DOMÍNIO?

Destacar caminhos possíveis e/ou necessários que poderão levar a cenários almejados dentro de um *lócus* estabelecido pressupõe delimitar temas, para serem vistos, e estudados. Se tratando da diversidade que há nos campos dos conhecimentos científicos, elencamos quatro razões para se analisar um domínio.

Uma primeira razão para analisar um domínio é pelo ganho de um panorama sintético diante da quantidade de informações que há. Nesse ponto de vista, de uma dimensão sintética, fica explícito que a perspectiva analítica opera a partir e com a categorização, como observado por Guimarães (2014, p. 16).

Uma segunda razão é pela riqueza semântica que esse tipo de análise possibilita. Assim, com a combinação de algumas abordagens, a qualidade dessa análise torna-se mais ampla em detrimento de desmembrar

aspectos diversos do mesmo objeto, por exemplo, é o nosso caso, ver a parte epistêmica, terminológica, de estruturação científica reunidas em âmbito da produção científica.

Já, uma terceira razão resulta em dar visibilidade do que está sendo estudado em determinado campo de estudo. Por fim, uma quarta razão trata-se de construir sistemas de organização do conhecimento.

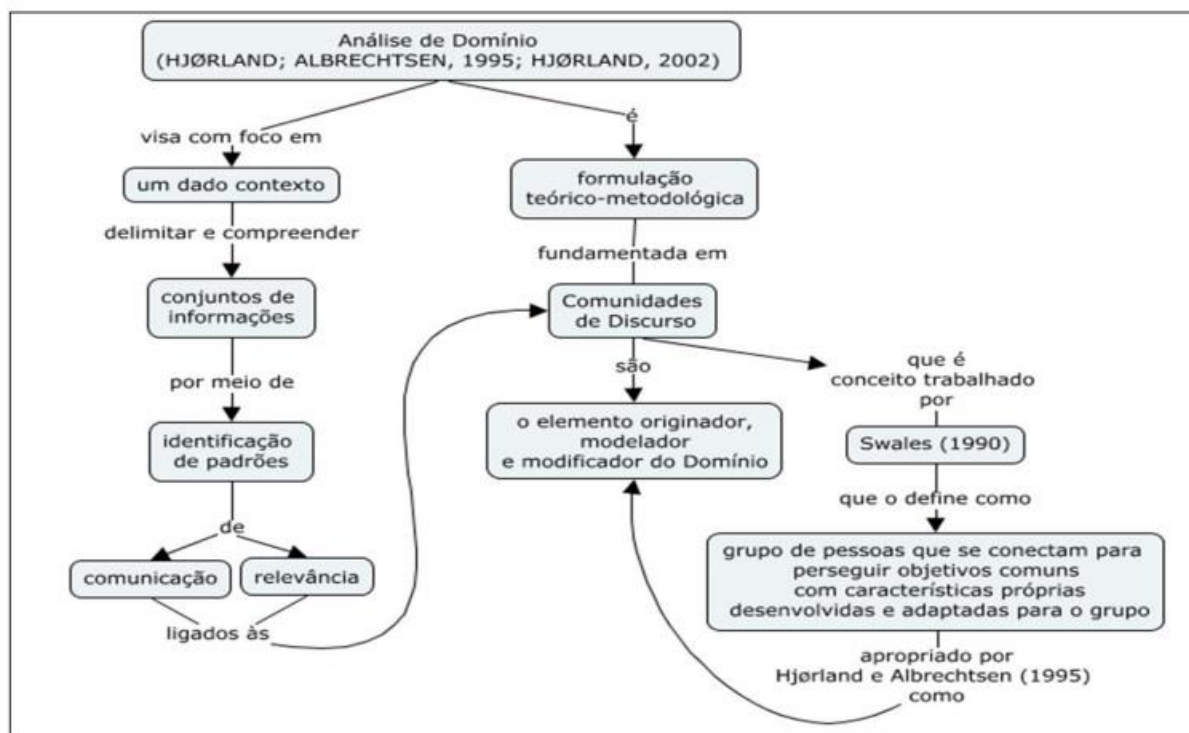
2.3 AS LENTES PROPOSTAS POR HJØRLAND EM 2002 ENQUANTO UM DOS MÉTODOS DE ANÁLISE

No texto “*Domain analysis in information science: Eleven approaches- traditional as well as innovative*” de Hjørland em 2002, publicado no periódico *Journal of Documentation*, o autor enfatiza que os domínios não são semelhantes, são específicos e diferentes de cada aspecto no mundo social do trabalho, dessa forma, apresenta 11 abordagens para que possa estudar um domínio.

O problema colocado pelo autor é sobre que tipos de conhecimento os profissionais da informação especialistas em diversos campos, como saúde, educação, entre outros, é necessário para seus trabalhos? Importante reforçar que o autor mesmo menciona, que essas abordagens que ele apresente pode já estar implícita na literatura, mas que até então não havia sido sistematizada. (HJORLAND, 2002). E nesse sentido, sua contribuição, ao descrever essa visão analítica de formas de produzir conhecimentos com foco em domínios variados, tem sido utilizada pelos pares na área da Ciência da Informação, de modo que além de uma perspectiva teórica, também fornece um foco metodológico, já que auxilia na percepção de como determinado conhecimento científico está se construindo e socializando, ou seja, evoca aspectos do que tem sido considerado significado em determinado campo. (GUIMARAES, 2014).

Para fins de visualização, o mapa abaixo, representado na figura 1 fornece uma visão dos conceitos que esse campo veicula:

Figura 1. Linhas gerais da Análise de Domínio



Fonte: (SUENAGA; CERVANTES, 2015, p.537).

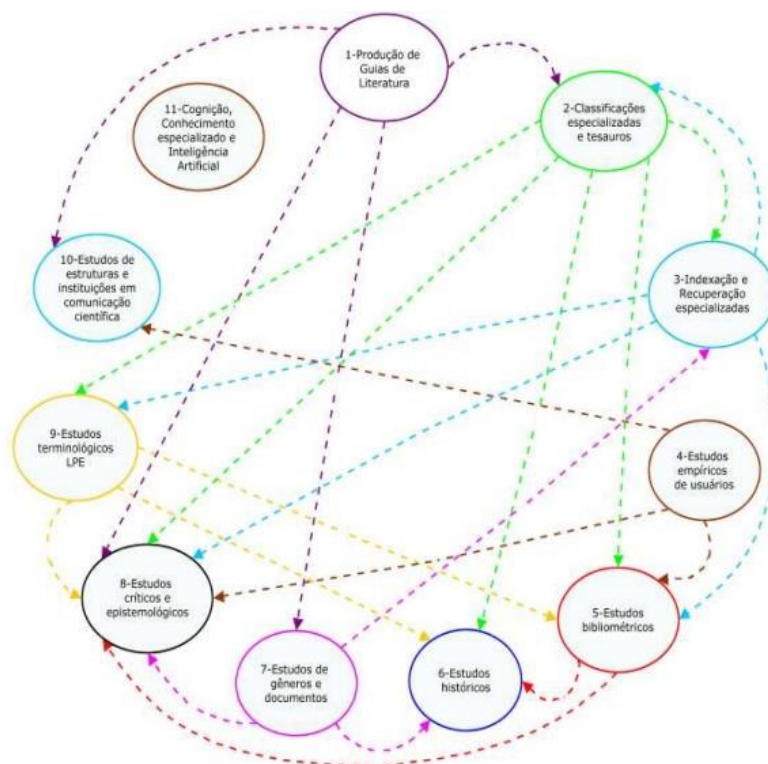
Essas características que a figura 1 exemplifica, de restringir a determinados contextos ou comunidades para identificar padrões prevê alguns tipos de passos para serem realizados, o que Hjørland (2002) chamou de abordagens. São 11 abordagens que podem ser combinadas: 1) Produzir guias de literatura ou portais de assunto; 2) Construindo classificações especiais e tesouros; 3) Indexando e recuperando especialidades; 4) Estudos empírico do usuário; 5) Estudos bibliométricos; 6) Estudos históricos; 7) Estudos de gêneros e documentos; **8) Estudos epistemológicos e críticos;** 9) **Estudos terminológicos, linguagem para fim especial (LSP), semântica de base de dados e estudos do discurso;** **10) Estruturas e instituições na comunicação científica;** 11) Cognição científica, conhecimento especialista e inteligência artificial (IA). Cabe destacar que em 2015, Guimarães e Tognoli fizeram uma proposta, acrescentando uma outra abordagem - a da proveniência arquivística.

Vamos chamar essas abordagens de lentes, uma vez que, para os propósitos de nossa pesquisa serão formas de olhar e mapear um domínio em foco. São lentes que podem ser aplicadas a qualquer domínio existente de estudo. Como dito na introdução, nossas lentes para esse trabalho são: 8)

Estudos epistemológicos e críticos; 9) Estudos terminológicos e a 10) Estruturas e instituições na comunicação científica. Após dar uma visão das relações entre elas, voltaremos mais adiante para caracterizar cada uma.

Na dissertação de Suenaga defendida em 2014 na Universidade Estadual de Londrina, em que trabalhou a respeito da Análise de Domínio aplicada à Organização do Conhecimento no Domínio da Arquivística, há uma representação dessas onze abordagens de Hjørland (2002, tradução nossa), relacionadas graficamente de acordo com as indicações do autor, no texto clássico de 2002.

Figura 2. Relações entre as onze abordagens de Hjørland.



Fonte: Elaborado por Suenaga (2014, p.52) fundamentada em Hjørland (2002).

Nesse processo do quanto uma lente tende a se beneficiar quando combinada com outra ou outras, reside o aspecto, já destacado na seção anterior, da riqueza semântica e da dimensão sintética, que esse método possibilita.

Na possibilidade de ampliar essas relações, para situar no contexto da tese, que almeja a caracterização da comunidade AERI com foco

em ações no campo da educação e pesquisa, uma outra forma é realizar essa representação a partir de um modelo do tipo de intersecções.

Há 20 anos essas combinações sugeridas por Hjørland (2002) parecem seguir atuais, do ponto de vista de serem aplicadas em diferentes contextos com foco na análise de domínios variados, como exemplificam os trabalhos de dissertações e teses que temos visto no Brasil e em outros lugares do mundo que utiliza tal método. No entanto, não é comum discussões que tratem das limitações e ou formas de combinações possíveis e seus ganhos ou problemas nesse tipo de análise. Por se tratar de um método, ou seja, de um caminho, uma via de acesso para conhecer e caracterizar um determinado domínio ou comunidade discursiva, pode resultar significado, do ponto de vista analítico, quando se descreve as consequências, ou desdobramentos de diferentes tipos de intersecções. No caso da tese, para ficarmos com as lentes empregadas, epistêmicas, de estruturação científica e terminológica iremos expor tais considerações, e evidenciar as consequências dessas lentes, para o foco de ações de cunho pluralista e inclusivo, no quadro 1 a seguir. Cabe destacar que esse quadro foi realizado com base na escolha das lentes epistêmicas, de estruturação científica e terminológica. Tal síntese apresentada orienta como estamos compreendendo essas lentes.

Quadro 1. Caracterização das lentes utilizadas na tese.

Como Hjørland descreve no artigo de 2002? ¹⁵	Como ele caracteriza?	Reflexões a partir da compreensão dessas abordagens.	Como estamos referindo à elas no trabalho?	Qual foco estamos trabalhando a partir do autor?	Como essa lente pode ajudar a pensar em ações de cunho pluralista e inclusivo?
estudos críticos e epistemológicos (abordagem nº 8)	O autor cita que “são estudos que examinam as suposições explícitas ou implícitas por trás de tradições de pesquisa. Tais suposições estão frequentemente ligadas a suposições ontológicas relacionadas ao objeto em estudo. Elas representam uma análise das abordagens ou paradigmas em áreas de pesquisas. (2002, p.440). Ele menciona ainda 5 categorias de base epistêmica: empirismo/ (1)	Aqui podemos mencionar, como afinal se identifica a abordagem epistêmica em um artigo, ou um <i>corpus</i> de trabalhos? Um exemplo de aplicação dessa lente foi a tese de Araújo (2019) que buscou responder sobre a concepção de epistemologia no domínio da OC, para tanto, analisou dez artigos que abordassem a respeito do conceito de epistemologia na OC. Se tratando de analisar um <i>corpus</i> de trabalhos na Arquivística, se formos aplicar essa	lente epistêmica, dimensão biográfica.	Como vimos, utilizar essa lente é buscar a base epistêmica, ou seja, a partir de quais suposições está na base do trabalho. No caso da tese, há muitos artigos. O que é inviável de realizar a análise epistêmica dessa maneira abordada por Hjørland. Porém, considerando outro foco, sem ser análise dos artigos, e passando para os membros/as, uma interpretação dessa abordagem pode ser, conhecer a base biográfica, ainda que seja micro também, ao	Se tratando de um dado que contextualiza a origens e interesses ajuda no sentido de revelar a coerência da continuidade de propostas estudadas pelos membros/as. Na síntese final constará na categoria de CAMPO BIOGRÁFICO.

¹⁵ *Epistemological and critical studies; Terminological studies, language for special purpose (LSP) database semantics and discourse studies; e Structures and institutions in scientific communication.*

empirismo/positivismo;
(2) racionalismo; (3)
historismo/
hermenêutica/
fenomenologia; (4)
pragmatismo/
funcionalismo/
Marxismo/ feminismo;
(5) ecletismo, pós-
modernismo e
ceticismo.

lente, poderíamos
mencionar enquanto
base epistêmica, outras
categorias específicas da
área para identificar nos
trabalhos, se se referem
de forma implícita ou
explícita do ciclo vital, do
records continuum, ou
ainda do pluralismo
arquivístico.

considerar dados
disponíveis em páginas
institucionais.

Dessa forma, focou aqui
na parte biográfica, para
descrever temas de
pesquisa, formação e os
projetos dos membros/as
da AERI.

Uma outra lente que
poderia ser adaptada com
esse foco, seria os
estudos históricos. A
diferença é que na
epistêmica pode-se ver
essa coerência da
biografia dos membros/as
refletidas nas publicações.

Como Hjørland descreve no artigo de 2002? ¹⁶	Como ele caracteriza?	Reflexões a partir da compreensão dessas abordagens.	Como estamos referindo a elas no trabalho?	Qual foco estamos trabalhando a partir do autor?	Como essa lente pode ajudar a pensar em ações de cunho pluralista e inclusivo?
estudos terminológicos, linguagens para propósitos específicos e estudos de discurso (abordagem nº 9)	O autor agrupou estudos terminológicos com as linguagens para fins especiais e análise do discurso, desse modo, não caracteriza de modo explícito como usar os estudos terminológicos para analisar um domínio, ele cita o uso de construções de tesouros e enfatiza a dimensão da linguística. Afirma ainda que “a linguagem e terminologia são objetos muito importantes para a CI, porque elas afetam nosso pensamento e assim as questões que colocamos nas bases	Essa lacuna é observada por Barité e Rauch (2022, p. 11-12) em um artigo que analisa os estudos terminológicos, como uma modalidade particular de análise de domínio. Vamos destacar uma das posições dos autores, a respeito do que está situado enquanto estudos terminológicos, afirmando que “compreendem um conjunto de trabalhos de natureza diferentes (descritivos, analíticos, especulativos) [...]” e ainda que é” possível acrescentar três ideias: a primeira é que, por sua natureza, os estudos terminológicos podem	lente terminológica pontual	A terminologia compreende pesquisas do tipo sistemática e pontual. Essa última foi escolhida enquanto lente a ser trabalhada no <i>corpus</i> selecionado. “A pesquisa terminológica pontual consiste em “uma técnica para investigar um termo ou um grupo restrito de termos pertencentes a qualquer campo da atividade humana, com vistas a satisfazer uma necessidade imediata expressa por um usuário” (CÉLESTINET al. 1984 p. 17).”Esses autores também estabelecem uma tipologia de pesquisa pontual, que inclui a análise do significado de	A razão dessa lente para fins de proposta de ações ocorre em detrimento de uma vantagem do tipo de precedência contextual, para compreender o contexto de uso de um conceito no âmbito de uma comunidade em foco. Na síntese final constará na categoria de CAMPO DA PRÁTICA.

¹⁶ *Epistemological and critical studies; Terminological studies, language for special purpose (LSP) database semantics and discourse studies; e Structures and institutions in scientific communication.*

de dados, bem como os textos que buscamos.”

necessitar de contribuições de ou de outras áreas do conhecimento (lexicografia, semântica e lógica, por exemplo). A segunda é que nem todos os estudos terminológicos são diretamente relevantes para o KO. A terceira é que mesmo quando identificada a presença ou influência de estudos terminológicos no KO, isso não implica uma referência automática a nenhuma das modalidades de AD.”

um termo, o termo mais adequado para representar um novo conceito, a certificação ou validação do uso de um termo, ou a busca por um termo exato ou aproximado. equivalência em outra língua. Dubuc aponta que há quem subestime a pesquisa pontual ao considerar que "un trabajo 'por pedazos' [um 'trabalho 'fragmentado'] no aporta realmente soluções de conjunto a las necesidades terminológicas" (DUBUC 1999 p. 65). No entanto, ele encontra pelo menos as seguintes vantagens em se envolver neste trabalho: (1) a solução para problemas urgentes de tradução e escrita, (2) a oportunidade de usar esse tipo de pesquisa como escola de formação, colocando o futuro terminólogo em contato direto com os usuários e suas necessidades, e (3) a

				possibilidade de aprofundar a documentação existente em um determinado domínio (DUBUC, 1999). A essas vantagens, deve-se acrescentar a possibilidade de resolver rapidamente problemas de designação, conceituação, tradução e precedência histórica ou etimológica, continuamente apresentados por neologismos (BARITE; RAUCH, 2022, p.7-8- tradução nossa).	
Como Hjørland descreve no artigo de 2002?¹⁷	Como ele caracteriza?	Reflexões a partir da compreensão dessas abordagens.	Como estamos referindo a elas no trabalho?	Qual foco estamos trabalhando a partir do autor?	Como essa lente pode ajudar a pensar em ações de cunho pluralista e inclusivo?
estudos de estruturas e instituições em comunicação (abordagem nº 10)	O autor menciona que “o estudo das estruturas da divisão interna do trabalho dentro dos domínios e a troca de informação	Essas abordagens permitem identificar quem são os atores, as instituições presentes em dado domínio (GUIMARES, 2014) de	lente de estruturação científica	O foco se dará na quantidade de publicações geral e por autor (a); na descrição dos periódicos, anos, listagem dos coautores e temas dos	A vantagem dessa lente para agenda está vinculada a ideia de dar visibilidade aos espaços, em que se

¹⁷ *Epistemological and critical studies; Terminological studies, language for special purpose (LSP) database semantics and discourse studies; e Structures and institutions in scientific communication.*

entre domínios fornecem informação útil para o entendimento da função de tipos específicos de documentos e serviços de informação e para a construção de guias de literatura. Essa área é rica em questões que estão abertas para, entre outros tipos de estudos, investigações bibliométricas. [...]

Muitos dados quantitativos e qualitativos são necessários, para mapear tal estrutura de modo preciso.

Quem são os produtores? Quanto eles produzem e comunicam e como esta comunicação é distribuída em diferentes canais?

Como a comunicação é filtrada e influenciada por diferentes meios de comunicação? Qual

tal forma, que para o âmbito da caracterização da comunidade em foco esses podem mostrar se há algum padrão de publicação, ou predominância de determinada revista, membro ou ainda se prevalece determinados período da comunicação científica.

trabalhos. Possivelmente, esses dados poderiam ser de uma outra lente, da bibliográfica também. Mas, aqui eles serão contextualizados tendo em vista a dimensão de que são atores e instituições específicas, que estão na base da comunidade científica desse domínio analisado.

encontram tais comunicações científicas. Nesse sentido, aqui está amparado por um foco de comunicação. Na síntese final constará na categoria de **CAMPO DA COMUNICAÇÃO.**

é a cobertura tanto quantitativa quanto qualitativamente em diferentes bases de dados e bibliotecas? Que tipo de normas epistêmicas guiam o processo de seleção? Quão interdisciplinares são os diferentes agentes e instituições e que tipos de vieses podem ser envolvidos por influências disciplinares? Que tipo de tradições nacionais ou geográficas, normas culturais e influências econômicas estão em jogo (p. ex. diferenças entre organizações com fins lucrativos e sem fins lucrativos)? (2002, p.448)

Fonte: Elaborado pela autora (2022) fundamentada em Hjørland (2002).

A intersecção dessas lentes pode auxiliar em categorias, para propostas de ações quando se analisa uma comunidade. Nesse sentido, levando em conta os fundamentos apresentados acima, em um nível de modelagem conceitual, essa intersecção da dimensão epistêmica focada em pessoas, de terminológica pontual focada em identificar contextos de uso, de estruturação científica focada em periódicos e que são do tipo de um campo de envolvimento, pode ser descrita enquanto: do tipo biográfica, de prática e comunicacional. Apresentaremos essa modelagem após as análises.

Visto a respeito da análise de domínios e suas lentes, passaremos para a seção da Arquivística com foco pluralista.

3 PLURALISMO ARQUIVÍSTICO E A PERSPECTIVA DECOLONIAL: EM FOCO OS ARQUIVOS COMUNITÁRIOS

Ao escrever sobre o que chamamos de arquivística, corremos um risco muito comum: o de comunicarmos com ênfase teórica e longe da realidade das pessoas. Esse fato da ausência da compreensão é sentido por estudantes de graduação ao relatarem, por exemplo, o nome de seu curso (Arquivologia) para seu núcleo próximo. Mas, lamentavelmente, o desconhecimento é maior que apenas relatado pelos estudantes. Situamos nossa preocupação no nível macro que opera na sociedade, em que há uma distância do que vem a ser a área e suas práticas.

Se formos específicos, cabe detalharmos, a respeito das consequências dessa distância, que na nossa compreensão impacta em um aspecto fundante da construção da memória coletiva, o de espaços de pertencimento e de identidades enquanto símbolos de existência em dada realidade.

Em outras palavras, estar distante da compreensão do que são os Arquivos e suas práticas, significa também estar distante da apropriação de construção simbólica de dizer e escrever sobre passado, presente e futuro de identidades e pertencimentos, uma vez que, os Arquivos e sua concepção estão diretamente relacionados enquanto mecanismos do poder-controle.

A própria concepção clássica do que são Arquivos, atendem a essa colonização quando restringe ou enfatiza, por exemplo, a produção de conhecimento apenas no escrito, não levando em conta a dimensão oral. Essa característica se encontra nos próprios currículos de graduação dos cursos, em que essas discussões raramente encontram espaços em disciplinas que desconstruam institucionalmente a concepção eurocêntrica dos arquivos e da arquivística.

As discussões sobre essa temática em âmbito internacional estão presentes por meio de pesquisas com temáticas, que ampliam e questionam a visão eurocêntrica da arquivística e dos arquivos, a partir de uma posição contrária aos “[...] sistemas de dominação da modernidade ocidental - capitalismo, colonialismo e patriarcado” (SANTOS, 2019, p.72).

Vale mencionarmos, que a visibilidade à essas pesquisas

enfrentam dificuldades do ponto de vista de uma interlocução ao redor do globo, principalmente com a questão do idioma predominante em língua inglesa, ampliaremos esse ponto mais adiante. No Brasil, há caminhos desses debates também.¹⁸

Esse campo recente nos estudos arquivísticos de inclusão de outras perspectivas que são marginalizadas, o qual se reflete na literatura internacional, pode ser visto mediante alguns termos: multiverso arquivístico, arquivística crítica, decolonial, entre outros. Vemos que ainda é recente um domínio como este estar fixado com apenas um termo, sendo característico dos paradigmas recentes irem recebendo adeptos e teorias, que o tornaram mais delimitado.

Mas, entendemos que uma categoria maior que compreende tais termos é o pluralismo arquivístico. Esse conceito foi proposto por Caswell (2013) em um artigo denominado: *On archival pluralism: what religious pluralismo (and its critics) can teach us about archives*. Em síntese, a visão da autora é que essa dimensão do pluralismo se desenvolveu-se no contexto do *records continuum*, situada na trajetória arquivística australiana com influências nas tradições de memórias indígenas e nos modelos pós-custodial de “*recordkeeping*”, a abordagem do *continuum* ou “*metaview*” onde acomoda uma pluralidade de perspectivas, sobre o uso e o significado de textos probatórios.” (CASWELL, 2013, p.276- tradução nossa).

A autora cita ainda que o a adoção do termo “multiverso” no campo, a partir de William James que fala das possibilidades múltiplas, representa um marco na trajetória do pluralismo arquivístico. Outras situações-marco nessa trajetória que ela cita é no contexto do ensino, com o manifesto do PAGO no AERI de 2009 sobre educação para o multiverso arquivístico. Ainda, ela menciona, além do ensino, o pluralismo na prática e na pesquisa, de modo

¹⁸ Algumas iniciativas que destacamos: **A)** *Bolfarini Tognoli, N., & Maçulo de Queiroz Rocha, G. (2021). A justiça social na Arquivologia: uma revisão de literatura. ÁGORA: Arquivologia Em Debate, 31(63), 1–23;* **B)** A temática de Simpósio Temático do REPARQ (Reunião Brasileira de Ensino e Pesquisa em Arquivologia) - 2022 intitulado: *A justiça social na arquivologia: caminhos para a consolidação de uma tendência de pesquisa* proposto por Natália Bolfarini Tognoli e Luiz Eduardo Ferreira da Silva; **C)** O Grupo de Pesquisa Cultura Documental Religião e Movimentos Sociais (CDOC-ARREMOS), fundado em 2009, por iniciativa do Professor Dr. João Marcus Figueiredo Assis (UNIRIO). ;**D)** A Rede Arquivos de Mulheres (RAM) - Rede de pesquisador@s que têm interesse em visibilizar os arquivos de mulheres que tem como colaborador o Arquivo do IEB (Instituto de Estudos Brasileiros); **E)** A instituição Casa do Povo, um centro cultural que revisita e reinventa as noções de cultura, comunidade e memória.

que há ênfase na dimensão de variadas formas múltiplas:

O pluralismo arquivístico é o reconhecimento e o engajamento de múltiplas realidades arquivísticas coexistentes - isto é, formas fundamentalmente diferentes, mas igualmente válidas de ser e saber- geralmente presente no domínio arquivístico por (às vezes) formas irreconciliavelmente divergentes - mas ainda assim, maneiras confiáveis - de definir, transmitir e interpretar provas e memórias.¹⁹ (CASWELL, 2013, p.277- tradução nossa)

A proposta que autora faz é a partir da adaptação dos quatro princípios do pluralismo religioso de Eck's para o contexto dos arquivos, sendo eles, o engajamento enérgico, compreensão, compromisso reforçado, e diálogo.

Por fim, cabe destacar ainda que conforme afirma a autora, esse “conceito exige uma agenda de pesquisa multifacetada [...] e sendo que “três grandes subáreas desta pesquisa emergem: desenvolvimento conceitual, educação arquivística e prática arquivística.” (CASWELL, 2013, p.288- *tradução nossa*).

Com foco na primeira e segunda subáreas, de que “no trabalho de construção de teoria, devemos explorar conceituações filosóficas não dominantes do pluralismo e teorizar como essas conceituações podem ser aplicadas no domínio arquivístico” (CASWELL, 2013, p.288- *tradução nossa*), e iremos nessa seção trabalhar com a vertente da decolonialidade para o campo arquivístico, uma vez que:

Este intenso trabalho conceitual aprofunda nossa compreensão de diferentes ontologias e epistemologias [...] e ajuda a moldar o futuro do pluralismo arquivístico de uma forma que não é simplesmente ditada por formas dominantes de conhecer e estar no mundo. (CASWELL, 2013, p.288- 289, *tradução nossa*).

Diante desse cenário, com essa lente do pluralismo arquivístico²⁰ da importância do desenvolvimento conceitual enquanto caminho, essa seção visa situar teoricamente a perspectiva da arquivística inclusiva já existente na literatura internacional, a partir de uma leitura das epistemologias do sul e do giro decolonial, uma vez que, entendemos que esse caminho tem

¹⁹ “[...] archival pluralism is the acknowledgement of and engagement with, multiple coexisting archival realities—that is, fundamentally differing but equally valid ways of being and knowing—most commonly made manifest in the archival realm by (sometimes) irreconcilably divergent—but still credible—ways of defining, transmitting, and interpreting evidence and memory.” (CASWELL, 2013, p. 277)

²⁰ “O pluralismo arquivístico é difícil, exigente e confuso, mas o desafio é importante demais para ser ignorado.” (CASWELL, 2013, p. 289, *tradução nossa*).

sentido para nossa realidade brasileira, considerando nossa formação de um país colonizado e marcado pelas formas de dominação moderna - capitalismo, colonialismo e patriarcado.

Como proposta dessa leitura, apresentamos essa perspectiva teórica-conceitual, a partir da construção de um jirau de conceitos advindos das teorias do giro decolonial e das epistemologias do sul, para situar e relacionar determinados conceitos advindos das pesquisas arquivísticas, que correspondem aos anseios de uma arquivística plural e decolonial descreveremos uma comunidade que atua com alguns conceitos desse jirau, e por fim, daremos destaque aos arquivos comunitários. Vale ressaltarmos, que essa perspectiva apresentada funda um aspecto circunscrito por esse tempo-espaço, em que se faz importante, determinadas correspondências teóricas, para embasar uma prática e vice-versa.

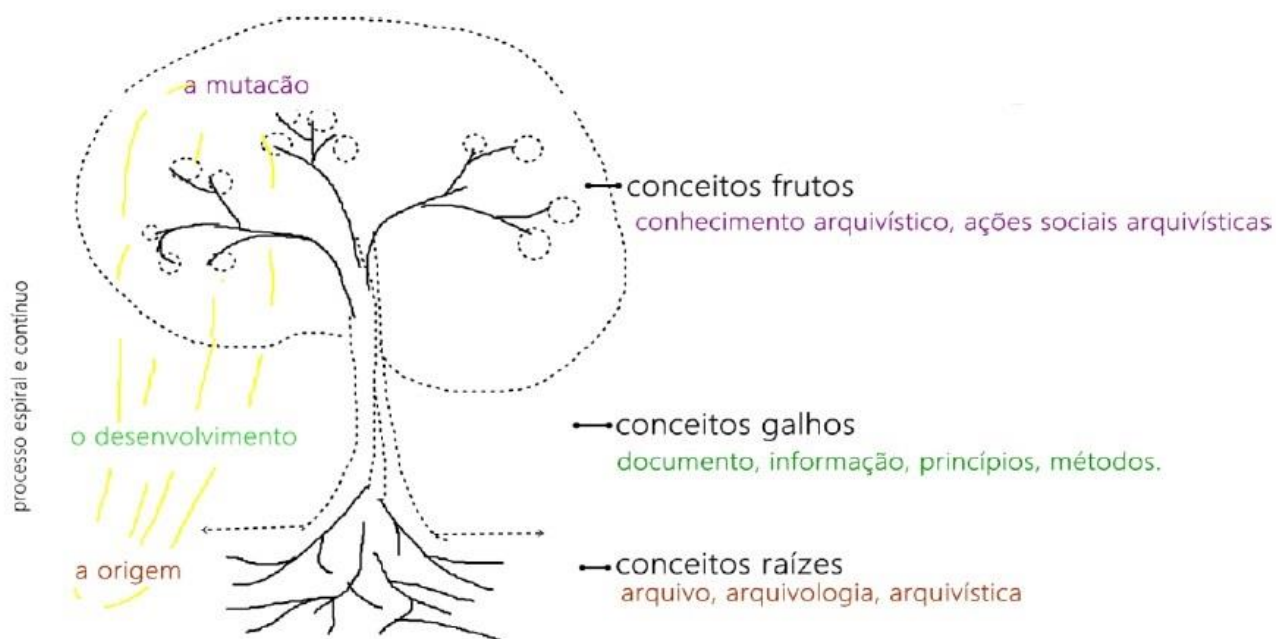
Para tanto, nessa exposição nos valeremos dos seguintes caminhos: 1) situaremos a arquivística em relação a esse panorama de pesquisas de cunho pluralistas, a partir de autoras e autores da comunidade discursiva do Multiverso Arquivístico, em seguida 2) apresentaremos os conceitos da epistemologia do sul de Boaventura de Souza Santos (2019) e da teoria decolonial com autores do grupo modernidade-colonialidade, para 3) apresentaremos enquanto metáfora, para representar esse pensamento arquivístico plural um jirau de conceitos sob o prisma da decolonialidade, e por fim, 4) descreveremos a AERI em que alguns de seus membros/as atuam com alguns conceitos presentes nesse de jirau e; 5) apresentaremos sobre os Arquivos Comunitários.

3.1 ARQUIVÍSTICA: A SÍNTESE DE UM DESEJO ANTIGO DE TECER MEMÓRIAS

“Toda árvore possui por baixo da terra uma versão primeva de si mesma. Por baixo da terra, a árvore venerável abriga “uma árvore oculta”, feita de raízes vitais constantemente nutridas por águas invisíveis. A partir dessas radículas, a alma oculta da árvore empurra a energia para cima, para que sua natureza mais verdadeira, audaz e sábia viceje a céu aberto.” (PINKOLA ESTÉS, 2007, p. 31).

Na dissertação defendida em 2017, utilizamos a metáfora de uma árvore para ilustrar os conceitos da arquivística, de um ponto de vista espiral, e com intenção didática agrupamos em três categorias: conceitos raízes, galhos e frutos.

Figura 1. Ilustração da espiral dos conceitos em Arquivística.



Fonte: (ALENCAR, 2017, p. 22).

Essa analogia permitiu que se analisasse o que ancora os demais conceitos e como essa relação é intrínseca e recíproca de ambas as partes. Nos conceitos raízes, ancorados na dimensão social de sua função (o quê): arquivo, arquivologia, arquivística. Em conceitos galhos, que permeiam a expansão em níveis intelectuais e operacionais (como): documento, informação, princípios, métodos. Os conceitos frutos abrangem a razão final de todo processo (porque): conhecimento arquivístico, ações sociais arquivísticas, entre outras, que podem ser citadas.

Um aspecto que podemos ampliar dessa figura, para fins dessa tese, é a metáfora da seiva. Nos interessa esse aspecto de algo que conduz ou transporta. Garante a vitalidade da árvore. Se tratando da arquivística, essa seiva vem sofrendo modificações teóricas e conceituais ao longo do tempo, variando de tradições e países. Defendemos uma posição de que tal seiva, para

garantir essa vitalidade, seja inclusiva e plural, aspecto que vem acontecendo já nas temáticas de pesquisas em âmbito internacional, e que, acreditamos, ser a “árvore oculta” da qual podemos crescer, no sentido de integrar diferentes grupos e pensamentos historicamente excluídos, para o desenvolvimento de pesquisas e práticas no campo.

Antes de expormos as pesquisas que estão sendo publicadas e os desafios subjacentes à sua disseminação, iremos expor dois pontos que circunscrevem a perspectiva pluralista citada acima.

O primeiro ponto diz respeito a compreensão etimológica do termo “plural”, que vem do latim *pluralis* “composto por muitos”. Essa visão de considerar todas as partes têm uma consequência fundamental, que visa não restringir apenas a um grupo que domina a escrita e o poder burocrático, o direito de criação e acesso aos documentos. Aqui, vale lembrarmos da própria noção de conscientização que será ampliada mais adiante. Nos discursos sobre descrição, por exemplo, vemos como argumento sempre a ênfase na melhoria de acesso, mas, raramente encontramos ênfases a respeito das condições para tal acesso, como se dar acesso fosse apenas deixar o material disponível, desconsiderando as particularidades da ausência de políticas de informação e competência de apropriação do documento.

Segundo ponto, sobre as narrativas de origem da arquivística. Ghaddar e Caswell (2019, p.76 - tradução nossa) no prefácio do dossiê sobre a práxis decolonial arquivística, citam o contexto da Revolução Francesa e argumentam a respeito das origens dos Arquivos, as histórias coloniais e as viradas, defendendo que os “arquivos nacionais e os princípios, que sustentam sua gestão são sempre já coloniais e imperiais [...]”.²¹ Acrescentam ainda, que:

Uma práxis arquivística decolonial começa a partir desse entendimento de que o colonialismo, o império e a raça ocidentais são aspectos muito mais penetrantes de nosso campo do que geralmente se considera. De fato, eles estão inextricavelmente enredados com todas as facetas de como pensamos, falamos e trabalhamos no campo porque são características definidoras da modernidade em todos os lugares, inclusive na forma neoliberal hoje.²²(GHADDAR; CASWELL,

²¹ *“these national archives and the principles underpinning their management are always already colonial and imperial”*

²² *“A decolonial archival praxis begins from this understanding, that western colonialism, empire and race are much more pervasive aspects of our field than is usually considered. Indeed, they are inextricably enmeshed with all facets of how we think, talk and work in the field because they*

2019, p. 78 – tradução nossa).

Nessa mesma direção da visão dos autores, acrescentamos a relação com a escrita. A perspectiva de que a origem dos Arquivos se dá com a origem da escrita, como designa, por exemplo, Silva; Ribeiro; Ramos e Real (1999, p. 45) ao afirmarem “a origem dos Arquivos dá-se, pois, naturalmente, desde que a escrita começou a estar a serviço da sociedade humana”, de nosso ponto de vista, precisa ser explicitado que assim é na visão eurocêntrica, vista a partir das antigas civilizações do médio oriente, uma consequência dessa visão é a própria definição clássica dos Arquivos. De tal forma, que entendemos que ao tratarmos desse assunto sobre decolonizar os Arquivos, significa, também ampliar seus conceitos e origens.

Sugerimos uma reflexão simbólica a respeito de levar em conta outras formas de existências de Arquivos que antecederam à escrita. Os povos originários também têm seus Arquivos, no sentido simbólico, quando preservam seu mundo e sua cultura por meio da oralidade, dos mitos, histórias, danças, plantas, rituais, entre outros. A escrita alfabética, enquanto código social circunscrita a um determinado grupo social cria a exclusão da apropriação simbólica de quem preserva o seu passado.

Em outras palavras, essa forma de narrar a história dos Arquivos, a partir da origem da escrita alfabética cria uma narrativa parcial/reduzida, visando uma universalização do que são os Arquivos. De tal forma que, se pudéssemos situar uma origem a partir da necessidade humana de se comunicar, preservar, seriam incluídos outros sistemas de registros, por exemplo, registro *quipu* e outros de regiões não eurocêntricas, dos povos originários, africanos, árabes, egípcios, asiáticos em diferentes lugares do mundo.

Nessa narrativa, incluiríamos outros modos de ser e saberes constituinte também de um aspecto simbólico de preservação, criações e disputas. Nesse sentido, essa narrativa é um exemplo de outras situações no campo que precisamos estudar e ampliar para decolonizar. Por exemplo,

are defining features of modernity everywhere, including in neoliberal form today. Neoliberalism is just another gloss for empire anyway, for the expansion of capital through the colonization of bodies and lands, of hitherto unpenetrated regions and domains of life.”

Brenner (1995, p. 54) em um artigo sobre os movimentos de vanguarda da poesia e visualidade do poema de Augusto de Campos, o Código, faz uma relação que pode ser interessante para nosso propósito aqui, a autora cita Paul Valéry sobre a concepção de que a novidade não é mais que um retorno a uma forma deixada desde sempre, para dizer que o dentro da novidade, seu melhor, é aquilo que está em consonância a um desejo antigo. “É antigo o desejo de ver as coisas representadas. A visualidade como atitude crítica – alterando a nossa percepção do mundo através da limpeza dos canais de percepção – é a contribuição importante das vanguardas dos anos 60.” (BRENNER, 1995, p.54) Assim, parafraseando a autora, e em diálogo com uma necessidade decolonial da arquivística, é antigo (e segue atual) o desejo de tecer memórias para fins múltiplos e em grupos diversos, cada qual com objeto tangível e intangível. Embora, alguns grupos não consigam atuar frente a esse desejo, por razões desiguais de acesso à recursos materiais e simbólicos, não significa que não haja tal desejo, assim os fazem da maneira que lhe são possíveis.

Por último, essa visão pluralista tem um contexto histórico, ela não teve espaço desde sempre, pelo contrário, podemos dizer que representa uma luta na busca de uma arquivística decolonial.

Sabemos que o campo dos estudos decoloniais é muito amplo e envolve diferentes campos do conhecimento, como ocorre com as teorias críticas. Mas, de que falamos, quando usamos o sentido decolonial em âmbito arquivístico? Trata-se de decolonizar o que exatamente? A disciplina Arquivística, as práticas em um Arquivo, a forma como atuamos, ensinamos e pensamos os Arquivos? Certamente, pode se tratar de todas elas, e envolver tantas outras formas possíveis, com foco em romper com a dimensão colonial existente, desde uma decolonialidade centrada no poder, saber ou ser.

Há muitos caminhos para responder a essas perguntas. Uma forma possível de abordar esse assunto é compreender que se tratando de decolonialidade, o foco centra-se no reconhecimento de que há a colonialidade, isto é, essa forma de dominação ainda existe, enquanto uma “lógica global de desumanização”. Nesse sentido, a decolonialidade “refere-se a luta contra a lógica da colonialidade e seus efeitos materiais, epistêmicos e simbólicos”, sendo, portanto, um conceito que está alinhado com o conceito de libertação. (MALDONADO-TORRES, 2018. p.36).

Em 2005 Maldonado-Torres cunhou o termo “giro decolonial”, e em 2020, atribuiu três sentidos ao termo enfatizando a importância do Caribe nessas dimensões, no sentido amplo enquanto analítica e uma sócio-gênese histórica, e no sentido restrito enquanto uma rede de intelectuais (grupo modernidade-colonialidade). Para ele, o giro decolonial se refere “tanto a uma mudança de atitude como a afirmação de um projeto de ação que envolve intervenções políticas, artísticas, intelectuais, epistemológicas, entre outras” (2020, p. 562), mostrando ali que uma compreensão de decolonialidade tem a ver com “a produção de um mundo novo e de uma noção e prática nova de ser humano”. No subtópico 3 voltaremos a falar de Maldonado Torres. Mas, por ora, atribuindo esse mesmo sentido no âmbito arquivístico “a decolonização dos arquivos é uma manifestação crítica dessa “mente decolonial” em desenvolvimento e os registros que uma comunidade cria estão no centro dessa progressão.” (BASTIAN; AARONS, GRIFFIN, 2008. p.3).

Nesse sentido, abordar a decolonialidade no campo arquivístico pode ser considerada uma ação contra as lógicas coloniais no contexto dos registros e da memória, por exemplo, a criação de narrativas pelo foco do oprimido o que pode envolver a criação de arquivos comunitários ou participativos, entre outras ações. Em síntese, os estudos arquivísticos decoloniais visam romper com a lógica da colonialidade existente no campo, seja no ensino ou nas práticas de criação e preservação da memória.

Analisando o contexto de formação dos Arquivos e da Arquivística no Brasil e na América Latina²³, vemos a influência estadunidense e canadense, e principalmente, a francesa, (como é o caso do Arquivo Nacional) nos currículos e nas formas de pensar o campo. Isso, não só aqui no Brasil, mas ao redor do mundo em países que foram colonizados, o pensamento teórico-prático, a formação dos Arquivos e a educação arquivística possuem fundamentos/bases eurocêntricas/colonizadoras, estabelecendo perspectivas de pensamentos com termos e conceitos que em geral ocupa bastante espaços da formação, e assim, outros saberes ou não são discutidos e institucionalizados

²³ Sobre a influência estadunidense ver dissertação que teve o *Prêmio Maria Odila 2021* Fonseca com autoria de Paulo José Viana de Alencar intitulada: A Primeira Reunião Interamericana de arquivos e sua influência no desenvolvimento teórico-prático da Arquivologia Brasileira publicada em 2021. Ver pesquisas da professora doutora Angélica Alves da Cunha Marques a respeito das influências francesas.

como pertencentes também, ou tem pouco espaço.²⁴

Uma vez descrito os três pontos que permeiam a concepção pluralista, voltemo-nos agora para as pesquisas e os desafios subjacentes a suas disseminações. Para tanto, delimitamos nossa exposição para falar dessas pesquisas de temáticas inclusivas com: Gilliland, McKemmish (2004; 2018); Gilliland (2017); Gilliland, McKemmish e Lau (2017). A razão da escolha desses autores, ocorre devido serem partes de um grupo de autores atuantes na sistematização do conceito de Multiverso Arquivístico, que utilizaremos como exemplo de institucionalização de cunho pluralista no campo.²⁵

A arquivística durante muito tempo esteve ligada a dimensão empírica, um exemplo disso são os manuais que sempre foram normativos para os princípios e métodos e sua concepção. Schmidt (2012) em sua tese, discute a respeito dessas faces do fazer e saber arquivístico, realizando uma revisão de literatura sobre o objeto científico, e utiliza uma categoria para situar a existência do objeto científico na arquivística (Informação²⁶, Arquivo ou Documento de Arquivo) de acordo com uma periodização de Fourez (1995) em pré-paradigmática (Arquivologia Clássica); paradigmática (Arquivologia Moderna); e pós-paradigmática (Arquivologia Contemporânea).

Schmidt (2012, p.136-178-216) situa no contemporâneo 6 abordagens: *Records Continuum*, Austrália, a partir da metade década de 1990; Pós-Custodial, Portugal, final da década de 1990; Arquivística Integrada, Montreal- Quebec/Canadá, década de 1980; Arquivística Funcional ou Pós Moderna, Canadá inglês, final década de 1980; Diplomática Arquivística ou Contemporânea Canadá Inglês-Itália, final década de 1980; Estudos sobre Tipologia Documental e Identificação Espanha, década 1980. O que vemos é

²⁴ Isso não é uma marca apenas da Arquivística, por exemplo, o antropólogo Descola (2016, p.58) afirma a antropologia como própria do mundo ocidental, e diz que sobre as consequências das ações do domínio colonial ao afirmar que “[...] onde quer que tenham existido impérios, sejam eles dispersos no espaço, como os impérios coloniais europeus, ou agrupado povos muito diversos no interior de enormes unidades geográficas, como a China ou Índia, encontramos as mesmas preocupações em relação ao controle, ao conhecimento e ao desejo de normatização de populações que parecem um pouco fora do comum.”

²⁵ Reiteramos que não podemos deixar de mencionar a importância do mapeamento das pesquisas arquivísticas em âmbito nacional que vem sendo realizado sobre a produção científica da área, por exemplo, entre outros, os trabalhos de Cunha (desde 2011). E outros autores da América Latina que se dedicam a esses levantamentos e análises.

²⁶ Para detalhar os tipos de informações de acordo com cada abordagem tem: gerada por processos; social; orgânica; e registradas pelos processos administrativos com vistas a recuperar o contexto. Ver Schmidt (2012, p.136-178-216).

que em nível mundial, onde são presentes as discussões arquivísticas, há diferentes sistematizações teóricas, metodológicas, epistemológicas e conceituais em torno dos Arquivos e suas finalidades – que são elaboradas levando em conta as dimensões sociais, políticas, culturais, econômicas, entre outras, de cada país e região.

No entanto, para além dessa característica, um outro fator merece destaque para nossa seção em pauta, qual desses paradigmas têm se destacado em relação as desigualdades desse sistema-mundo que vivemos, por exemplo, em considerar diferentes grupos sociais, em recordar que há grupos marginalizadas que são excluídos da apropriação simbólica e material dos documentos de arquivos na preservação de suas histórias? A arquivística como todo campo do saber científico é uma construção humana, seus pesquisadores têm responsabilidades éticas no sistema-mundo em que atuam, nesse sentido, mencionando um trecho da poesia de Bertold Brecht escrita em 1938-1939 sobre a finalidade da ciência, “Vocês trabalham para quê? Eu sustento que a única finalidade da ciência está em aliviar a canseira da existência humana [...]”.²⁷ Essa primeira pergunta, só poderemos responder se realizarmos uma análise extensa de todas as produções já existentes no campo, mas, não é difícil perceber que raramente tal ênfase é colocada. Porém, de uma forma explícita, um paradigma tem se destacado a partir desses interesses, que tem sido a teoria do *Records Continuum*. Como mencionamos na introdução, que mesmo o *continuum* não está livre de críticas do ponto de vista de ser uma teoria que pode não ser inclusiva, por isso mesmo tem explorado para atuar frente a essa demanda, de tal forma, que Mckemmish (2017, p.125 – tradução nossa) afirma que

²⁷ “Entretanto, seremos ainda cientistas/ se nos desligarmos da multidão? / Os movimentos dos corpos celestes/ se tornaram mais claros/ mas os movimentos dos poderosos continuam/ imprevisíveis para os seus povos; / A luta pela mensuração do céu/ foi ganha através da dúvida; / e a credulidade da dona-de-casa romana fará que/ ela perca sempre de novo a sua luta pelo leite/ A ciência, Sarti, está ligada às duas lutas. / Enquanto tropeça dentro de sua bruma/ luminosa de superstições e afirmações antigas, / ignorante demais para desenvolver/ plenamente as suas forças, / a humanidade não será capaz de desenvolver/ as forças da natureza que vocês descobrem. / Vocês trabalham para quê? / Eu sustento que a única finalidade da ciência/ está em aliviar a canseira da existência humana. / E se os cientistas, / intimidados pela prepotência dos poderosos, / acham que basta amontoar saber, / por amor do saber, / a ciência pode ser transformada em aleijão, / e as suas novas máquinas serão novas aflições, / nada mais. / Com o tempo, / é possível que vocês descubram/ tudo o que haja por descobrir, / e ainda assim o seu avanço/ há de ser apenas um avanço/ para longe da humanidade. / Bertold Brecht, “A finalidade da ciência (1898-1956), Vida de Galileu Galilei. Escrita em 1938-39, Alemanha.

recentemente:

[...] a teoria do *records continuum* tem realizado sistematizações dos processos disruptivos e radicais de *recordkeeping and archival* ligados à possibilidade de um Arquivo decolonizado em uma Austrália pós-colonial. A decolonização envolveria a transformação das práticas atuais e a reconfiguração dos espaços de arquivo, para serem representativos de múltiplas vozes e perspectivas, inquietando assim, os desequilíbrios de poder embutidos no cenário arquivístico atual.²⁸

Um exemplo desse aspecto que a autora cita é notável quando vemos nas publicações recentes, que as autoras e autores da teoria do *continuum* “[...] estão contribuindo para o desenvolvimento dos conceitos emergentes do multiverso arquivístico, arquivo participativo e, mais recentemente, do conceito de autonomia arquivística²⁹³⁰” (MCKEMMISH, 2017, p.150- tradução nossa). Essa relação da teoria *records continuum* com o multiverso arquivístico, aparece de forma explícita e implícita com frequência no livro, aspecto este, que podemos elencar como sendo fundamental ao falarmos da dimensão inclusiva da arquivística: *Research in the Archival Multiverse* editado por Anne J Gilliland, Sue McKemmish and Andrew J Lau, publicado em 2017 pela *Monash University Publishing*, Austrália. Vale destacar sua disponibilidade em acesso aberto, um aspecto fundamental quando sabemos da necessidade de disseminação.

Nesse momento não iremos expandir essa relação da teoria do *continuum* com o multiverso arquivístico, de modo aprofundado, o que seria um relevante tema de pesquisa. O que nos interessa para falar dessa relação é o aspecto consecutivo.

²⁸ “Most recently records continuum theory has framed consideration of disruptive and radical recordkeeping and archival processes linked to the possibility of a decolonised Archive in a post-colonial Australia. Decolonisation would involve transforming current practices and refiguring archival spaces to be representative of multiple voices and perspectives, thus unsettling the power imbalances embedded in the current records and archives landscape.” (MCKEMMISH, 2017, p.125)

²⁹ “Linked to an increasing focus on researching the recordkeeping and archiving needs of communities, continuum researchers and writers are also contributing to the development of the emergent concepts of the archival multiverse and the participatory archive, and most recently the concept of archival autonomy.” (MCKEMMISH, 2017, p.150).

³⁰ “A autonomia arquivística é provisoriamente definida como a capacidade de indivíduos e comunidades participarem da memória social, com sua própria voz, e se tornarem agentes participativos *recordkeeping and archiving* para fins de identidade, memória e responsabilidade (EVANS; MCKEMMISH; DANIELS, MCCARTHY, 2015, p. 337- tradução nossa)

A teoria do *records continuum* de Upward e modelos relacionados, em particular, introduziu uma sofisticada e robusta abordagem para construir uma ontologia e epistemologia de arquivo, que pode ser aplicada em contextos múltiplos e cada vez mais complexos³¹ [...] (2017, p. 93- tradução nossa)

A teoria do *continuum*, ao se caracterizar por ser dotada de dimensões que rompem a quebra do tempo e espaço, aspecto central na ampliação dos registros ao longo do tempo, forneceu um solo fecundo para as ideias de o multiverso serem intencionalmente plantadas e serem objeto de temáticas. Acreditamos que sem uma teoria já institucionalizada (do ponto de vista acadêmico com espaços em grupos e publicações) dificilmente essa ideia do multiverso teria um espaço ou força, para serem tão disseminada pelos pares quanto tem sido. Vale mencionar também, que essas ideias estão sendo publicadas no idioma inglês³², isso também dentro dos modos de dominação do conhecimento ocidental tem muita influência para algo ser difundido, felizmente, os autores dessa comunidade tem consciência explícita desse aspecto da barreira do idioma, o que se pode esperar futuramente uma interlocução mais próxima a outros países ibero américas, por exemplo.

Esse aspecto consecutivo recai também sobre quem serão os autores dessa comunidade do multiverso arquivístico, certamente em primeiro momento aqueles e aquelas ligados à teoria do *continuum* e as publicações na língua inglesa.

O multiverso arquivístico enquanto um conceito criado por *Ally Krebs*³³ no âmbito da comunidade discursiva AERI- *Archival Education and*

³¹ “Upward’s records continuum theory and related models, in particular, introduced a sophisticated and robust approach to building an archival ontology and epistemology that can be applied in multiple and increasingly complex contexts (McKemmish, Reed, & Upward, 2009; Upward, McKemmish, & Reed, 2011). Critical archiving, recordkeeping and practice are emerging at the nexus of continuum and critical theories (Evans, McKemmish, & Rolan, 2017).”

³² Um acordo que é interessante nesse ponto, em novembro de 2020 o Conselho Internacional de Arquivos e a Associação Latino-Americana de Arquivos assinaram acordo de cooperação, em que uma das propostas é o “Treinamento e tradução: ICA e ALA explorarão a possibilidade de cooperação na tradução, consultoria e revisão acadêmica de conteúdo profissional, com base nas prioridades estabelecidas pelo Programa de Treinamento ICA” Notícia divulgada pelo website do Arquivo Nacional: https://www.gov.br/arquivonacional/pt-br/canais_atendimento/imprensa/copy_of_noticias/conselho-internacional-de-arquivos-e-a-associacao-latino-americana-de-arquivos-assinaram-acordo-de-cooperacao

³³ In 2009, at the first meeting of the Archival Education and Research Institute (AERI), Ally Krebs drew attention to the concept of the multiverse and the possibilities of an archival multiverse. The concept was subsequently explored for the first time in the archival literature in a paper written by the Pluralizing the Archival Curriculum Group, which was made up of a large number of inter-national scholars engaged in AERI. (McKEMMISH; PIGGOTT,

Research Initiative ³⁴ uma iniciativa entre instituições acadêmicas, que além de apoiar bolsas de estudo, também se engaja no aspecto da inovação curricular e pedagógica da educação arquivística. Na próxima seção vamos expandir essas noções.

A respeito do desenvolvimento histórico e as tendências atuais e futuras da pesquisa, Gilliland e McKemmish (2018, p.87- tradução nossa) situam que nas últimas três décadas houve um crescimento de pesquisas devido aos aspectos: tecnológicos, educacionais, movimentos sociais e intelectuais, afirmando que “uma consciência mais madura da pesquisa arquivística surgiu na acadêmica e na prática com uma diversificação inigualável de temas de pesquisa.”

Interessa-nos detalhar a sistematização (tabela 1) que elas realizaram, uma vez que, iremos tomar esses temas de pesquisa como ponto de partida, para nosso argumento de que já estão ocorrendo pesquisas de cunhos decoloniais no campo. Mas, necessitamos trazer para a realidade brasileira e para isso, precisamos situar tais temas a partir de nossas necessidades, aspecto que estenderemos com a criação de um jirau.

Optamos por não traduzir³⁵ os termos da tabela 1 (a seguir), e alteramos a forma de apresentação, acrescentando a numeração. Na primeira parte, relatam as pesquisas que Couture & Ducharme propuseram (1998 & 2005), que analisaram 40 trabalhos publicados em cinco revistas internacionais. Na segunda coluna, se referiram também as novas revistas, anais de conferências, e monografias. Já na terceira coluna, se referem as análises de McKemmish sobre as tendências de temáticas das bolsas de estudos, com base no AERI de 2009-2016, além das pesquisas nas revistas *The American Archivist*, *Archival Science*, *Archivaria*, *Archives and Manuscripts*, *Records Management Journal*) e no livro *Research in the Archival Multiverse*.

2013, p.112-113)

³⁴ “*The Archival Education and Research Initiative (AERI) is a collaborative effort among academic institutions to support the growth of a new generation of academics in archival and recordkeeping education and research who are versed in contemporary issues and knowledgeable of the work being conducted by colleagues. The initiative seeks to promote state-of-the-art in scholarship in Archival Studies, broadly conceived, as well as to encourage curricular and pedagogical innovation in archival education locally and worldwide.*” (WEBSITE AERI, 2022)

³⁵ Por exemplo, *recordkeeping* na visão da tradição australiana difere de outras tradições como aponta Delgado Gomez (2007, p. 42).

Tabela 1: Caracterizando o panorama da pesquisa arquivística.

Couture & Ducharme (1998 & 2005)	Gilliland & McKemmish (2004)	McKemmish (2016)
<ol style="list-style-type: none"> 1. Archives and archival science _ the nature of the Archive, archival goals and the usefulness of archives 2. Archives and society _ the role and place of archives, archival science and the profession 3. Archival issues _ ethics, access, privacy 4. Archival functions 5. History of archives and archival science 6. Management of archival programs and services 7. Technologies 8. Types of media and archives; electronic records 9. Types of archival institutions 	<p><u>Building; evaluating, reflecting on:</u></p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Archival education 2. Archival history 3. Archival media 4. Archival practice 5. Archival research methods and techniques 6. Archival systems 7. Archival theory, ideas and concepts 8. Archival tools and technology 9. Archival use and usability (by specific user groups) 10. Archives and recordkeeping metadata 11. Archives and recordkeeping policy 12. Development of descriptive models and schemas 13. Electronic recordkeeping 14. Ethnography of archival collaboration 15. Ethnography of archival practice 16. Ethnography of the archive 17. Impact on the record of organizational and technological change and vice versa 18. Psychology and ethnology of recordkeeping and use, including socialisation into document creation and use 19. Sociology and politics of the record and recordkeeping. <p><u>Emergent areas of research related to archival globalisation:</u></p> <ol style="list-style-type: none"> 20. Exploration of ways to diversify the archival paradigm and understand associated power and empowerment issues 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Anthropological collecting and repatriation of data and archives 2. Archaeological recordkeeping 3. Archival advocacy and activism 4. Archival affect, agency, autonomy 5. Archival description and recordkeeping metadata 6. Archival education and pedagogy 7. Archival implications of social media 8. Archival literacy 9. Archives and postcoloniality, decolonisation of the Archive 10. Art-as-archive-as-art 11. Arts and performing arts archives 12. Business records and recordkeeping 13. Big data and open data 14. Co-design of systems 15. Community recordkeeping practices 16. Community-based archives and community-centric archival policy and practices 17. Criminal justice, counter-terrorism, surveillance and recordkeeping 18. Critical archival and recordkeeping studies 19. Diasporic, expatriate and displaced records and identity 20. Digital curation 21. Diplomats in digital and other contexts 22. Digital forensics and knowledge recovery 23. Digital heritage convergences 24. Digital humanities convergences 25. Digitisation and policy concerns 26. Electronic recordkeeping systems

	<p>21. Assessment of the impact of global research and international standards emanating from research upon local archival traditions and theory, as well as marginalized communities</p> <p>22. Postcolonial issues: 'The West vs. the Rest'</p> <p>23. Evaluation, comparison and potential reconciliation of conflicting conceptual models and descriptive schema</p> <p>24. Records law and policy, including reconciliation of different traditions</p> <p>25. Ontological, semantic, and ethnomethodological issues relating to developing understanding of emergent media forms</p> <p>26. Addressing terminological difference within the archival field and between it and other fields interested in some of the same issues.</p>	<p>27. Evidence studies</p> <p>28. Gender, sexuality and archives and recordkeeping</p> <p>29. Globalisation and other global concerns</p> <p>30. Health records and recordkeeping</p> <p>31. History of archives and archival practices</p> <p>32. Imagined records and archival imaginaries</p> <p>33. Indigenous knowledge, culture and the Archive</p> <p>34. Legislative analysis</p> <p>35. Memory and identity studies</p> <p>36. Metadata modelling</p> <p>37. Moving image archives</p> <p>38. Museum archives</p> <p>39. Participatory archiving</p> <p>40. Personal recordkeeping and digital archives</p> <p>41. Policy concerns: privacy, access, security, etc.</p> <p>42. Recordkeeping informatics</p> <p>43. Records in post-conflict recovery and justice</p> <p>44. Rights in records for victims, refugees, etc.</p> <p>45. Scientific recordkeeping and data archives</p> <p>46. Social justice and human rights archives</p> <p>47. The social life of records and documents</p> <p>48. Transformative research by and with Indigenous and other communities</p> <p>49. Trusted digital repositories, records in the Cloud, distributed recordkeeping systems.</p>
--	---	---

Fonte: Gilliland e McKemmish (2018, p. 88-90).

Com as análises dessa tabela, Gilliland e McKemmish (2018, p. 91) avaliam o cenário de pesquisas com grandes mudanças, enfatizando o envolvimento com as questões suscitadas pela globalização e das tecnologias, e destacam como vanguarda “as abordagens participativas e de parceria, em um quadro crítico, nas áreas de arquivos comunitários e indígena e de *recordkeeping*, fundamentados em um *ethos* de equidade, direitos e necessidades de pesquisa identificadas pela comunidade [...]”³⁶

A trajetória da pesquisa refletida na Tabela 1 fala de uma cultura de pesquisa amadurecida, que responde à complexidade e às mudanças de fronteiras e ideias do mundo, em que se situam as atividades de arquivamento e manutenção de registros. As abordagens inovadoras vão desde o ativismo da justiça social, abordagens descolonizantes, contemplação humanista, desempenho e estética, análise e desenvolvimento de políticas e análise científica social, até a modelagem ontológica e análise e projeto de sistemas. Ao mesmo tempo, continua a tendência para colaborações transdisciplinares e trans-institucionais, que abordam múltiplas facetas de problemas prioritários de pesquisa. A pesquisa sobre os grandes desafios da sociedade, tais como mudança climática, comunidades sustentáveis, paz e segurança, justiça social e inclusão social, convocada pela *Archival Education and Research Initiative* (AERI), destaca a complexidade, inter-relação, escala e imediatismo dos problemas enfrentados pelos arquivos, bem como as formas pelas quais os *archives and recordkeeping* são parte integrante de tais desafios. (GILLILAND; MCKEMMISH, 2018, p.91-tradução nossa).³⁷

Se observado na perspectiva de formação da teoria do ciclo vital de umas décadas anteriores, esses temas certamente poderiam ser intitulados

³⁶ “*At the same time, critically-framed participatory and partnership approaches in the areas of community and Indigenous archives and recordkeeping, grounded in an ethos of equity, rights and community-identified research needs, have come to the forefront*”.

³⁷ *The research trajectory reflected in Table 4.1 speaks to a maturing research culture that is responsive to the complexity and changing boundaries and ideas of the world in which archival and recordkeeping activities are situated. Innovative approaches range from social justice activism, decolonising approaches, humanistic contemplation, performance and aesthetics, policy analysis and development, and social scientific analysis, to ontological modelling and systems analysis and design. At the same time, the trend towards trans-disciplinary and trans-institutional collaborations tackling multiple facets of priority research problems continues. Research on societal grand challenges such as climate change, sustainable communities, peace and security, social justice and social inclusion, called out by the Archival Education and Research Initiative (AERI), highlights the complexity, inter-relatedness, scale and immediacy of problems confronting archives as well as the ways in which archives and recordkeeping are integral to such challenges” (GILLILAND; MCKEMMISH, 2018, p.91).*

como utópicos, onde se imaginaria a discussão do aspecto emocional no trabalho arquivístico³⁸, ou ainda sobre os ativismos. Justamente, por ser tratar de romper a ilusão de um norte universal, é que nos interessam tais sistematizações de Gilliland e McKemmish. Esse objetivo de prezar por todas as formas possíveis da dimensão humana faz do multiverso arquivístico, um conceito central para nossas discussões a respeito da decolonialidade arquivística. Isso porque, o multiverso vai contra essa ideia de universal, aspecto que está por toda nossa formação. Para citar um exemplo, na concepção da filosofia, dentro de uma formação eurocêntrica somos ensinados a pensar a origem de uma reflexão filosófica a partir da Grécia, ignorando que outros grupos, também tenham pensado e questionado a respeito de suas existências. Essa visão monocultural, de que há apenas uma perspectiva tem consequências próprias para o modo da existência, e aqui podemos citar um livro que discute esse aspecto intitulado “Monoculturas da Mente: perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia” publicado em 1993, nas palavras da ativista ambiental, “uma monocultura da mente é literalmente, a raiz da ditadura sobre a Terra. É um instrumento de poder e controle. Não produz mais, controla mais”. (SHIVA, 2012). No primeiro capítulo do livro, a respeito dos sistemas de saber "desaparecidos" fazem os saberes locais desaparecer negando sua existência:

Em geral, os sistemas ocidentais de saber são considerados universais. No entanto, o sistema dominante também é um sistema local, com sua base social em determinada cultura, classe e gênero. Não é universal em sentido epistemológico. É apenas a versão globalizada de uma tradição local extremamente provinciana. Nascidos de uma cultura dominadora e colonizadora, **os sistemas modernos de saber são, eles próprios, colonizadores.** (SHIVA, 2003, p. 21- grifo nosso).

Dito a respeito das temáticas da pesquisa, vamos expor sobre o multiverso arquivístico a partir do prefácio do livro *Research Archival Multiverse*. Esse tipo de texto (prefácio do latim *prae-fatio* – ação de falar ao princípio de) é

³⁸ Por exemplo, nessa temática há um artigo de Douglas, Jennifer, and Alexandra Alisauskas. 2021. “*It Feels Like a Life’s Work: Recordkeeping As an Act of Love*”. *Archivaria* 91 (June), 6-37, trata justamente da parte emocional, em específico, fala sobre a relação dos registros na elaboração do luto. Essa autora Douglas, tem um projeto de pesquisa que “se concentra em como indivíduos e comunidades usam registros em processos de luto, e em como uma melhor compreensão dos papéis emocionais e afetivos dos registros na vida das pessoas podem contribuir para sistemas de acesso de arquivo mais sensíveis, envolventes e responsivos”. <https://ischool.ubc.ca/profile/jennifer-douglas/>

caracterizado por uma forma peculiar de escrita como sugere Spivak³⁹, de tal forma que podemos pensar nele, enquanto a síntese e as entrelinhas do que está sendo exposto no livro.

Vale ressaltar que os editores fazem parte do início da discussão do conceito desde o artigo seminal de 2011 *Educating for the Archival Multiverse*, *The Archival Education and Research Institute (AERI)*, *Pluralizing the Archival Curriculum Group (PACG)* fruto do workshop de *Developing Culturally Sensitive Archival Curricula Workshop* em 2009 no AERI, no qual defendem um modelo de currículo pluralizado para o multiverso arquivístico, contestando que “os programas de educação em estudos de arquivos são conceituados impressionantemente semelhantes em todo o mundo” (PACG, 2011, p.89). A razão elencada pelo grupo, diz respeito aos paradigmas eurocêntricos burocrático por meio do colonialismo, evangelismo, mercantilismo e desenvolvimentos tecnológicos, que foram “codificadas através de normas e terminologias nacionais e internacionais, especialmente as desenvolvidas pelo Conselho Internacional de Arquivos (ICA) e a Organização Internacional de Normas (ISO)” (PACG, 2011, p.89- grifo nosso).

Nesse artigo escrito por 25 autores de diferentes universidades, há uma proposta de um modelo para pluralizar a educação arquivística, composta de 8 objetivos voltados para os programas de pós-graduação em arquivística, onde quer que haja cursos para a educação arquivística: 1) historicizar e contextualizar a teoria e a prática arquivística; 2) expandir os conceitos e valores existentes do núcleo curricular, bem como os processos de arquivamento; 3) incentivar a multidisciplinaridade; 4) fortalecer o engajamento comunitário; 5) promover a aprendizagem de serviços; 6) pluralizar a formação de doutorados; 7) pluralizar o corpo estudantil; e 8) garantir que o pluralismo e a inclusão sejam priorizados na pesquisa e educação arquivística⁴⁰;

Além de serem parte dessas ações iniciais relacionadas com o

³⁹ Para ela é “uma escrita que celebra uma diferença estabelecida no cerne de sua identidade por estar inserido no ambíguo espaço entre duas possíveis leituras- nesse caso, a leitura do texto do prefaciador-tradutor, que rearranja o texto de outrem, e a do leitor, que lê o texto prefaciado da tradução de uma outra escrita.” (ALMEIDA, 2010, p.7).

⁴⁰ *Historicize and Contextualize Archival Theory and Practice; Expand Existing Curricular Focus Core Archival Concepts and Values as Well as Processes; Encourage Multidisciplinarity; Strengthen Community Engagement; Promote Service Learning; Pluralize Doctoral Education; Pluralize The Student body; Ensure that pluralism and inclusivity are prioritized in Archival Education Research.*

multiverso arquivístico, os editores em suas outras pesquisas publicam na temática de forma assídua. Dito isso, retomando ao conteúdo do prefácio em si, que está estruturado em quatro partes: 1) gênese e escopo do livro; 2) sobre este livro; 3) como aproximar-se do livro; e 4) para onde iremos a partir daqui? desafios duradouros de uma pesquisa multiversa. Do ponto de vista argumentativo, as colocações que destacamos no prefácio dizem respeito a ênfase colocada pelos editores, sobre a dimensão da pesquisa a partir de uma redefinição do termo multiverso arquivístico, aos objetivos do livro, as peculiaridades da autoria, e por fim, aos aspectos da terminologia e as barreiras de disseminação da temática em âmbito internacional.

Sobre a redefinição, eles incluíram da definição de 2011, a colocação “por meio da pesquisa e desenvolvimento”, nesse sentido, adotamos essa definição mais atual do termo multiverso arquivístico:

o pluralismo de textos probatórios, práticas e instituições de memória, motivações burocráticas e pessoais, perspectivas e necessidades da comunidade e construções culturais e jurídicas, com as quais profissionais e acadêmicos de arquivo devem ser preparados, por meio da educação de pós-graduação e por meio de pesquisa e desenvolvimento, para se engajarem. (GILLILAND; MCKEMMISH; LAU 2017, p. 21- tradução nossa).⁴¹

De forma a ampliar a visão do livro para além de um compêndio de pesquisa, colocam como objetivo também: rever a linhagem conceitual do campo; sublinhar a ênfase no enquadramento teórico e a clareza conceitual; fornecer garantia literária para uma série de métodos que tem sido adotado⁴²; demonstrar a diversidade de contextos em que a investigação é ou poderia ser e chamar a atenção para os tipos de desafios e dilemas, quando se trabalha dentro de um paradigma de investigação pluralista. (GILLILAND; MCKEMMISH; LAU, 2017)⁴³. Em relação a peculiaridades das autorias, os editores pediram a

⁴¹ *the pluralism of evidentiary texts, memory-keeping practices and institutions, bureaucratic and personal motivations, community perspectives and needs, and cultural and legal constructs with which archival professionals and academics must be prepared, through graduate education and through research and development, to engage.* (GILLILAND; MCKEMMISH; LAU 2017, p. 21)

⁴² Eles defendem que “este livro tomado em sua totalidade, embora não reivindique sua abrangência, proporciona uma meta-revisão importante de muitas literaturas relevantes da área”. (2017, p.26- tradução nossa) “Thus this book taken in its entirety, while not making claims for comprehensiveness, nevertheless provides an important meta-review of many relevant literatures”

⁴³ “to review the conceptual lineage of the field, as seen through different epistemological lenses

defesa de uma autoria explícita em relação a um posicionamento crítico e ideológicos de valores, que permeiam a intenção das investigações realizadas pelos autores, lembrando que além dos professores do campo, há também os novos estudiosos do campo de uma geração advinda da AERI, situando que essa mudança geracional tem impacto nas escolhas e focos das investigações.

Por ser um livro com tantos termos específicos, podíamos esperar um glossário ou algo relacionado, mas, interessante a visão dos editores à essa questão terminológica, de que não escolheram controlar a terminologia nem incluir tais sistemas, uma vez que, o livro é representativo do multiverso, de diferentes realidades e que por isso foi solicitado aos autores, para conceituarem o uso que faziam dos termos específicos do campo.

E por último, em relação a disseminação da temática em âmbito internacional, relatam duas barreiras no qual limitam o quanto outros pesquisadores em outros lugares do mundo podem se envolver: 1) a linguagem da publicação, predominante em inglês, inclusive eles falam da escolha consciente do livro em ser em tal idioma, contudo demonstram preocupações, uma vez que há invisibilidade de trocar entre comunidades de língua inglesa com outras ibero hispânicas, francesas, chinesas, árabe, africanas, da Ásia, entre outras, contextualizando sobre a pressão acadêmica que há nessa problemática dos *qualis* editoriais e 2) da barreira entre o conhecimento produzido na academia, dentro do campo profissional e nas comunidades fora de ambos, aludindo à aspectos de desafios de ordens editoriais e financeiras.

A menção de que “mais do que uma compilação de métodos de pesquisa para referência útil, portanto, esse volume advoga pela prática reflexiva como meio de expor a imprecisão e a confusão da pesquisa⁴⁴”. GILLILAND; MCKEMMISH; LAU, 2017, p. 29 – tradução nossa) mostram certamente um caráter decolonial, uma vez que, assumem uma visão do incompleto, aspecto

and archival traditions; to underscore that theoretical framing and conceptual clarity are important in both theoretical and applied research; to provide literary warrant for a range of methods that have been adopted or adapted in archival and recordkeeping research and to provide rigorous examples of how they have been applied; to demonstrate the diversity of settings in which the research is, or might be, undertaken; and to draw attention to the kinds of challenges and dilemmas that emerge when working within a pluralised research paradigm. (2017, p. 18)

⁴⁴ “More than a collation of research methods for handy reference, therefore, this volume advocates for reflexive research practice as a means by which to lay bare the fuzziness and messiness of research.” (GILLILAND; MCKEMMISH; LAU, 2017, p. 29)

que a ciência eurocêntrica não toma para si, já que visa o controle e a objetividade da situação de pesquisa.

Ao analisarmos esse prefácio com tais dimensões expostas acima, nos chama a atenção para os propósitos da tese aqui, e em específico, sobre o debate da decolonialidade na arquivística o fato de que para além da barreira do idioma em disseminar essas pesquisas, há uma necessidade de coerência conceitual e institucional com a nossa realidade. E este ponto é o que nos ajudará na construção de um jirau. Explicaremos. Essas pesquisas que descrevemos até aqui, tratam de respostas subjacentes aos problemas que enfrentamos nesse sistema- mundo, ao se colocarem enquanto um paradigma pluralista, o multiverso arquivístico e o pluralismo arquivístico, respondem em certa medida aos anseios dos que lutam por uma realidade mais libertadora, com direitos e vozes aqueles e aquelas que são oprimidos.

Dito isso, situamos um dos focos da pergunta-guia dessa seção, de que, como é possível trazer para nossa realidade esses conceitos que foram descritos acima, de forma que faça sentido para serem parte de ações de pesquisa no âmbito de uma arquivística brasileira e latino-americana? De alguma maneira, essa nossa preocupação dialoga com uma questão levantada por Gilliland (2017, p. 60 - tradução nossa) sobre os motivos que os pesquisadores não se envolverem com essas pluralidades, colocando “o fluxo conceitual e de definições e a escassez relacionada de críticas reflexivas e precisão semântica⁴⁵” como problema.

Dessa forma, um caminho teórico para a necessidade de coerência conceitual com a nossa realidade social Latino-americana na perspectiva de conceitos pluralista da arquivística, pode ser situado a partir das abordagens da: 1) Epistemologias do Sul, com a perspectiva de que esse sul não é um sul geográfico, mas epistemológico se referindo a “produção e validação de conhecimentos ancorados nas experiências de resistências de todos os grupos sociais, que tem sido sistematicamente vítimas da injustiça, da opressão e da destruição causadas pelo capitalismo, pelo colonialismo e pelo patriarcado.”

Nesse sentido, vale destacar com o objetivo principal de “[...]”

⁴⁵ *“that of conceptual and definitional drift and an associated paucity of critical reflexivity and semantic precision.”* (GILLILAND, 2017, p. 60)

permitir que grupos sociais oprimidos representem o mundo como seu e nos seus próprios termos, pois, apenas desse modo serão capazes de transformar de acordo com suas próprias aspirações.” (SANTOS, 2019, p. 17). Devido a este aspecto se produzir “onde quer que ocorram essas lutas, tanto no norte geográfico como no sul geográfico” é possível pensarmos e relacionarmos as temáticas de pesquisas do Multiverso Arquivístico, que possui produção em um norte geográfico (Estados Unidos; Canadá), mas são preocupações de um sul epistemológico, como forma de lutas contra as dominações modernas ocidentais, por esse fato, está em coerência com nossa realidade brasileira, em que há também resistências e luta contra essas dominações.

De tal forma que, uma agenda arquivística com tais disseminações de conceitos possam auxiliar no desenvolvimento de pesquisas e ações. 2) do Giro Decolonial, por se referir a um pensamento que na perspectiva do grupo Modernidade-Colonialidade utiliza três dimensões no qual também servirá para expor os conceitos arquivísticos, decolonialidade do saber, do ser e do poder. Serão essas duas vertentes que iremos detalhar na próxima subseção, e, na sequência apresentar o jirau.

3.2 UM TECIDO DE SABERES SUBALTERNOS, ALTERNATIVOS, TRANSFORMADORES E PÓS-ABISSAIS: OS CONCEITOS DA EPISTEMOLOGIAS DO SUL E DO GIRO DECOLONIAL

*“Maria, Maria, é um dom, uma certa magia
Uma força que nos alerta [...]
Maria, Maria, é o som, é a cor, é o suor
É a dose mais forte e lenta
De uma gente que ri quando deve chorar
E não vive, apenas aguenta [...]”*
Milton Nascimento e Fernando Brant (1978)

A simbologia do fiar, tear, do construir um tecido para diferentes fins nos transporta as nossas ancestralidades. De um modo simples, essa aparente noção cultural de um fazer aliado as exigências do dia-a-dia para roupas, tapetes e outras situações, carrega sobretudo uma dimensão existencial singular: assim como caminhando se faz o caminho, tecer é sinônimo de

movimento, e deste, torna-se criação, que são revestidos de sentidos para nossa *existência*. Por essa razão, utilizamos para descrever os conceitos das epistemologias do sul e do giro decolonial enquanto tecidos, construções que visam dar movimentos aos saberes e formas de existências subalternas/marginalizadas/oprimidas.

Primeiro apresentaremos brevemente uma exposição a respeito dos termos descolonizar, decolonizar e pós-colonial. Em seguida passaremos aos conceitos, que Santos (2019) enumera como representativos de uma epistemologia do sul, finalizando com alguns conceitos que a comunidade discursiva do Grupo Modernidade-Colonialidade tem proposto aos estudos da teoria do giro decolonial.

A nomeação de um fenômeno e suas explicações, por meio dos termos tem sua complexidade enumerada a partir de uma série de aspectos, um deles pode ser as variações. Em relação as duas primeiras:

O decolonial seria a contraposição à “colonialidade”, enquanto o descolonial seria uma contraposição ao “colonialismo”, já que o termo descolonización é utilizado para se referir ao processo histórico de ascensão dos Estados-nação após terem fim as administrações coloniais, como o fazem Castro Gómez e Grosfoguel (2007) e Walsh (2009). O que estes autores afirmam é que mesmo com a descolonização, permanece a colonialidade. (MATIAS DOS SANTOS, 2018, p. 3).

Sobre o termo pós-colonial, Mignolo ao debater a respeito do ocidentalismo no horizonte colonial da modernidade (2020, p.133) se refere a este como “uma expressão ambígua, as vezes perigosa, outras vezes confusa, e em geral limitada e empregada inconscientemente”, se mostrando favorável ao termo pós-ocidentalismo nesse contexto.

Nessa mesma vertente de nomear a teoria que visa mudanças, encontramos em Santos (2019) um termo representativo, pós-abissais, com o uso do prefixo “pós” em seu livro *O fim do império cognitivo: A afirmação das epistemologias do Sul*, que está dividido em três partes, epistemologias pós-abissais, metodologias pós-abissais e pedagogias pós-abissais. Intitulados de instrumentos principais das epistemologias do sul são: “a linha abissal e os vários tipos de exclusão social que ela cria; a sociologia das ausências e a sociologia das emergências; a ecologia dos saberes e a tradução intercultural; a artesanaria das práticas”. (SANTOS, 2019, p. 41).

Partindo de uma perspectiva histórica, de que as formas de desigualdade social e discriminação social estão se tornando politicamente aceitas, é notório o argumento sobre a necessidade de uma nova epistemologia política para tal cenário, afirmando para tanto as limitações do pensamento epistemológico crítico eurocêntrico, e os colocando com afinidades eletivas do pensamento conservador, com duas versões diferentes do que ele chama de Epistemologias do Norte. Por advogar sobre a existência de alternativas, a ênfase situa-se que a mudança se encontra nas epistemologias do sul. Ele insere uma metáfora para agir diante desse contexto de luta contra a dominação, de que longe de contar com a luz no fim do túnel, as epistemologias do sul se propõem a gerar um tipo de luz específica: lanterna portátil, pois mesmo que seja uma luz fraca, possa iluminar o suficiente para vermos um caminho que seja nosso. (SANTOS, 2019).

Com objetivo de explicitar que as exclusões não são do mesmo tipo, e pelo reconhecimento que a “linha abissal obriga a lembrar que as alianças entre as lutas não podem ser construídas como se todas exclusões fossem do mesmo tipo”. (SANTOS, 2019, p. 49), o sociólogo designa que a linha abissal significa a divisão radical entre os que são tidos humanos e os que não são, quando há exclusões e violências no que a pessoa é e não no que faz. Para tanto, cita Frantz Fanon como uma presença que melhor designa essa dimensão ontológica da linha abissal, e Maldonado Torres que se inspirou em Fanon, ao propor o conceito de “colonialidade do ser”. Na visão do sociólogo, alguns grupos cruzam essas linhas em seu cotidiano, ele cita três exemplos, vamos expor um destes:

“[...] numa sociedade com forte preconceito sexista, uma mulher empregada na economia formal habita o mundo de sociabilidade metropolitana. É vítima de uma exclusão não- abissal na medida em que, em contravenção com a lei laboral, os trabalhadores do sexo masculino ganham um salário superior para realizarem o mesmo ofício. Porém, quando ela, a caminho de casa, é vítima de uma gang *rape* ou ameaçada de morte por ser mulher (feminicídio), está, nesse momento, cruzando a linha abissal e transitando do mundo da **sociabilidade metropolitana para o mundo da sociabilidade colonial**. (SANTOS, 2019, p. 46- grifo nosso).

Essa sociabilidade colonial que expressa a violência abissal, na visão do sociólogo é uma continuidade do colonialismo histórico, se mantendo

por meio do colonialismo do poder, de conhecimento, de ser e separando essas sociabilidades da metropolitana e colonial. Importante situar que o termo colonialismo aqui é situado no mesmo sentido que colonialidade, uma vez que Santos, ainda que utiliza este, deixa explícito sua posição pelo uso de “colonialismo”.

A metáfora de se referir a estes tipos de exclusões como abissal, ilustra do ponto de vista simbólico o quão profundo é e por isso invisível, pois as *zonas abissais* é um termo que se refere as áreas mais profundas dos oceanos⁴⁶, e que por isso, a temperatura e a luz são extremamente baixas, os seres abissais têm muitas dificuldades de sobrevivências.⁴⁷ Talvez, esteja aí uma das razões para o uso de “lanternas portáteis”, que o sociólogo se refere as epistemologias do sul.

Exposto essas características de que essa linha abissal torna algumas formas de vida não existentes, o campo da sociologia das ausências se insere aí, pois visa, justamente mostrar essas formas e meios que os tornam invisíveis. Essa sociologia tem três momentos de acordo com Santos (2019, p. 50): 1) crítica sistemática dos conhecimentos científicos, que almejam a hegemonia de monocultura, tais como do tempo linear, do conhecimento válido, da classificação social, da superioridade do universal e global e da produtividade; 2) reconhecer e dialogar com outros saberes alternativos a essas monoculturas; e 3) contexto pragmático, desenrolando os 2 citados anteriormente. Ele aponta que este tipo de sociologia é um recurso para as lutas contra as formas de dominação. Como uma forma consecutiva, as sociologias das emergências “implica a valorização simbólica, analítica e política de formas de ser e saberes, que a sociologia das ausências revela estarem presentes no outro lado da linha abissal.” (SANTOS, 2019, p. 53).

De posse de uma apropriação simbólica e material, como o autor supracitado se refere as sociologias das emergências, o uso do termo “emergências”, denota enquanto “[...] realidades embrionárias, com movimentos

⁴⁶ Ver verbete na Wikipédia. Zona Abissal: https://es.wikipedia.org/wiki/Zona_abisal

⁴⁷ “Essas criaturas sobrevivem em condições extremamente difíceis, com centenas de bars de pressão, pequenas quantidades de oxigênio, pouquíssimo alimento, sem luz solar e frio constante e extremo. A maioria das criaturas dependem dos alimentos que fluem de cima para baixo. Essas criaturas vivem em ambientes muito exigentes, como a zona abissal que, a milhares de metros abaixo da superfície, é quase completamente desprovidas de luz, a água fica entre 3 e 10 graus. Devido à profundidade, a pressão é entre 20 e 1.000 bars.” (WIKIPEDIA, 2022)

incipientes, tendências que apontam uma luta bem-sucedida contra a dominação” (SANTOS, 2019, p. 54).

De tal forma que situa três tipos de emergências: **ruínas- sementes**, citando, por exemplo, conceitos não eurocêtricos como *ubuntu*, *sumak kawsay* e *pachamama*; **apropriações contra-hegemônicas**, também de conceitos, mas filosofias e práticas para os grupos sociais oprimidos se apropriarem e usar na luta contra a dominação, e **zonas libertadas**, se caracterizam por serem comunidades em que todos participam, tem uma natureza performativa, prefigurativa e educativa, ele cita, como exemplo, as comunidades neozapatistas da Sierra Lacandona, “seu objetivo é criar, aqui e agora, um tipo diferente de sociedade, uma sociedade liberta das formas de dominação que prevalecem”. (SANTOS, 2019, p. 57). No contexto brasileiro, temos o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, enquanto uma comunidade com tais características.

Exposto sobre as sociologias, vamos seguir a exposição, agora a respeito da ecologia dos saberes e a tradução intercultural. Santos (2019, p. 59) os situam enquanto formas capacitadoras “ao possibilitar uma inteligibilidade ampliada de contextos de opressão e resistência [...]”, de tal modo que, as ecologias possuem em primeiro momento foco na identificação daqueles saberes, que foram trazidos à discussão em determinada luta, essa diversidade é designada enquanto uma realidade concreta: contextos, reivindicações, grupos sociais envolvidos ou afetados, riscos, oportunidades, entre outros, como coloca o autor. E num segundo momento, tais ecologias são complementadas com uma tradução intercultural e política, se caracterizando por uma “dimensão do trabalho cognitivo coletivo” podendo ser difusa ou didática, a primeira mais informal e a segunda envolve o oral e o escrito, ele cita como um exemplo de tradução didática Gandhi. Outra distinção, traduções sul-norte ou norte-sul e as traduções sul-sul.

Por fim, o último instrumento central das epistemologias do sul é a artesanaria das práticas, em que argumenta sobre as semelhanças do trabalho do artesão com o trabalho político nas articulações entre as lutas, que busca manter a universalidade distante, almejando a zona libertado. Aspecto artesanal podemos identificar também a própria construção do livro, uma vez que ele foi elaborado no projeto de investigação ALICE - Espelhos estranhos, lições

imprevistas, que o autor coordena no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra - Portugal. Assim, como o Multiverso Arquivístico é pertencente da comunidade discursiva da AERI, assim também esse conceito de epistemologia do sul tem enquanto comunidade discursiva ALICE, pois, é um projeto e não está apenas centralizado no autor. E igualmente, a respeito do giro decolonial a comunidade discursiva é o Grupo Modernidade-Colonialidade.

As duas teorias questionam e se diferenciam do pensamento crítico da Escola de Frankfurt.

Enfrentar la colonialidad del saber y del ser, y abrir espacios de descolonización de los imaginarios y los conocimientos y la perspectiva de la construcción de un (re)pensamiento crítico (de)colonial, plantea la necesidad, no sólo de la crítica epistemológica a los saberes hegemónicos, sino sobre todo una radical acción política, en la perspectiva de la desestructuración y descolonización de un paradigma de conocimiento hegemónico erigido como único, y como discurso de verdad universal.(ARIAS, 2010, p. 46)

Se referindo sobre alguns conceitos que a comunidade discursiva do Grupo Modernidade-Colonialidade tem proposto aos estudos da teoria do giro decolonial, vamos situar alguns aspectos conceituais da teoria crítica com a decolonialidade. Nosso marco teórico será o pensamento latino-americano. Antes, apresentamos esse quadro com pesquisadores (as).

Tabela 2. Perfil dos membros do Grupo Colonialidade/Modernidade

integrante	área	nacionalidade	universidade onde leciona
Aníbal Quijano	sociologia	peruana	Universidad Nacional de San Marcos, Peru
Enrique Dussel	filosofia	argentina	Universidad Nacional Autónoma de México
Walter Dignolo	semiótica	argentina	Duke University, EUA
Immanuel Wallerstein	sociologia	estadounidense	Yale University, EUA
Santiago Castro-Gómez	filosofia	colombiana	Pontificia Universidad Javeriana, Colômbia
Nelson Maldonado-Torres	filosofia	porto-riquenha	University of California, Berkeley, EUA
Ramón Grosfoguel	sociologia	porto-riquenha	University of California, Berkeley, EUA
Edgardo Lander	sociologia	venezuelana	Universidad Central de Venezuela
Arthuro Escobar	antropologia	colombiana	University of North Carolina, EUA
Fernando Coronil*	antropologia	venezuelana	University of New York, EUA
Catherine Walsh	linguística	estadounidense	Universidad Andina Simón Bolívar, Equador
Boaventura Santos	direito	portuguesa	Universidade de Coimbra, Portugal
Zulma Palermo	semiótica	argentina	Universidad Nacional de Salta, Argentina

*Falecido em 2011.

Fonte: BALLESTRIN (2013, p. 98)

Um aspecto central a ser exposto aqui será comunicar brevemente por meio de MIGNOLO (2006); WASH (2005); MIGNOLO, WASH (2018), as relações conceituais sobre teoria crítica e decolonialidade, e quais outras noções se desdobram diante dessa interação. Dado o entendimento de que essa relação carrega uma história muito ampla, em que há muitas discussões e debates a respeito do tema, nossa intenção não é esgotar o tema ou pretender abarcar a exposição de todas as discussões, pelo contrário, de nossa parte, seguiremos um caminho interpretativo apenas desses autores, circunscrevendo a descrever tal relação a partir de um foco: identificar esses conceitos e quais outros se desdobram a partir do eixo de discussões com autoras e autores, que se direcionem ou interseccionem para a realidade dessa parte do globo, que deram o nome de América Latina, concepções estas que seguirão mais adiante, servindo enquanto um guia para a progressão lógica das posições a serem apresentadas no decorrer da tese.

Uma teoria enquanto ferramenta conceitual busca oferecer explicação de dada realidade. Nesse sentido, teorias não são um corpo abstrato separado de uma situação concreta existente. Pelo contrário, são partes intrínsecas das operações ditas práticas, ligadas a determinados contextos de uma situação existente que almeja explicá-los. O que se apresenta diante e entre tais operações é que se faz teoria com finalidades, há uma razão, há um sujeito com intenção, há um espaço geográfico e institucional, há uma linguagem permitida (por exemplo, se tratando das formalidades acadêmicas institucionais), há um sentido político, cultural, pedagógico, e social, há um público para qual aquela explicação é dirigida ou atribuída. Esses atributos externos ao conteúdo de uma teoria, ainda que óbvios, passam a ser ocultados quando não há um questionamento, quando se naturaliza sem buscar sua genealogia do ponto de vista de que foi uma construção intencional feita com e a partir de uma localização geográfica da pessoa.

Esses aspectos serão nosso ponto de partida, para chegarmos ao conceito de teoria crítica e decolonialidade configuradas desde o ponto de vista de Mignolo e Walsh. A iniciar pelo lugar, a partir de qual território pensar esses conceitos? Pode ser comum escapar essa indagação, mas aqui é importante, uma vez que “uma pessoa sempre escreve e lê do lugar onde seus pés estão plantados, do chão de onde se ergue seu posicionamento particular,

ponto de vista”. (GLORIA ANZALDÚA, 2017, p. 421). Se fossemos pensar desde uma perspectiva eurocêntrica, situaríamos o conceito de teoria crítica pela Escola de Frankfurt, com autores como Theodor Adorno, Walter Benjamin, Max Horkheimer, Herbert Marcuse, Jürgen Habermas, entre outros. Já que é justamente ali onde o tema com tais termos tem sua origem. Mas nos interessa aqui, pensar desde a América Latina, por ser nosso espaço geográfico. Aqui, a categoria geográfica nos ajudará em uma tarefa de rastreamento de “onde os pés estão plantados”.

Diante disso, a pergunta de Walsh (2005) *¿Qué implica hablar del pensamiento crítico en América Latina de hoy?* na introdução do texto *(re)pensamiento crítico y (de)colonialidade*, enumera nossa necessidade de circunscrever desde onde queremos entender tal conceito. A autora descreve ao final essa relação enquanto questão central o como incitar tal re-pensamento crítico:

[...] que, en términos de carácter, perspectiva, lógica y práctica sea "otro". Un pensamiento crítico que tenga su fundamento y razón de ser en un proyecto de transformación social, política, epistémica y humana, y en un imaginario o visión de un mundo de otro modo. Un pensamiento crítico que no parta de perspectiva eurocéntricas ancladas en la modernidad (como Deleuze, Lacan y Foucault, entre otros) sino un (re) pensamiento crítico que construya desde y con relación a la colonialidad y la gente, incluyendo los movimientos sociales latinoamericanos y sus intelectuales, y con la idea de crear nuevas comunidades interpretativas; una nueva teoría de real compromiso que, como ha argumentado Maldonado-Torres, nos ayude a ver de mejor (y de otra) manera.(WALSH, 2005, p. 31).

Para ampliar essa colocação da autora, destacamos ser útil pontuar suas concepções: 1) de modernidade e colonialidade, já que é a partir daí que há um certo afastamento (para re-criar posteriormente) de autores como os da Escola de Frankfurt; 2) de “pensamento outro”, de descolonização e decolonialidade; 3) interculturalidade e 4) pedagogias decoloniais.

Tanto Walsh quanto Mignolo atribuem ao sociólogo peruano Aníbal Quijano a concepção de colonialidade, inclusive, no recente livro deles há uma dedicatória explícita desse fato escrevendo da seguinte forma “para Aníbal Quijano que nos deu, e ao mundo, o conceito de colonialidade⁴⁸”. Esse pensador

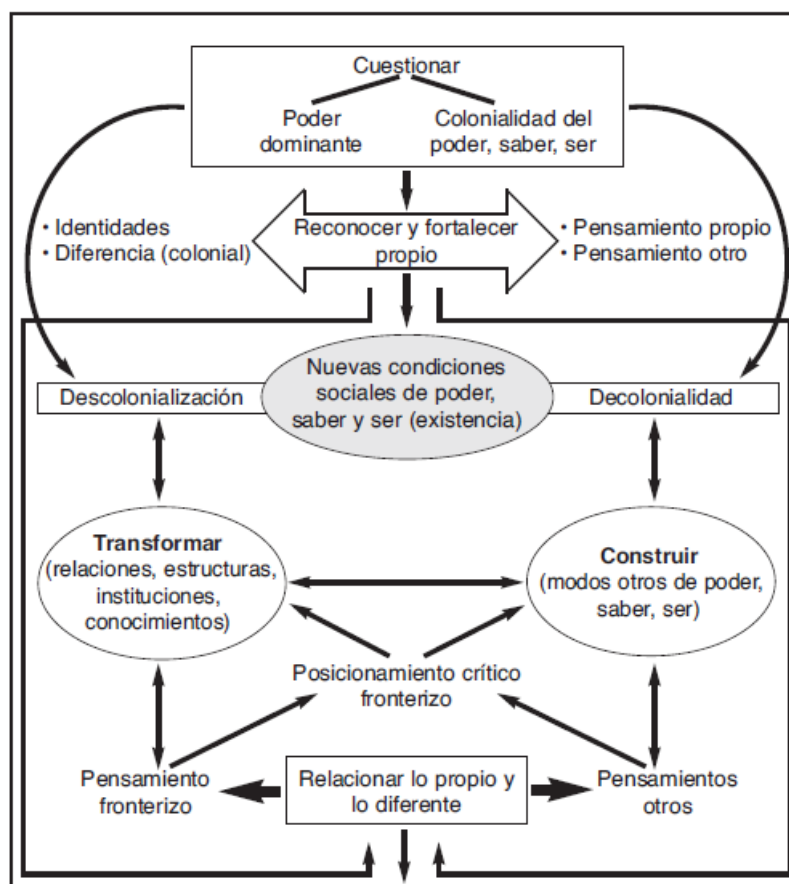
⁴⁸ “to aníbal quijano / who gave us, and the world, the concept of coloniality” (MIGNOLO; WASH, 2018, p. 6)

peruano desenvolveu esse conceito de colonialidade “no final dos anos 1980 e no início dos anos 1990.”

A “colonialidade” já é um conceito “descolonial”, e projetos descoloniais podem ser traçados do século XVI ao século XVIII. E, por último, a “colonialidade” (por exemplo, el patrón colonial de poder, a matriz colonial de poder – MCP) é assumidamente a resposta específica à globalização e ao pensamento linear global, que surgiram dentro das histórias e sensibilidades da América do Sul e do Caribe. (MIGNOLO, 2011, p.2)

Uma característica se faz marcante ao interpretarmos essas concepções a respeito da colonialidade, a de que há conceitos que se desdobram de forma múltipla, o qual, podemos enumerar algumas: matriz colonial que desdobrará a colonialidade do poder, saber e ser, a relação modernidade e colonialidade, diferença colonial, pensamento fronteiriço, pensamento outro, geopolíticas do conhecimento, interculturalidade, este último Walsh atribui como central para podermos re-constuir um outro pensamento crítico, desde outra forma, no caso, situado aqui na América Latina.

Vamos utilizar um esquema intitulado mapa, que a própria autora fez no qual agrupa todos esses desdobramentos.

Diagrama 1: Mapa 2⁴⁹.

Fonte: Walsh (2005, p.28)

Para complementar, cabe agora as colocações de Mignolo a respeito de tais conceitos. No mais recente livro que eles escreveram juntos, há uma parte de autoria dele, em que descreve que “*A decolonialidade não é uma disciplina acadêmica, o que não significa que ela não possa ser decretada na academia.*” (2018, p.106).⁵⁰ Seguindo mais adiante, se pergunta a resposta à pergunta sobre o que significa descolonizar, afirmando que “não pode ser um universal abstrato. Ela tem que ser respondida através de outras X perguntas: quem está fazendo isso, onde, por que, e como”.

[...] a decolonialidade - como entendemos - nasceu em respostas às promessas da modernidade e às realidades da colonialidade, no sentido que Aníbal Quijano a introduziu. As conceptualizações e ações da decolonialidade são, portanto,

⁴⁹ Título atribuído pela autora Walsh (2005, p.28)

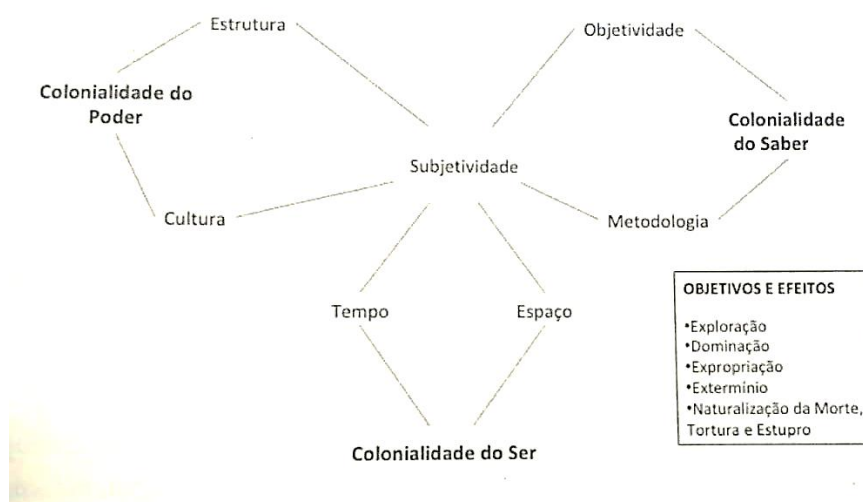
⁵⁰ “*decoloniality is not an academic discipline, which doesn't mean that it cannot be enacted in the academy. It comes from decolonization, and decolonization was not a known disciplinary trend or a new method*”

múltiplas, contextuais e relacionais; elas não são apenas da alçada dos povos que viveram a difusão colonial, mas, mais amplamente, de todos nós que lutamos a partir e dentro das fronteiras da modernidade/colonialidade e rachaduras, para construir um mundo radicalmente distinto. A decolonialidade, como argumentamos neste livro, não é um novo paradigma ou modo de pensamento crítico. É um modo, opção, ponto de vista, analítico, projeto, prática e práxis. (MIGNOLO; WASH, 2018, p. 4-5 – tradução nossa).

Em síntese, do que seja discutir decolonialidade, entendemos que essa interação como foi colocada acima pelos autores, de ser uma opção, um projeto e não um paradigma ou um modo de pensamento crítico, de nossa parte, interpretamos que essa amplitude, essa visão macro que a considera como opção dialoga com a própria complexidade do que há nas situações existentes concretas, onde se gera conhecimento. Em outras palavras, entendemos que para seguir com nossa posição e respondermos ao que buscamos nesse tópico, de como comunicar a arquivística de forma crítica e decolonial, de modo que estejam próximas do cotidiano das pessoas, consideraremos enquanto conceito da decolonialidade e da teoria crítica em perspectiva latino-americana as diferentes formas de pensar e agir, que levem em conta outras formas possíveis, além da construção eurocêntrica.

Um último ponto para encerrarmos essa subseção será expor as analíticas da decolonialidade e da colonialidade com 10 teses, proposta por Maldonado-Torres, professor do Departamento de estudos latinos e caribenhos e do Programa de Literatura Comparada de *Rutgers University, New Brunswick*, EUA.

O que o autor propõe é uma “arquitetura conceitual básica”, para servir de referência aos esforços nos trabalhos de decolonialidade, como mostra a figura abaixo:

Diagrama 2: Analítica da colonialidade: Algumas dimensões básicas.

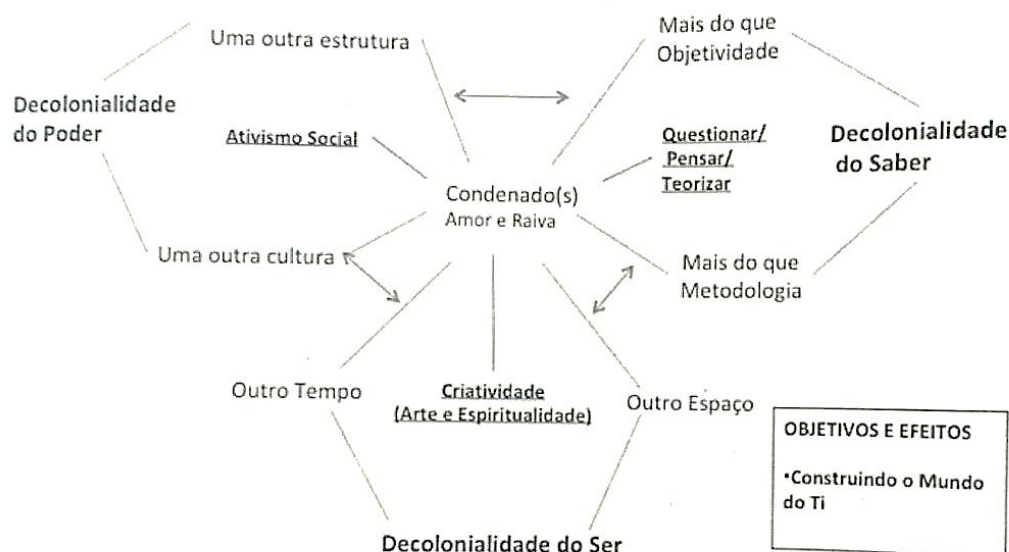
Fonte: (MALDONADO-TORRES, 2018, p. 43).

São portanto: 1) Colonialismo, descolonização e conceitos relacionados provocam ansiedade; 2) Colonialidade é diferente de colonialismo e decolonialidade é diferente de descolonização; 3) Modernidade/colonialidade é uma forma de catástrofe metafísica, que naturaliza a guerra que está na raiz das formas moderno/coloniais de raça, gênero e diferença sexual; 4) Os efeitos imediatos da modernidade/colonialidade incluem a naturalização do extermínio, expropriação, dominação, exploração, morte prematura e condições que são piores que a morte, tais como a tortura e o estupro; 5) A colonialidade envolve uma transformação radical do saber, do ser e do poder, levando à colonialidade do saber à colonialidade do ser e à colonialidade do poder; 6) A decolonialidade está enraizada em giro decolonial ou em um afastar-se da modernidade/colonialidade; 7) Decolonialidade envolve um giro epistêmico decolonial, por meio do qual o condenado emerge como questionador, pensador teórico e escritor/comunicador; 8) Decolonialidade envolve um giro decolonial estético (e frequentemente espiritual) por meio do qual o condenado emerge como criador; 9) A decolonialidade envolve um giro decolonial ativista, por meio do qual o condenado emerge como uma agente de mudança social e 10) A decolonialidade é um projeto coletivo (MALDONADO-TORRES, 2018).

As teses estão divididas em 2 partes, as cinco primeiras se referem as analíticas da colonialidade e o restante as analíticas da decolonialidade. Reproduzimos abaixo os diagramas um e dois, em que o autor

propõe uma síntese de cada uma.

Diagrama 3: Analítica da decolonialidade: Algumas dimensões básicas.



Fonte: (MALDONADO-TORRES, 2018, p. 50).

Essa parte da criatividade, arte e espiritualidade na decolonialidade do ser, nos remete ao conceito usado pelos Kitu Kara, povos indígenas da América Latina: *corazonar*. Esse conceito foi tema da tese de doutorado Patricio Guerrero Arias defendida na *Universidad Andina Simón Bolívar*, Ecuador em 2016, intitulada *Colonialidad del saber e insurgencia de las sabidurías otras: Corazonar las epistemologías hegemónicas, como respuesta de insurgencia (de)colonial*. Na seção *El corazonar Kitu Kara, propuesta espiritual y política para la decolonización de la vida*, Arias (2016). E o mesmo autor tem um livro que chama: *Corazonar: una antropología comprometida con la vida*.

Esse conceito pode ser entendido, do nosso ponto de vista, enquanto um dos conceitos de ruínas-sementes, que Santos (2019) menciona operar nas sociologias das emergências. Inclusive, cabe destacar que o sociólogo também utiliza *corazonar* em seu livro das epistemologias do sul, defendendo este enquanto uma emergência “é vê-lo na expressão do híbrido alquímico emoções/afetos/razões, o sentir/pensar inscrito nas lutas sociais”. (SANTOS, 2019, p.153). Ele assemelha o *corazonar* com o “*sentipensar*” de Orlando Fals Borda. Para além do uso desse conceito *corazonar* que o grupo

modernidade/colonialidade discute, é notável o fecundo diálogo de Santos a respeito do grupo e de alguns autores do grupo com Santos. Há momentos de divergência, por exemplo, Santos deixa explícito que prefere usar o termo colonialismo a colonialidade, afirma não ver necessidade de um novo termo, uma vez que, Aníbal Quijano cunhou colonialidade para referir-se que diferentes formas do colonialismo histórico continuam mesmo após a o “fim” da colonização.

Para essa crítica, Santos menciona como exemplo o termo “capitalismo”, que também assumiu diferentes formas, mas, que continuamos a identificar por capitalismo. A discussão assumida se torna relevante, uma vez que evidencia que mesmo dentro de um pensamento que luta conta as formas de dominação capitalista, patriarcado e colonialismo, têm suas nuances conceituais diversas em relação às análises que realizam. O que é do ponto de vista, da diversidade, respeitável.

Durante sua exposição há outras discordâncias de alguns conceitos do grupo. Mas, há sobretudo, menções e exposições de concordância dignas de uma ética e diálogo, pois ambas, constituem uma forma de resistência, por isso a escolha de ambas para fundamentar caminhos para pensarmos uma arquivística decolonial. Nesse mesmo sentido, vale destacar a menção que Ramón Grosfoguel (2012, p.338- grifo nosso) se refere a escola de pensamento de Santos:

A maioria dos intelectuais de esquerda europeus continua falando entre eles mesmos e são surdos frente a propostas e projetos políticos descoloniais que assumem perspectivas epistemológicas a partir do Sul Global. Uma das poucas exceções entre os pensadores do Norte (mais precisamente do Sul da Europa) é a perspectiva descolonizadora que anuncia Boaventura de Sousa Santos e sua escola de pensamento, na Universidade de Coimbra (Portugal) por meio do Centro de Estudos Sociais. Sua proposta de diálogo interespistêmico por meio do conceito de “ecologia de saberes” e sua asserção de uma “sociologia das ausências” e uma “sociologia das emergências” (SANTOS, 2009), constituem **o projeto teórico descolonial mais ambicioso e comprometido com o Sul Global produzido por um intelectual do Norte.**

Esse diálogo que Ramón Grosfoguel menciona, revela do ponto de vista, de uma aliança epistêmica, uma significativa forma de atuação nos

espaços de conhecimentos escritos e orais, para operar numa dimensão de trocas e avanços de teorias e “artesanias de práticas”.

Já contextualizado sobre as dimensões do giro decolonial e das epistemologias do sul, vamos seguir para o último subtópico dessa seção, que será proposto um diálogo destas teorias expostas, com a vertente arquivística a partir dos temas de pesquisas do multiverso.

3.3 UM JIRAU DE OUTRAS DIMENSÕES DE ARQUIVO E ARQUIVÍSTICA: NOMEANDO TEORIAS E PRÁTICAS PARA SULEAR PRÁTICAS E TEORIAS

“Corazonar: pensar con el corazón liberado, nutrir el pensamiento con el impulso de la vida poniendo voluntad”.
Consejo de Gobierno Pueblo Kitu Kara

Utilizaremos a metáfora do jirau no sentido de uma estrutura de varetas fincadas na terra e amarradas entre si, originário dentro das práticas de seu uso na cultura dos povos indígenas. Com essa metáfora, queremos descrever as outras dimensões possíveis de teorias e práticas arquivística, que não seja apenas da vertente eurocêntrica, e que por não serem temas de pesquisas de amplo espectro ficam invisibilidades.

Antes de expormos tais dimensões outras, utilizamos a concepção de eurocentrismo que Aníbal Quijano (2005, p.126 -grifo nosso) menciona, enquanto:

[...] o nome de uma perspectiva de conhecimento cuja elaboração sistemática começou na Europa Ocidental antes de mediados do século XVII, ainda que algumas de suas raízes são sem dúvida mais velhas, ou mesmo antigas, e que nos séculos seguintes se tornou mundialmente hegemônica percorrendo o mesmo fluxo do domínio da Europa burguesa. Sua constituição ocorreu associada à específica secularização burguesa do pensamento europeu e à experiência e às necessidades do padrão mundial de poder capitalista, colonial/moderno, eurocentrado, estabelecido a partir da América. Não se trata, em consequência, de uma categoria que implica toda a história cognoscitiva em toda a Europa, nem na Europa Ocidental em particular. Em outras palavras, **não se refere a todos os modos de conhecer de todos os europeus e em todas as épocas, mas a uma específica racionalidade ou perspectiva de**

conhecimento que se torna mundialmente hegemônica colonizando e sobrepondo-se a todas as demais, prévias ou diferentes, e a seus respectivos saberes concretos, tanto na Europa como no resto do mundo.

A base, ou seja, a terra no qual se finca o jirau reside o enfoque da conscientização. Essa palavra que carrega tantos sentidos e usos, aqui está situada na vertente de Pinto (2020)⁵¹ e que Freire (1982) também passou a adotar em seus trabalhos, no campo da pedagogia crítica e das lutas sociais. A dimensão da conscientização amplia sentidos e saberes, não à toa, por exemplo, no campo da Educação Somática, com o Método Feldenkrais, é essa ação da conscientização que inaugura uma outra maneira de escutar o corpo e ativar a flexibilidade e a autoeducação como formas transformadoras.

Para Vieira Pinto, há duas categorias de consciência, uma ingênua e uma crítica.

A consciência crítica é “a representação das coisas e dos fatos como se dão na existência empírica. Nas suas correlações causais e circunstanciais”. “A consciência ingênua (pelo contrário) se crê superior aos fatos, dominando-os de fora, se julga livre para entendê-los conforme melhor lhe agrada” (FREIRE, 1982, p. 138).

Com isso, ao defendermos o enfoque de conscientização crítica de que há outras perspectivas de Arquivo fora de uma institucionalização, que podem ser caminhos para comunicar e trabalhar com o campo de forma crítica e decolonial.

Esse jirau tendo por base, a terra, a consciência crítica, significa levar em considerando a realidade dos fatos, por exemplo, situamos que a realidade brasileira comporta uma situação de desigualdade social, em que há fome, violência, violência de gênero, racismo estrutural, analfabetismo, assim, partimos do pressuposto de que um pensamento arquivístico que considera essa realidade, no sentido de buscar atuar frente a ela de alguma forma, opera a partir de um enfoque crítico e decolonial.

Mas, assim como mencionamos acima sobre a decolonialidade ser uma opção, um projeto e não um paradigma, as nossas varetas, o que será

⁵¹ De acordo com Cesar Benjamin, esse livro citado por escrito por Vieira Pinto foi escrito em 1967, no exílio em Santiago, quando ele lecionava no Centro Latino-Americano de Demografia (CELADE) ligado à ONU, Benjamin cita que Vieira Pinto “sistematizou nesse livro, antigas reflexões sobre a atividade científica”. (nota do editor, 2020)

a sustentação fincada na terra da realidade, serão aqui apresentadas enquanto ações que estão acontecendo por meio da pesquisa. No contexto do multiverso arquivístico, são formas existentes que podemos apropriar-nos para nossos contextos brasileiros rumo à uma das possibilidades de uma educação arquivística decolonial. Recuperaremos o panorama da pesquisa arquivística sistematizado por Gilliland e Mckemmish (2018).

Um jirau tem uma função prática, servir para o uso diário de acomodações de alimentos para secar, ou roupas, entre demais possibilidades em que se exige altura e facilidade. O uso do termo jirau remete simbolismo de utilizar uma palavra que denota a construção dos povos originários, para quem vive em contato direto com a terra, essa construção se torna viável por não ter custos, ser prática, fácil adaptação e mudanças quando convenientes. E foi e é utilizada por diferentes grupos que necessitam.

Outro aspecto de uma vertente simbólica é seu sistema de estrutura, ele está estruturado com partes que funcionam entre si, as varetas no chão em linha reta com as demais, para acomodar outras em cima. Esse aspecto se observado num primeiro momento é simples, e óbvio. Mas, quando se analisa numa acepção artesanal, buscar gravetos/varetas, construir com as próprias mãos, buscar as varetas, amarrá-las com plantas que tem cipó, ainda verde, (ou imbirá de bananeira- que é uma das cordas do caule que depois que se corta o cacho, e deixa murchar o caule, torna-se também um fio possível para manter o jirau) e dar-lhes uma configuração arquitetônica, tem uma complexidade antagônica as configurações existentes no modo de produção capitalista, em que a ênfase do rápido e industrial se coloca enquanto uma das únicas opções. Justamente, por essa análise de uma ferramenta arquitetônica artesanal ligada às necessidades dos que estão próximos da terra, para servir a uma estrutura, é que escolhemos para sintetizar e compor nosso “tecido” arquivístico, para ações de pesquisa plural em diálogo, com as necessidades dos que resistem e lutam contra as formas de dominações existentes nesse sistema-mundo.

O diálogo que teceremos em seguida está entrelaçado com dois aspectos: 1) **varetas verticais**: conceitos das epistemologias do sul e do giro decolonial; e 2) **varetas horizontais**: conceitos recentes que a pesquisa arquivística do multiverso tem proposto e desenvolvido.

Das seis ferramentas conceituais das epistemologias do sul, as

exclusões abissais e não-abissais, podem ser consideradas enquanto o solo que propomos o jirau, a terra/solo, com uma análise de como situam as desigualdades na nossa realidade social, um solo em que há exclusões das duas linhas. E que por isso, uma das varetas é a **sociologia das ausências**, caracterizado pela teoria **do records continuum e o pluralismo arquivístico**, recordando que essa sociologia tem três momentos de acordo com Santos (2019, p. 50): 1) crítica sistemática dos conhecimentos científicos, que almejam a hegemonia de monocultura tais como do tempo linear, do conhecimento válido, da classificação social, da superioridade do universal e global e da produtividade; 2) reconhecer e dialogar com outros saberes alternativos a essas monoculturas; e 3) contexto pragmático, desenrolando os 2. A teoria do *continuum* no primeiro momento visa explicitar justamente essa crítica do tempo e do espaço linear, propondo uma visão sem quebras, contínuas da criação, captura, organização e pluralização, McKemmish (2017, p.) se referindo ao que Upward fala dessa teoria, comenta que para ele a relevância do “modelo do continuum é ser uma ferramenta para perceber e analisar realidades complexas, fornecendo visões multidimensionais do *recordkeeping and archival* em diferentes espaços-tempos”.

Nesse mesmo sentido, Maldonado-Torres (2018) argumenta em sua quinta tese a respeito do tempo e do espaço, ao lado da subjetividade e espaço, influenciando a colonialidade do ser. Ainda nesse aspecto, essa teoria arquivística auxilia o solo do multiverso. E decorre deste aspecto, a relação que fazemos com o próximo instrumento, as sociologias das emergências, que como Santos (2019, p.54) argumenta, se trata de uma potência simbólica e material, a outra tem a tarefa de “produzir um diagnóstico radical das relações sociais capitalistas, coloniais e patriarcais, a sociologia das emergências visa converter a paisagem de supressão, que surge a partir desse diagnóstico num vasto campo de experiência social intensa, rica e inovadora.”

São esses os aspectos que podemos ver nos conceitos que elegemos pertences a outra vareta, **sociologia da emergência**, que se vista no campo arquivístico; podemos ver conceitos do tipo “**apropriações contra-hegemônicas**”, tais como: **Arquivos Participativos; Arquivos Comunitários**

e Multiverso Arquivístico⁵².

Na enciclopédia da arquivística (2015)⁵³ editada por Luciana Duranti e Patricia C. Franks, esses termos são verbetes e há um contexto histórico. Para nossa condução aqui, podemos expor algumas análises a respeito do contexto brasileiro, e relacionar para os primeiros dois conceitos, que nomeiam nossas práticas, que são de certo modo inclusivas na atuação pela justiça social, que são os centros de memória e centro de documentação⁵⁴, por exemplo, alguns deles reúnem acervos que preservam e lutam pelas memórias marginalizadas, como o CEDEM- Unesp atuante na preservação dos acervos de movimentos político-sociais brasileiros contemporâneos, o Centro da Memória Operária, Sorocaba-SP, e tantos outros existentes.

Sem desconsiderar o potencial simbólico e real dos centros de memória, advogamos pelo uso do termo arquivo, por isso, o interesse nos Arquivos Participativos e Comunitários. Isso porque, se apropriar do termo arquivo dialoga com uma inserção das sociologias das emergências⁵⁵. E nesse caso, ao utilizarmos o termo Arquivo, enfatiza a dimensão contextual. Essa discussão pode ser tema de pesquisas futuras, e situamos a complexidade e a necessidades de análises com elementos de práticas existentes. Nada impediria também de nomear essas práticas, enquanto Arquivos emergentes, como há no campo de projetos sociais da educação, com as Pedagogias da Emergência⁵⁶.

Santos (2019) no livro, inclusive utiliza o termo arquivos insurgentes. Nas *zonas libertas*, um dos tipos da sociologia das emergências,

⁵² Essa apropriação do termo comunitário se encontra em outras áreas do conhecimento, por exemplo: bibliotecas comunitárias, museu comunitário, psicologia comunitária que dialoga com a perspectiva da Psicologia da Libertação de Martín-Baró. Há ainda, a arquitetura comunitária, entre outras áreas.

⁵³ Projetada para dar visibilidade as perspectivas contemporâneas da área, contém 154 artigos, com a contribuição de 110 autores.

⁵⁴ “Os centros de documentação podem ser considerados como uma mistura de arquivos, bibliotecas e museus, sem, contudo, identificar-se com nenhum deles”.

⁵⁵ Por exemplo: Arquivo Edgard Leuenroth – Centro de Pesquisa e Documentação Social (AEL) e Arquivo de Memória Operária do Rio de Janeiro (AMORJ).

⁵⁶ O foco dessa pedagogia é o auxílio para crianças que passaram por eventos dramáticos e ficaram com algum trauma, nessa pedagogia utiliza para ajudar na superação do trauma nas crianças ferramentas da pedagogia Waldorf e outros recursos terapêuticos da antroposofia. Sobre sua concepção “A pedagogia de emergência foi criada em 2006, quando Bernd Ruf, professor Waldorf alemão especializado em crianças com deficiência, esteve no Líbano em meio à guerra entre Israel e o Hezbollah para acompanhar o repatriamento de 21 jovens libaneses [...] Em outubro de 2011, a pedagogia de emergência chega ao Brasil: acontecem os primeiros seminários sobre a metodologia em Nova Friburgo (RJ) e em São Paulo (SP).” (WEBSITE PEDAGOGIA DA EMERGENCIA, 2022) <http://pedagogiadeemergencia.org/>

podemos por exemplo, ainda pensar a própria inserção de trabalhos de pesquisa e extensão com alunos da Arquivística para atuação e formação, em um aspecto de visão pluralista.

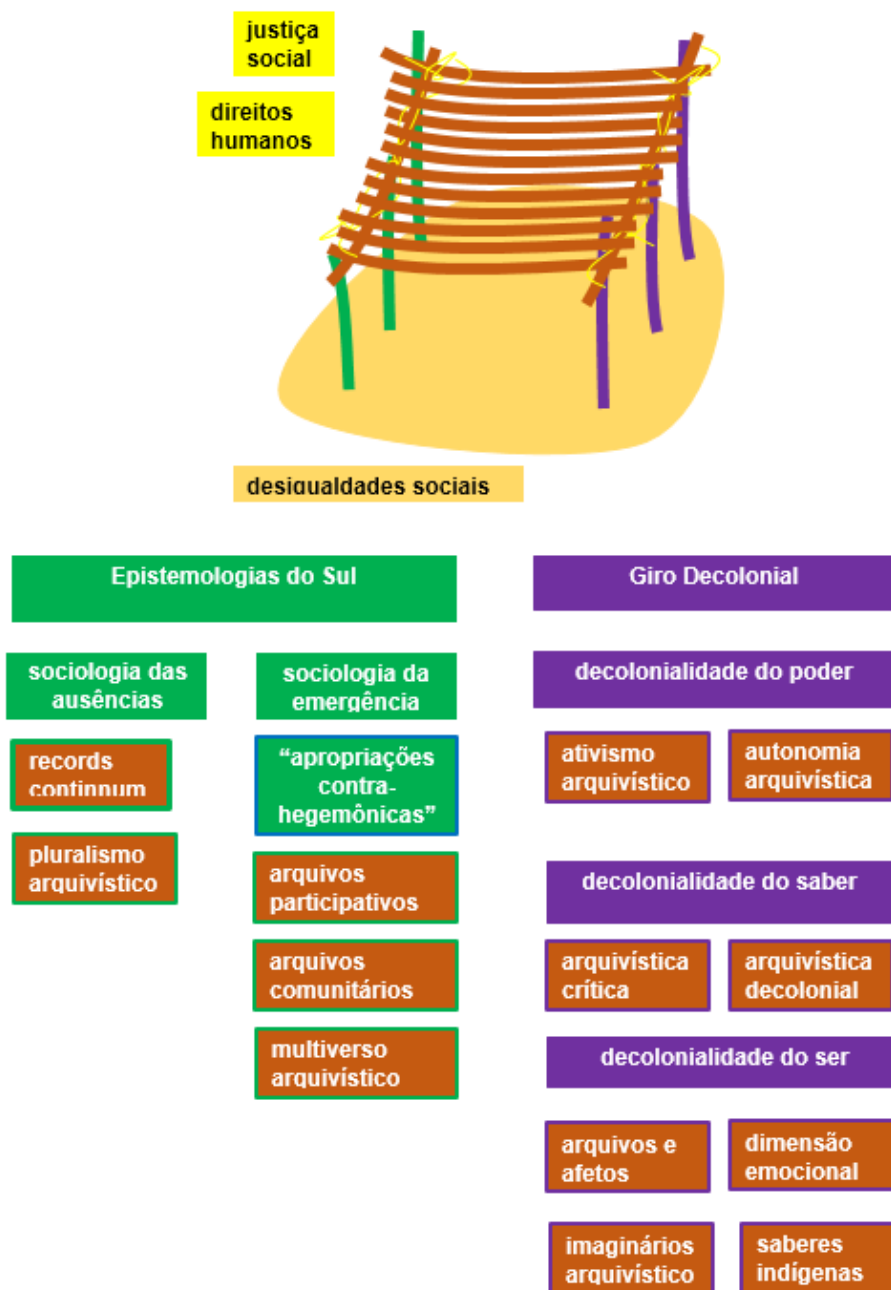
Do outro lado, mas na mesma direção, sobre as **varetas verticais do giro decolonial** nos apropriamos para tecer a compressão, das ferramentas conceituais de decolonialidade do poder, do saber e do ser, que relacionamos da seguinte maneira, para o campo das pesquisas arquivísticas:

1) decolonialidade do poder -os conceitos de: *ativismo arquivístico (archival activism)*, e *autonomia arquivística (archival autonomy)*;

2) decolonialidade do saber: estudos arquivísticos críticos (*critical archival studies*) e a *arquivística decolonial (archival decolonial)*.

E por fim, **3) decolonialidade do ser**: arquivos e afetos; (*archival and affect*); a dimensão emocional da pesquisa e do trabalho arquivístico (*emotional dimensions of research and archival work*); os *imaginários arquivísticos (archival imaginaries)* e a *relação da arquivística com os saberes indígenas*. A figura abaixo, traz a visualização desse jirau.

Figura 3. Conceitos da arquivística contemporânea para ilustrar a perspectiva das epistemologias do sul e do giro decolonial no domínio arquivístico representados sob a metáfora de um jirau.



Fonte: Elaboração própria.

Consideramos relevante, sobre essa dimensão das decolonialidades, em específico do ser, a definição de arquivística (*archival science*) presente na *Encyclopedia of Archival Science* (2015, p.84- tradução e

grifo nosso), apresenta a concepção de uma “disciplina acadêmica e aplicada que envolve o estudo científico de informações vinculadas a processos, tanto como produto quanto **como agente de pensamentos, emoções e** atividades humanas, em seus vários contextos.”

Ao nos atermos a metáfora de um jirau para designar outras dimensões de arquivo e da arquivística, a partir das pesquisas do multiverso arquivístico com as epistemologias do sul e os conceitos do giro decolonial, podemos elencar enquanto os fios que amarram essas varetas, umas nas outras, horizontais e verticais, o diálogo central com a dimensão da justiça social e dos direitos humanos que se desdobram por exemplo e: repatriação de arquivos, arquivo como arte; sobre os direitos humanos em relação aos documentos de identidade de diáspora, expatriados e deslocados; a avaliação, comparação e reconciliação potencial de modelos conceituais conflitantes e esquema descritivo, entre outras mencionadas pelas autoras que sistematizaram a pesquisa no multiverso arquivístico.

Diante das possibilidades de temas dessa pesquisa, podemos notar que o campo na virada arquivística (*giro arquivístico, archival turn*) com as defesas dessas narrativas arquivísticas amplas⁵⁷ semeiam possibilidades tais, que mesmo desafiadoras para repensar a formação da educação arquivística, contém nelas mesmas, formas de existências outras que ficam invisíveis/silenciadas em grades curriculares, em que a hegemonia da presença da formação escrita prevalece. Situação que Santos (2019, p. 413) menciona, e propõe um outro termo para essa concepção de arquivos:

A maior parte do conhecimento que circula no mundo e é relevante para as vidas das pessoas é oral e artesanal. No entanto, as nossas universidades e centros de investigação valorizam quase que exclusivamente o conhecimento escrito e científico. Os conhecimentos escritos e científicos (as ciências e humanidades) são preciosos desde que integrados nas ecologias de saberes, as quais foram desenvolvidos com o objetivo de reforçar as lutas dos oprimidos e dos seus aliados contra o capitalismo, o colonialismo e o patriarcado. Mas devem ser desmonumentalizados, oralizados, por assim dizer, sempre que possível. Devem ser criados arquivos insurgentes.

⁵⁷ Ver sistematização de Ketelaar (2016), a respeito dessas viradas arquivísticas que discute e apresenta autores defendendo a cidade como arquivo; o corpo como arquivo; a *plantation* como arquivo; o arquivo como arte, arte como arquivo; na discussão da memória cultural.

Não vamos aprofundar nesse momento⁵⁸, a visão dos Arquivos a que Santos menciona, ainda que seja um ponto fundamental para nossa exposição. Mas, sentimos falta de observar nas suas análises, menções sobre as teorias da arquivística contemporânea, por exemplo, a discussão existente sobre arquivos comunitários e participativos. Esse aspecto da “diferença terminológica dentro do campo arquivístico, entre este e outros campos interessados em algumas das mesmas questões” foi apresentado por Caswell (2016) em *“The Archive’ Is Not an Archives: On Acknowledging the Intellectual Contributions of Archival Studies”* no qual apresenta possibilidades para que as ciências humanas possam dialogar com o campo arquivístico, conhecer as teorias e estudos, inclusive, quando a autora constata a ausência de menções que há nos textos das área de ciências humanas que usam o termo Arquivo, mas não recorrem as teorias arquivísticas.

Essa mesma autora, Caswell (2021), recentemente, apresentou um conceito na arquivística, de Arquivos Urgentes, que dialoga com as perspectivas decoloniais que estamos apresentando. Se trata de um livro *Urgent Archives: Enacting Liberatory Memory*⁵⁹, para promover esse trabalho de memória libertadora ao propor o conceito de opressão arquivística, e de libertação arquivística, entre outros conceitos. Destacamos ainda dessa autora, um diálogo com o campo da organização do conhecimento arquivístico, quando ela propõe ir da representação à ativação. Um outro conceito dessa autora, é do “pertencimento representacional”.

Apresentado essa metáfora do jirau, em que situamos outros contextos possível da arquivística, frente aos desafios da realidade brasileira sob o prisma da decolonialidade, passaremos à próxima seção onde descreveremos a comunidade discursiva da AERI, que ao ter enquanto um dos objetivos: atuar frente as comunidades historicamente marginalizadas, a partir de um apoio de estudos arquivísticos, tem sido uma comunidade em que seus membros/as escrevem e possuem diversos projetos, que congregam e debatem a respeito dos conceitos apresentados no jirau: *records continuum*, pluralismo arquivístico,

⁵⁸ Um outro trabalho que ainda está em andamento, trata desse ponto.

⁵⁹ Esse livro faz parte de uma série da editora *Routledge Studies in Archives* que visa publicar pesquisas inovadoras nos estudos arquivísticos. Os outros títulos dessa série se aproximam dessa virada arquivística em forte diálogo com a dimensão de uma visão plural.

arquivos participativos; arquivos comunitários e multiverso arquivístico, ativismo arquivístico, autonomia arquivística, estudos da arquivística crítica e da arquivística decolonial e da relação dos arquivos com os afetos, a dimensão emocional da pesquisa e do trabalho arquivístico, os imaginários arquivísticos e a relação da arquivística com os saberes indígenas.

3.4 UM ESPAÇO PARA ABRIGAR JIRAU ARQUIVÍSTICO NAS UNIVERSIDADES COM E A PARTIR DAS COMUNIDADES DISCURSIVAS EM ÂMBITO DA PESQUISA E EDUCAÇÃO: O CASO DO ARCHIVAL EDUCATION RESEARCH INITIATIVE

Essa seção está estruturada a partir dos seguintes tópicos: a) breve contexto da AERI, b) as ações que realizam.

Como discutido anteriormente, um domínio não é algo dado a priori, mas uma construção dinâmica mediante saberes e experiência delimitados em uma especificidade, mais ampla que ciência ou disciplina. Nesse sentido, nos Estados Unidos, dispomos de um domínio sendo construído explicitamente em diálogo com as frentes do pluralismo arquivísticos, se tornando uma comunidade que tem desafiado alguns parâmetros eurocêntricos do campo, e propondo inovações na condução de investigação. Na seção dos resultados tem-se mais detalhes sobre seus membros/as. Iremos focar adiante, em como essa iniciativa começou, e para tanto, nos valeremos de Buchanan (2016); Gilliland (2021); Soyka; Wilczek (2020); Website AERI⁶⁰ (2022) e de seu estatuto (2022)⁶¹.

Essa Iniciativa de Educação e Pesquisa em Arquivística é uma colaboração entre os principais programas de educação em arquivo nos EUA e no mundo, tem como objetivo “estimular o crescimento de uma nova geração de acadêmicos em educação arquivística, versados em questões contemporâneas” “[...] nutrir e promover o estado da arte em bolsa de estudos em Arquivística [...]” além de “incentivar a inovação curricular e pedagógica na educação arquivística nos Estados Unidos e no mundo” (WEBSITE AERI, 2022- tradução nossa). Seu início foi marcado com o financiamento de um instituto que

⁶⁰ <http://aeri.website/>

⁶¹ Disponível em: <http://aeri.website/wp-content/uploads/2022/07/AERI-bylaws-2022-06.pdf>

apoia e capacita os museus, bibliotecas e organizações relacionadas na América por meio de doações, pesquisas e desenvolvimento de políticas:

Este projeto foi desenvolvido inicialmente com o apoio de duas bolsas de quatro anos (2008-2014) do *US Institute of Museum and Library Services – Laura Bush 21st Century Librarian Program*. Foi dirigido por um consórcio de oito universidades norte-americanas com especializações de doutorado em estudos arquivísticos. Também foi recebido um apoio considerável de várias instituições internacionais cujos professores e alunos têm sido parte integrante do desenvolvimento da iniciativa. Professores e alunos de fora dos EUA receberam apoio de suas próprias instituições para participar desta iniciativa. Desde 2016, a AERI é autossustentável com base nos custos de inscrição. Também recebemos contribuições para bolsas de estudo e bolsas para incentivar e ajudar na participação de diversas origens e regiões do mundo. (WEBSITE AERI, 2022- tradução nossa).

Essa iniciativa tem sido gerenciada por um conselho interino, se reúne regularmente desde 2020, e recentemente o conselho publicou seu estatuto, com foco em definir a estrutura de governança da organização nos próximos anos. As partes do estatuto são: 1) Nome; 2) Objetivo; 3) Associação; 4) Governança; 5) Grupos de trabalho; 6) Convocação anual do instituto AERI; 7) Alterações ao estatuto social; 8) Adoção do estatuto.

Seu objetivo será apoiar estudos de arquivo e recordkeeping fortes, inclusivos, diversificados e vibrantes que permitam que indivíduos, comunidades, organizações e sociedades se lembrem e lidem com seu passado, responsabilizem aqueles em posições de poder, promovam comunidades historicamente marginalizadas e abordem grandes desafios sociais. (ESTATUTO AERI, 2022, art 2- tradução nossa)⁶²

Essa característica descrita no objetivo de pensar em comunidades historicamente marginalizadas e nas abordagens dos grandes desafios sociais, tem sido uma das características dessa iniciativa, com temas de artigo há mais de 10 anos. Um exemplo dessa menção consta em um trabalho

⁶² Its object shall be supporting strong, inclusive, diverse, and vibrant archival and recordkeeping scholarship that enables individuals, communities, organizations and societies to remember and deal with their past, hold those in positions of power to account, uplift historically marginalized communities, and address societal grand challenges.” (ESTATUTO AERI, 2022, art. 2)

de Gilliland (2021, p. 9- *tradução nossa*) onde a autora define esses grandes desafios, os quais se apresentam como “problemas de escala massiva, insolúveis, inevitáveis, impossíveis e intransponivelmente complexos e paradoxais, que ameaçam regiões inteiras ou mesmo o mundo e, no entanto, para o bem da humanidade, precisam ser resolvidos [...]. Na visão da autora, “os movimentos populacionais maciços e diásporas forçadas resultantes de conflitos, perseguições, fome e exigência econômica estão integralmente ligados” nesses ditos grandes desafios sociais e que “nossas mentes pessoais e profissionais, individual e coletivamente têm tanta dificuldade em se envolver.”. Ela cita a relação da AERI, nesse contexto, vamos citar a parte completa:

Quero mencionar brevemente a este respeito o trabalho da comunidade AERI. AERI, a *Archival Education and Research Initiative*, da qual sou diretora, é um fórum e comunidade internacional que, desde 2009, reúne arquivistas – acadêmicos dos estudos arquivísticos, estudantes e cada vez mais profissionais – de todos os continentes do mundo, para apresentar e criticar pesquisas, interagir com seus pares e trabalhar juntos dentro e fora de seus institutos anuais para desenvolver a infraestrutura necessária para tornar os estudos de arquivo uma presença robusta dentro da academia e uma fonte rigorosa de suporte teórico e empírico para o profissão de arquivista e arquivista. A comunidade AERI argumentou que a **pesquisa e o desenvolvimento transformadores** combinados relacionados aos imperativos, estruturas, processos, tecnologias e padrões de arquivamento e manutenção de registros **podem contribuir de maneira significativa para enfrentar muitos dos grandes desafios mais prementes da sociedade**. Nos trabalhos que têm sido realizados até agora na AERI, abordando várias áreas seletivas onde há experiência da comunidade - **Governança Corporativa e Responsabilidade Social, Mudanças Climáticas, Saúde Global, Direitos Humanos e Justiça Social, Sociedade da Informação e Paz e Segurança** - tornam-se evidentes que preocupações semelhantes muitas vezes surgem em várias áreas, mesmo que estejam posicionadas de forma diferente, dependendo dos interesses e perspectivas dos autores. (GILLILAND, 2021, p. 9- *tradução e grifo nosso*).

Em seu capítulo *Archival and record keeping traditions in the multiverse and their importance for researching situations and situating research* presente no livro *Research Archival Multiverse* (2016, p. 59-60), a autora já havia abordado essa relação, e cita que a AERI começou uma iniciativa em 2011, ainda em andamento, para desenvolver uma agenda de pesquisa associada aos

grandes desafios da sociedade⁶³, que possui quatro objetivos:

1. Identificar maneiras pelas quais a manutenção de registros é uma consideração integral nos “grandes desafios da sociais”, “grandes desafios centrados no cidadão”, “problemas malditos”, “problemas super malditos e “confusões e confusões sociais” que foram identificadas por outras comunidades, bem como por diferentes nações e internacionalmente;
2. Sugerir alguns aspectos específicos de grandes desafios que podem ser abordados por meio de pesquisas em estudos de arquivo e manutenção de registros;
3. Chamar a atenção para problemas complexos, interdependentes e persistentes que podem se caracterizar como grandes desafios para o próprio campo dos estudos arquivísticos e documentais; e
4. Identificar a infraestrutura que precisa ser desenvolvida no campo para apoiar essa pesquisa.

Por fim, a autora menciona que um grupo de trabalho com pesquisadores da AERI provenientes dos EUA, Canadá, Austrália e China definiu seis grandes áreas de desafio social: Governança Corporativa e Responsabilidade Social, Mudanças Climáticas, Saúde Global, Direitos Humanos e Justiça Social. Não iremos aprofundar essa parte, mas é interessante citar que no artigo da autora de 2012, há uma tabela que relaciona esses 6 grandes desafios sociais com os desafios de arquivo, por exemplo, na parte da “paz”, o desafio é a decolonização e o desafio arquivístico é a decolonização dos arquivos. (GILLILAND; SUE MCKEMMISH, 2012, p. 113.)

Podemos notar que essa iniciativa ao ter essas preocupações torna-se, do ponto de vista para ações de pesquisa no Brasil, uma comunidade que ao empregar esses focos de maneira explícita, traz para o debate temas de importância.

Passando para a parte em que descreveremos as ações que a iniciativa realiza, um dos grandes eventos são os AERIs⁶⁴ (Os Institutos de Educação e Pesquisa de Arquivos) durante o verão, são anuais, e tem duração

⁶³ Essa mesma relação é foco de dois artigos que a autora escreveu em parcerias: *Recordkeeping Metadata, the Archival Multiverse, and Societal Grand Challenges* (2012) com Sue McKemmish, e *Human Security Informatics, Global Grand Challenges and Digital Curation* (2019) com James Lowry.

⁶⁴ Destacamos um trabalho apresentado no AERI, em 2021, na edição online via Zoom, de autoria de Henria Atom que citou as *Laws Of Archive Science* escrito por Ranganathan.

de uma semana, sendo organizados por instituições parceiras.

Soyka e Wilczek (2020), analisaram a última década de apresentações dos institutos da AERI, incluindo artigos, pôsteres, workshops, plenárias e outros tipos de apresentações realizadas durante os primeiros 10 anos da AERI, de 2009 a 2018.

Um dos pontos interessantes desse estudo é sobre a dificuldade que tiveram em recuperar a documentação⁶⁵ completa e para tanto entraram em contato os participantes de apresentações e pôsteres da AERI's, pedindo ajuda com os dados, e por fim, compilaram conjunto de dados da AERI's com objetivo em compartilhar o material para reutilização, "o conjunto de dados está disponível por meio de um DOI persistente no *Dataverse* e no *GitHub*,⁴ junto com um arquivo *README*, que descreve como o conjunto de dados foi estruturado." Essa informação é útil para futuros possíveis trabalhos, já que sendo licenciado para reutilização. Sobre a análise das autoras, o foco principal foi a frequência de termos, a co-ocorrência de termos e agrupamento temático em: *archival education and career development; archival functions; archival settings; societal intersections*. Sobre as intersecções sociais:

Os institutos AERI têm sido o local de ampla discussão sobre a interseção de arquivos, registros e manutenção de registros com questões sociais **como raça, identidade, justiça social, direitos humanos**, outras preocupações e grandes desafios de nossos dias. Associamos o termo "direitos humanos" a 33 resumos (empatados em 10º lugar), o termo "raça" foi associado a 26 resumos (26º lugar) e "identidade" foi marcado com 27 resumos (25º lugar). Associamos os termos "registros de conflito e violência" e "sociedades de reconciliação e pós-conflito" com apresentações 25 vezes (empatados em 27º lugar) cada. Observando mais de perto o código "direitos humanos" vemos que a presença deste termo tem sido mais prevalente nos últimos anos da AERI, ocorrendo 11 vezes nos primeiros 5 anos da AERI e 22 vezes nos últimos 5 anos da AERI. As apresentações com este código tiveram 27 apresentadores únicos. Quarenta e um termos ocorreram em conjunto com o código "direitos humanos". "Reconciliação e sociedades pós-conflito" foi de longe o código que mais apareceu nas mesmas apresentações (10 vezes). Os demais termos mais recorrentes foram "justiça social" (5 vezes), "crianças nos registros",

⁶⁵ "[...] o registro dos institutos AERI é composto pelo programa anual, os sites oficiais criados pelos comitês anfitriões para divulgar informações e horários,³ os anais publicados, como periódicos e volumes editados (Cox et al. 2015; Punzalan 2017; Gibbons e Gracy 2017; Gracy 2018; Sutherland 2019), e outros materiais dos institutos." (SOYKA; WILCZEK, 2020, p.3-tradução nossa).

“manutenção de registros do governo” e “registros de conflito e violência” e “responsabilidade” (três vezes).

Os autores analisaram 804 resumos e usaram 144 termos na codificação desses dados. Na tabela abaixo tem a lista dos 10 (dez) termos que aparecem com mais frequência em todos os institutos.

Tabela 3. Principais termos de codificação em todos os institutos, 2009–2018

Term	Occurrences
Government recordkeeping	78
Archival education	77
Recordkeeping systems	45
Arrangement and description	41
Audiovisual archives	37
Digital preservation	
Access	36
Appraisal	34
Collective memory	
Career	33
Data management	
Human rights	
Marginalized communities	32
Personal information management	
Recordkeeping behavior	31
User studies	
Archival history	30
Data reuse	
Electronic records	
Infrastructure	

Fonte: (SOYKA; WILCZEK, 2020, p.10)

Notamos que, a ocorrência desses termos revela um panorama de pesquisas do AERI com focos variados, mas, a presença de temáticas pluralista consta, mostrando como esse instituto amplia as perspectivas do campo. Se tratando do segundo termo mais frequente, da educação arquivística, um artigo de Buchanan (2016) também explora esse instituto, e situa-o enquanto catalisador, para a formação de doutorado em estudos de arquivo.

Encerrando essa exposição do AERI, passamos para iniciativas que são de natureza semelhantes. No Brasil temos o FEPARQ (Fórum Nacional de Ensino e Pesquisa em Arquivologia), criado em 2011, com foco na criação e instalação da entidade nacional de ensino e pesquisa em Arquivologia, que

organiza o REPARQ⁶⁶, ainda que com outros objetivos, pela ausência financeira de não custear bolsas ou em pensar na formação de teses especificamente da arquivística. Seus objetivos são:

- 1) promover o desenvolvimento da pesquisa e de estudos em Arquivologia no país;
- 2) aperfeiçoar o ensino e a pesquisa em Arquivologia em seus diversos níveis;
- 3) estimular a capacitação continuada dos profissionais que atuam na área;
- 4) fomentar a divulgação da produção científica da área; e;
- 5) divulgar assuntos arquivísticos e/ou de interesse arquivístico.

Destacamos também, em nível macro da América Latina, pertencente à comunidade arquivística Iberoamericana o *Grupo de Expertos de la Red Iberoamericana de Enseñanza Archivística Universitaria* (GERIBEAU-ALA), que possui como objetivo geral “*propiciar la cooperación interinstitucional e internacional para fortalecer la docencia y la investigación con miras a lograr la excelencia académica y propender a una formación continua y permanente.* (WEBSITE ALAARCHIVOS, 2022)”. Seus objetivos específicos são descritos a seguir:

- 1. Contribuir al desarrollo científico, cultural y social de cada país integrante, mediante la acción dinámica y creadora de sus participantes.*
- 2. Colaborar en la formulación de planes y programas académicos de formación archivística.*
- 3. Fomentar las relaciones de intercambio entre los docentes y alumnos de las escuelas archivísticas universitarias.*
4. Auspiciar el establecimiento de convenios entre los países miembros de ALA para fortalecer los programas universitarios de formación archivística.
5. Compartir experiencias, avances, dificultades en la docencia archivística.
6. Difundir las fuentes bibliográficas.

⁶⁶ A Reunião Brasileira de Ensino e Pesquisa em Arquivologia (REPARQ) surgiu por iniciativa do Fórum Nacional de Ensino e Pesquisa em Arquivologia (FEPARQ) com o objetivo de congregiar representantes da área, entre eles coordenadores dos 16 (dezesseis) cursos de graduação no país, professores e estudantes de pós-graduação (mestrado e doutorado), pesquisadores e profissionais que tenham como objeto de estudo temáticas arquivísticas, com intuito de ampliar as discussões acadêmicas e científicas, proporcionando trocas de experiências sobre o ensino e a pesquisa de Arquivologia. (WEBSITE FEPARQ, 2022).

7. Conocer quién es quién en docencia archivística.

Vale lembrarmos os seis (6) focos de trabalhos da Associação Latino-Americana de Arquivos: *Grupo de Trabajo sobre Archivos y Derechos Humanos; Grupo de Trabajo sobre el Tráfico Ilícito del Patrimonio Documental; Grupo de Trabajo sobre Gestión y Preservación de Documentos Electrónicos; Grupo de Trabajo de Asociaciones de Archivistas de Iberoamérica; Grupo de Trabajo para la Dinamización Cultural de los Archivos; e Grupo de Trabajo sobre Acceso a la Información y Transparencia*. Descritos tais diálogos, passaremos agora para a exposição da metodologia da pesquisa.

3.5 OS ARQUIVOS COMUNITÁRIOS

Vamos para o último tópico dessa seção, sobre a relação com dois conceitos descritos no jirau, o multiverso arquivístico e os arquivos comunitários. Sobre o primeiro, foi na edição de 2009 do instituto AERI que esse conceito foi proposto por Allison B. Krebs (1956-2013) autora que foi membro da *Tribo Sault Ste. Marie Tribe of Chippewa Indians*, estudante de doutorado na Escola de Informação da Universidade de Washington, e membra do Grupo de Pesquisa de Informação Indígena da Universidade de Washington.⁶⁷ Desde então, podemos notar em muitas publicações da arquivística contemporânea o uso de tal termo.

Já em relação aos arquivos comunitários, a relação que vamos destacar com o AERI, tem a ver com essa parte do objetivo que visa promover comunidades historicamente marginalizadas. Mas qual a relação dos arquivos comunitários com a educação arquivística? No artigo sobre discussão

⁶⁷ Allison B. Krebs (1956–2013) was a member of the Sault Ste. Marie Tribe of Chippewa Indians, a Ph.D. student at the Information School at the University of Washington, and member of the Indigenous Information Research Group at the University of Washington, Chair of the Native American Archives Roundtable of the Society of American Archivists, and served on the Steering and Strategic Planning Committees of the Association of Tribal Archives, Libraries and Museums (ATALM). Allison was a visiting scholar at Monash University in Australia, a Documenting Endangered Languages Fellow of the National Science Foundation, and earned an MLS as a Knowledge River Scholar at the University of Arizona. She also graduated in the first class of women from Yale College. Her research centred on Indigenous knowledge ecology. (FAULKHEAD; THORPE, 2017, p.2)

da educação arquivística a partir uma perspectiva crítica, Punzalan e Caswell (2016, p.-tradução nossa) argumentam que “esforços para abordar questões de justiça social também se tornaram evidentes em apelos, para repensar a educação e a pesquisa arquivística (Gilliland 2000; White 2009; PACG 2011),” e que teóricos nessa vertente defendem o “pluralismo arquivístico” em que em seu núcleo:

[...] está o ativo reconhecimento da diferença cultural, epistemologias indígenas e múltiplas formas de conhecer como perspectivas igualmente válidas de criação de conhecimento (Christen 2011; McKemmish, Faulkhead, e Russel 2011; PACG 2011). **Tais abordagens pluralistas da prática arquivística têm uma longa história rastreável aos primeiros esforços para criar arquivos mais inclusivos** (Zinn 1971; Booms 1987; Cook 1992; Eastwood 2002; Harris 2007; Flinn e Stevens 2009; Flinn, Stevens e Shepherd 2009). No entanto, os esforços para incorporar ativamente essas perspectivas na pesquisa arquivística e na pedagogia são mais recentes. Para Caswell et ai. (2012), é importante que a educação arquivística implemente passos concretos que incluem o recrutamento de estudantes de comunidades diversas e historicamente marginalizadas; encorajamento de ambientes de sala de aula culturalmente sensíveis; abordagens pluralistas para diversas ontologias e epistemologias; e uma análise contínua do poder tanto dentro como fora a sala de aula. (PUNZALAN; CASWELL ,2016,)

Notamos que essa dimensão de criar arquivos mais inclusivos residem os situados arquivos comunitários, em que tem sido tema explícito de alguns membros/as da AERI. Visto isso, falaremos sobre tais tipos de arquivos.

A começar pelo autor clássico da arquivística, Terry Cook (2013) quando aborda a respeito de paradigmas arquivísticos, em uma das fases se refere explicitamente à dimensão dos arquivos comunitário, citando para tanto o autor Flinn (2009), o qual tem sido um teórico no qual tem muitos trabalhos a esse tema, e não à toa, frequentemente é citado.

Iremos destacar 3 dimensões dos arquivos comunitários presente no artigo de Flinn em 2007, *Community Histories, Community Archives: Some Opportunities and Challenges*. A primeira é sobre as causas de crescimento, os impactos e importância que essa concepção de arquivo causa, a segunda é sobre o quanto não é novo essa concepção dessa natureza de arquivos, e a terceira sobre a difícil definição do termo e o abandono por algo fixo e único, deixado por último, uma vez que essa temática de definições tem

sido focos de outros autores que tratam a respeito, se tratando todavia de uma questão complexa e certamente ainda em desenvolvimento do ponto de vista teórico, como qualquer conceito com múltiplas facetas. E não, por acaso, é um dos focos dessa tese, na dimensão da terminológica pontual, que em vez de cercar as definições, visa situar o contexto de uso a partir dos membros/as da AERI que pesquisam a respeito.

Para Flinn (2007), as causas de crescimento são de fatores inter-relacionados, o aumento das tecnologias de informação e comunicação, que permitiu que diferentes pessoas de localizações distantes se agrupassem em torno de sua característica, o interesse pela histórica individual e familiar e por último, o interesse pela história quando as comunidades passam por situações de mudanças, como é o caso de eventos traumáticos, alterações culturais, demográficas e geracionais.

Um relatório do *Community Access to Archives Project (CAAP)*⁶⁸ que avaliou sobre os arquivos comunitários no Reino Unido em 2004, contabilizou a existência de aproximadamente 3.000 arquivos comunitários e ao realizar uma análise com 46 grupos, o relatório identificou diferentes impactos entre eles: ganhos de capital cultural, reequilíbrio da história e patrimônio em favor da comunidade, maior sendo de empoderamento, pertencimento e coesão comunitária.

Nesse sentido, sua importância, a partir da visão do autor, entre outros argumentos, é pela inclusão, por uma missão democrática contínua a respeito do patrimônio nacional que contemple todas as pessoas, uma vez que **“dão voz a quem geralmente não é ouvido**, revelam o que aconteceu no local de trabalho para além das estatísticas de salários e produção, mostram sobre a vida e as experiências em comunidades raramente mencionadas nos documentos oficiais [...] (FLINN, 2007, p.160- *tradução e grifo nosso*).

Na segunda dimensão, é que esse tipo de arquivos, apesar de ter vários nomes diferentes, não são um fenômeno novo e que o reconhecimento

⁶⁸ “[...] iniciativas *Community Access to Archives Project (CAAP)* e os valiosos relatórios e orientações que publicou em outubro de 2004. O CAAP foi sucedido em 2005 pelo *Community Archive Development Group (CADG)* e em sua curta existência até agora lançou um site (communityarchives.org) e encomendou a primeira pesquisa sobre o impacto dos arquivos comunitários e realizou uma conferência pública bem-sucedida no verão de 2007, que reuniu profissionais de arquivos comunitários e formais, bem como de outras partes interessadas. (FLINN, 2007, pág. 154)

oficial de sua existência e sua importância demorou aparecer:

Na verdade, um breve exame da comunidade e grupos de história local em toda a Grã-Bretanha logo revela uma rica herança de diferentes iniciativas para documentar e preservar os vestígios de vários grupos e localidades de outra forma sub-representados pelos principais arquivos e serviços de patrimônio. Alguns desses projetos trabalharam em estreita colaboração com o setor formal, enquanto outros permaneceram firmemente independentes e controlados pela comunidade. Uma lista abrangente provavelmente seria impossível de construir, mas alguns exemplos serão suficientes para dar uma noção da extensão e variedade de o movimento. (FLINN, 2007, p. 156-*tradução nossa*).

O autor lista, em torno de 18 iniciativas que podem ser consideradas arquivos comunitários, uma vez que tenha essa característica de preservar história em torno de uma comunidade.

Por fim, sobre o terceiro foco, com todo esse panorama apresentado, um dos que vamos focar, é sobre a difícil definição do termo e o abandono por algo fixo. Essa questão está no início de muitos artigos que tratam a respeito dos arquivos comunitários, para citar alguns: Flinn (2007); Gilliland; Flinn (2013), Nyhan (2015); Welland; Cossham (2019); e Gibbons (2020).

[...]o termo é complexo que pode ser usado para se referir a uma variedade de projetos. Há muitas razões para isto. Por exemplo, o termo “comunidade” foi usado, dentro e fora o setor de patrimônio, de maneiras que desmentem a amplitude de seu alcance semântico. De fato, Waterton e Smith argumentaram elegantemente que ele se tornou um “um obstáculo epistemológico ... [ele] se tornou muito facilmente uma exposição ou solução 'em vez de algo a ser explicado'”. (NYHAN, p.222- *tradução nossa*)

Não temos a pretensão de esgotar essa dimensão, mas, dar visibilidade do cenário conceitual a respeito desse termo. Por exemplo, Flinn (2007, p. 153- *tradução nossa*) diz que a aceitação do termo teve crescimento nos últimos anos “como um meio eficaz [se às vezes imperfeito] de agrupar esses projetos e iniciativas muitas vezes díspares e com nomes variados, em um “movimento” de arquivos comunitários.” Agrupando suas definições há:

Sobre comunidade:

Prefiro ser mais amplo e explícito ao me referir a uma comunidade como um grupo que se define com base na localidade, cultura, fé, ou outra identidade ou interesse compartilhado. Muitas comunidades tendem a ter um foco local, mesmo que se encontrem virtualmente, mas outras têm outro foco compartilhado, como sexualidade, ocupação, etnia, fé ou interesse, ou uma combinação de um ou mais dos itens acima.

Sobre arquivos comunitários:

Histórias comunitárias ou arquivos comunitários são as atividades básicas de documentação, registro e exploração do patrimônio comunitário em que a participação, controle e propriedade da comunidade do projeto são essenciais. (FLINN, 2007, p. 153- *tradução nossa e grifo nosso*)

Apesar dessas definições, ainda que funcional, como diz o autor (2007, p.153, *tradução nossa*), “é importante não se distrair muito com a exatidão de definição. Muitas vezes, essas definições podem confundir tanto quanto esclarecem e excluir tanto quanto incluir”. Gilliland; Flinn (2013) também vão por esse caminho. E, quem também seguiu essa via foi Gibbons (2020), que ao analisar sobre os arquivos comunitários na Austrália, em vez de ater em definições, preferiu explorar o porquê e quem estão falando sobre eles.

Já o trabalho de Welland e Cossham (2019) que tratou especificamente sobre essa dificuldade: *Defining the undefinable: an analysis of definitions of community archives* nos fornece, se não soluções, pelo menos alguns argumentos de como se situar frente a esse cenário (difícil, mas necessário) quando pretendemos, para fins de uma perspectiva plural na educação arquivística, inserir outras formas de criar arquivos em que há espaço para grupos sociais marginalizados.

Esse trabalho citado acima, explora as definições de arquivos comunitários com diferentes abordagens, discute a respeito das tensões sobre a diversidade de compreensão sobre o termo, bem como identifica alguns temas-chave que influenciam na maneira como são entendidos. Elas reúnem diferentes conjuntos de definições⁶⁹, contextualizam sobre tais descrições, mas, afirmam

⁶⁹ Os arquivos comunitários têm sido definidos como “únicos” (Ramsden, 2016, p. 2), “não públicos” (Harris, 1998, p. 2), “instituições DIY” (Baker e Huber, 2013, p. 266), livre de influências externas (Cook, 2012; Flinn, 2011; Flinn et al., 2009), “documentar e registrar a vida daqueles escondidos ou marginais” (Flinn, 2007, p. 161), projetos (Latimer, 2015), lugares de ativismo político (Caswell, 2014; Flinn e Stevens, 2009) e storytelling (Lee, 2018), constituindo comunidade por meio de suas definições de histórias, pertencimento e limites (Ramsden, 2016) lugares que têm “senso autoconsciente de curadoria” (Long e Collins, 2016, p. 98) e “preservar o impacto cultural de [uma] comunidade intencional” (Finnell, 2019). Os arquivos comunitários

que eles “são difíceis de definir, não apenas em termos de defini-los para o público em geral, mas também para aqueles que criam, aqueles que trabalham com informações patrimoniais, e para a disciplina de arquivos [...]”., indicando posteriormente, que o conceito, pelo menos em parte da literatura, “não se encaixa em nenhum paradigma arquivístico dominante”. (WELLAND; COSSHAM, 2019, p.622, *tradução nossa*).

Uma das contribuições deste trabalho, é a sistematização a partir da literatura analisada, de quatro temáticas em torno dos arquivos comunitários: 1) os arquivos comunitários contam com o apoio ativo da comunidade e a participação de uma comunidade autodefinida; 2) são lugares (físicos ou não) que validam e dão acesso à memória comunitária e às histórias, que podem ser criadas a partir dela; 3) contêm não apenas arquivos como tradicionalmente entendidos, mas também uma variedade de itens que tradicionalmente não foram considerados arquivísticos; 4) operam sem financiamento e/ou controle direto do governo, “como coleções de materiais criados, mantidos e gerenciados principalmente dentro das comunidades e fora do setor formal do patrimônio. (WELLAND; COSSHAM, 2019 – *tradução nossa*).

Para além dessa sistematização, outro fator de relevo foi a identificação de 5 fatores que influenciam as definições de arquivos comunitários, além da dimensão de identidades: 1) a falta de uma “marca” pública; 2) falta de acordo daqueles na informação do setor do patrimônio sobre quem pode usar o termo arquivos comunitários; 3) a postura defensiva dos arquivos tradicionais; 4) definições de arquivos comunitários, que se concentram em “o que poderia ser” em vez de “o que é” e 5) a confusão de dentro da própria comunidade dos arquivos comunitários, sobre o que eles são. (WELLAND; COSSHAM, 2019, - *tradução nossa*)

Por fim, há ainda, um argumento dos autores de que a análise das definições se apresentam enquanto ponto de partida com o objetivo de apoiar esse tipo de arquivo, o que resulta também em uma compreensão mútua

também podem ser vistos como “pequenos, locais, independentes e muitas vezes idiossincráticos” (Hurley, 2016). Eles são um lugar “através do qual as comunidades podem tomar decisões coletivas sobre o que é de valor duradouro para elas, moldar a memória coletiva de seus próprios passados e controlar os meios pelos quais as histórias sobre seu passado são construídas” (Zavala et al., 2017, pág. 203). (WELLAND; COSSHAM, 2019, p.621, *tradução nossa*)

para diferentes públicos e a comunidade arquivística, a fim de explorar as possibilidades nesses tipos de arquivos, apontando ainda, para futuras pesquisas, “desenvolver uma taxonomia de tipos de arquivo comunitário e a partir disso construir um compreensão das práticas e necessidades de diferentes tipos e diferentes comunidades”. (WELLAND; COSSHAM, 2019, p.630, *tradução nossa*).

Notadamente, podemos ter um olhar do quanto essas concepções e análises de fato desafiam a visão tradicional do que entendemos por arquivística, e ainda mais, o quanto desafiador e necessário é o caminho de exploração, para essas outras vias de criar e envolver as comunidades socialmente marginalizadas. E, ao se ater nessa via com a perspectiva dos arquivos comunitários, certamente, não é possível deixar de lado, a dimensão terminológica, a fim de atuar na representação e comunicação entre os pares e o público, que deseja atuar e compreender esse cenário e ambiente, assim concordamos com os autores de que:

Qualquer que seja a definição de arquivos comunitários, a noção de comunidade não pode ser separada dela, enquanto a noção de arquivos pode ser mais ampla, mais transformadora, mais poderosa, mais política, mais inclusiva e muito mais flexível do que sugere o paradigma arquivístico tradicional. A incorporação de arquivos comunitários ao paradigma arquivístico beneficiará ambos. (WELLAND; COSSHAM, 2019, p.631- *tradução nossa*).

Mas, antes de finalizar essa seção, cabe ainda verificar em que outros locais esse conceito tem sido foco de pesquisa. Dessa forma, com a busca em espanhol⁷⁰, no buscador do *Google Scholar* a partir do termo “*archivos comunitarios*” recupera-se alguns trabalhos, mas aqui, vamos destacar a tese de Marta Lucia Giraldo: *Archivos vivos: documentar los derechos humanos y la memoria colectiva en Colombia* defendida em 2019, par título de doutorado em *Historia Comparada, Política y Social* do Departamento de Historia Moderna y Contemporánea da *Universidad Autónoma de Barcelona*, que em maio de 2022

⁷⁰ Um outro projeto de língua espanhola é do Chile, chamado de: “El Taller de Archivística Comunitaria (TAC) un programa político-pedagógico que busca construir y desarrollar colaborativamente herramientas y fomentar prácticas archivísticas comunitarias con diversos encargados de archivos comunitarios en Chile con la finalidad de que las apliquen y/o resignifiquen en función de sus necesidades internas y sus realidades locales. Actualmente, es impulsado por el Archivo de la Federación de Estudiantes de la Universidad de Chile (AFECH).” (WEBSITE, 2022. <https://archivoscomunitarios.cl/declaracion-de-principios/>)

foi publicado no formato de livro, que defende:

Con base en la idea de que los archivos son vehículos para la construcción de las memorias del pasado en el presente, Archivos vivos. Documentar los derechos humanos y la memoria colectiva en Colombia indaga por las prácticas, los sentidos y los usos de los archivos que documentan la violencia desde la perspectiva de los sobrevivientes. El libro parte de los fundamentos teóricos sobre los archivos, la memoria histórica y su relación con los derechos humanos, para luego abordar los casos de cuatro archivos no oficiales (dos personales y dos comunitarios) cuya labor de documentación de violaciones a los derechos humanos en Colombia es emblemática. Este estudio sobre los archivos producidos por la sociedad civil en relación con el conflicto armado interno colombiano llama la atención sobre la preservación de estos acervos como elemento clave para fortalecer la democracia y mantener abiertos los canales de participación ciudadana. (GIRALDO, 2022, s-p).

A autora faz uma discussão dos arquivos comunitários e eles são fontes de sua análise, que visa documentar os direitos humanos, no contexto da violência na Colômbia.

No Brasil essas discussões de arquivos comunitários, a partir do uso desse termo, se encontra em construção, por exemplo, em um levantamento na base BRAPCI⁷¹ com o uso “*community archives*” e “arquivos comunitários” não constam registros. Por outro lado, com a busca na BDTD, com o mesmo procedimento, recupera-se apenas uma tese defendida em 2020 da Ciência da Informação da Universidade Federal da Bahia, de Rodrigo Fortes de Ávila com o título: *Insurgências Arquivísticas em busca da diversidade* orientada por Maria Teresa Navarro Brito Mattos, e coorientado por Miguel Ángel Rendón Rojas, de modo que, ao abordar a respeito das insurgências arquivística, o autor insere enquanto uma das insurgências os arquivos comunitários.

Como já foi mencionado, ainda que não haja maiores recuperações diretas, um dos pontos a respeito dos arquivos comunitários que a literatura internacional aborda diz respeito a uma situação onde, apesar de alguns lugares e projetos não usarem o termo, pode-se compreender que corresponda ao que significa um arquivo dessa natureza.

E como foi visto, esse fenômeno com tais características de

⁷¹ Pesquisa realizada dia 26-10-2022.

promover grupos sociais marginalizados, certamente, pode encontrar um campo de atuação nas agendas de pesquisa da América Latina, uma vez que dialoga com as situações de grandes desafios sociais. Um lugar onde a memória pode ter um papel atuante na vertente de direitos humanos e justiça social, como tem trabalhado alguns membros/as da AERI, ainda que seja nos Estados Unidos, a preocupação é do tipo de uma epistemologia do sul, não de um sul global, mas epistemológico como escreve Boaventura (2019).

Finalizada essa seção passaremos para a parte metodológica, e em seguida para os resultados da pesquisa.

4 METODOLOGIA

O objetivo dessa seção é apresentar a metodologia a ser realizada, seu delineamento, bem como expor os passos de cada etapa.

Selecionamos o universo de pesquisa da produção científica dos membros/as da AERI mediante critérios prévios para compor o *corpus*, e realizar a análise.

Para fins de detalhamento, a natureza da pesquisa é qualitativa; o tipo de pesquisa é exploratório e descritivo. O método proposto para análise é a Análise de Domínio (HJØRLAND, 2002) com 3 enfoques: epistemológico, terminológico, de estruturação científica.

4.1 ETAPA 1: A CONSTRUÇÃO DE PARÂMETROS PARA DEFINIÇÃO DO *CORPUS*

Nessa etapa, a pergunta guia é: quais parâmetros devem orientar a definição do *corpus*?

Para compor o universo de pesquisa⁷², optamos por realizar a busca pelo nome de cada membro da AERI⁷³, na base de dados da Ciência da Informação que indexam periódicos da arquivística nacional e internacional, a *LISTA (Library, Information Science & Technology Abstracts with Full Text* pelo provedor *EBSCOhost*).

No aspecto do recorte temporal, consideramos o tempo de 2008- até 2021. Referente ao tipo de produção científica optou-se por analisar os artigos.

4.2 ETAPA 2: COLETA DO *CORPUS*

Nesta etapa consideramos os parâmetros citados anteriormente, a fim de construir um formulário para a coleta do *corpus* da pesquisa. Utilizamos a seguinte estratégia de busca:

⁷² No período da coleta de dados (julho e agosto de 2022) a base de dados LISA (*Library Information Science Abstract*) não estava disponível pela CAPES, por isso não foi incluída aqui uma vez que o Portal CAPES não havia renovado a assinatura das bases da Proquest.

⁷³ Realizamos a busca a partir da relação dos nomes descritos enquanto membros/as no *website* AERI na data de 29, 30 e 31 de julho de 2022/ 04 e 05 de agosto de 2022.

- **Campo de busca:** AUTOR
- **Termo:** NOME DO AUTOR(A)
- **Tipo de documento:** ARTIGOS (de periódicos)
- **Período:** 2008-2021
- **Base de dados:** LISTA
- **Datas da coleta:** 29, 30 e 31 de julho de 2022/ 04 e 05 de agosto de 2022.
- **Forma da busca:** Individual (autor por autor)
- **Local salvo das páginas de coleta:** Pasta “lista de resultado por autor”
- **Metadados da coleta na planilha Excel:** 1) código; 2) autor (a); 3) data da coleta; 3) total; 4) referência; 5) título; 6) palavras-chave.
- **Não foram considerados:** Editoriais, trabalhos de eventos e duplicados.

4.3 ETAPA 3: AS LENTES DE ANÁLISE DO CORPUS

Tennis (2012, p, 6) distingue dois tipos de Análise de Domínio, a descritiva e a instrumental, uma vez que “a primeira é usada, e útil, somente em pesquisas básicas, e a última é usada para criar sistemas de organização do conhecimento”. Nossas análises estão focadas em âmbito descritivo.

- *Definição do Domínio:* A análise realizada refere-se à produção científica dos membros/as da AERI, de 2008-2021.

- *Escopo e Alcance: Extensão:* Todos os trabalhos em formato de artigo. *Exclusão:* Trabalhos de eventos, editoriais e duplicados.

- *Propósito:* Mapear o perfil epistêmico, terminológico, de estruturação científica do domínio Membros/as da AERI via produção científica de artigos.

Essa forma que Tennis propõe, pode ser vista enquanto uma forma de operacionalizar a análise no sentido metodológico. Diante disso, uma outra forma de complementar essa perspectiva é deixar explícito quais dados serão coletados em cada lente (ou abordagem) da AD.

1) Epistemológica e de estudos crítico - dimensão biográfica circunscrita em um período 2008-2021, em vez de analisarmos os artigos para identificarmos a base epistêmica, optamos por focar nos membros/as, coletando dados biográficos. Esses dados são: 1) nome do autor-autora; 2) atuação profissional; 3) temas de pesquisa; 4) formação acadêmica; 5) websites (pessoal e institucional); 6) universidade que está vinculada (2022); 7) departamento; 8) país.

2) De estruturação científica que visa identificar sete tipos de

dados: 1) Quantidade de publicações no total; 2) Quantidade de publicação por autor (a); 3) Listagem de todos os periódicos; 4) Listagem dos anos; 5) Idioma das publicações; 6) Listagem dos coautores e 7) Temas dos trabalhos. Usamos o software Atlas T.i ⁷⁴ para representar as nuvens de palavras de todos os títulos e palavras-chave.

3) Terminológica - micro trabalho terminológico pontual.

Essa lente dialoga com a crítica realizada por Barité e Rauch (2022), que partindo da constatação de que enquanto uma abordagem específica da AD, os estudos terminológicos têm recebido pouca atenção na literatura até o momento, eles defendem que os estudos terminológicos como de forma autônoma na AD, separando da associação que Hjørland agrupa com LSP (*Language for Specific Purposes*) e análise do discurso. Aqui, para a tese, nesse nível de trabalho terminológico optamos em realizar um micro-trabalho terminológico pontual.

Essa análise terminológica pontual foi aplicada sob um recorte do *corpus*. Em relação a estratégia de seleção do *corpus* para aplicar lente, foi considerado o seguinte panorama, como há muitos membros/as e temáticas possíveis, com termos diversos, os seguintes critérios foram aplicados:

1) Quais membros/as?

Em consonância com um dos objetivos da AERI⁷⁵ que visa, entre outros, atuar frente as comunidades historicamente marginalizadas, utilizamos enquanto estratégia os membros/as com foco explícito em seus currículos de investigações sobre direitos humanos/ justiça social/ decolonialidade na perspectiva da arquivística.

2) Qual termo a ser analisado pontualmente?

Ainda em diálogo com o objetivo destacado acima da AERI, elegemos o termo *Community Archives* (Arquivos Comunitários) por se tratar de um

⁷⁴ Atlas T.i- é um software de análise de dados qualitativos auxiliado por computador que facilita a análise de dados qualitativos para pesquisa qualitativa, pesquisa quantitativa e pesquisa de métodos mistos.

⁷⁵ Ver objetivo AERI no estatuto: "*Its object shall be supporting strong, inclusive, diverse, and vibrant archival and recordkeeping scholarship that enables individuals, communities, organizations and societies to remember and deal with their past, hold those in positions of power to account, uplift historically marginalized communities, and address societal grand challenges.*"

conceito, que ainda se discutem a respeito de sua definição (WELLAND; COSSHAM, 2019) e que nomeia a prática de pensar e criar arquivos, em que há ênfase em diferentes tipos de comunidades marginalizadas. Tal prática que não é recente no campo arquivístico vem ganhando espaço em âmbito internacional:

Os arquivos comunitários, tanto dentro como fora dos EUA, foram formados em torno da identidade étnica, racial e religiosa, gênero e identidade sexual, classe econômica e localização geográfica, de tomada de decisão em torno de questões de história, memória, narrativa, preservação e poderes compartilhados. Verne Harris argumenta que os arquivos tradicionais representam apenas uma pequena parte da sociedade em seus acervos, e esses registros são, então, restritos em escopo e acesso. A natureza seletiva da coleta leva à marginalização das vozes nos arquivos, pois os fundos e as restrições de espaço moldam continuamente as decisões de coleta. Essas dinâmicas de poder exigem a criação de arquivos comunitários para dar espaço às comunidades marginalizadas que não foram representadas nos repositórios convencionais. (ZAVALA; MIGONI; CASWELL; 2017, p. 2- *tradução nossa.*)

3) Qual procedimento metodológico para a coleta e análise desse termo?

Para esse procedimento foi criado dois roteiros, o primeiro, descrito no primeiro quadro, em que mostra a caracterização, o aspecto pontual a ser realizado, bem como, as etapas. Já o segundo é o modelo de ficha de registro do termo:

Quadro 2. Metodologia do micro-trabalho terminológico pontual.

<p>1. CARACTERIZAÇÃO:</p> <p>a) Tipo: Pontual</p> <p>b) Função: Descritiva</p> <p>c) Âmbito de especialidade: arquivística</p> <p>d) Tipo de material do corpus: Artigos de periódicos</p> <p>e) Linguagem e idioma do corpus: Escrita - inglês</p> <p>f) Quantidade: 49 trabalhos para buscar o termo.</p> <p>g) Armazenamento do corpus: online.</p>
<p>1. ASPECTO PONTUAL A SER REALIZADO:</p> <p>a) Termo “<i>community archives</i>”</p> <p>b) Pergunta-guia: Esse termo “<i>community archives</i>” pode ser classificado enquanto termo do tipo “apropriações-contra-hegemônicas” uma vez que nomeia práticas e pensamentos com foco em ampliar a concepção das práticas e teorias arquivísticas para incluir entre outros aspectos, preocupações com grupos socialmente marginalizados, sendo assim, no <i>corpus</i> selecionado, dos autores que pesquisam especificamente a questão de direitos humanos/ justiça social/decolonialidade, qual o contexto de uso de tal termo?</p> <p>c) Objetivo: Identificar no <i>corpus</i> de 49 artigos provenientes de 5 membros/as da AERI que pesquisam explicitamente sobre direitos humanos/ justiça social/decolonialidade na arquivística, o contexto de uso do termo <i>community archives</i>.</p>

2. ETAPAS:

- a) Identificar quais artigos descrevem o contexto de uso do termo;
- b) Realizar os registros dos termos na ficha modelo;
- c) Realizar a leitura, e análise dos contextos de uso e classificá-los;
- d) Apresentar uma síntese dos contextos de uso de tais termos.

Fonte: Elaboração própria a partir de Cabré (2017) Barité (2017); Cervantes (2009); Duboc (1999).

Apresentamos em seguida, o quadro metodológico da tese para fins de visualização de cada lente, pergunta-guia, técnica utilizada e instrumento de registro:

Quadro 3. Modelo de ficha de registro de termo para lente terminológica pontual.

		1	
TERM/TERMO:		AUTHOR/AUTORA;	
		RELATED TERMS /TERMOS RELACIONADOS:	
TITLE		TÍTULO	
ABSTRACT		RESUMO	
KEYWORDS		PALAVRAS-CHAVE	
PAPER STRUCTURE		SEÇÕES DO ARTIGO	
CONTEXT OF USE OF THE TERM		CONTEXTO DE USO (TRADUÇÃO NOSSA)	
REFERENCES/ REFERENCIAS			
RESPONSIBLE/ RESPONSÁVEL:		DATE/ DATA	

Fonte: Elaboração própria adaptado de Cervantes (2009, p. 169).

Quadro 4. Matrizes metodológicas da Análise de Domínio de dados coletados, técnicas e instrumento de registro.

Corpus referente	Lentes	Dados coletados	Técnica utilizada	Instrumento de registro
Geral (15 membros/as com 139 publicações no total)	Epistemológicos e críticos-Dimensão biográfica circunscrita em um período 2008-2021	1) nome do autor-autora; 2) atuação profissional; 3) áreas de pesquisa; 4) projetos que fazem parte; 5) formação acadêmica; 6) websites (pessoal e institucional); 7) universidade que está vinculada (2022); 8) departamento; 9) país.	Compilação dos dados.	Planilha Excel
	Estruturação Científica	1) quantidade de publicações no total; 2) quantidade de publicação por autor (a); 3) listagem de todos os periódicos; 4) listagem dos anos; 5) idioma das publicações; 6) listagem dos coautores e 7) temas dos trabalhos.	Compilação dos dados.	Planilha Excel
5 membros/as com 16 publicações no total.	Terminológica-Micro trabalho terminológico pontual	1) termo; 2) autor/autora; 3) termos relacionados; 4) título;5) resumo; 6) palavras-chave; 7) seções do artigo; 8) contexto de uso; 9) referencias; 10) responsável pelo preenchimento da ficha e 11) data.	Procedimentos metodológicos de realização da pesquisa terminológica pontual	Ficha de registro de termo para lente terminológica pontual adaptado (CERVANTES, 2009)

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Como vimos, a metodologia utilizada pode ser vista sob três perspectivas, da construção de parâmetros para definição do *corpus*, da etapa da coleta do *corpus*, e das análises com as intersecções das lentes epistêmicas, de estruturação científica e terminológica pontual. Essas três categorias constarão respectivamente nos resultados, em específico, nos itens 5.1, 5.2, e 5.3 na próxima seção a ser apresentada a seguir.

5 RESULTADOS: ANÁLISES E DISCUSSÕES

Para expor os resultados dividimos em quatro partes: 1) perfil epistêmico- aspecto biográfico; 2) perfil de estruturação científica; 3) perfil terminológico pontual e 4) a síntese dos perfis dos membros/as da AERI e as possibilidades da intersecção das lentes 1,2 e 3 da análise de domínio para pautar ações de perspectiva inclusiva à educação e pesquisa arquivística.

5.1 PERFIL EPISTÊMICO- ASPECTO BIOGRÁFICO

Para a lente epistemológica e de estudos críticos, destacamos a categoria da epistemologia histórica, e em vez de analisarmos os artigos para identificarmos a base epistêmica, optamos por focar nos membros/as, coletando dados biográficos. Esses dados são: 1) nome do autor-autora; 2) atuação profissional; 3) temas de pesquisa; 4) projetos que fazem parte; 5) formação acadêmica; 6) websites (pessoal e institucional); 7) universidade que está vinculada (2022); 8) departamento; 9) país. Para fins de visualização e organização das análises, dividimos em 3 partes tais dados coletados:

- 1) autor/autora e atuação profissional;
- 2) *websites* (pessoal e institucional); universidade que está vinculada/o (2022); departamento; país; fonte e data da coleta.
- 3) temas de pesquisa e formação acadêmica

Todos os membros/as (Anne Gilliland; Jeannette Bastian; Kelvin White; Michelle Caswell; Tonia Sutherland; Ciaran Trace; Elizabeth Yaker; Helen Tibbo; Jonathan Furner; Karen F. Gracy; Patricia Galloway; Ricardo Punzalan; Robert Riter; Shawn VanCour;) são docentes em departamentos de estudos da informação, com exceção de Stacy Wood, cuja função até o fechamento dessa tese, era Diretora de Pesquisa. Nesse sentido, podemos notar do vínculo institucional da Arquivística com a Ciência da Informação, também em âmbito internacional.

Passaremos ao próximo dados da lente, sobre websites (pessoal e institucional); universidade que está vinculada/o (2022); departamento; e país dos membros AERI.

Quadro 5. Descrição dos websites (pessoal e institucional); universidade que está vinculada/o (2022); departamento; e país dos membros/as AERI.

Membros/as	Websites (pessoal e institucional)	Universidade que está vinculada (2022)	Departamento	País
Karen F. Gracy	institucional	Kent State University	College of communication and information - School of Information	Estados Unidos
Jeannette Bastian	institucional e pessoal	Simmons University	School of Library and Information Science	
Robert Riter	institucional e institucional 2	University of Alabama	School of Library & Information Studies	
Anne Gilliland	pessoal e institucional	University of California, Los Angeles	Department of Information Studies	
Jonathan Furner	institucional e pessoal			
Michelle Caswell	institucional e pessoal			
Shawn VanCour	institucional			
Stacy E. Wood	Institucional e pessoal			
Tonia Sutherland	pessoal 1 e pessoal 2	University of Hawai'i at Mānoa	Department of Information and Computer Science	
Elizabeth Yakel	institucional	University of Michigan	School of Information	
Ricardo Punzalan	institucional			
Helen Tibbo	institucional	University of North Carolina	School of Information and Library Science	
Kelvin White	institucional	University of Oklahoma	School of Library and Information Studies	
Ciaran Trace	institucional	University of Texas at Austin	School of Information	
Patricia Galloway	institucional			

Fonte: Sistematização própria na data 22-08-2022 com base nos websites pessoais e institucionais dos membros/as.

Notamos, que prevalece para as informações biográficas os sites de cunho institucional. Sobre as universidades, em síntese essa comunidade está situada a partir de nove instituições, todas em departamentos da área de estudos da informação, e um misto com estudo da Ciência da

Computação. E sobre o país, por enquanto até o momento de publicação dessa tese, todos/as membros/as são dos Estados Unidos. Ainda sobre a análise institucional há uma concentração maior de docentes na *University of California*, Los Angeles, já que essa universidade americana ocupa posições de destaque nos rankings⁷⁶ em nível nacional e internacional, certamente isso reflete na ampliação da influência que tais docentes possuem ao ter tal vínculo com a instituição, além de maior possibilidade de captação financeira para projetos e propostas, por ser uma universidade com tantas classificações de destaques.

Um outro aspecto importante para analisar são os termos de pesquisa ao lado da formação dos membros/as, como descritos no Quadro 6.

Para fins de análise, categorizamos em suas partes **1)** Temas de pesquisa que tratam de arquivos comunitários, direitos humanos, teoria crítica, justiça social e pós-colonialismo enquanto focos explícitos, que possuem 5 membros/as; e **2)** Temas de pesquisa, que tratam das dimensões arquivística em relação às tecnologias de informação e comunicação, e organização do conhecimento, com 10 membros/as.

Quadro 6. Descrição temas de pesquisa e formação dos membros/as da AERI.

Membro	Temas de pesquisa descritos nos websites dos membros/as	Formação descritas nos websites dos membros/as
Temas de pesquisa que tratam de arquivos comunitários, direitos humanos, teoria crítica, justiça social e pós-colonialismo enquanto focos explícitos		
Anne Gilliland	<ul style="list-style-type: none"> ● community archives; ● rights in records; ● research methods and design; ● digital archives ● accountability; ● archival management; ● digital archives; ● documentation; ● history of library and information studies ● information law; ● information policy; ● institutional contexts 	<ul style="list-style-type: none"> ● Mestrado em Língua e Literatura Inglesa, Trinity College, Universidade de Dublin ● MS e CAS em Biblioteconomia e Ciência da Informação, Universidade de Illinois em Urbana-Champaign ● Ph.D. em Informação e Estudos de Bibliotecas, Universidade de Michigan
Jeannette Bastian	<ul style="list-style-type: none"> ● archival education; ● memory; ● community archives; ● postcolonialism 	<ul style="list-style-type: none"> ● BA. New York University, English ● MLS. Shippensburg University, 1972. ● M.Phil. University of the West Indies, (Mona, Jamaica), 1982. Thesis : "A Survey and Bibliography of Critical Writing on West Indian Literature, 1931-1974." ● Ph.D. University of Pittsburgh, School of Information Sciences, 1999. Dissertation: "Defining Custody: Archival Custody and Its Impact on the Relationship Between Communities and Historical Records in the Information Age: A Case Study of the United States Virgin Islands."

⁷⁶ Ver a respeito com maiores informações no site: <https://www.ucla.edu/about/rankings>

<p>Kelvin White</p>	<ul style="list-style-type: none"> • interconnections between social, cultural, and historical contexts in which record keeping activities exist and the implications they have for marginalized or underrepresented communities • critical information; • social justice • archival education as a social construct; • race and gender theory; • archives and human rights 	<ul style="list-style-type: none"> • B.A. 2002, History, Texas Southern University. • M.A. 2004, Afro-American Studies, University of California, Los Angeles. • Ph.D. 2008, Information Studies, University of California, Los Angeles.
<p>Michelle Caswell</p>	<ul style="list-style-type: none"> • critical archival studies; • community archives; • digital archives; • social justice and LIS 	<ul style="list-style-type: none"> • Columbia College of Columbia University, New York, NY. Bachelors of Arts in Religion, May 1997. • Harvard Divinity School of Harvard University, Cambridge, MA. Master of Theological Studies in World Religions (South Asia), June 1999. • University of Wisconsin--Milwaukee, Milwaukee, WI. Master of Library and Information Science, August 2008. Concentration: Archival Administration. • University of Wisconsin--Madison, Madison, WI. PhD, School of Library and Information Studies, May 2012
<p>Tonia Sutherland</p>	<ul style="list-style-type: none"> • digital humanities; • cultural studies • history of technology; • visual culture • archives; • digital culture; • community informatics; • critical theory; • comparative cultural studies 	<ul style="list-style-type: none"> • BA in history, performance studies. • Cultural studies from Hampshire College. • PhD and an MLIS from the University of Pittsburgh's School of Computing and Information (formerly the School of Information Studies).
<p>Temas de pesquisa que tratam das dimensões arquivística em relação às tecnologias de informação e comunicação, e organização do conhecimento.</p>		
<p>Ciaran Trace</p>	<ul style="list-style-type: none"> • archives; • documentation; • digital archiving; • records management; • document management; • archiving; • digital humanities and archiving; • information science; • human-computer interaction; • archival research 	<ul style="list-style-type: none"> • BA Joint Honors Degree, Universidade Nacional da Irlanda: University College Dublin, 1992 • Diploma em Estudos de Arquivos, Universidade Nacional da Irlanda: University College Dublin, 1995 • Ph.D. em Biblioteconomia e Ciência da Informação, Universidade da Califórnia, Los Angeles, 2004.
<p>Elizabeth Yakel</p>	<ul style="list-style-type: none"> • archives and digital curation; • library and information science; • science, technology, and society; • teaching with primary sources 	<ul style="list-style-type: none"> • A.B. 1980 Brown University • A.M.L.S. 1982 University of Michigan. School of Library & Information Studies. • 1997 Dissertation Award, Association of Library and Information Science Educators (ALISE) • Ph.D. 1997 University of Michigan. School of Information. Dissertation: Recordkeeping in Radiology: The Relationships Between Activities and Records in Radiological Processes.
<p>Helen Tibbo</p>	<ul style="list-style-type: none"> • archives and records management; • information services for the humanities; • digital curation; • electronic information retrieval; • reference service. 	<ul style="list-style-type: none"> • BA, Bridgewater State College (English) • MLS, Indiana University • MA, University of Maryland (American Studies) • PhD, University of Maryland (Library and Information Science).
<p>Jonathan Furner</p>	<ul style="list-style-type: none"> • bibliographical control; • bibliometrics and quantitative humanities; • cataloging; • classification; • classification and knowledge organization; • digital humanities; • documentation; • history and philosophy of libraries; • history of library and information studies; • information ethics; • library studies 	<ul style="list-style-type: none"> • BA (Hons) em Filosofia / Ciências Sociais e Políticas, Universidade de Cambridge, 1987 • Mestrado em Gestão da Informação, Universidade de Sheffield, 1991 • Ph.D. em Estudos da Informação, Universidade de Sheffield, 1994
<p>Karen F. Gracy</p>	<ul style="list-style-type: none"> • data curation; • research methods; • linked data; • metadata; 	<ul style="list-style-type: none"> • 1991 AB UC Berkeley English and French • 1995 MA UCLA Film and Television (Critical

	<ul style="list-style-type: none"> • archival arrangement & description 	Studies Program) <ul style="list-style-type: none"> • 1995 MLIS UCLA Library and Information Science • 2001 PhD UCLA Library and Information Science
Patricia Galloway	<ul style="list-style-type: none"> • digital humanities; • historical museums • history; • digital archiving and preservation; • archives 	<ul style="list-style-type: none"> • BA in French from Millsaps College • MA and PhD in Comparative Literature • PhD in Anthropology from the University of North Carolina-Chapel Hill.
Ricardo Punzalan	<ul style="list-style-type: none"> • archives and digital curation; • computational social science; • library and information science; • science, technology, and society 	<ul style="list-style-type: none"> • Bachelor in Library Science, University of the Philippines Diliman • Graduate Certificate in Science, Technology, and Society (STS), University of Michigan • Graduate Certificate Museum Studies, University of Michigan • Master of Library and Information Science, University of the Philippines Diliman • Ph.D. in Information, University of Michigan
Robert Riter	<ul style="list-style-type: none"> • archival studies; • memory and representation; • scholarly editing • book history; • historical methods 	<ul style="list-style-type: none"> • University of Cincinnati BA English Literature 2000 – 2004 • University of Pittsburgh -MLIS Library and Information Science 2004 – 2005 • University of Illinois Urbana-Champaign- University of Illinois Urbana-Champaign Certificate Special Collections 2009 - 2010 • University of Pittsburgh-PhD Library and Information Science (Archival Studies) 2005 - 2011
Shawn VanCour	<ul style="list-style-type: none"> • archives; • digital history; • information policy; • media and technology; • media history; • research methods; • sound studie 	<ul style="list-style-type: none"> • M.A., Communication Arts, University of Wisconsin-Madison • Ph.D., Communication Arts, University of Wisconsin-Madison
Stacy E. Wood	<ul style="list-style-type: none"> • critical internet; • forensic science and technology; • criminal legal system 	<ul style="list-style-type: none"> • master's in library and Information Studies with a focus on Archival Studies. • PhD in the Graduate School of Education and Information Studies at UCLA.

Fonte: Sistematização própria (2022) com base nos websites pessoais e institucionais dos membros/as.

Os/as membros/as pertencentes à categoria 1 possuem formação de nível de graduação em inglês, história e religião (1). Já na pós-graduação estão situadas em estudos da informação/ e uma também da ciência da computação. Nos/nas demais membros/as referentes à categoria 2, possuem formação também nos estudos da linguagem como inglês ou francês, na área da filosofia, ou artes. E novamente, na pós-graduação estão situados em estudos da informação/ ciência da computação.

Uma observação sobre esses dados é que não há uma padronização das datas e formações, o que poderá ser solucionado no futuro, mediante uma entrevista para coletar essas informações, que poderia inclusive constar os títulos dos trabalhos desenvolvidos na pós-graduação, ou ainda, compreender as razões das escolhas por determinados temas. Por exemplo, há

uma entrevista realizada com Caswell em 2018⁷⁷ onde a autora cita sua trajetória até se inserir nos estudos arquivísticos, revelando como esse percurso ocorreu a partir de sua formação nos estudos da religião, até chegar nas temáticas atuais de arquivos comunitários. Nesse caso, seria interessante realizar um levantamento de entrevista já feitas com esses membros/as, e a partir disso propor outras para lacunas de informações desses dados biográficos. Situamos que essa compreensão biográfica no contexto epistêmico, enriquecem o conhecimento do percurso das temáticas estudadas, e revela inclusive o que podemos chamar de uma coerência de garantia biográfica⁷⁸, quando um autor/autora possuem publicações em determinados focos e ao analisar sua trajetória é possível verificar uma sequência de segmento, com tal temática ao longo do tempo, servindo para validar argumentos utilizados.

Visto a respeito da lente de epistêmica-biográfica passaremos à parte do perfil da lente de estruturação científica.

5.2 PERFIL DE ESTRUTURAÇÃO CIENTÍFICA

A respeito da produção científica foi recuperado um total de 169 artigos, provenientes de todos os membros/as pesquisados na base LISTA no período estabelecido de 2008-2021. Após, o tratamento foram desconsiderados editoriais, eventos e duplicados, ficando um total de 139 artigos, sendo este o *corpus 1* em que foi aplicado a lente de estruturação científica, com foco em identificar sete tipos de dados, descritos abaixo, na seguinte ordem: 1) Quantidade de publicações no total com a relação dos títulos e nuvem de palavras-chave; 2) Temáticas dos trabalhos; 3) Quantidade de publicação por autor (a); 4) Listagem de todos os periódicos; 5) Listagem dos anos; 6) Idioma das publicações; 7) Listagem dos coautores.

Conforme a ordem, iniciamos a apresentação com a descrição de todos os títulos dos trabalhos e seus respectivos autores e autoras.

⁷⁷ Caswell, Michelle; Cole, Harrison; and Griffith, Zachary (2018) "Images, Silences, and the Archival Record: An Interview with Michelle Caswell," *disClosure: A Journal of Social Theory*: Vol. 27 , Article 7. DOI: <https://doi.org/10.13023/disclosure.27.04>

⁷⁸ Pensamos nesse possível conceito, mas não iremos aprofundar aqui. Acreditamos que pode ser um campo de estudos futuros com relação às tipologias de garantias, assunto que trata Barité (2019).

Quadro 7. Relação *corpus* 1 total de trabalhos membros/as AERI no LISTA 2008-2021.

AUTOR/AUTORA E NOME DO PERIÓDICO	TÍTULO DA PUBLICAÇÃO
1. Gilliland, Anne J. Preservation, Digital Technology & Culture . Apr2016, Vol. 45 Issue 1, p27-31. 5p.	Building the Scholarly Base of a Field: Reflections on 8 Years of the Archival Education and Research Initiative (AERI)
2. Gilliland, Anne; Halilovich, Hariz. Archival Science . Mar2017, Vol. 17 Issue 1, p79-96. 18p. DOI: 10.1007/s10502-016-9265-9.	Migrating memories: transdisciplinary pedagogical approaches to teaching about diasporic memory, identity and human rights in archival studies.
3. Lau, Andrew J.; Gilliland, Anne J.; Anderson, Kimberly. NATURALIZING COMMUNITY ENGAGEMENT IN INFORMATION STUDIES Information, Communication & Society . Sep2012, Vol. 15 Issue 7, p991-1015. 25p.	Naturalizing community engagement in information studies
4. White, Kelvin L.; Gilliland, Anne J. Library Quarterly . Jul2010, Vol. 80 Issue 3, p231-248. 18p.	Promoting reflexivity and inclusivity in archival education, research, and practice
5. Gilliland, Anne J. Knygotyra . 2014, Issue 63, p17-34. 18p	Re conceptualizing records, the archive and archival roles and requirements in a networked society
6. Gilliland, Anne J. Archives & Records . Autumn2018, Vol. 39 Issue 2, p117-138. 22p.	To what lengths the 'Physical and Moral Defence of the Record' in times of conflict and exigency?
7. Gilliland, Anne J. Provenance: The Journal of the Society of Georgia Archivists . 2019, Vol. 35 Issue 2, p4-31. 28p. (AN: 151635300)	Trust Matters.
8. Gilliland, Anne. Afterword: in and out of the archives. Archival Science . Sep2010, Vol. 10 Issue 3, p333-343. 11p. DOI: 10.1007/s10502-010-9134-x.	Afterword: in and out of the archives.
9. Gilliland, Anne J. Contemplating Co-creator Rights in Archival Description Knowledge Organization . 2012, Vol. 39 Issue 5, p340-346. 7p.	Contemplating Co-creator Rights in Archival Description.
10. Gilliland, Anne J. Preservation, Digital Technology & Culture . Apr2014, Vol. 43 Issue 1/2, p54-60. 7p.	Fostering High-Impact Research in the Preservation Field.
11. Gilliland, Anne. Archival Science . Oct2014, Vol. 14 Issue 3/4, p249-274. 26p. DOI: 10.1007/s10502-014-9231-3.	Moving past: probing the agency and affect of recordkeeping in individual and community lives in post-conflict Croatia.
12. Gilliland, Anne. Archival Science . Nov2011, Vol. 11 Issue 3/4, p193-209. 17p. DOI: 10.1007/s10502-011-9147-0.	Neutrality, social justice and the obligations of archival education and educators in the twenty-first century.
13. Gilliland, Anne. Permeable Binaries, Societal Grand Challenges, and the Roles of the Twenty-first Century Archival and Recordkeeping Profession Archifacts . Dec2015, p12-30. 19p.	Permeable Binaries, Societal Grand Challenges, and the Roles of the Twenty-first Century Archival and Recordkeeping Profession.
14. Gilliland, Anne. Information & Culture . 2014, Vol. 49 Issue 1, p54-73. 20p. DOI: 10.7560/IC49104.	Professional, Institutional, and National Identities in Dialog: The Development of Descriptive Practices in the First Decade of the US National Archives.

<p>15. Gilliland, Anne; McKemmish, Sue; White, Kelvin; Yang Lu; Lau, Andrew. American Archivist. Spring/Summer2008, Vol. 71 Issue 1, p87-117. 31p. DOI: 10.17723/aarc.71.1.781w61g4r2kh3708.</p>	<p>Pluralizing the Archival Paradigm: Can Archival Education in Pacific Rim Communities Address the Challenge?</p>
<p>16. Gilliland, Anne; Caswell, Michelle. Archival Science. Mar2016, Vol. 16 Issue 1, p53-75. 23p. DOI: 10.1007/s10502-015-9259-z.</p>	<p>Records and their imaginaries: imagining the impossible, making possible the imagined.</p>
<p>17. Carbone, Kathy; Gilliland, Anne J.; Montenegro, María; Lowry, James; Sutherland, Tonia. Education for Information. 2021, Vol. 37 Issue 1, p3-26. 24p.</p>	<p>Rights in and to records and recordkeeping: Fighting bureaucratic violence through a human rights-centered approach to the creation, management and dissemination of documentation.</p>
<p>18. Wood, Stacy; Carbone, Kathy; Cifor, Marika; Gilliland, Anne; Punzalan, Ricardo. Archival Science. Oct2014, Vol. 14 Issue 3/4, p397-419. 23p. DOI: 10.1007/s10502-014-9233-1.</p>	<p>Mobilizing records: re-framing archival description to support human rights.</p>
<p>19. Trace, Ciaran B. Journal of Documentation. 2016, Vol. 72 Issue 1, p47-64. 18p.</p>	<p>Ethnomethodology: Foundational insights on the nature and meaning of documents in everyday life.</p>
<p>20. Trace, Ciaran B. American Archivist. Fall/Winter2020, Vol. 83 Issue 2, p322-372. 51p.</p>	<p>Maintaining Records in Context? Disrupting the Theory and Practice of Archival Classification and Arrangement.</p>
<p>21. Trace, Ciaran B. American Archivist. Fall/Winter2017, Vol. 80 Issue 2, p373-406. 34p.</p>	<p>Sweeping out the Capitol: The State Archives and the Politics of Administration in Georgia, 1921-1923.</p>
<p>22. Trace, Ciaran B.; Francisco-Revilla, Luis. Journal of the Association for Information Science & Technology. Sep2015, Vol. 66 Issue 9, p1857-1882. 26p. 6 Color Photographs, 5 Diagrams, 9 Charts, 10 Graphs</p>	<p>The value and complexity of collection arrangement for evidentiary work.</p>
<p>23. Trace, Ciaran B. Information & Culture. 2015, Vol. 50 Issue 4, p504-553. 50p.</p>	<p>Atlanta between the Wars: The Creation of the Georgia Department of Archives and History, 1918-1936.</p>
<p>24. TRACE, CIARAN B. Archivaria. Fall2011, Issue 72, p5-27. 23p.</p>	<p>Beyond the Magic to the Mechanism: Computers, Materiality, and What It Means for Records to Be "Born Digital".</p>
<p>25. Trace, Ciaran B. Information & Culture. 2019, Vol. 54 Issue 1, p1-3. 3p. DOI: 10.7560/IC54101.</p>	<p>Curated Issue of Information & Culture: A Journal of History.</p>
<p>26. Trace, Ciaran B. Information & Culture. 2014, Vol. 49 Issue 3, p265-293. 29p.</p>	<p>Information in Everyday Life: Boys' and Girls' Agricultural Clubs as Sponsors of Literacy, 1900-1920.</p>
<p>27. Trace, Ciaran B.; Karadkar, Unmil P. Journal of the Association for Information Science & Technology. Feb2017, Vol. 68 Issue 2, p491-507. 17p. 1 Chart, 3</p>	<p>Information management in the humanities: Scholarly processes, tools, and the construction of personal collections.</p>
<p>28. Trace, Ciaran B. American Archivist. Spring/Summer2020, Vol. 83 Issue 1, p91-127. 37p</p>	<p>Maintaining Records in Context: A Historical Exploration of the Theory and Practice of Archival Classification and Arrangement.</p>
<p>29. Trace, Ciaran B. Information Research. Mar2017, Vol. 22 Issue 1, p1-13. 13p</p>	<p>Phenomenology, experience, and the essence of documents as objects.</p>
<p>30. Trace, Ciaran B. Journal of the American Society for Information Science & Technology. Aug2008, Vol. 59 Issue 10, p1540-1554. 15p. 2 Charts.</p>	<p>Resistance and the underlife: Informal written literacies and their relationship to human information behavior.</p>

31. Trace, Ciaran; Dillon, Andrew. Archival Science . Dec2012, Vol. 12 Issue 4, p501-519. 19p.	The evolution of the finding aid in the United States: from physical to digital document genre.
32. Trace, Ciaran B.; Zhang, Yan. Journal of Documentation . 2020, Vol. 76 Issue 1, p290-316. 27p.	The quantified-self archive: documenting lives through self-tracking data.
33. Lee, Charlotte P.; Trace, Ciaran B. Journal of the American Society for Information Science & Technology . Mar2009, Vol. 60 Issue 3, p621-637. 17p. 1 Black and White Photograph, 5 Diagrams, 2 Charts.	The role of information in a community of hobbyist collectors.
34. Leeder, Chris; Markey, Karen; Yakel, Elizabeth. College & Research Libraries . Mar2012, Vol. 73 Issue 2, p115-133. 19p.	A Faceted Taxonomy for Rating Student Bibliographies in an Online Information Literacy Game.
35. Faniel, Ixchel M.; Frank, Rebecca D.; Yakel, Elizabeth. Journal of Documentation . 2019, Vol. 75 Issue 6, p1274-1297. 24p.	Context from the data reuser's point of view.
36. Yakel, Elizabeth; Conway, Paul; Hedstrom, Margaret; Wallace, David. Journal of Education for Library & Information Science . Winter2011, Vol. 52 Issue 1, p23-31. 9p. 2 Charts.	Digital Curation for Digital Natives.
37. Yakel, Elizabeth; Soo Young Rieh; Jean, Beth St.; Markey, Karen; Jihyun Kim. American Archivist . Fall/Winter2008, Vol. 71 Issue 2, p323-349. 27p.	Institutional Repositories and the Institutional Repository: College and University Archives and Special Collections in an Era of Change.
38. Yakel, Elizabeth. Preservation, Digital Technology & Culture . Apr2014, Vol. 43 Issue 1/2, p39-43. 5p.	Integrating Research and Teaching in Preservation Education.
39. SOO YOUNG RIEH; JEAN, BETH ST.; YAKEL, ELIZABETH; MARKEY, KAREN; JIHYUN KIM. Library Trends . Fall2008, Vol. 57 Issue 2, p168-190. 23p	Perceptions and Experiences of Staff in the Planning and Implementation of Institutional Repositories.
40. Allison-Bunnell, Jodi; Yakel, Elizabeth; Hauck, Janet. Journal of Archival Organization . Apr-Jun2011, Vol. 9 Issue 2, p67-104. 38p.	Researchers at Work: Assessing Needs for Content and Presentation of Archival Materials.
41. Kim, Jihyun; Suzuka, Kara; Yakel, Elizabeth. Aslib Journal of Information Management . 2020, Vol. 72 Issue 3, p395-419. 25p	Reusing qualitative video data: matching reuse goals and criteria for selection.
42. Daniels, Morgan G.; Yakel, Elizabeth. American Archivist . Fall/Winter2010, Vol. 73 Issue 2, p535-568. 34p.	Seek and You May Find: Successful Search in Online Finding Aid Systems.
43. Faniel, IxchelM.; Yakel, Elizabeth. Journal of Library Metadata . Jul-Dec2011, Vol. 11 Issue 3/4, p155-165. 11p. 1 Chart.	Significant Properties as Contextual Metadata.
44. Faniel, Ixchel M.; Kriesberg, Adam; Yakel, Elizabeth. Journal of the Association for Information Science & Technology . Jun2016, Vol. 67 Issue 6, p1404-1416. 13p. 4 Charts	Social scientists' satisfaction with data reuse.
45. Garcia, Patricia; Lueck, Joseph; Yakel, Elizabeth. Journal of Academic Librarianship . Mar2019, Vol. 45 Issue 2, p94-101. 8p.	The Pedagogical Promise of Primary Sources: Research Trends, Persistent Gaps, and New Directions.
46. Daniels, Morgan; Yakel, Elizabeth. Journal of Academic Librarianship . Sep2013, Vol. 39 Issue 5, p414-422. 9p.	Uncovering Impact: The Influence of Archives on Student Learning.

47. Jean, Beth St.; Soo Young Rieh; Yakel, Elizabeth; Markey, Karen. College & Research Libraries . Jan2011, Vol. 72 Issue 1, p21-42. 22p.	Unheard Voices: Institutional Repository End-Users.
48. Yakel, Elizabeth; Faniel, Ixchel M.; Maiorana, Zachary J. Information Research . Jun2019, Vol. 24 Issue 2, p1-23. 23p	Virtuous and vicious circles in the data life-cycle.
49. Dupont, Christian; Yakel, Elizabeth. Evidence Based Library & Information Practice . 2013, Vol. 8 Issue 2, p9-21. 13p.	What's So Special about Special Collections?" Or, Assessing the Value Special Collections Bring to Academic Libraries.
50. Keenan, Gail; Yakel, Elizabeth; Lopez, Karen Dunn; Tschannen, Dana; Ford, Yvonne B. Journal of the American Medical Informatics Association . Mar2013, Vol. 20 Issue 2, p245-251. 7p. 4 Charts	Challenges to nurses' efforts of retrieving, documenting, and communicating patient care information.
51. Frank, Rebecca; Yakel, Elizabeth; Faniel, Ixchel. Archival Science . Jun2015, Vol. 15 Issue 2, p141-167. 27p.	Destruction/reconstruction: preservation of archaeological and zoological research data.
52. Kim, Jihyun; Yakel, Elizabeth; Faniel, Ixchel M. College & Research Libraries . Sep2019, Vol. 80 Issue 6, p843-875. 33p.	Exposing Standardization and Consistency Issues in Repository Metadata Requirements for Data Deposition.
53. Donaldson, Devan; Yakel, Elizabeth. Archival Science . Mar2013, Vol. 13 Issue 1, p55-83. 29p.	Secondary adoption of technology standards: The case of PREMIS.
54. Blouin, Jr., Francis X.; Yakel, Elizabeth; Coombs, Leonard A. American Archivist . Fall/Winter2008, Vol. 71 Issue 2, p410-432. 23p.	Vatican Archives: An Inventory and Guide to Historical Documents of the Holy See--A Ten-Year Retrospective.
55. Yakel, Elizabeth; Tibbo, Helen. Performance Measurement & Metrics . 2010, Vol. 11 Issue 2, p211-222. 12p.	Standardized survey tools for assessment in archives and special collections.
56. Duff, Wendy M.; Yakel, Elizabeth; Tibbo, Helen R.; Cherry, Joan M.; McKay, Aprille; Krause, Magia G.; Sheffield, Rebecka. American Archivist . Fall/Winter2010, Vol. 73 Issue 2, p569-599. 31p.	The Development, Testing, and Evaluation of the Archival Metrics Toolkits.
57. Yakel, Elizabeth; Duff, Wendy; Tibbo, Helen; Kriesberg, Adam; Cushing, Amber. American Archivist . Fall/Winter2012, Vol. 75 Issue 2, p297-325. 29p	The Economic Impact of Archives: Surveys of Users of Government Archives in Canada and the United States.
58. Duff, Wendy M.; Yakel, Elizabeth; Tibbo, Helen. American Archivist . Spring/Summer2013, Vol. 76 Issue 1, p68-94. 27p.	Archival Reference Knowledge.
59. Ayoung Yoon; Tibbo, Helen. IASSIST Quarterly . Winter2011, Vol. 35 Issue 4, p6-13. 8p	Examination of Data Deposit Practices in Repositories with the OAIS Model.
60. LEE, CHRISTOPHER A.; TIBBO, HELEN. Archivaria . Fall2011, Issue 72, p123-167. 45p.	Where's the Archivist in Digital Curation? Exploring the Possibilities through a Matrix of Knowledge and Skills.
61. Bastian, Jeannette A. Archival Science . Mar2021, Vol. 21 Issue 1, p25-42. 18p.	Mine, yours, ours: archival custody from transaction to narrative.
62. Bastian, Jeannette. Archival Science . Mar2009, Vol. 9 Issue 1/2, p113-125. 13p.	Play mas': carnival in the archives and the archives in carnival: records and community identity in the US Virgin Islands.

63. BASTIAN, JEANNETTE A.; CLOONAN, MICHELE V.; HARVEY, ROSS. Library Trends . Spring2011, Vol. 59 Issue 4, p607-622. 16p.	From Teacher to Learner to User: Developing a Digital Stewardship Pedagogy.
64. Harvey, Ross; Bastian, Jeannette A. IFLA Journal . Mar2012, Vol. 38 Issue 1, p25-34. 10p.	Out of the classroom and into the laboratory: Teaching digital curation virtually and experientially.
65. Anderson, Karen; Bastian, Jeannette; Harvey, Ross; Plum, Terry; Samuelsson, Göran. Archival Science . Nov2011, Vol. 11 Issue 3/4, p349-372. 24p.	Teaching to trust: How a virtual archives and preservation curriculum laboratory creates a global education community?
66. Bastian, Jeannette. Archival Science . Jun2013, Vol. 13 Issue 2/3, p121-131. 11p.	The records of memory, the archives of identity: celebrations, texts and archival sensibilities.
67. Furner, Jonathan. Knowledge Organization . 2021, Vol. 48 Issue 7/8, p499-534. 36p	Classification of the Sciences in Greco-Roman Antiquity.
68. Furner, Jonathan. Journal of the Association for Information Science & Technology . Jun2020, Vol. 71 Issue 6, pE33-E42. 10p. 8 Charts	Definitions of "Metadata": A Brief Survey of International Standards.
69. Srinivasan, Ramesh; Boast, Robin; Furner, Jonathan; Becvar, KatherineM. Information Society . Jul-Sep2009, Vol. 25 Issue 4, p265-278. 14p	Digital Museums and Diverse Cultural Knowledges: Moving Past the Traditional Catalog.
70. FURNER, JONATHAN. Journal of Librarianship & Information Science . Sep2009, Vol. 41 Issue 3, p149-172. 24p.	Forty years of the Journal of Librarianship and Information Science: A quantitative analysis, Part I.
71. Gorichanaz, Tim; Furner, Jonathan; Ma, Lai; Bawden, David; Robinson, Lyn; Dixon, Dominic; Herold, Ken; Søre, Sille Obelitz; Van der Veer Martens, Betsy; Floridi, Luciano. Journal of Documentation . 2020, Vol. 76 Issue 2, p586-616. 31p.	Information and design: book symposium on Luciano Floridi's The Logic of Information.
72. Furner, Jonathan. Knowledge Organization . 2009, Vol. 36 Issue 1, p3-16. 14p.	Interrogating "Identity": A Philosophical Approach to an Enduring Issue in Knowledge Organization.
73. Furner, Jonathan. Education for Information . 2017, Vol. 33 Issue 1, p55-70. 16p. 1 Chart.	Philosophy of data: Why?.
74. Furner, Jonathan. International Cataloging & Bibliographic Control . Jul-Sep2008, Vol. 37 Issue 3, p47-51. 5p.	User Tagging of Library Resources: Toward a Framework for System Evaluation. (cover story).
75. Srinivasan, Ramesh; Boast, Robin; Becvar, Katherine M.; Furner, Jonathan. Journal of the American Society for Information Science & Technology . Apr2009, Vol. 60 Issue 4, p666-678. 13p. 2 Black and White Photographs, 4 Diagrams, 1 Chart.	Blobjects: Digital museum catalogs and diverse user communities.
76. Furner, Jonathan. Cataloging & Classification Quarterly . 2012, Vol. 50 Issue 5-7, p494-516. 23p.	FRSAD and the Ontology of Subjects of Works.
77. JONATHAN FURNER. Library Trends . Winter2015, Vol. 63 Issue 3, p363-377. 16p.	Information Science Is Neither.
78. Furner, Jonathan. Cataloging & Classification Quarterly . 2021, Vol. 59 Issue 6, p524-549. 26p.	Lynne C. Howarth: An Annotated Bibliography.

79. Bedford, Denise A. D.; Gracy, Karen F. Qualitative & Quantitative Methods in Libraries . 2014, Issue 1, p153-173. 19p.	Comparative Evaluation of Three Types of Semantic Distance Metrics - Implications for Use in Semantic Search.
80. Gracy, Karen F. American Archivist . Fall/Winter2012, Vol. 75 Issue 2, p422-455. 34p	Distribution and Consumption Patterns of Archival Moving Images in Online Environments.
81. Gracy, Karen F. Journal of Documentation . 2018, Vol. 74 Issue 2, p354-371. 18p.	Enriching and enhancing moving images with Linked Data.
82. Latham, Kiersten F.; Gorichanaz, Tim; Gracy, Karen F. Education for Information . 2018, Vol. 34 Issue 1, p55-77. 23p. 4 Diagrams, 3 Charts	Holistic competency development and the significance of learning domains in audiovisual archiving education.
83. By: Zeng, Marcia Lei; Gracy, Karen F.; Žumer, Maja. Knowledge Organization . 2014, Vol. 41 Issue 6, p440-451. 12p. 7 Color Photographs, 1 Diagram, 2 Charts	Using a Semantic Analysis Tool to Generate Subject Access Points: A Study Using Panofsky's Theory and Two Research Samples.
84. Gracy, Karen F.; Lambert, Frank. American Archivist . Spring/Summer2014, Vol. 77 Issue 1, p96-132. 37p	Who's Ready to Surf the Next Wave? A Study of Perceived Challenges to Implementing New and Revised Standards for Archival Description
85. Gracy, Karen. Archival Science . Sep2015, Vol. 15 Issue 3, p239-294. 56p	Archival description and linked data: a preliminary study of opportunities and implementation challenges.
86. Gracy, Karen F.; Zeng, Marcia Lei; Skirvin, Laurence. Journal of the American Society for Information Science & Technology . Oct2013, Vol. 64 Issue 10, p2078-2099. 22p.	Exploring methods to improve access to Music resources by aligning library Data with Linked Data: A report of methodologies and preliminary findings.
87. Gracy, Karen F.; Kahn, Miriam B. Library Resources & Technical Services . Jan2012, Vol. 56 Issue 1, p25-43. 19p.	Preservation in the Digital Age.
88. Gracy, Karen F. Information & Culture . 2013, Vol. 48 Issue 3, p368-389. 22p.	The Evolution and Integration of Moving Image Preservation Work into Cultural Heritage Institutions.
89. Kyungwon Koh; Rubenstein, Ellen; White, Kelvin. Information Research . Dec2015, Vol. 20 Issue 4, p50-66. 17p.	Practical and scholarly implications of information behaviour research: a pilot study of research literature.
90. White, Kelvin. Archival Science . Mar2009, Vol. 9 Issue 1/2, p43-55. 13p.	Meztizaje and remembering in Afro-Mexican communities of the Costa Chica: implications for archival education in Mexico.
91. Zavala, Jimmy; Migoni, Alda Allina; Caswell, Michelle; Geraci, Noah; Cifor, Marika. Archives & Manuscripts . Nov2017, Vol. 45 Issue 3, p202-215. 14p.	A process where we're all at the table': community archives challenging dominant modes of archival practice.
92. Caswell, Michelle; Mallick, Samip. Archives & Manuscripts . Mar2014, Vol. 42 Issue 1, p73-86. 14p.	Collecting the easily missed stories: digital participatory microhistory and the South Asian American Digital Archive.
93. Eschenfelder, Kristin R.; Caswell, Michelle. First Monday . Nov2010, Vol. 15 Issue 11, p2-2. 1p. 7	Digital cultural collections in an age of reuse and remixes.
94. CASWELL, MICHELLE. Archivaria . Fall2020, Issue 90, p148-164. 17p. (AN: 147355273)	Feeling Liberatory Memory Work: On the Archival Uses of Joy and Anger.
95. CASWELL, MICHELLE. Archivaria . Fall2010, Issue 70, p1-25. 28p.	Hannah Arendt's World: Bureaucracy, Documentation, and Banal Evil.
96. Caswell, Michelle. American Archivist . Spring/Summer2009, Vol. 72 Issue 1, p133-145. 13p.	Instant Documentation: Cell-Phone-Generated Records in the Archives.

97. Caswell, Michelle. Archival Science . Mar2010, Vol. 10 Issue 1, p25-44. 20p.	Khmer Rouge archives: accountability, truth, and memory in Cambodia.
98. Caswell, Michelle. Archival Science . Dec2013, Vol. 13 Issue 4, p273-292. 20p.	On archival pluralism: what religious pluralism (and its critics) can teach us about archives.
99. Caswell, Michelle. Library Quarterly . Jul2017, Vol. 87 Issue 3, p222-235. 14p	Teaching to Dismantle White Supremacy in Archives.
100. Caswell, Michelle. American Archivist . Spring/Summer2011, Vol. 74 Issue 1, p211-240. 30p.	Thank You Very Much, Now Give Them Back": Cultural Property and the Fight over the Iraqi Baath Party Records.
101. Caswell, Michelle; Cifor, Marika; Ramirez, Mario H. American Archivist . Spring/Summer2016, Vol. 79 Issue 1, p56-81. 26p.	To Suddenly Discover Yourself Existing": Uncovering the Impact of Community Archives.
102. Caswell, Michelle. Journal of Documentation . 2012, Vol. 68 Issue 2, p162-184. 23p.	Using classification to convict the Khmer Rouge.
103. CASWELL, MICHELLE; CILOR, MARIKA. Archivaria . Spring2016, Issue 81, p23-43. 21p.	From Human Rights to Feminist Ethics: Radical Empathy in the Archives.
104. Caswell, Michelle; Gabiola, Joyce; Zavala, Jimmy; Brilmyer, Gracen; Cifor, Marika. Archival Science . Mar2018, Vol. 18 Issue 1, p73-93. 21p	Imagining transformative spaces: the personal-political sites of community archives.
105. BRILMYER, GRACEN; GABIOLA, JOYCE; ZAVALA, JIMMY; CASWELL, MICHELLE. Archivaria . Fall2019, Issue 88, p6-48. 43p.	Reciprocal Archival Imaginaries: The Shifting Boundaries of "Community" in Community Archives.
106. Caswell, Michelle; Migoni, Alda Allina; Geraci, Noah; Cifor, Marika. Archives & Records . Spring2017, Vol. 38 Issue 1, p5-26. 22p.	To Be Able to Imagine Otherwise': community archives and the importance of representation.
107. Caswell, Michelle. Archival Science . Oct2014, Vol. 14 Issue 3/4, p307-322. 16p.	Toward a survivor-centered approach to records documenting human rights abuse: lessons from community archives.
108. Punzalan, Ricardo L.; Caswell, Michelle. Library Quarterly . Jan2016, Vol. 86 Issue 1, p25-42. 18p.	Critical Directions for Archival Approaches to Social Justice.
109. Galloway, Patricia. Information & Culture . 2014, Vol. 49 Issue 1, p3-33. 31p.	From Archival Management to Archival Enterprise to the Information Domain: David Gracy and the Development of Archival Education at the University of Texas.
110. Galloway, Patricia. Information & Culture . 2012, Vol. 47 Issue 1, p38-78. 41p.	Playpens for Mind Children: Continuities in the Practice of Programming.
111. Galloway, Patricia Kay. Preservation, Digital Technology & Culture . Apr2017, Vol. 46 Issue 1, p7-16. 10p.	Archiving Digital Objects as Maintenance: Reading a Rosetta Machine.
112. Galloway, Patricia Kay. Preservation, Digital Technology & Culture . Apr2014, Vol. 43 Issue 1/2, p51-53. 3p.	Commentary on Integrating Research and Teaching.
113. Gonzalez, Maria E.; Galloway, Patricia. Information & Culture . 2018, Vol. 53 Issue 1, p3-42. 40p	Crises" in Scholarly Communications? Insights from the Emergence of the Journal of Library History, 1947-1966.
114. Gonzalez, Maria E.; Galloway, Patricia. Information & Culture . 2018, Vol. 53 Issue 2, p121-152. 32p.	Crises" in Scholarly Communications? Maturity and Transfer of the Journal of Library History to the University of Texas, 1968-1976.
115. Galloway, Patricia. American Archivist . Spring/Summer2021, Vol. 84 Issue 1, p165-188. 24p.	Providing Restricted Access to Mental Health Archives within Government Archives: The Subject Stakeholder.
116. GALLOWAY, PATRICIA. Library Trends . Spring2011, Vol. 59 Issue 4, p623-636. 14p.	Retrocomputing, Archival Research, and Digital Heritage Preservation: A Computer Museum and iSchool Collaboration.

117.PUNZALAN, RICARDO L.; MARSH, DIANA E.; COOLS, KYLA. Archivaria . Fall2017, Issue 84, p61-102. 42p.	Beyond Clicks, Likes, and Downloads: Identifying Meaningful Impacts for Digitized Ethnographic Archives.
118.Punzalan, Ricardo L. American Archivist . Fall/Winter2014, Vol. 77 Issue 2, p326-349. 24p.	Archival Diasporas: A Framework for Understanding the Complexities and Challenges of Dispersed Photographic Collections.
119.CONWAY, PAUL; PUNZALAN, RICARDO. Archivaria . Spring2011, Issue 71, p63-97. 35p.	Fields of Vision: Toward a New Theory of Visual Literacy for Digitized Archival Photographs.
120.James, Christian; Punzalan, Ricardo L. Journal of Archival Organization . Jul-Dec2014, Vol. 12 Issue 3/4, p198-215. 18p.	Legacy Matters: Describing Subject-Based Digital Historical Collections.
121.Johnston, Jesse A.; Wallace, David A.; Punzalan, Ricardo L. Archival Science . Dec2019, Vol. 19 Issue 4, p309-329. 21p.	Messages sent, and received? Changing perspectives and policies on US federal email as record and the limits of archival accountability.
122.Punzalan, Ricardo L. Library Quarterly . Jul2014, Vol. 84 Issue 3, p294-323. 30p. 4 Diagrams, 2	Understanding Virtual Reunification.
123.Jacobsen, Trond; Punzalan, Ricardo; Hedstrom, Margaret. Archival Science . Jun2013, Vol. 13 Issue 2/3, p217-251. 35p.	Invoking 'collective memory': mapping the emergence of a concept in archival science.
124.Marsh, Diana E.; Punzalan, Ricardo L.; Johnston, Jesse A. American Archivist . Fall/Winter2019, Vol. 82 Issue 2, p268-302. 35p.	Preserving Anthropology's Digital Record: CoPAR in the Age of Electronic Fieldnotes, Data Curation, and Community Sovereignty.
125.Marsh, Diana; Punzalan, Ricardo; Leopold, Robert; Butler, Brian; Petrozzi, Massimo. Archival Science . Dec2016, Vol. 16 Issue 4, p327-372. 46p.	Stories of impact: the role of narrative in understanding the value and impact of digital collections.
126.Riter, Robert B. Collection & Curation . 4/1/2020, Vol. 39 Issue 2, p41-46. 6p.	Archives in the stacks: documentary editions in collections.
127.Riter, Robert B. Art Libraries Journal . Oct2019, Vol. 44 Issue 4, p167-173. 7p.	Book art and the representation and communication of original sources.
128.Riter, Robert B. Serials Review . Jan-Mar2018, Vol. 44 Issue 1, p29-35. 7p.	The Documentary Lives of levy's Buddhist Third Class Junkmail Oracle.
129.VANCOUR, SHAWN. ARSC Journal . Spring2021, Vol. 52 Issue 1, p117-123. 7p.	Community Audio Archiving.
130.Treat, Laura J.; VanCour, Shawn. Journal of Archival Organization . Jan-Jun2020, Vol. 17 Issue 1/2, p1-12. 12p. DOI: 10.1080/15332748.2020.1787657	Introduction: The State of Radio Preservation.
131.Feaster, Patrick; VanCour, Shawn; Witherspoon, Thomas. Journal of Archival Organization . Jan-Jun2020, Vol. 17 Issue 1/2, p144-160. 17p. DOI: 10.1080/15332748.2020.1769999.	The Radio Spectrum Archive: A New Approach to Radio History and Preservation.
132.Wood, Stacy E. Preservation, Digital Technology & Culture . Apr2017, Vol. 46 Issue 1, p41-51. 11p.	Police Body Cameras and Professional Responsibility: Public Records and Private Evidence.
133.Kelty, Christopher; Panofsky, Aaron; Currie, Morgan; Crooks, Roderic; Erickson, Seth; Garcia, Patricia; Wartenbe, Michael; Wood, Stacy. Journal of the Association for Information Science & Technology . Mar2015, Vol. 66 Issue 3, p474-488. 15p.	Seven dimensions of contemporary participation disentangled.

134.Espinal, Isabel; Sutherland, Tonia; Roh, Charlotte. Library Trends . Summer2018, Vol. 67 Issue 1, p147-162. 16p.	A Holistic Approach for Inclusive Librarianship: Decentering Whiteness in Our Profession.
135.Cox, Richard J.; Mattern, Eleanor; Mattock, Lindsay; Rodriguez, Raquel; Sutherland, Tonia. Journal of Education for Library & Information Science . Fall2012, Vol. 53 Issue 4, p303-316. 14p.	Assessing iSchools.
136.Sutherland, Tonia. Preservation, Digital Technology & Culture . Jul2019, Vol. 48 Issue 2, p56-60. 5p.	Celebrating a Decade of Archival Education and Research: The Tenth Annual Archival Education and Research Institute.
137.Sutherland, Tonia. American Archivist . Fall/Winter2016, Vol. 79 Issue 2, p392-416. 25p.	From (Archival) Page to (Virtual) Stage: The Virtual Vaudeville Prototype.
138.Sutherland, Tonia. Preservation, Digital Technology & Culture . Apr2017, Vol. 46 Issue 1, p32-40. 9p.	Making a Killing: On Race, Ritual, and (Re) Membering in Digital Culture
139.Sutherland, Tonia. Archival Science . Jun2019, Vol. 19 Issue 2, p167-183. 17p	Reading gesture: Katherine Dunham, the Dunham Technique, and the vocabulary of dance as decolonizing archival praxis.

Fonte: Sistematização própria com base nos dados da pesquisa.

Ainda em relação aos títulos, com o uso do Atlas T.i geramos uma nuvem de palavras apresentada na figura 4.

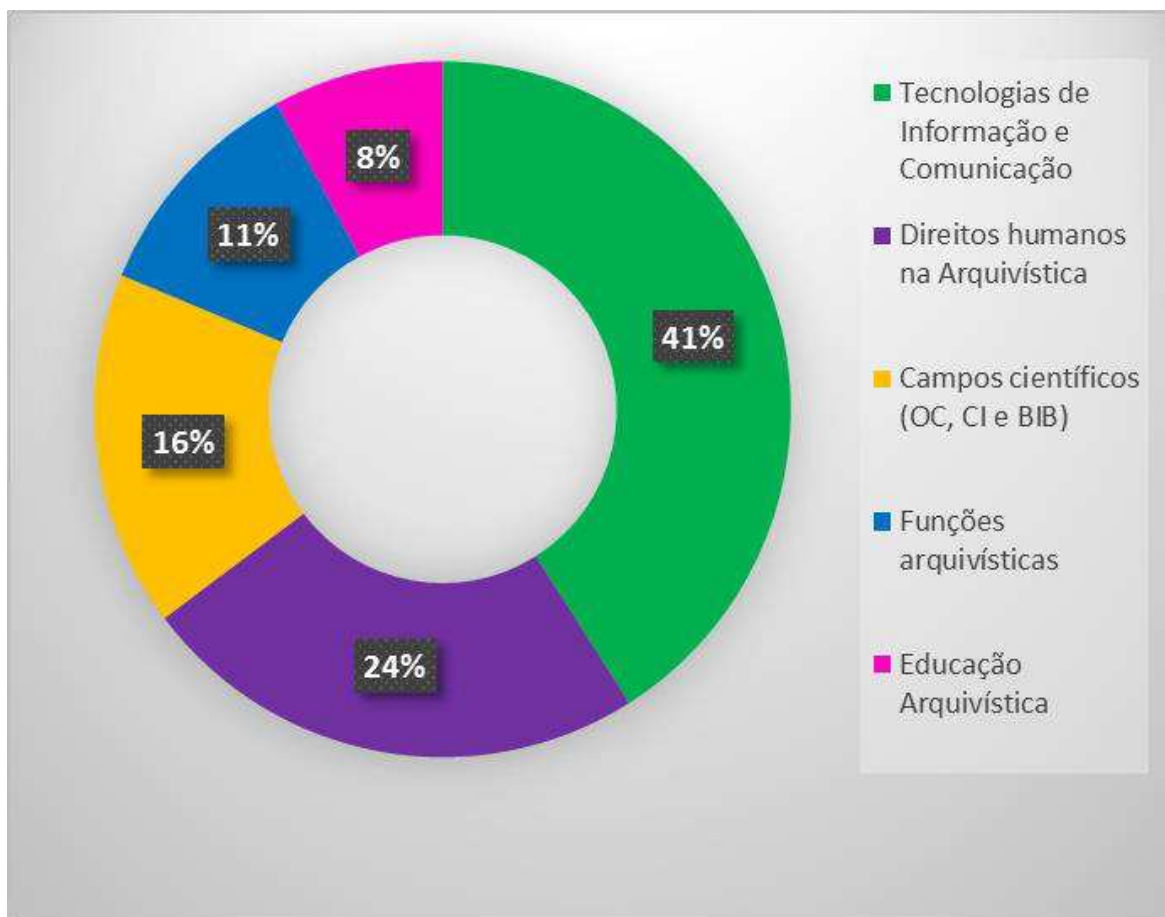
Figura 4. Nuvem de palavras dos títulos *corpus* 1 de 139 trabalhos.



Fonte: Elaboração própria a partir do software atlas t.i.

nessa relação em geral, mas não apareciam nos títulos. Essas figuras foram um primeiro contato com o *corpus*. Posteriormente, após a leitura das partes elementares de forma breve, realizamos a análise dos temas dessas publicações. Conforme gráfico a seguir⁷⁹:

Gráfico 1. Temáticas presentes nos trabalhos do *corpus* 1, de 139.



Fonte: Sistematização própria com base na coleta de dados da pesquisa.

Com essa análise das temáticas, as informações presentes nas nuvens de palavras se confirmam, a começar pela dimensão da tecnologias de informação e comunicação que predomina com 41% (57 trabalhos); seguido da temática de direitos humanos, que inclui por exemplo, a justiça social e questões associadas, com 24% (33 trabalhos); e os demais campos científicos com 16% (23 trabalhos); funções arquivística 11% (15 trabalhos) e educação arquivística

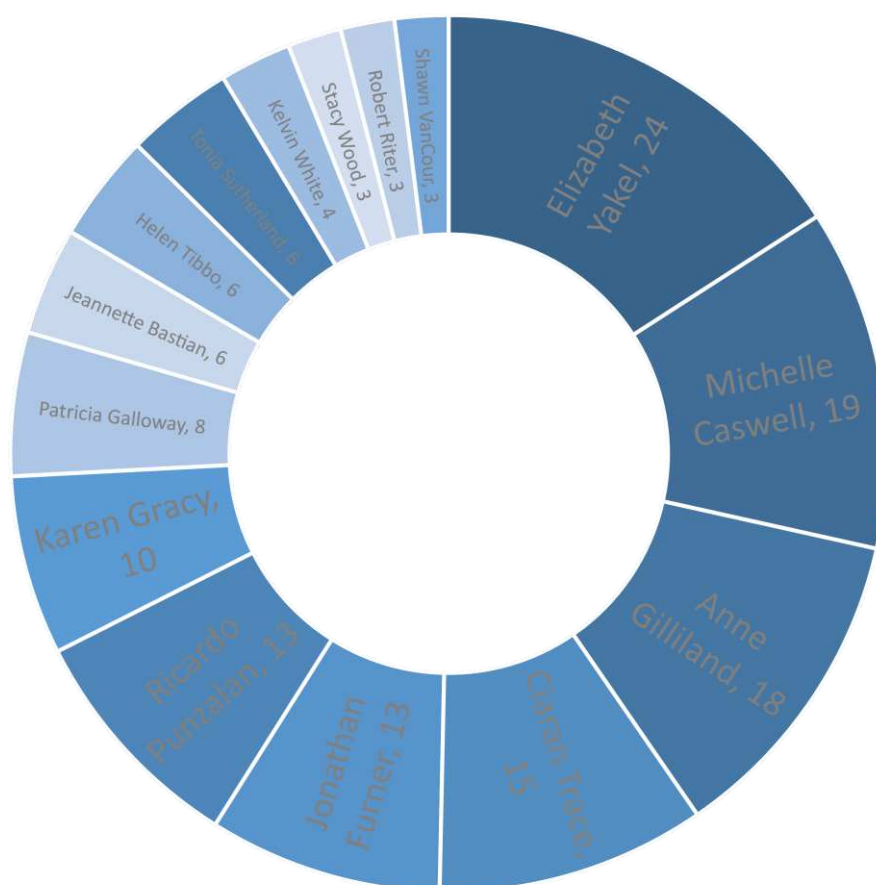
⁷⁹ Nos apêndices constam as planilhas gerais pelas quais foram extraídas as informações apresentadas nas lentes de análise.

8% (11 trabalhos) com o *corpus* 1 de 139 trabalhos de todos os membros/as da AERI.

Em uma primeira visão, esses resultados revelam que os membros/as da AERI, quando publicam artigos em periódicos que são indexados pela Ciência da Informação, como foi o caso da LISTA, possuem a vertente das tecnologias em grande quantidade em relação às demais temáticas. Mas, é importante destacar que permeado com as características de nosso tempo, as tecnologias atravessam e dialogam com todos âmbitos, por isso, fica muito limitado afirmar apenas que essa dimensão opera separado em maior quantidade. Nesse caso, vamos observar também as palavras-chave desses artigos pertencentes a essa categoria que estabelecemos.

Em relação à 3) Quantidade de publicação por autor (a); 4) Listagem de todos os periódicos; 5) Listagem dos anos; 6) Idioma das publicações; 7) Listagem dos coautores. Apresentamos os gráficos a seguir, seguidos de suas respectivas análises:

Gráfico 2. Quantidade de publicação por membro AERI.



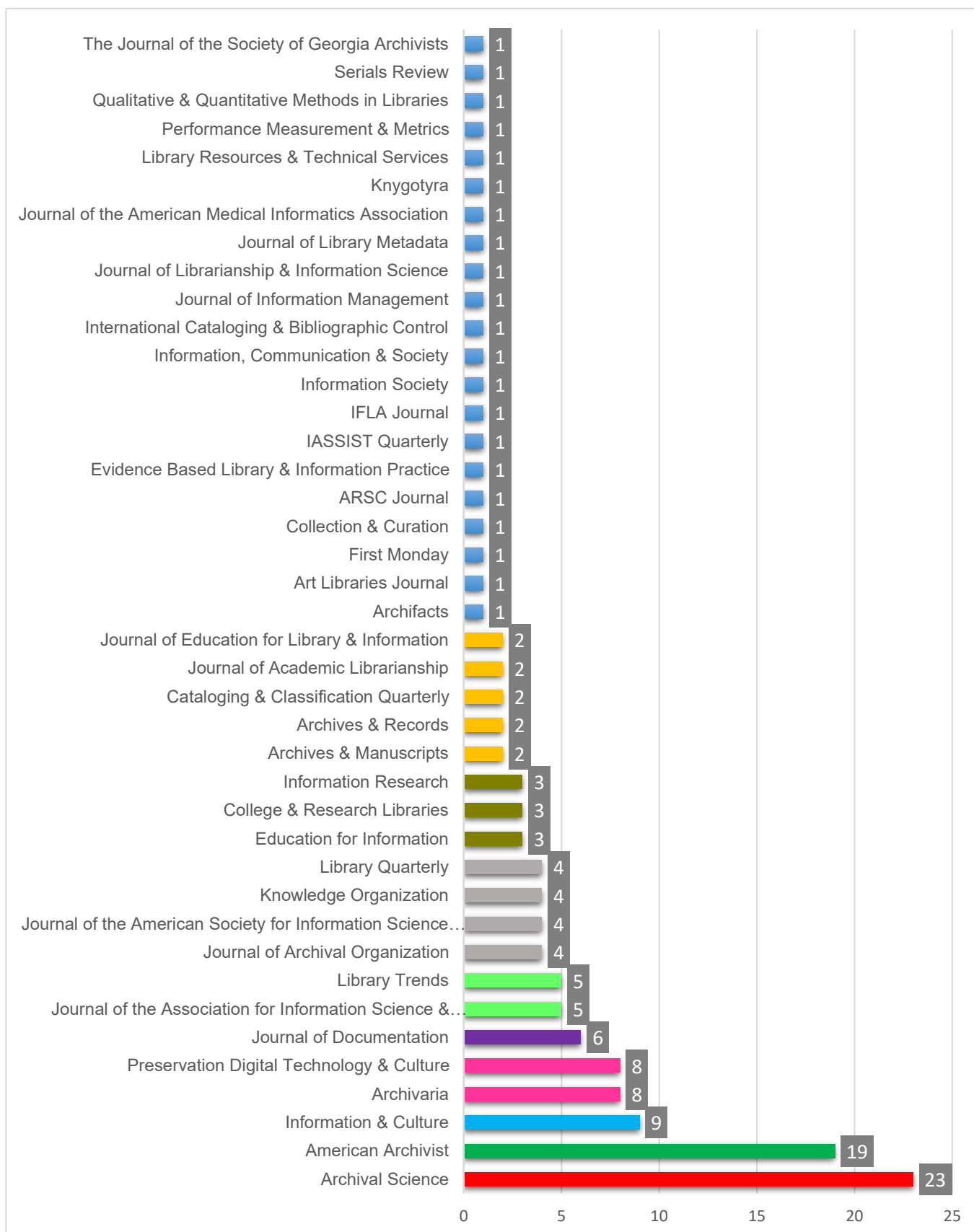
Fonte: Sistematização própria (2022) com base na coleta de dados da pesquisa.

Interessante observar, que se olharmos para as quatro primeiras colocações veremos que os temas de cada uma são representativos nas categorias que serão abordados em seguida, ora diz respeito a dimensão das tecnologias de informação e comunicação (Elizabeth Yakel e Ciaran Trace), ora diz respeito as discussões das perspectivas de justiça social na arquivística (Michelle Caswell e Anne Gilliland). E dando sequência, vemos que a quantidade da temática das tecnologias pelos membros/as que a estudam diretamente, segue predominando em temas quantitativos.

Uma pergunta possível nesse contexto e que tem ligação com o gráfico 1 seria, será que para essas temáticas de direitos humanos e suas variáveis há outro *locus* de publicação? Por exemplo, de livros ou capítulos de livros? Ou ainda, como esses temas são recentes nos estudos do campo, eles estão começando a aparecer recentemente, em comparação com dimensões das tecnologias.

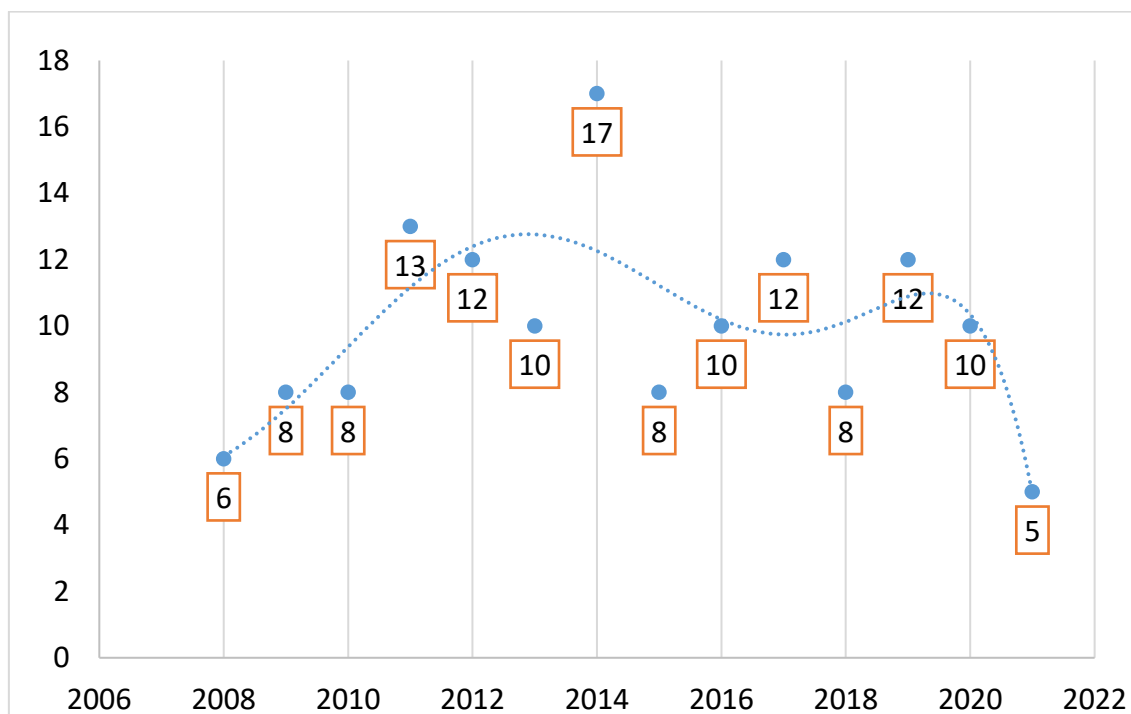
Certamente, outras análises podem enriquecer esse debate, mas de forma sintética, podemos notar que se tratando do perfil da estruturação científica para além da temática, os membros/as da AERI publicam majoritariamente em periódicos da Arquivística, como revela o gráfico 3 abaixo. Se somarmos as três revistas mais representativas do domínio do campo, ou seja, a *Archivaria* (8); *American Archivist* (19) e *Archival Science* (23), temos um total de 54 trabalhos publicados nessas revistas. Isto é, 35,97% de todos os periódicos do *corpus* 1 pertencem à essas revistas da arquivística.

Outro fator de destaque são os demais periódicos, alguns da Arquivística também, ainda que menos conhecidos em âmbito internacional, e outros da Ciência da Informação, Biblioteconomia e Organização do Conhecimento. Esses dados mostram que esses lugares de publicação estão relacionados com a biografia dos membros/as, como geralmente acontece em se tratando de um contexto de comunicação científica.

Gráfico 3: Listagem de todos os periódicos do *corpus* de 139 trabalhos.

Fonte: Sistematização própria (2022) com base na coleta de dados da pesquisa.

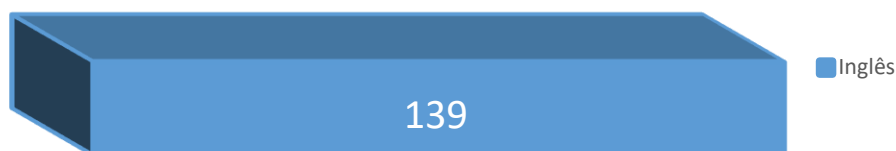
Gráfico 4. Listagem dos anos dos trabalhos publicado membros/as AERI 2008-2021 na Base LISTA.



Fonte: Sistematização própria (2022) com base na coleta de dados da pesquisa.

Em relação aos anos de análise do período de 2008-2021, notamos um crescimento, estabilidade, seguido de uma queda em 2020, aspecto que possivelmente tem relação com o contexto da pandemia da COVID-2019. Sobre o ano de maior concentração de trabalhos, há 2014, com um total de 17.

Sobre os idiomas, como mostra o Gráfico 5, todos na língua inglesa, idioma do país dos/das membros/as. Aqui cabe uma observação, uma membra possui um texto traduzido para o espanhol, como é o caso de Anne Gilliland. Esse é um cenário que precisamos chamar a atenção, para a necessidade e importância que essa comunidade tenha traduções para outros idiomas, como o espanhol e português. Certamente precisam ser analisados outros fatores de viabilizar essa ação. Em síntese, vemos que tais discussões propostas por essa comunidade sobre dimensões da educação e pesquisa ainda estão circunscritas apenas em inglês.

Gráfico 5. Idioma das publicações.

Fonte: Sistematização própria (2022) com base na coleta de dados da pesquisa.

Passando para a Tabela 4, com a listagens dos coautores, vemos que Cifor, Marika e Faniel, Ixchel aparecem em 6 trabalhos cada.

Markey, Karen em 4 trabalhos, e com 3 temas: Duff, Wendy; Harvey, Ross; Jean, Beth St; Marsh, Diana E; Soo Young Rieh; Zavala, Jimmy.

Tabela 4. Listagem dos coautores.

<i>Allison-Bunnell, Jodi</i>	1	<i>Francisco-Revilla, Luis</i>	1	<i>McKay, Aprille</i>	1
<i>Anderson, Karen</i>	1	<i>Gonzalez, Maria E.;</i>	1	<i>McKemmish, Sue</i>	1
<i>Anderson, Kimberly</i>	1	<i>Halilovich, Hariz.</i>	1	<i>Panofsky, Aaron;</i>	1
<i>Ayoung Yoon</i>	1	<i>Hauck, Janet</i>	1	<i>Petrozzi, Massimo</i>	1
<i>Bawden, David</i>	1	<i>Herold, Ken;</i>	1	<i>Plum, Terry</i>	1
<i>Bedford, Denise A. D</i>	1	<i>Jacobsen, Trond;</i>	1	<i>Ramirez, Mario H.</i>	1
<i>Blouin, Jr., Francis X</i>	1	<i>James, Christian;</i>	1	<i>Robinson, Lyn;</i>	1
<i>Butler, Brian;</i>	1	<i>Kahn, Miriam B.</i>	1	<i>Rodriguez, Raquel;</i>	1
<i>Cherry, Joan M</i>	1	<i>Karadkar, Unmil P.</i>	1	<i>Roh, Charlotte.</i>	1
<i>Cloonan, Michele v</i>	1	<i>Keenan, Gail</i>	1	<i>Rubenstein, Ellen;</i>	1
<i>Cools, Kyla</i>	1	<i>Kelty, Christopher;</i>	1	<i>Samuelsson, Göran</i>	1
<i>Coombs, Leonard A</i>	1	<i>Krause, Magia G</i>	1	<i>Sheffield, Rebecka</i>	1
<i>Cox, Richard J.;</i>	1	<i>Kyungwon Koh;</i>	1	<i>Skirvin, Laurence</i>	1
<i>Crooks, Roderic;</i>	1	<i>Lambert, Frank.</i>	1	<i>Søe, Sille Obelitz;</i>	1
<i>Currie, Morgan;</i>	1	<i>Latham, Kiersten F.;</i>	1	<i>Suzuka, Kara</i>	1
<i>Cushing, Amber</i>	1	<i>Lee, Charlotte P</i>	1	<i>Treat, Laura J.;</i>	1
<i>Dillon, Andrew</i>	1	<i>Lee, Christopher</i>	1	<i>Tschannen, Dana</i>	1
<i>Dixon, Dominic;</i>	1	<i>Leeder, Chris</i>	1	<i>Van der Veer</i>	1
<i>Donaldson, Devan</i>	1	<i>Leopold, Robert;</i>	1	<i>Martens, Betsy;</i>	1
<i>Dupont, Christian</i>	1	<i>Lopez, Karen Dunn</i>	1	<i>Wartenbe, Michael;</i>	1
<i>Erickson, Seth;</i>	1	<i>Lueck, Joseph</i>	1	<i>Witherspoon, Thomas</i>	1
<i>Eschenfelder, Kristin</i>	1	<i>Ma, Lai;</i>	1	<i>Yang Lu</i>	1
<i>R.;</i>		<i>Maiorana, Zachary J</i>	1	<i>Zhang, Yan</i>	1
<i>Espinal, Isabel;</i>	1	<i>Mallick, Samip.</i>	1	<i>Žumer, Maja</i>	1
<i>Feaster, Patrick;</i>	1	<i>Mattern, Eleanor;</i>	1	<i>Becvar, Katherine M</i>	2
<i>Floridi, Luciano.</i>	1	<i>Mattock, Lindsay;</i>	1	<i>Boast, Robin</i>	2
<i>Ford, Yvonne B</i>	1			<i>Brilmyer, Gracen</i>	2

<i>Carbone, Kathy</i>	2
<i>Conway, Paul</i>	2
<i>Daniels, Morgan</i>	2
<i>Frank, Rebecca</i>	2
<i>Gabiola, Joyce</i>	2
<i>Garcia, Patricia</i>	2
<i>Geraci, Noah</i>	2
<i>Gorichanaz, Tim</i>	2
<i>Hedstrom, Margaret</i>	2
<i>Jihyun Kim</i>	2
<i>Johnston, Jesse A</i>	2
<i>Kim, Jihyun</i>	2
<i>Kriesberg, Adam</i>	2
<i>Lau, Andrew</i>	2
<i>Migoni, Alda Allina</i>	2
<i>Srinivasan, Ramesh</i>	2
<i>Wallace, David</i>	2
<i>Zeng, Marcia Lei</i>	2
<i>Duff, Wendy</i>	3
<i>Harvey, Ross</i>	3
<i>Jean, Beth St</i>	3
<i>Marsh, Diana E</i>	3
<i>Soo Young Rieh</i>	3
<i>Zavala, Jimmy</i>	3
<i>Markey, Karen</i>	4
<i>Cifor, Marika</i>	6
<i>Faniel, Ixchel M</i>	6

Fonte: Sistematização própria (2022) com base na coleta de dados da pesquisa.

Sobre os coautores de 6 trabalhos, Cifor é professora assistente na escola de informação da *University of Washington* com estudos de arquivo e estudos digitais. Ela investiga como “indivíduos e comunidades marginalizados por gênero, sexualidade, raça e etnia e status de HIV são representados e como eles documentam e se representam em arquivos e culturas digitais” (CIFOR WEBSITE PESSOAL, 2022)⁸⁰.

Já a autora Ixchel é pesquisadora na *Online Computer Library Center (OCLC)* e seus temas de pesquisa estão focados no compartilhamento e reutilização dos dados de pesquisa por parte dos pesquisadores.⁸¹

Visto a respeito da lente de estruturação científica passaremos à parte do perfil da lente terminologia pontual.

5.3 PERFIL TERMINOLÓGICO PONTUAL

De acordo com os procedimentos descritos na metodologia que previa identificar mediante critério estabelecido, dos membros, o termo para ser analisado pontualmente e o procedimento metodológico para a coleta e análise do termo, chegamos aos seguintes resultados abaixo.

Foram identificados/as 5 membros/as da AERI, que possuem a dimensão com foco explícito em seus currículos de investigações sobre direitos humanos/ justiça social/ decolonialidade na perspectiva da arquivística, sendo estes: Anne Gilliland; Jeannette Bastian; Kelvin White; Michelle Caswell e Tonia Sutherland. Com a produção desses membros/as, e excluindo os artigos duplicados de autores que escreveram em conjunto, o total desse *corpus*, que chamaremos de *corpus 2*, temos um total de 49 artigos, sendo estes:

Quadro 8. *Corpus 2* da pesquisa extraído do *corpus 1*.

AUTOR/AUTORA E NOME DO PERIÓDICO	TÍTULO DA PUBLICAÇÃO
1. Gilliland, Anne J. Preservation, Digital Technology & Culture . Apr2016, Vol. 45 Issue 1, p27-31. 5p.	Building the Scholarly Base of a Field: Reflections on 8 Years of the Archival Education and Research Initiative (AERI).

⁸⁰ <https://marikacifor.com/>

⁸¹ <https://www.oclc.org/research/people/faniel-ixchel.html>

<p>2. Gilliland, Anne; Halilovich, Hariz. Archival Science. Mar2017, Vol. 17 Issue 1, p79-96. 18p. DOI: 10.1007/s10502-016-9265-9.</p>	<p>Migrating memories: transdisciplinary pedagogical approaches to teaching about diasporic memory, identity and human rights in archival studies.</p>
<p>3. Lau, Andrew J.; Gilliland, Anne J.; Anderson, Kimberly. Information, Communication & Society. Sep2012, Vol. 15 Issue 7, p991-1015. 25p.</p>	<p>Naturalizing community engagement in information studies.</p>
<p>4. White, Kelvin L.; Gilliland, Anne J. Library Quarterly. Jul2010, Vol. 80 Issue 3, p231-248. 18p.</p>	<p>Promoting reflexivity and inclusivity in archival education, research, and practice.</p>
<p>5. Gilliland, Anne J. Knygotyra. 2014, Issue 63, p17-34. 18p</p>	<p>Re conceptualizing records, the archive and archival roles and requirements in a networked society.</p>
<p>6. Gilliland, Anne J. Archives & Records. Autumn2018, Vol. 39 Issue 2, p117-138. 22p.</p>	<p>To what lengths the 'Physical and Moral Defence of the Record' in times of conflict and exigency?</p>
<p>7. Gilliland, Anne J. Provenance: The Journal of the Society of Georgia Archivists. 2019, Vol. 35 Issue 2, p4-31. 28p. (AN: 151635300)</p>	<p>Trust Matters.</p>
<p>8. Gilliland, Anne. Archival Science. Sep2010, Vol. 10 Issue 3, p333-343. 11p. DOI: 10.1007/s10502-010-9134-x.</p>	<p>Afterword: in and out of the archives.</p>
<p>9. Gilliland, Anne J. Knowledge Organization. 2012, Vol. 39 Issue 5, p340-346. 7p.</p>	<p>Contemplating Co-creator Rights in Archival Description.</p>
<p>10. Gilliland, Anne. Archival Science. Oct2014, Vol. 14 Issue 3/4, p249-274. 26p. DOI: 10.1007/s10502-014-9231-3.</p>	<p>Moving past: probing the agency and affect of recordkeeping in individual and community lives in post-conflict Croatia.</p>
<p>11. Gilliland, Anne. Archival Science. Nov2011, Vol. 11 Issue 3/4, p193-209. 17p. DOI: 10.1007/s10502-011-9147-0.</p>	<p>Neutrality, social justice and the obligations of archival education and educators in the twenty-first century.</p>
<p>12. Gilliland, Anne. Archifacts. Dec2015, p12-30. 19p.</p>	<p>Permeable Binaries, Societal Grand Challenges, and the Roles of the Twenty-first Century Archival and Recordkeeping Profession1 ARANZ 2015 Keynote.</p>
<p>13. Gilliland, Anne. Information & Culture. 2014, Vol. 49 Issue 1, p54-73. 20p. DOI: 10.7560/IC49104.</p>	<p>Professional, Institutional, and National Identities in Dialog: The Development of Descriptive Practices in the First Decade of the US National Archives.</p>
<p>14. Gilliland, Anne; McKemmish, Sue; White, Kelvin; Yang Lu; Lau, Andrew. American Archivist. Spring/Summer2008, Vol. 71 Issue 1, p87-117. 31p. DOI: 10.17723/aarc.71.1.781w61g4r2kh3708.</p>	<p>Pluralizing the Archival Paradigm: Can Archival Education in Pacific Rim Communities Address the Challenge?</p>
<p>15. Gilliland, Anne; Caswell, Michelle. Archival Science. Mar2016, Vol. 16 Issue 1, p53-75. 23p. DOI: 10.1007/s10502-015-9259-z.</p>	<p>Records and their imaginaries: imagining the impossible, making possible the imagined.</p>
<p>16. Carbone, Kathy; Gilliland, Anne J.; Montenegro, María; Lowry, James; Sutherland, Tonia. Education for Information. 2021, Vol. 37 Issue 1, p3-26. 24p.</p>	<p>Rights in and to records and recordkeeping: Fighting bureaucratic violence through a human rights-centered approach to the creation, management and dissemination of documentation.</p>
<p>17. Wood, Stacy; Carbone, Kathy; Cifor, Marika; Gilliland, Anne; Punzalan, Ricardo. Archival Science. Oct2014, Vol. 14 Issue 3/4, p397-419. 23p. DOI: 10.1007/s10502-014-9233-1.</p>	<p>Mobilizing records: re-framing archival description to support human rights.</p>
<p>18. Bastian, Jeannette A. " Mine, yours, ours: archival custody from transaction to narrative. Archival Science. Mar2021, Vol. 21 Issue 1, p25-42. 18p.</p>	<p>Mine, yours, ours: archival custody from transaction to narrative.</p>
<p>19. Bastian, Jeannette. Archival Science. Mar2009, Vol. 9 Issue 1/2, p113-125. 13p.</p>	<p>Play mas': carnival in the archives and the archives in carnival: records and community identity in the US Virgin Islands. O</p>

20. BASTIAN, JEANNETTE A.; CLOONAN, MICHELE V.; HARVEY, ROSS. Library Trends . Spring2011, Vol. 59 Issue 4, p607-622. 16p.	From Teacher to Learner to User: Developing a Digital Stewardship Pedagogy.
21. Harvey, Ross; Bastian, Jeannette A. IFLA Journal . Mar2012, Vol. 38 Issue 1, p25-34. 10p.	Out of the classroom and into the laboratory: Teaching digital curation virtually and experientially.
22. Anderson, Karen; Bastian, Jeannette; Harvey, Ross; Plum, Terry; Samuelsson, Göran. Archival Science . Nov2011, Vol. 11 Issue 3/4, p349-372. 24p.	Teaching to trust: How a virtual archives and preservation curriculum laboratory creates a global education community?.
23. Bastian, Jeannette. The records of memory, the archives of identity: celebrations, texts and archival sensibilities. Archival Science . Jun2013, Vol. 13 Issue 2/3, p121-131. 11p.	The records of memory, the archives of identity: celebrations, texts and archival sensibilities.
24. Kyungwon Koh; Rubenstein, Ellen; White, Kelvin. Information Research . Dec2015, Vol. 20 Issue 4, p50-66. 17p.	Practical and scholarly implications of information behaviour research: a pilot study of research literature.
25. White, Kelvin. Meztizaje and remembering in Afro-Mexican communities of the Costa Chica: implications for archival education in Mexico. Archival Science . Mar2009, Vol. 9 Issue 1/2, p43-55. 13p.	Meztizaje and remembering in Afro-Mexican communities of the Costa Chica: implications for archival education in Mexico.
26. Zavala, Jimmy; Migoni, Alda Allina; Caswell, Michelle; Geraci, Noah; Cifor, Marika. Archives & Manuscripts . Nov2017, Vol. 45 Issue 3, p202-215. 14p.	A process where we're all at the table': community archives challenging dominant modes of archival practice.
27. Caswell, Michelle; Mallick, Samip. Archives & Manuscripts . Mar2014, Vol. 42 Issue 1, p73-86. 14p.	Collecting the easily missed stories: digital participatory microhistory and the South Asian American Digital Archive.
28. Eschenfelder, Kristin R.; Caswell, Michelle. First Monday . Nov2010, Vol. 15 Issue 11, p2-2. 1p. 7	Digital cultural collections in an age of reuse and remixes.
29. CASWELL, MICHELLE. Archivaria . Fall2020, Issue 90, p148-164. 17p. (AN: 147355273)	Feeling Liberatory Memory Work: On the Archival Uses of Joy and Anger.
30. CASWELL, MICHELLE. Archivaria . Fall2010, Issue 70, p1-25. 28p.	Hannah Arendt's World: Bureaucracy, Documentation, and Banal Evil.
31. Caswell, Michelle. American Archivist . Spring/Summer2009, Vol. 72 Issue 1, p133-145. 13p.	Instant Documentation: Cell-Phone-Generated Records in the Archives.
32. Caswell, Michelle. Archival Science . Mar2010, Vol. 10 Issue 1, p25-44. 20p.	Khmer Rouge archives: accountability, truth, and memory in Cambodia
33. Caswell, Michelle. "On archival pluralism: what religious pluralism (and its critics) can teach us about archives. D" Archival Science . Dec2013, Vol. 13 Issue 4, p273-292. 20p.	On archival pluralism: what religious pluralism (and its critics) can teach us about archives.
34. Caswell, Michelle. Library Quarterly . Jul2017, Vol. 87 Issue 3, p222-235. 14p	Teaching to Dismantle White Supremacy in Archives.
35. Caswell, Michelle. American Archivist . Spring/Summer2011, Vol. 74 Issue 1, p211-240. 30p.	Thank You Very Much, Now Give Them Back": Cultural Property and the Fight over the Iraqi Baath Party Records.
36. Caswell, Michelle; Cifor, Marika; Ramirez, Mario H. "To Suddenly Discover Yourself Existing": Uncovering the Impact of Community Archives. American Archivist . Spring/Summer2016, Vol. 79 Issue 1, p56-81. 26p.	To Suddenly Discover Yourself Existing": Uncovering the Impact of Community Archives.

<p>37. Caswell, Michelle. Journal of Documentation. 2012, Vol. 68 Issue 2, p162-184. 23p.</p>	<p>Using classification to convict the Khmer Rouge.</p>
<p>38. CASWELL, MICHELLE; CILOR, MARIKA. Archivaria. Spring2016, Issue 81, p23-43. 21p.</p>	<p>From Human Rights to Feminist Ethics: Radical Empathy in the Archives.</p>
<p>39. Caswell, Michelle; Gabiola, Joyce; Zavala, Jimmy; Brilmyer, Gracen; Cifor, Marika. Imagining transformative spaces: the personal-political sites of community archives. Archival Science. Mar2018, Vol. 18 Issue 1, p73-93. 21p</p>	<p>Imagining transformative spaces: the personal-political sites of community archives.</p>
<p>40. BRILMYER, GRACEN; GABIOLA, JOYCE; ZAVALA, JIMMY; CASWELL, MICHELLE. Reciprocal Archival Imaginaries: The Shifting Boundaries of "Community" in Community Archives. DArchivaria. Fall2019, Issue 88, p6-48. 43p.</p>	<p>Reciprocal Archival Imaginaries: The Shifting Boundaries of "Community" in Community Archives.</p>
<p>41. Caswell, Michelle; Migoni, Alda Allina; Geraci, Noah; Cifor, Marika. To Be Able to Imagine Otherwise': community archives and the importance of representation. Archives & Records. Spring2017, Vol. 38 Issue 1, p5-26. 22p.</p>	<p>To Be Able to Imagine Otherwise': community archives and the importance of representation.</p>
<p>42. Caswell, Michelle. Toward a survivor-centered approach to records documenting human rights abuse: lessons from community archives. Archival Science. Oct2014, Vol. 14 Issue 3/4, p307-322. 16p.</p>	<p>Toward a survivor-centered approach to records documenting human rights abuse: lessons from community archives.</p>
<p>43. Punzalan, Ricardo L.; Caswell, Michelle. "Critical Directions for Archival Approaches to Social Justice. Library Quarterly. Jan2016, Vol. 86 Issue 1, p25-42. 18p.</p>	<p>Critical Directions for Archival Approaches to Social Justice</p>
<p>44. Espinal, Isabel; Sutherland, Tonia; Roh, Charlotte. Library Trends. Summer2018, Vol. 67 Issue 1, p147-162. 16p.</p>	<p>A Holistic Approach for Inclusive Librarianship: Decentering Whiteness in Our Profession.</p>
<p>45. Cox, Richard J.; Mattern, Eleanor; Mattock, Lindsay; Rodriguez, Raquel; Sutherland, Tonia. Journal of Education for Library & Information Science. Fall2012, Vol. 53 Issue 4, p303-316. 14p.</p>	<p>Assessing iSchools</p>
<p>46. Sutherland, Tonia. Preservation, Digital Technology & Culture. Jul2019, Vol. 48 Issue 2, p56-60. 5p.</p>	<p>Celebrating a Decade of Archival Education and Research: The Tenth Annual Archival Education and Research Institute.</p>
<p>47. Sutherland, Tonia. American Archivist. Fall/Winter2016, Vol. 79 Issue 2, p392-416. 25p.</p>	<p>From (Archival) Page to (Virtual) Stage: The Virtual Vaudeville Prototype.</p>
<p>48. Sutherland, Tonia. Preservation, Digital Technology & Culture. Apr2017, Vol. 46 Issue 1, p32-40. 9p.</p>	<p>Making a Killing: On Race, Ritual, and (Re) Membering in Digital Culture.</p>
<p>49. Sutherland, Tonia. Archival Science. Jun2019, Vol. 19 Issue 2, p167-183. 17p</p>	<p>Reading gesture: Katherine Dunham, the Dunham Technique, and the vocabulary of dance as decolonizing archival praxis.</p>

Fonte: Sistematização própria com base nos dados da pesquisa.

Para fins de visualização, igual realizamos no *corpus* 1, aplicamos a representação por meio de nuvem de palavras dos títulos e das

palavras-chave, a partir do *software atlas t.i*:

Figura 6. Nuvem de palavras dos títulos *corpus 2* de 49 trabalhos.



Fonte: Elaboração própria a partir do *software atlas t.i*.

Podemos observar se compararmos essas nuvens do *corpus 1* para o *corpus 2*, ainda que esse segundo seja uma extração do outro, fica nítido que as palavras direitos, ética, comunidades, memória, identidade e educação se mantêm, o que revela, em certa medida as temáticas circunscritas por esses membros/as com mais predominância do que em âmbito geral no *corpus 1*.

Figura 7. Nuvem de palavras dos títulos *corpus 2* de 49 trabalhos.

direitos, especialmente, os direitos humanos”⁸² (WEBSITE CIE, 2022)

A professora Jeannette Bastian (de acordo com uma nota da *Society of American Archivists* aposentou-se em junho de 2019) ela foi empossada *Fellow da Society of American Archivists (SAA)*, essa distinção de Fellow é a mais alta honraria concedida a indivíduos pela SAA e é concedida por contribuições extraordinárias à profissão de arquivista. Seus livros são: *Owning Memory: How a Caribbean Community Lost Its Archives and Found Its History* (2003), *Community Archives: The Shaping of Memory* (2009) e *Decolonizing the Caribbean Record: An Archives Reader* (2018) e mostram essa relação de seu foco de interesse nos arquivos comunitários. Para citar uma parte de uma entrevista da autora, podemos notar essa contextualização como parte de seus estudos:

Como sua formação profissional a levou para este tema dos arquivos no Caribe?

Antes de vir para *Simmons [universidade]*, toda a minha vida profissional como bibliotecária e arquivista foi vivida nas Ilhas Virgens Americanas, território dos Estados Unidos e ex-colônia da Dinamarca. O engajamento total no local onde morava foi um elemento crítico do meu trabalho nas bibliotecas públicas e, posteriormente, como diretora. Continuo profundamente envolvido tanto por meio de pesquisas quanto pessoalmente com o Caribe.

Além do Caribe, quão importante é a descolonização nos arquivos hoje?

Eu diria que a descolonização é essencialmente uma questão de justiça social. A descolonização em todos os aspectos da vida é crítica para os antigos países coloniais, mas, muitas vezes é difícil de alcançar. Registros e arquivos são ferramentas vitais para ajudar comunidades e nações a entender sua própria história, unir-se em torno de sua própria herança cultural e construir uma identidade comum. O colonialismo foi (ainda é) mundial e todas as ex-colônias enfrentam esses desafios. (BASTIAN, 2019. Entrevista datada de 12-02-19, disponível no web site da universidade- *tradução nossa*).⁸³

E, por último, a professora Michelle Caswell está à frente de três projetos, que revela seu envolvimento com essa temática de forma assídua, o arquivo comunitário criado por ela em conjunto com outro autor, o *South Asian American Digital Archive*⁸⁴, o laboratório que desenvolve pesquisas na

⁸² <https://informationasevidence.org/about-cie>

⁸³ <https://www.simmons.edu/news/professor-jeannette-bastian-decolonizing-caribbean-record>

⁸⁴ <https://www.saada.org/about>

universidade o *Community Archives Lab UCLA*⁸⁵ e um coletivo denominado *Archivists Against History Repeating Itself*⁸⁶. Não vamos aprofundar aqui, mas, esse coletivo, ainda em estágio inicial, reúne uma tipologia de temas que entram nessa vertente do pluralismo arquivístico, que pode ser útil ao mapeamento do campo.

Podemos notar que essas três autoras, possuem projetos e produção científica explicitamente com o foco que os arquivos comunitários se inserem, em perspectiva ampla de forma que se envolvem com temas de engajamentos sociais, como afirmamos anteriormente.

Abaixo, segue a relação desse *corpus* 3, já selecionado, com os 16 artigos.

Quadro 9. *Corpus* 3 da lente terminológica pontual.

AUTOR/AUTORA E NOME DO PERIÓDICO	TÍTULO DA PUBLICAÇÃO
1. Gilliland, Anne; Halilovich, Hariz. Archival Science . Mar2017, Vol. 17 Issue 1, p79-96. 18p. DOI: 10.1007/s10502-016-9265-9.	Migrating memories: transdisciplinary pedagogical approaches to teaching about diasporic memory, identity and human rights in archival studies.
2. Lau, Andrew J.; Gilliland, Anne J.; Anderson, Kimberly. Information, Communication & Society . Sep2012, Vol. 15 Issue 7, p991-1015. 25p.	Naturalizing community engagement in information studies.
3. Gilliland, Anne J. Provenance: The Journal of the Society of Georgia Archivists . 2019, Vol. 35 Issue 2, p4-31. 28p. (AN: 151635300)	Trust Matters.
4. Gilliland, Anne. Archival Science . Sep2010, Vol. 10 Issue 3, p333-343. 11p. DOI: 10.1007/s10502-010-9134-x.	Afterword: in and out of the archives.
5. Gilliland, Anne J. Knowledge Organization . 2012, Vol. 39 Issue 5, p340-346. 7p.	Contemplating Co-creator Rights in Archival Description.
6. Gilliland, Anne. Archifacts . Dec2015, p12-30. 19p.	Permeable Binaries, Societal Grand Challenges, and the Roles of the Twenty-first Century Archival and Recordkeeping Profession1 ARANZ 2015 Keynote.
7. Bastian, Jeannette A. " Mine, yours, ours: archival custody from transaction to narrative. Archival Science . Mar2021, Vol. 21 Issue 1, p25-42. 18p.	Mine, yours, ours: archival custody from transaction to narrative.
8. Bastian, Jeannette. The records of memory, the archives of identity: celebrations, texts and archival sensibilities. O Archival Science . Jun2013, Vol. 13 Issue 2/3, p121-131. 11p.	The records of memory, the archives of identity: celebrations, texts and archival sensibilities.
9. Zavala, Jimmy; Migoni, Alda Allina; Caswell, Michelle; Geraci, Noah; Cifor, Marika. Archives & Manuscripts .	A process where we're all at the table': community archives challenging dominant modes of archival practice.

⁸⁵ <https://communityarchiveslab.ucla.edu/>

⁸⁶ <http://www.archivistsagainst.org/>

Nov2017, Vol. 45 Issue 3, p202-215. 14p.	
10. Caswell, Michelle. " On archival pluralism: what religious pluralism (and its critics) can teach us about archives. D" Archival Science . Dec2013, Vol. 13 Issue 4, p273-292. 20p.	On archival pluralism: what religious pluralism (and its critics) can teach us about archives.
11. Caswell, Michelle; Cifor, Marika; Ramirez, Mario H. " To Suddenly Discover Yourself Existing ": Uncovering the Impact of Community Archives . American Archivist . Spring/Summer2016, Vol. 79 Issue 1, p56-81. 26p.	To Suddenly Discover Yourself Existing": Uncovering the Impact of Community Archives.
12. Caswell, Michelle; Gabiola, Joyce; Zavala, Jimmy; Brilmyer, Gracen; Cifor, Marika. Imagining transformative spaces: the personal-political sites of community archives. Archival Science . Mar2018, Vol. 18 Issue 1, p73-93. 21p	Imagining transformative spaces: the personal-political sites of community archives.
13. BRILMYER, GRACEN; GABIOLA, JOYCE; ZAVALA, JIMMY; CASWELL, MICHELLE. Reciprocal Archival Imaginaries: The Shifting Boundaries of "Community" in Community Archives. DArchivaria . Fall2019, Issue 88, p6-48. 43p.	Reciprocal Archival Imaginaries: The Shifting Boundaries of "Community" in Community Archives.
14. Caswell, Michelle; Migoni, Alda Allina; Geraci, Noah; Cifor, Marika. To Be Able to Imagine Otherwise': community archives and the importance of representation . Archives & Records . Spring2017, Vol. 38 Issue 1, p5-26. 22p.	To Be Able to Imagine Otherwise': community archives and the importance of representation.
15. Caswell, Michelle. Toward a survivor-centered approach to records documenting human rights abuse: lessons from community archives . Archival Science . Oct2014, Vol. 14 Issue 3/4, p307-322. 16p.	Toward a survivor-centered approach to records documenting human rights abuse: lessons from community archives.
16. Punzalan, Ricardo L.; Caswell, Michelle. Library Quarterly . Jan2016, Vol. 86 Issue 1, p25-42. 18p.	Critical Directions for Archival Approaches to Social Justice

Fonte: Sistematizado pela autora (2022).

Desse modo, foram preenchidas 16 fichas de registro do termo contido nesses artigos, conforme as fichas descritas no apêndice 1. Após a identificação dos termos, realizou-se a leitura do artigo, preencheu o registro das fichas. Delimitamos a pergunta de análise a partir da questão: nos contextos de uso do termo arquivos comunitários, qual é a ênfase que os membros/as da AERI situam ao utilizarem esse conceito?

Por fim, utilizou-se enquanto categorias de análise, os temas-chave descritos por Welland e Cossham (2019) a, b, c e d⁸⁷, e acrescentamos,

⁸⁷ No texto original não há esses termos como "*menção de*" para fins de classe, sintetizamos o conteúdo dos autores, e atribuímos essas expressões, das 1, 2, 3 e 4.

as demais seis classes (e, f, g, h, i, j):

- a. menciona sobre a participação da comunidade;
- b. menciona sobre o espaço;
- c. menciona sobre o tipo de conteúdo;
- d. menciona sobre a o tipo de manutenção financeira e de guarda;
- e. menciona sobre a dimensão política;
- f. menciona sobre a relação com as TICS;
- g. menciona sobre a dimensão das concepções terminológicas;
- h. menciona sobre a dimensão de contraste, tensão ou necessidade de atuação conjunta em relação aos arquivos e arquivistas tradicionais.
- i. menciona sobre a o contexto histórico do termo.
- j. menciona sobre os impactos dos arquivos comunitários nas comunidades.

Cada contexto de uso recebeu quantos códigos fossem representativos, não se estimulou um limite. Nesse sentido, a tabela a seguir retrata essa análise.

Vamos realizar os comentários das análises por classes. A primeira classe de maior predominância nos contextos de uso do termo arquivo comunitário foi a dimensão política, sendo frequente na codificação em 81,25% nesse *corpus* de 16 artigos. Esses resultados atestam o que os autores haviam mencionado, ao relatarem sobre a natureza social e política dos arquivos comunitários, onde afirma que:

Um fator-chave que influencia esses temas é a suposição de alguns pesquisadores de arquivos de que os arquivos comunitários **são representativos de movimentos políticos ou sociais** ao invés de serem apenas mais uma forma de patrimônio e instituição de memória onde a coleta e gestão de arquivos é um foco chave (mas não necessariamente o único). (WELLAND; COSSHAM, 2019, p.625- tradução nossa)

Tabela 5. Análise da lente terminológica pontual 16 artigos *versus* quantidade de ocorrência das classes.

Códigos do contexto de uso	Corpus 3- Artigos																Total
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	
dimensão política	X		X		X	X	X		X	X	X	X	X	X	X	X	13
dimensão de contraste, tensão ou necessidade de atuação conjunta em relação aos arquivos e arquivistas tradicionais	X	X	X				X		X		X			X	X	X	9
contexto histórico do termo		X	X				X		X		X	X		X	X	X	9
participação da comunidade		X	X	X					X		X		X	X	X		8
relação com as TICS	X	X				X	X	X							X	X	7
tipo de conteúdo	X	X						X									3
dimensão das concepções terminológicas											X	X		X			3
tipo de manutenção financeira e de guarda		X					X										2
impactos dos arquivos comunitários nas comunidades												X	X				2
espaço	X																1

Fonte: Elaboração própria com base nos dados da pesquisa.

Com isso, podemos notar que os membros/as da AERI, que pesquisam sobre arquivos comunitários fazem parte desse grupo de pesquisadores que Welland e Cossham (2019) mencionaram. Nesse sentido, ao atribuírem essa dimensão quando abordam a respeito desses arquivos, a ênfase dada reside na perspectiva de fazer acessível a história dos grupos marginalizados, a partir de seus próprios modos, atuar no ativismo político e de mudanças social, se aproximando também, do conceito que Caswell cita, de *pertencimento representacional*, onde tem a ideia de autonomia desses grupos para estabelecerem sobre suas existências de maneiras variadas e simbólicas, a partir dos registros de memórias. Esse impacto da dimensão política certamente dialoga com as outras classes. Não é tão simples visualizar essas categorizações de modos únicos, por isso a atribuição a mais de um código.

Mas, são designadas sobre especificidades do tipo de relações de poder e representações, como argumentado acima.

A respeito das classes de dimensão de contraste, tensão ou necessidade de atuação conjunta em relação aos arquivos e arquivistas tradicionais, 56,25% é um pouco mais da metade do *corpus*, e novamente para as análises confirma o que os autores (WELLAND; COSSHAM, 2019) já identificaram, quando relatam que o pensamento tradicional parece deixar de lados os arquivos comunitários, em detrimento dos desafios que eles representam, e esse tem sido um ponto de tensão nos contextos de uso do termo. Aqui, vamos lembrar da própria história eurocêntrica do pensamento tradicional, sobre uma disciplina e uma prática regida para inicialmente, perpetuar a memória dos que estão em posição de poder, então, seria esperado que essas tensões existissem. Agora, outro ponto que destacou foi sobre o chamado para atuação com esses profissionais. E esse caminho pode ampliar o entendimento e o crescimento de forma mútua, ainda que haja desafios.

Nos resultados sobre o contexto histórico do termo também com 56,25%, revela a necessidade dos autores em descrever as origens do termo, aqui também entrou, por exemplo, quando os membros/as mencionaram sobre não ser um fenômeno novo, evocando Flinn (2007) como apresentados na seção 2 da tese.

Em relação às menções nos contextos de uso da participação da comunidade, a maior parte dessas ocorrências faziam referência à Flinn (2009).

Nas menções sobre a relação com as TICS aparecem também, onde constam as classes sobre o tipo de conteúdo e ou as dimensões políticas, ainda que os autores (WELLAND; COSSHAM, 2019) não aprofundem essas combinações quando visto na literatura, por exemplo, em livros ou capítulos, a dimensão da informática comunitária entra enquanto um auxílio fundamental, uma vez que a acessibilidade de criar arquivos comunitários é pelo meio digital, por exemplo, onde não custo de manutenção com um espaço físico, os acervos e a amplitude tende a ser nessa perspectiva com as TICS.

Já nas dimensões das concepções terminológicas e nos impactos dos arquivos comunitários nas comunidades, só constam nos contextos de uso da membra Caswell. Notamos em baixa predominância

também, as classes do tipo de manutenção financeira e de guarda e sobre o espaço.

Há nesses contextos de usos analisados, um fator importante, se tratando de romper com postulados do tipo tradicionais, notamos que eles estão validados dentro de lógica da prática, que busca ou incentiva envolvimento com e para além da teoria, quando vemos, por exemplo, na maior predominância da dimensão política um discurso do tipo convidativo, ou ainda, se certa forma, responsivo ao buscar dar voz a quem não tem.

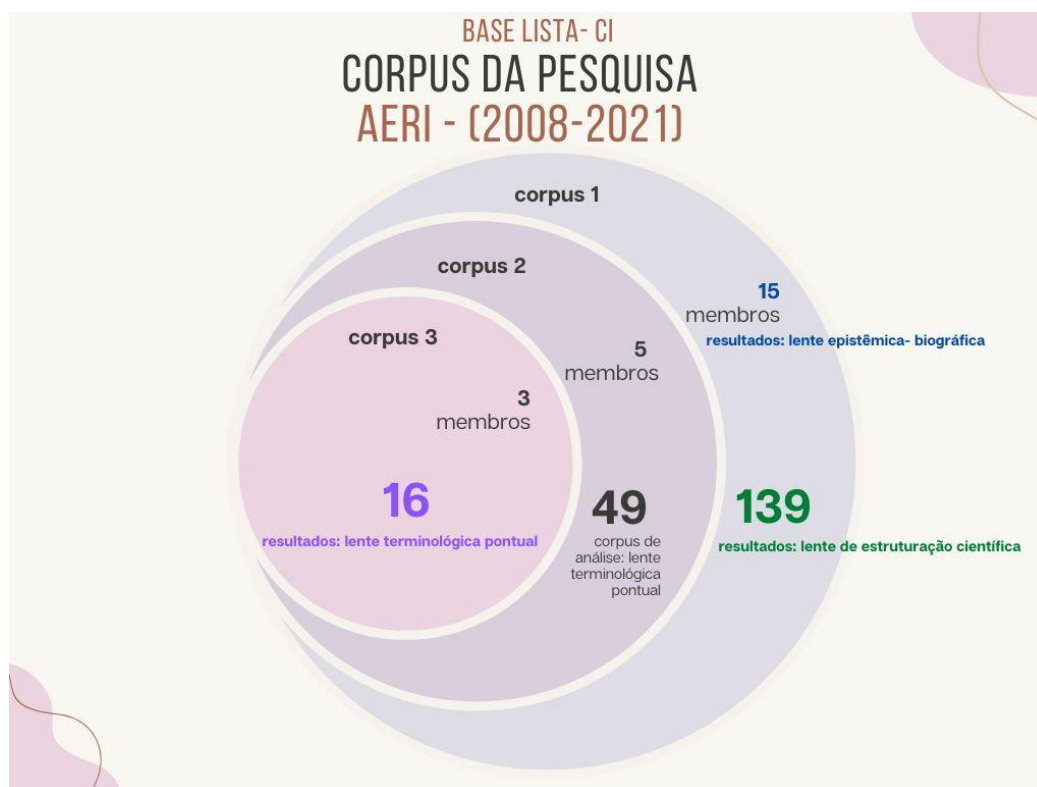
Por fim, uma última consideração sobre as análises dos contextos de usos, é que a combinação destes mostram uma noção de complexidade ao usar esse termo, isto é, trata-se de um conceito com diferentes formas, já que amplia a concepção tradicional de arquivos, aqueles voltados apenas para uma memória estadista ou pessoal de grupos sociais de elite, para, inserir grupos que são excluídos da sociedade. De modo que, entendemos a partir desse cenário, a importância de situar e ou fundamentar com as teorias críticas e decoloniais das ciências humanas outras variáveis de análise, que certamente pode revelar aspectos não explorados aqui.

5.4 SÍNTESE DOS PERFIS DOS MEMBROS/AS DA AERI E AS POSSIBILIDADES DA INTERSECÇÃO DAS LENTES 1,2 E 3 DA ANÁLISE DE DOMÍNIO PARA PAUTAR AÇÕES DE PERSPECTIVA INCLUSIVA À EDUCAÇÃO E PESQUISA ARQUIVÍSTICA

A caracterização dos membros/as da AERI, a partir da intersecção das lentes utilizadas, forneceu algumas categorias para ações de perspectiva inclusiva à educação arquivística, que tenham relação com a comunidade estudada.

Nesse sentido, levando em conta os fundamentos apresentados na tese e os resultados, em um nível de modelagem conceitual essa intersecção da dimensão epistêmica focada em pessoas, da terminológica pontual focada em identificar contextos de uso, que são do tipo de um campo de envolvimento, e, de estruturação científica focada em periódicos e pode ser descrita enquanto: do tipo biográfica/ de prática e comunicacional. Apresentaremos a síntese do *corpus* na Figura 8, a caracterização da AERI pelas lentes interseccionais na Figura 9, e em seguida a modelagem com a síntese dos perfis na Figura 10:

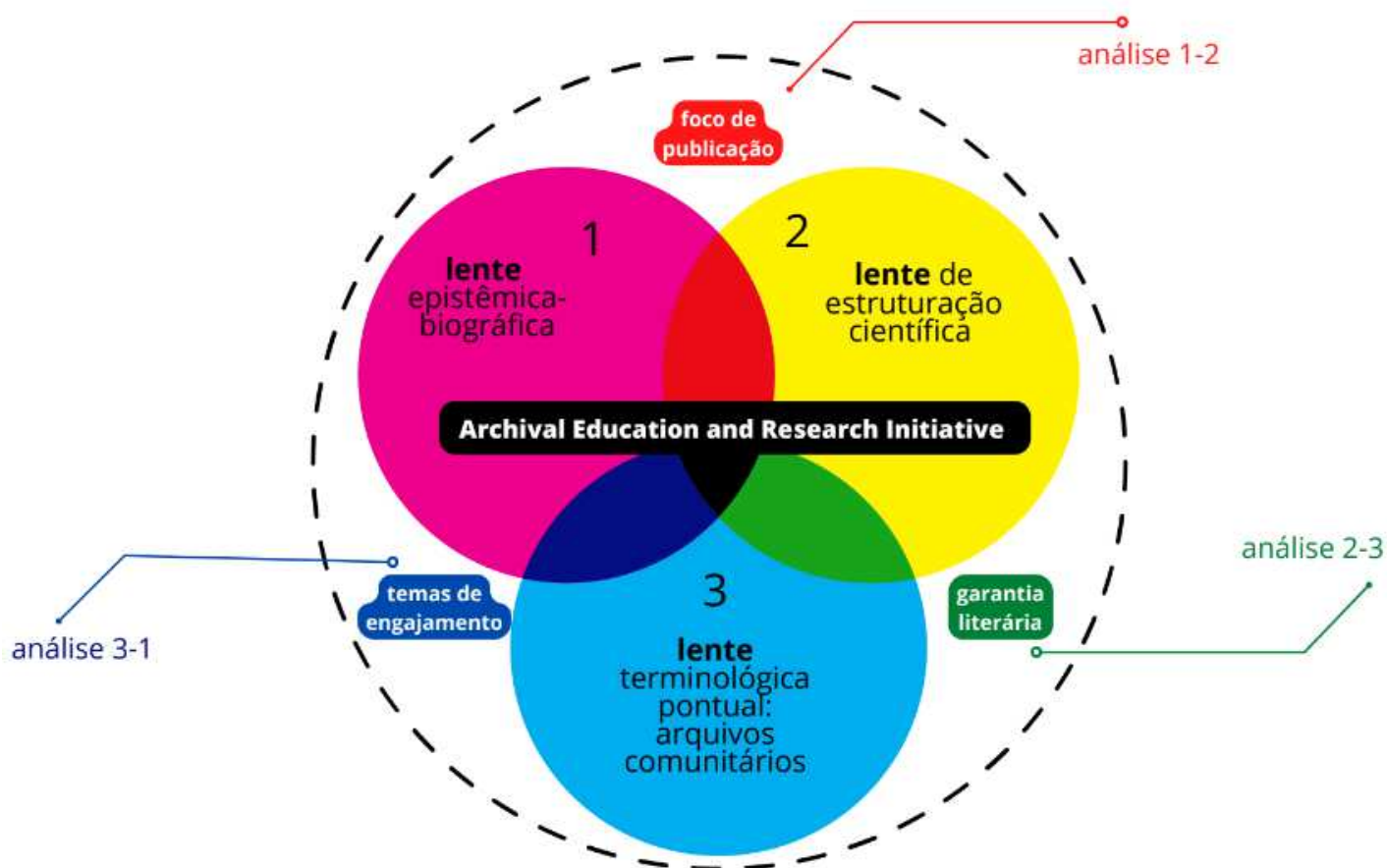
Figura 8. Síntese do *corpus*.



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da pesquisa.

Como a figura ilustra, para a lente epistêmica biográfica considerou-se todos os 15 membros/as da comunidade AERI. Em seguida, nosso *corpus* geral foi de 139 trabalhos sendo da estruturação científica, e que a partir dele, mediante critérios prévios foram extraídos os demais *corpus* de análise, de modo que passou para 49 trabalhos, quando delimitou-se apenas membros/as que tivessem explícitos temáticas de trabalhos situados na vertente da justiça social, direitos humanos, decolonialidade e arquivos comunitários, e neste, apenas aqueles que tinha contexto de uso do termo arquivos comunitários, sendo 16 o *corpus* da lente terminológica pontual. Em seguida, apresenta-se a Figura 9, onde caracteriza-se essa comunidade discursiva mediante o uso da intersecção das lentes apresentadas:

Figura 9. Caracterização da comunidade AERI a partir Intersecção das lentes 1,2 e 3 da A.D.



Fonte: Elaboração própria com base nos dados da pesquisa.

Em relação às análises do tipo 1-2, podemos notar que essa intersecção das lentes epistêmica-biográfica com a lente de estruturação científica, revela o foco de publicações no âmbito Ciência da Informação e estudos Arquivísticos, da mesma forma como ocorreu as formações dos membros/as em nível de pós-graduação, todas também dessa área.

Sobre as análises do tipo 2-3, notamos que ao focar nesse tema, a fundamentação das autoras vem da própria literatura, isto é, o uso da garantia literária se faz presente. Se detalhamos os 4 primeiros autores e autoras citadas vemos em predominância Flinn e Stevens, e as membras da AERI, Caswell e Bastian.

Autores que são citados nos contextos de uso do termo arquivos comunitários:

FLINN (28); STEVENS (18); CASWELL (13); BASTIAN (7); COOK (5); SHEPHERD (5); DANIEL (5); SHEFFIELD (8); ALEXANDER (4); CIFOR (4); GILLILAND (3); BARRIAULT (3); MANDER (3); MCKEMMISH (3); SHILTON (3); SRINIVASAN (3); HARRIS (2); HURLEY (2); HUVILA (2); KAPLAN (2); RAMIREZ (2); WURL (2); BEARMAN; BRUCE; DRAKE; DUFF; EVANS; GARCIA; GERACI; GHOSH; HAM; JARRETT; KETELAAR; KRAUSE; MCCARTHY; MIGONI; NAKATA; NARON; PARTRIDGE ;PASHCHILD; RIEDLMAYER; SCHWARTZ; STOLER; WAKIMOTO;YAKEL.
--

Sobre as análises do tipo 3-1, podemos notar que as três autoras Caswell, Bastian e Gilliland do *corpus 3*, possuem projetos e produção científica explicitamente com o foco em que os arquivos comunitários se inserem. Em uma perspectiva ampla, elas se envolvem com temas de engajamentos sociais, revelando sobretudo a intersecção do tipo de interesse, isto é, notamos uma ligação dos interesses das autoras (como citamos na parte sobre os projetos delas) para o domínio do âmbito acadêmico e de pesquisa. Novamente, aqui os temas de engajamento, são escolhas dos pesquisadores, e a partir do momento que criam espaços para discutirem e criarem conhecimento nesse sentido, tal temática ganha visibilidade e fomentos. Sobre esse aspecto, vemos essa característica de falar em “inovação curricular”, que tanto aparece nos objetivos como nas publicações sobre a comunidade.

Com o uso da lente terminológica pontual, conseguimos analisar dois tipos de relações:

A) se o termo em pauta está sendo citado a partir de autores/autoras, ou instituição, caso seja autores/as: quem são e o ano; e

B) se o termo diz respeito a qual contexto de uso.

Em síntese, com o uso dessas lentes vistas de maneira interseccionais, sobre essa comunidade de foco na educação e pesquisa arquivística de cunho plural, e entre outros focos, podemos reconhecer uma lógica do tipo de ações estratégicas, próprias dessa comunidade e que nos fornece parâmetros para situar três tipos de ações que podem ser caracterizadas na perspectiva inclusiva para o contexto da educação e pesquisa arquivística, como descrevemos na figura abaixo:

Figura 10. Ações de perspectiva inclusiva e pluralista para a educação e pesquisa arquivística extraídas com base na análise da AERI.



Fonte: Elaboração própria com base nos dados da pesquisa.

Essa figura mostra as ações extraídas a partir da análise da AERI servindo enquanto parâmetros para ações de perspectiva inclusiva à educação e pesquisa arquivística, podendo ser parâmetros no contexto de orientações e desenvolvimento de trabalhos em âmbito arquivístico.

As diferentes perspectivas apresentadas não pretendem ser fixas, mas servem ao tempo atual e orientadas para pautas onde se almeje discussões mais sensíveis às dimensões de pluralidade em cunho crítico-social.

Nesse sentido, pontuamos que se tratando de docentes e discentes há sempre um campo biográfico a ser levado em consideração, para haver um foco de prática e envolvimento que será comunicado a partir de uma estrutura da comunicação científica.

Sendo de vital importância: 1) Conhecer a dimensão biográfica; 2) Identificar e mapear comunidades marginalizadas existentes, que tenham interesse e possibilidades de participar com e sobre os discentes; e 3) Conhecer os tipos e os periódicos e outras formas, também orais de fundamentar e comunicar o conhecimento produzido.

Na ação 1, prezamos, portanto, a propor uma análise que vise o envolvimento, mas sem desconsiderar a biografia, aqui a ação é do **interesse**, isto é, da vontade do discente/docente em se envolver. Uma pergunta possível para guiar para atuar com esse tipo de ação é: quais são os temas de engajamento que seja do interesse do discente/docente? As discussões do artesanato intelectual, sobre o trabalhador(a) intelectual de Mills (2009, p. 22) ganham território nessa parte, uma vez que partindo da afirmação de que se “deve aprender a usar sua experiência de vida em seu trabalho intelectual [...]”, o cientista social defende a não separação do trabalho da vida, o que implica em considerar sua história, ou seja sua biografia.

Com a sequência, na 2, visa incentivar a busca no que já foi realizado, uma vez que a garantia literária consegue dar **fundamentos** e argumentos, que poderão ser comprovados ou colocados a prova em outros contextos. Aqui, um passo importante é o levantamento bibliográfico a partir de uma literatura nacional e internacional, com combinação de termos explícitos do que busca, para criar pesquisas e práticas com a comunidade escolhida. No contexto brasileiro, pode-se, por exemplo, estudar a respeito dos arquivos comunitários para situar sua aderência e possibilidade em contextos nacionais, por exemplo, articulando projeto de ensino, pesquisa e extensão em cursos de graduação em Arquivologia, bem como em projetos de mestrado e doutorado na área da Ciência da Informação e História, ou outras que dialogarem com tais vertentes.

Por fim, na 3, que visa atuar com foco em comunicar o conhecimento produzido, prezando pela **coerência** da biográfica e de onde e como publicar, por exemplo, perguntas sobre a forma de comunicar (quais as formas possíveis, textual, oral, registro audiovisual, performático, entre outros) esses saberes podem enriquecer tal ação.

Inserindo questões de mapeamento/identificação nos segmentos apresentados sobre a vertente de mapeamento, podemos ainda incluir reflexões centradas em:

1) **Campo Biográfico** (mapeamento de biografias de docentes e discentes, para conhecer outras comunidades discursivas atuantes na educação arquivística pluralista mediante análises, entrevistas e ou eventos; certamente esse caminho via biografia pode fornecer focos de genealogia

acadêmica, que mostrará redes de pesquisadores nessa temática de uma arquivística mais plural);

2) **Campo da prática e do envolvimento comunitário com e/ou sobre comunidades marginalizadas** (mapeamento de quais outros termos são representativos de práticas emergentes, que engajam grupos na dimensão da memória, além dos arquivos comunitários, e as formas pelas quais é possível interagir com as comunidades, ou ainda, que cooperações podem ser necessárias com outras áreas do conhecimento?).

3) **Campo da comunicação científica** (mapeamento da literatura da dimensão editorial e outras formas possíveis e existentes para compartilhar o conhecimento produzido/sistematizado, por exemplo, via oralidade com contação de história, *storytelling*, ou registro virtual disponíveis nas mídias sociais como YouTube, aqui as discussões sobre as necessidades de traduções e publicações são presentes).

Certamente, outras ações e debates podem ser inseridas para esse contexto apresentado. E nesses sentidos, estudos futuros poderão atuar nesse segmento. Além de outras possíveis ações, poderá haver outras descrições para as ações existentes e propostas de operacionalização de tais ações, por meio de ferramentas diagnósticas e outros modelos para tornar aplicável e viável no âmbito da pesquisa e educação arquivística, em contextos latinoamericanos. Por exemplo, poderá ser complementado ainda a partir das discussões do PAGC (2009) e das *Agenda for Action* (2007) resultantes do projeto *Pluralizing the Archival Paradigm through Education* (2005–2008). Nesse sentido, apontamos que enquanto continuidade dessa tese, faz necessário avançar no mapeamento dessas discussões em níveis de propostas que façam sentido para o contexto brasileiro, e também da América Latina.

Apresentadas essas sínteses, passaremos para as considerações finais. Mas, antes, listaremos algumas limitações da pesquisa categorizadas em universo de pesquisa, métodos de análises e literatura.

- Universo da pesquisa: Certamente nossa pesquisa abrange um tempo curto de 2008-2021, focada no gênero de artigos de periódicos (13 anos), ainda que o AERI tenha iniciado em 2009 sabemos da existência de alguns livros e capítulos existentes, dos eventos disponíveis em mídias sociais, e das possibilidades de entrevistas com membros/as ou representantes para

caracterizar o AERI, que poderiam ser parte do universo da pesquisa, mas, que por conta do tempo não foi possível.

- Métodos de análises: Ainda que a Análise de Domínio tenha contemplado nosso foco proposto, outras análises também poderiam ser combinadas para apresentar os resultados, por exemplo, com o uso do software atlas t.i na categorização da lente terminológica pontual, ou ainda com a análise histórica a partir de entrevistas.

- Literatura: Nas dimensões das temáticas apresentadas circunscritas na literatura das arquivística, ciências humanas e filosofia ficaram ausentes autores e autoras que poderiam enriquecer as discussões, como por exemplo, maior ênfase nos conceitos amplos da arquivística existentes na literatura do *archival turn*, ou ainda do campo das artes/ciências sociais; maior ênfase em textos sobre história oral e as discussões da memória social. Também sobre a própria literatura das epistemologias do sul e do giro decolonial, com outros argumentos já existentes por outros autores e autoras, principalmente tratando de contextos indígenas, raciais, de classes sociais e feminismo, entre outros, que coadunam na perspectiva do registro e da memória, com aspectos de poder e identidades. E por último, uma das limitações sobre a literatura diz respeito a educação e pesquisa em sentido amplo, com vistas de críticas e emancipação, e a educação e pesquisa arquivística de forma mais estreita, na formação acadêmica, de como funciona em cada região do mundo, para uma dimensão de contrastes e diálogos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partimos do objetivo de fomentar as discussões dos estudos arquivísticos de cunho pluralista, com especial ênfase sobre os arquivos comunitários, por meio da caracterização da comunidade discursiva da AERI.

Afirmamos a tese de que a análise interseccional da análise de domínio da AERI permite extrair três tipos de ações com perspectiva inclusiva à educação e pesquisa arquivística, em que um destes, contempla o campo da prática, como é o caso os Arquivos Comunitários.

Apresentamos duas seções concernentes à fundamentação da pesquisa, a primeira relativa às dimensões da Análise de Domínio, e a segunda sobre o pluralismo arquivístico com foco na perspectiva decolonial, com ênfase nos arquivos comunitários. Com base na coleta e análises dos dados referentes à comunidade AERI, evidenciamos os resultados a partir das caracterizações.

Em conformidade com a análise realizada, demonstramos a hipótese apresentada de que a intersecção das lentes epistemológicas, de estruturação científica e terminológica da Análise de Domínio ajudam a caracterizar a comunidade AERI dando visibilidade aos Arquivos Comunitários e, mediante tal análise temos três ações derivadas dessas lentes, possíveis de serem focos no contexto da perspectiva inclusiva e pluralista para a educação e pesquisa arquivística brasileira (representada na Figura 10).

Com o olhar interseccional, isto é, ver as lentes se cruzando, nossos resultados revelaram que com o uso de relações interseccionais da Análise de Domínio é possível ainda, verificar uma lógica explicativa, ou seja, de coerência entre as lentes epistêmica-biográfica com estruturação científica, de garantia literária da estrutura científica com a terminologia pontual, e de interesse com a terminologia pontual com a epistêmica-biográfica, conforme a Figura 9. Em outras palavras, essa Figura 9 resume, portanto, a caracterização da comunidade AERI a partir Intersecção das lentes 1,2 e 3 da A.D, revelando a partir de suas biografias os focos de publicações nos temas de engajamentos do âmbito de uma prática, com o suporte da garantia literária para fundamentação.

A partir dessa análise foi possível chegar nas ações descritas na Figura 10 que preconiza, portanto, três tipos de ações relacionadas: 1) o envolvimento com alguma temática de engajamento comunitário sobre grupos

marginalizados a partir do interesse do discente e conectado com sua biografia e formação; 2) a busca de apoio de experiências, teorias e métodos presentes na literatura do assunto para fundamentar e conhecer o campo do envolvimento comunitário e 3) a comunicação desse conhecimento produzido levando em consideração a coerência biográfica de formação, de interesses e a área de conhecimento na qual está inserido. No caso, essas lentes interseccionadas ajudam e viabilizam um conhecimento contextual da comunidade em foco.

Os resultados das lentes individuais foram:

Na **lente epistemológica e de estudos críticos - dimensão biográfica** a caracterização da AERI na lente contempla 15 membros/as (10 mulheres e 5 homens), que são professoras e professores em departamentos de estudos da informação com seus temas de pesquisa de duas categorias, que são, **1)** Temas de pesquisa que tratam de arquivos comunitários, direitos humanos, teoria crítica, justiça social e pós-colonialismo, enquanto focos explícitos que possuem 5 membros/as; e **2)** Temas de pesquisa que tratam das dimensões arquivística em relação às tecnologias de informação e comunicação, e organização do conhecimento, com 10 membros/as. A formação acadêmica dessa comunidade é diversa, tem cursos de graduação de inglês, francês, história, artes, religião, filosofia, entre outras, e as pós-graduações predomina da área da Ciência da Informação/Biblioteconomia/Estudos da Informação. A divulgação de suas trajetórias está nos *websites* institucionais. Essa comunidade está a cargo de 9 universidades, seus departamentos são de estudos da informação, alguns com focos nos estudos arquivísticos, e são todos dos Estados Unidos.

Quanto a **lente de estruturação científica em um período 2008-2021** - foram recuperados um total de 139 trabalhos, em que nestes a quantidade de publicação por autor não segue uma sequência similar, sendo que os com recorte de 10, predominam sete membros/as Yakel (24); Caswell (19); Gilliland (18); Trace (15); Furner (13); Punzalan (13) e Gracy (10)³. Sobre os periódicos, predomina com maior quantidade aqueles pertencentes ao domínio arquivístico, como *Archivaria*; *American Archivist* e *Archival Science*. Sobre os anos há uma situação de sequência com declínio em 2019-2020. Os idiomas das publicações são todos de língua inglesa. Na listagem dos coautores aparecem relações de 1, 2, 3 e 6 vezes. E sobre as temáticas podemos ver a dimensão das

tecnologias de informação e comunicação que predomina com 41% (57 trabalhos); seguido da temática de direitos humanos, que inclui por exemplo, a justiça social e questões associadas, com 24% (33 trabalhos); e os demais campos científicos com 16% (23 trabalhos); funções arquivística 11% (15 trabalhos) e educação arquivística 8% (11 trabalhos) com o *corpus* 1 de 139 trabalhos de todos os membros/as da AERI.

Sobre a **lente terminológica - micro trabalho terminológico pontual**, foram identificados 5 membros/as da AERI que possuem a dimensão com foco explícito em seus currículos de investigações sobre direitos humanos/ justiça social/ decolonialidade na perspectiva da arquivística, sendo estes: Anne Gilliland; Jeannette Bastian; Kelvin White; Michelle Caswell e Tonia Sutherland, gerando um *corpus* de 49 artigos, e com a busca do termo Community Archives, obteve um *corpus* de 16 trabalhos a cargo de 3 membras (Gilliland, Caswell e Bastian).

Para analisar esses 16 contextos de uso do termo, utilizamos as categorias de análise dos temas-chave descritos por Welland e Cossham (2019) e acrescentamos outras seis, resultando em dez categorias no total: 1) sobre a participação da comunidade; 2) sobre o espaço; 3) tipo de conteúdo; 4) tipo de manutenção financeira e de guarda; 5) sobre a dimensão política; 6) sobre a relação com as TICS; 7) sobre a dimensão das concepções terminológicas; sobre a dimensão de contraste, 8) tensão ou necessidade de atuação conjunta em relação aos arquivos e arquivistas tradicionais; 9) sobre o contexto histórico do termo, e 10) sobre os impactos dos arquivos comunitários nas comunidades.

O predomínio foi a categoria da dimensão política (13) com 81,25% dos trabalhos. O que evidencia uma dimensão de engajamento, de modo que, o contexto de uso do termo arquivos comunitários na comunidade discursiva da AERI a partir dos membros/as que utilizam e pesquisam sobre a temática tem sentidos de atuações, para atuar frente à grupos sociais marginalizados, uma vez que a ênfase dada reside na perspectiva de fazer acessível a história de tais grupos marginalizados, a partir de seus próprios modos atuar no ativismo político e de mudanças sociais, se aproximando também, do conceito que Caswell cita, de *pertencimento representacional*, onde tem a ideia de autonomia desses grupos, para estabelecerem sobre suas existências de maneiras variadas e simbólicas, a partir dos registros de memórias. Esse impacto da dimensão

política, certamente dialoga com as outras classes. Não é tão simples visualizar essas categorizações de modos únicos, por isso a atribuição a mais de um código. Mas, são designadas sobre especificidades do tipo de relações de poder e representações, como argumentado acima.

Ressaltamos que não há como pensar uma perspectiva inclusiva da arquivística separada da educação arquivística, ensinar outras formas de atuar frente a esse cenário demanda rupturas epistêmicas, ou seja, validar outros tipos de conhecimentos e produzir mediante métodos alternativos, outras formas de criar arquivos, demanda criação de focos estratégicos para ações de cunho pluralista, e para isso, a análise interseccional da AERI mostrou caminhos possíveis.

Contudo, destacamos uma limitação, sabemos que o AERI possui uma estrutura diferente do que temos na América Latina, são formações e perspectivas econômicas bem distintas, do ponto de vista acadêmico e de visibilidade. Se, por exemplo, essa comunidade fosse de algum país da América Latina, a probabilidade de ter uma visibilidade e apoio financeiro, como eles tiveram, seria certamente diferente. Aqui, as discussões sobre geopolítica do saber, e as diferenças entre a colonização nos Estados Unidos e nos países da América Latina enriquecem a análise⁸⁸.

Nesse sentido, ainda assim, podemos situá-los enquanto uma comunidade amparada por uma epistemologia do sul, já que visa atuar, entre outros focos com a dimensão de engajamento comunitários com grupos sociais marginalizados. Por esse motivo, se tratando de focos da América Latina, em específico no Brasil, conhecer essa comunidade e analisar desse ponto de vista, resultou benéfico, no sentido de que, podemos criar focos estratégicos considerando nossa realidade. Por fim, para haver sentido desses focos nos contextos de países da América Latina, sugerimos a partir desses focos, observações e viabilidades centradas nas dimensões apresentadas nos campos biográficos, de comunicação e da prática como discutimos nos resultados, a partir das especificidades de cada contexto seja brasileiro, ou de outra região da

⁸⁸ “Se as diferenças entre a independência dos Estados Unidos, da Inglaterra e a dos países latino-americanos da Espanha e de Portugal são claras em diversos aspectos, dever-se ia enfatizar que os Estados Unidos constituíram-se como nação independente separando-se de um império em ascensão (o britânico), enquanto os países latino-americanos conquistaram suas independências de dois impérios decadentes (Espanha e Portugal)”. (MIGNOLO, 2020, p. 185)

América Latina.

Citando Freire (2019, p.74) de que educar exige a convicção de que a mudança é possível, uma vez que “é o saber da história como possibilidade e não como determinação. O mundo não é. O mundo está sendo. [...] No mundo da história, da cultura, da política, *constato* não para me adaptar, mas para mudar [...]” podemos elencar essa dimensão no contexto da educação e pesquisa arquivística. Frisamos que uma relação importante para destacar é a respeito da AERI com a REPARQ, ou ainda com outras comunidades discursivas de educação e pesquisa arquivística no contexto latino americano. Acreditamos que esse diálogo é necessário para pautar propostas de mudanças, tanto do ponto de vista de interlocuções em nível de eventos, quanto de estratégias para formação continuada de docente e discente, com tais focos, críticos e decoloniais.

Certamente, há muitos estudos a serem realizados nesse sentido, e sugerimos como possibilidade inicial, ainda que existem desafios de traduções de termos, um Observatório Internacional de Projetos, Pesquisas, e Ensinos da Arquivística Plural, Decolonial e Crítica (OPEA-PDC).

Esse observatório poderá integrar essas iniciativas existentes de mudanças em nível internacional, para incentivar diálogos e trocas institucionais, e também pessoais, entre os docentes, discentes e pesquisadores (as) interessados nessa pauta, de um horizonte com mais libertação, no sentido de pensar novas práticas, teorias e metodologias para a construção de um “trabalho de memória libertadora”, seja em âmbito do saber, poder ou ser, que comporta as vastas possibilidades do registro, em diferentes contextos arquivísticos que almejem romper com a opressão.

O termo “trabalho de memória libertadora” (*liberatory memory work*) aparece pela primeira vez em 2014 e seu objetivo “[...] é liberar as sociedades dos ciclos de violência, preconceito e ódio e, em vez disso, criar sociedades vibrantes e conscientes que se esforcem para alcançar um equilíbrio justo entre os direitos individuais e coletivos. [...] O trabalho de memória libertadora responde fundamentalmente ao apelo da justiça.” (GOULD; HARRIS, 2014, p.5 -tradução nossa).

Nesse sentido, os arquivos comunitários podem contribuir para esse debate. Cabe enfatizar que esse tipo de arquivo precisa de mais discussões

e pesquisas para o contexto brasileiro, já que algumas especificidades de nossa realidade pode requerer estudos com questões interseccionais a respeito de um “trabalho de memória libertadora” latino-americana.

Por fim, sinalizamos a possibilidade de ampliar os estudos considerando outras metodologias de pesquisas, e tipos de documentos, diferentes de artigos de revista, procurando mapear outros universos de autores e autoras, pertencentes ou não à comunidade AERI, que podem ser considerados representativos dentro do movimento intelectual e de práticas que advoguem por uma arquivística plural, crítica e decolonial.

REFERÊNCIAS

- ALBRECHTSEN, H. This is not domain analysis. **Knowledge Organization**, 42(8), 557-561. 2015.
- ALENCAR, M. F. **Organização e representação do conhecimento na arquivística: abordagens para a construção de tesouros funcionais**. 2017. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Estadual de Londrina, 2017.
- ALENCAR, P. J. V. de. **A primeira Reunião Interamericana de Arquivos e sua influência no desenvolvimento teórico-prático da arquivologia brasileira**. 2021. 243 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2021.
- ALMEIDA, S. R.G. Apresentando Spivak. *In: Pode o subalterno falar?* SPIVAK, Gayatri Chakravorty, *Pode o Subalterno falar?* Belo Horizonte, Editora UFMG, 2010.
- ARAÚJO, P. C. “**Epistemology of knowledge organization: a metatheoretical investigation**”. Tese de Doutorado. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação. 2019.
- ARCHIVAL EDUCATION AND RESEARCH INITIATIVE (AERI). (n.d.). Disponível em: <http://aeri.website>. Acesso em: 05 nov 2022.
- BALLESTRIN, L. “América Latina e o giro decolonial” *In: Revista Brasileira de Ciência Política*. Brasília, 2013, n 11, p. 89-117.
- BARITÉ, M. “Los árboles de dominio”. **Teoría y praxis en terminología**. Coordinated by Sara Álvarez Catalá and Mario Barité. CSIC, 2017, p. 91-102.
- BARITÉ, M. La definición terminológica. *In: CATALÁ, S. A.; BARITÉ, M. (Coord.). Teoría y praxis en terminología*. Montevideo: Universidad de la República, 2017.p.45-67.
- BARITÉ, M.; RAUCH, M. Terminological studies as domain analysis: a critical exploration. **Brazilian Journal of Information Science**, v. 16, 2022. DOI: 10.36311/1981-1640.2022.v16.e02140 Acesso em: 05 nov. 2022.
- BARITÉ, M. et al. **Diccionario de Organización del Conocimiento**: Clasificación, Indización, Terminología. 6a edición ampliada y revisada. Montevideo: CSIC. 2015.
- BARITÉ, M. Terminologia de urgência e garantias para a representação temática: elementos para a análise de Domínios de Emergência Súbita (DES). **Informação & Informação**, [S.l.], v. 25, n. 3, p. 239-265, out. 2020.
- BERNARDINO-COSTA; MALDONADO-TORRES, N; GROSGOQUEL, R. Introdução. *In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; GROSGOQUEL, Ramón. (org.). Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020, p. 27-54.
- BRECHT, B. A finalidade da ciência (1898-1956) *In: Vida de Galileu*. São Paulo: Abril S. A. Cultural e Industrial, 1977.
- BRENNER, M. S. S. “CÓDIGO”: Leitura de um poema de Augusto de Campos. **Magma**, (2), 1995, p. 53-59.

BRILMYER, G.; GABIOLA, J.; ZAVALA, J.; CASWELL, M. Reciprocal Archival Imaginaries: The shifting boundaries of "community" in Community Archives. **Archivaria**. Fall 2019, Issue 88, P-48. 43p.

BUCHANAN, S. A. "AERI as a catalyst for archival doctoral education." **Preservation, Digital Technology & Culture**, vol. 45, no. 1, 2016.

CABRÉ, M.T. Contexto y evolución de la terminología: de una aproximación nominalista a una teoría comunicativa. In: CATALÁ, S. A.; BARITÉ, M. (Coord.). **Teoría y praxis en terminología**. Montevideo: Universidad de la República, 2017, p.9-21.

CASWELL, M. On archival pluralism: what religious pluralism (and its critics) can teach us about archives. **Arch Sci**, 2013.

CASWELL, M. "The Archive' Is Not an Archives: On Acknowledging the Intellectual Contributions of Archival Studies." **Reconstruction: Studies in Contemporary Culture** 16:1 special issue "Archives on Fire", 2016.

CASWELL, M. **Urgent Archives: Enacting Liberatory Memory Work**. Routledge Press, 2021.

CASWELL, M; PUNZALAN, R; SANGWAND, T. Guest Editors, Special Issue, "Critical Archival Studies," **Journal of Critical Library and Information Studies** 1:2, 2017.

CERVANTES, B.M.N. **A construção de tesouros e a integração de procedimentos terminográficos**. 2009. 209 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2009.

COOK, T. O passado é prólogo: uma história das ideias arquivísticas desde 1898 e a futura mudança de paradigma. In: **Pensar os arquivos, uma antologia**. Org Heymann, L; Nedel, L. tradução Luiz Alberto Monjardim de Calamzans Barradas. Rio de Janeiro, FGV Editora, 2018.

COOK, T. Evidence, memory, identity, and community: four shifting archival paradigms. **Archival Science**, v 13, p. 95–120, 2013.

CUNNINGHAM, A.O Poder da Proveniência na Descrição Arquivística: Uma perspectiva sobre o desenvolvimento da segunda edição da ISAAR (CPF). **Acervo**, Rio de Janeiro, v. 20, p. 77–92, 2007.

COUTURE, C., & DUCHARME, D. *Research in archival science. A status report*. **Archivaria**, 59, 41-97, 2005.

ESTATUTO AERI. Laws of AERI, 2022. Disponível em: <http://aeri.website/wp-content/uploads/2022/07/AERI-bylaws-2022-06.pdf>. Acesso em 07 jun 2022.

DELGADO-GÓMEZ, A. "La indeterminación de la traducción arquivística". En: **El profesional de la información**, 2007, enero-febrero, v.16, n. 1, pp. 39-46.
DESCOLA, P. **Outras naturezas, outras culturas**. Tradução: Cecília Ciscato. Editora 34, Coleção Fábula, 2016.

DINGWALL, G. Modelo do ciclo vital e do modelo continuum - Uma visão das concepções de organização arquivísticas desde o período do pós-guerra. In: EASTWOOD, Terry; MACNEIL, Heather. **Correntes atuais do pensamento**

arquivístico. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2016. p. 205-235.

DUBUC, R. **Manual de terminología**. Unión Latina, 1999.

ENCYCLOPEDIA OF ARCHIVAL SCIENCE. DURANTI, L; FRANKS, P. (Coords.). Lanham, Rowman & Littlefield, 2015.

ENCICLOPÉDIA CONTEMPORÂNEA DA AMÉRICA LATINA E DO CARIBE. SADER, Emir et al. (Coords.) São Paulo: Boitempo Editorial/ Laboratório de Políticas Públicas (LPP), 2006.

EVANGELISTA, I. V; GRÁCIO, M. C. C; GUIMARÃES, J. A. C. The Concepts of Domain, Discourse Community and Epistemic Community: affinities and specificities. **Brazilian Journal of Information Science: Research Trends**, 16, 2022.

EVANS, J., MCKEMMISH, S., DANIELS, E., & MCCARTHY, G. Self-determination and archival autonomy: Advocating activism. **Archival Science**, 15(4), 337- 368, 2015.

EVANS, MCKEMMISH; ROLAN. Critical Archiving and Recordkeeping Research and Practice in the Continuum. *Critical Archival Studies*. **Journal of Critical Library and Information Studies**. Vol. 1 No. 2, 2017.

FAULKHEAD; THORPE. Dedication: archives and indigenous communities. *In: Research in the Archival Multiverse*. Edited by Anne J Gilliland, Sue McKemmish and Andrew J Lau . Monash University Publishing, 2016, p. 2-15.

FLINN, A. "Community Histories, Community Archives: Some Opportunities and Challenges," **Journal of the Society of Archivists** 28 no.2, p.151-176, 2007.

FREIRE, A.M.A. Notas de cartas a Cristina. *In: Cartas a Cristina Reflexões sobre minha vida e minha práxis*. / Paulo Freire - São Paulo: Paz e Terra, 2021, p. 302.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários a prática educativa. 59ªed.- Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.

GHADDAR, J; CASWELL, M. Guest Editors, Special Issue, "Towards a Decolonial Archives," **Archival Science**, 19, 2019.

GIBBONS, L. Community Archives in Australia: A Preliminary Investigation, **Journal of the Australian Library and Information Association**, 69:4, p. 451-472, 2020.

GILLILAND, AJ. Permeable Binaries, Societal Grand Challenges, and the Roles of the Twenty-first-century Archival and Recordkeeping Profession. **UCLA**. 2021. Disponível em: <https://escholarship.org/uc/item/90q5538g>. Acesso em: 06 jun 2022.

GILLILAND, A. J. Archival and recordkeeping traditions in the multiverse and their importance for researching situations and situating research. *In: Research in the archival multiverse*. Melbourne: Monash University Press. 2017.

GILLILAND, A. J., MCKEMMISH, S., & LAU, A. J. Preface. *In: Research in the archival multiverse*. Melbourne: Monash University Press. 2017.

GILLILAND, A. J.; MCKEMMISH, S. Building an infrastructure for archival research. **Archival Science**, 4.3.4, p.149-199, 2004.

GILLILAND, A.J ; MCKEMMISH, S. Archival and recordkeeping research Past, present and future. In: **Research Methods: Information, Systems, and Contexts**. 2018, p. 85-125.

GILLILAND, A J; FLINN, A. "The Wonderful and Frightening World of Community Archives: What Are We Really Talking About?" Keynote address, Nexus, Confluence, and Difference: Community Archives meets Community Informatics: Prato CIRN Conference Oct 28–30 2013, Larry Stillman, Amalia Sabiescu, Nemanja Memarovic, eds, **Centre for Community Networking Research, Centre for Social Informatics**, Monash University. 2013. Disponível em: http://www.ccnr.infotech.monash.edu.au/assets/docs/prato2013_papers/gilliland_flinn_keynote.pdf. Acesso em: 06 jun 2022.

GILLILAND; A, MCKEMMISH, S. **Recordkeeping Metadata, the Archival Multiverse, and Societal Grand Challenges**. 2012.

GIRALDO, M. **Archivos vivos**: documentar los derechos humanos y la memoria colectiva en Colombia. Editora Universidad De Antioquia. 2022.

GLORIA ANZALDÚA, Queer(izar) a escritora – Loca, escritora y chicana. In: BRANDÃO, I.; CAVALCANTI, I.; LIMA COSTA, C. da; LIMA, A. C. A. 2017. Traduções da Cultura. **Perspectivas críticas feministas (1970-2010)**. Florianópolis, EDUFAL, Editora da UFSC, pp 408-425. Publicado original em 1991.

GROSFUGUEL, R. Descolonizar as esquerdas ocidentalizadas: para além das esquerdas eurocêntricas rumo a uma esquerda transmoderna descolonial. **Contemporânea - Revista de Sociologia da UFSCar** v. 2 n. 2 julho – dezembro, 2012.

GUERRERO ARIAS, P. **Corazonar**: uma antropologia comprometida com la vida. Quito, Ecuador; Abya Yala. 2010.

GUIMARÃES, J.A.C. "Aspectos éticos em Organização e Representação do Conhecimento (ORC): uma reflexão preliminar". **Políticas de memória e informação: reflexos na organização do conhecimento**. Organizado por: Maria Nélida González de Gómez e Evelyn Goyannes Dill Orrico. EDUFRN, 2006.

GUIMARÃES, J.A.C. "Análise de domínio como perspectiva metodológica em organização da informação". **Ciência da Informação**, vol. 43, no. 1, pp.13-21, 2014.

GUIMARÃES, J. A. C.; TOGNOLI, N. B. Provenance as a domain analysis approach in archival knowledge organization. **Knowledge Organization**, v. 42, n. 8, p. 562-569, 2015.

HAAS, P. M. Epistemic communities and international policy coordination. **International Organization**, Cambridge, v. 46, n. 1, p. 01-35, 1992.

HJØRLAND, B. "Domain analysis in information science: eleven approaches: traditional as well as innovative". **Journal of Documentation**, 58 (4): p. 422–462. 2002.

HJØRLAND, B; ALBRECHTSEN, H. "Toward a new horizon in information science:domain-analysis". **Journal of The American Society for information Science**, 46 (6): p. 400-425, 1995.

HJØRLAND, B; HARTEL, J. "Afterword: ontological, epistemological and sociological dimensions of domains". **Knowledge Organization**, 30 (3/4): 239-245. 2003
 HJØRLAND, Birger. "Domain analysis". **Knowledge Organization**, 44 (6): p. 436-464. 2017.

KETELAAR, E. Archival turns and returns: Studies of the archive. In A. J. Gilliland, S. McKemmish, & A. J. Lau (Eds.), **Research in the archival multiverse**. Melbourne: Monash University Press. 2016, p. 228-268.

MALDONADO-TORRES, N. Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. *In*: BERNARDINO-COSTA, Joaze; GROSGOUEL, Ramón. (org.). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020, p. 9-26.

MARQUES, A. A da C. **Interlocuções entre a Arquivologia nacional e a internacional no delineamento da disciplina no Brasil**. – Brasília: FCI/UnB, 2011. 399 fl. (Tese de Doutorado).

MARTÍNEZ-ÁVILA, D; GUIMARÃES, J.A.C; EVANGELISTA, I.V.. Epistemic communities in Knowledge Organization: **An analysis of the NASKO meetings proceedings**. NASKO, Vol. 6. P. 113-123. 2017.

MATIAS SANTOS, V. Notas desobedientes: decolonialidade e a contribuição para a crítica feminista à ciência. **Psicologia & Sociedade**, v 30, 2018.

MCKEMMISH, S. Recordkeeping in the continuum: An Australian tradition. *In*: **Research in the archival multiverse**. Melbourne: Monash University Press. 2017, p.122-160.

MCKEMMISH, S.; PIGGOTT, M. "Toward the Archival Multiverse: Challenging the Binary Opposition of the Personal and Corporate Archive in Modern Archival Theory and Practice". **Archivaria** 76 (November), p. 111-14. 2013.

MIGNOLO, W. **Desobediencia epistémica**: retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad. Buenos Aires: Ediciones del Signo, 2010.

MIGNOLO, W. **Histórias locais, projetos globais**: Colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Tradução de Solange Ribeiro de Oliveira. 1. ed. rev. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2020.

MIGNOLO, W; WASH, C. **On Decoloniality** -Concepts, Analytics, Praxis. 2018.

MILLS, C. W. **Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios**. Rio De Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2009.

NATIONAL ARCHIVES OF AUSTRALIA. **Developing a Functions Thesaurus: GUIDELINES FOR COMMONWEALTH AGENCIES**. CANBERRA: NAA, 2003.

NYHAN, J. Community archives in the UK: an overview. *In* book: **Community Archives. Models of cooperation with the state**. Publisher: FUNDACJA O ŚRODKA KARTA. PROGRAM ARCHIWISTYKA SPOŁECZNA. Editors: Katarzyna Ziętał. 2015. P. pp.221-237. Disponível em <
<https://discovery.ucl.ac.uk/id/eprint/10072044/1/Nyhan%20eng%20chapter%20Archiwa%20spoleczne.Modelewsopolpracyzpanstwem.pdf>>. Acesso em 28 ago. 2022.

PINKOLA ESTÉS, C. **A Ciranda das Mulheres Sábias** - Ser Jovem Enquanto Velha e Velha Enquanto Jovem. Editora: Rocco. 2007.

PINTO, A.V. **Ciência e existência**. Problemas filosóficos da pesquisa científica. Editora Contraponto, 2020.

PORTER, E. **Audience and Rhetoric**: An archaeological composition of the discourse community. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall. 1992

PLURALIZING THE ARCHIVAL CURRICULUM GROUP (PACG) (A. Gilliland, corresponding author), "Educating for the Archival Multiverse". **American Archivist**, Spring/Summer, 2011, p.68-102.

PUNZALAN, R; CASWELL, M. Critical Directions for Archival Approaches to Social Justice. **Library Quarterly**, 86(1), p. 25-42. 2016.

QUIJANO, A. Colonialidad do poder, eurocentrismo e América Latina. *In*: LANDER, Eduardo (org.). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

SANTOS, B.S. **O fim do império cognitivo**: a afirmação das epistemologias do Sul. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

SCHMIDT, C. M dos S. **Arquivologia e a construção do seu objeto científico**: concepções, trajetórias, contextualizações. 2012. Tese (Doutorado em Cultura e Informação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

SHIVA, V. **Monoculturas da Mente**: perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia. São Paulo: Gaia, 2003.

SHIVA, V. Monoculturas da mente in **Fronteiras do Pensamento**. 2012. Youtube.

SILVA, A. M. et al. **Arquivística**: teoria e prática de uma ciência da informação. Porto: Afrontamento, 1999.

SMIRAGLIA, R. Epistemology of domain analysis. In Smiraglia, Richard P. and Hur-Li Lee, eds. **Cultural frames of knowledge**. Würzburg: Ergon-Verlag, 2012.

SMIRAGLIA, R. The epistemological dimension of Knowledge Organization. **Revista IRIS - Informação, Memória e Tecnologia**, Recife, v.2. jan./jun. 2013. Disponível em <https://www.brapci.inf.br/_repositorio/2015/12/pdf_f940a7f62c_0000018185.pdf>. Acesso em 28 dez 2022.

KOBASHI, N.Y; SMIT, J.W. **Como elaborar vocabulário controlado para aplicação em arquivos**. São Paulo: Arquivo do Estado/Imprensa Oficial. 2003.

SOYKA, H.A, WILCZEK, E. Ten years of Archival Education and Research Institutes: a snapshot of scholarship. **Arch Sci**, 2020.

SUBCOMANDANTE INSURGENTE MARCOS. **Los Relatos de El Viejo Antonio**, San Cristóbal de las Casas, Centro de Información y Análisis de Chiapas, 1998.

SUENAGA, C. M. K.; CERVANTES, B. M. N. A Abordagem da análise de domínio na Organização E Representação do conhecimento em arquivística *In*: GUIMARÃES, José

Augusto Chaves; DODEBEI, Vera (org.). **Estudos avançados em Organização do Conhecimento: organização do conhecimento e diversidade cultural**. Marília: Fundepe, 2015. v. 3. p. p. 534-544. Disponível em: <http://isko-brasil.org.br/wp-content/uploads/2013/02/Organiza%C3%83%C2%A7%C3%83%C2%A3o-do-Conhecimento-e-Diversidade-Cultural-ISKO-BRASIL-2015.pdf>. Acesso em: 28 ago. 2022

SUENAGA, C. M. K. **A Abordagem da Análise de Domínio na Organização e Representação do Conhecimento em Arquivística**. 2014. 150 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Centro de Educação, Comunicação e Artes, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2014.

SWALES, J. M. Reflections on the concept of discourse community. **ASp**, 69: 7-1. 2016.

TÊNIS, J. Two Axes of Domains for Domain Analysis. **Knowl. Org.** 30, 2, No.3/No.4. 2003.

TÊNIS, J. “Com o que uma análise de domínio se parece no tocante a sua forma, função e gênero?” **Brazilian Journal of Information Science: research trends**, 6(1): p. 3-15, 2012.

TOGNOLI, N. B; GUIMARÃES, J.A.C. Provenance as a Knowledge Organization Principle. **KNOWLEDGE ORGANIZATION**, v. 46, p.558-568, 2019.

TOGNOLI, N; MAÇULO DE QUEIROZ ROCHA, G. A justiça social na Arquivologia: uma revisão de literatura. **ÁGORA: Arquivologia Em Debate**, 31(63), p. 1–23. 2021.

WALSH, C (ed.). **Pensamiento crítico y matriz (de)colonial**: reflexiones latinoamericanas. Quito: Editorial Universidad Andina Simón Bolívar, 2005.

WELLAND, S.; COSSHAM, A. , "Defining the undefinable: an analysis of definitions of community archives", **Global Knowledge, Memory and Communication**, Vol. 68 No. 8/9, pp. 617-634, 2019.

ZAVALA, J; MIGONI, A.A; CASWELL, M; GERACI, N; CIFOR, M. ‘A process where we’re all at the table’: community archives challenging dominant modes of archival practice, **Archives and Manuscripts**, 45:3, p. 202-215, 2017.

APÊNDICE

FICHAS DE REGISTROS DO TERMO *COMMUNITY ARCHIVES* PARA LENTE TERMINOLÓGICA PONTUAL.

Ficha N ° 1. Registro do termo <i>Community archives</i> para lente terminológica pontual		1	
TERM/TERMO: <i>Community archives</i>		AUTHOR/AUTORA: Gilliland, Anne	
FONTE: Gilliland, Anne; Halilovich, Hariz. Migrating memories: transdisciplinary pedagogical approaches to teaching about diasporic memory, identity and human rights in archival studies. <i>Archival Science</i> . Mar2017, Vol. 17 Issue 1, p79-96. 18p. DOI: 10.1007/s10502-016-9265-9.	RELATED TERMS /TERMOS RELACIONADOS:		
	community-based archiving	arquivamento baseado na comunidade	
	community archiving	arquivamento comunitário	
	community memory	memória comunitária	
	community memory-keeping	lugar de memória comunitária	
TITLE		TÍTULO	
Migrating memories: transdisciplinary pedagogical approaches to teaching about diasporic memory, identity and human rights in archival studies.		Memórias migratórias: abordagens pedagógicas transdisciplinares para o ensino da memória diáspora, identidade e direitos humanos nos estudos arquivísticos.	
ABSTRACT		RESUMO	
Despite a growing focus on human rights issues within the field of archival studies, education designed to prepare students to be practicing archivists, scholars and educators has rarely considered how best to address these considerations as they relate to the tens of millions of individuals and communities who have experienced or who are descendants of forced diaspora. This paper reflects on the genesis, development, implementation and emergent themes of an experimental transdisciplinary course, <i>Migrating Memories: Diaspora, Archives and Human Rights</i> , designed to address this educational gap in archival education. In addition to relevant scholarly work, the course integrated fiction, creative non-fiction and film in order to exercise issues of memory, documentation and archiving relating to forced diaspora. This enabled the subject to be approached in the spirit of research in contemporary cultural anthropology as well as archival studies that is addressing the human dimensions and dynamics of memory and identity, in particular those that are cultural, affective and generational.		Apesar de um foco crescente em questões de direitos humanos no campo dos estudos arquivísticos, a educação destinada a preparar os alunos para serem arquivistas, acadêmicos e educadores raramente tem considerado a melhor forma de abordar essas questões no que se refere às dezenas de milhões de indivíduos e comunidades que vivenciaram ou que são descendentes da diáspora forçada. Este artigo reflete sobre a gênese, desenvolvimento, implementação e temas emergentes de um curso experimental transdisciplinar, <i>Memórias Migrantes: Diáspora, Arquivos e Direitos Humanos</i> , destinado a suprir essa lacuna educacional na educação arquivística. Além de trabalhos acadêmicos relevantes, o curso integrou ficção, não-ficção criativa e cinema para exercitar questões de memória, documentação e arquivamento relativas à diáspora forçada. Isso permitiu que o tema fosse abordado no espírito de pesquisa em antropologia cultural contemporânea e em estudos arquivísticos que abordem as dimensões humanas e as dinâmicas da memória e da identidade, em particular aquelas que são culturais, afetivas e geracionais.	
KEYWORDS		PALAVRAS-CHAVE	
Keywords : Archival studies; Diaspora; Human rights; Memory ; Pedagogy		Palavras-chave: Estudos arquivísticos; Diáspora; Direitos Humanos; Memória; Pedagogia	

PAPER STRUCTURE	SEÇÕES DO ARTIGO
<ol style="list-style-type: none"> 1. Introduction 2. The genesis of a course 3. Migrating Memories: Diaspora, Archives and Human Rights 4. Pedagogical and methodological approaches 5. Using fiction and film 6. Emergent themes 7. Conclusion 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Introdução 2. A gênese do curso 3. Migrando Memórias: Diáspora, Arquivos e Direitos Humanos 4. Abordagens pedagógicas e metodológicas 5. O uso de ficção e filme 6. Temas emergentes 7. Conclusão
CONTEXT OF USE OF THE TERM	CONTEXTO DE USO (TRADUÇÃO NOSSA)
<p>(consta na introdução)</p> <p>Caswell (2014) has argued that community archives can provide useful lessons for a survivor-centered approach to records documenting human rights abuse because of their tendency to promote five key principles: participation, shared stewardship, multiplicity, archival activism and reflexivity (p. 307). Because of these stances, community-based archives and other independent documentation projects tend to be less bound by strict definitions of archives and records and are receptive to a range of documentary practices and community memory-keeping. They increasingly play a major role as sites to which people can donate the items that they have kept as their “personal archive,” contribute oral histories or other forms of testimony, and engage in performative expressions of memory such as dance, music and art-making and storytelling. Community archives are also more likely to be receptive to decontextualized items and to acknowledge their affect, gathering the stories that re-clothe those items in context. Flinn (2011) notes that some archivists are skeptical about assigning the term “archival” to such community endeavors or personal objects because they view them as ephemeral and without lasting value, but he argues that such dismissal misses the mark: “in fact the rarity of these ephemeral traces may give them significant emotional resonance and historical value ... (archivists should not be blind) to the symbolic significance and explicit value judgments being made when such collections are designated (“constituted”) by their custodians as archives” (p. 6). Like memorials and monuments, community archives may also be physically situated in locations [what psychiatrist Volkan (2006) has referred to as “hot places” (p. 49)] that invoke affect because they directly reference the experiences and struggles of that community. (GILLILAND;HALILOVICH, 2015, p. 5).</p>	<p>(consta na introdução)</p> <p>Caswell (2014) tem argumentado que os arquivos comunitários podem fornecer lições úteis para uma abordagem centrada no sobrevivente para documentos que documentam abusos de direitos humanos devido à sua tendência de promover cinco princípios-chave: participação, administração compartilhada, multiplicidade, ativismo arquivístico e reflexividade (p.307). Por causa dessas posições, arquivos baseados na comunidade e outros projetos de documentação independentes tendem a ser menos limitados por definições estritas de arquivos e registros e são receptivos a uma série de práticas documentais e manutenção da memória comunitária. Eles desempenham cada vez mais um papel importante como sites para os quais as pessoas podem doar os itens que mantiveram como seu “arquivo pessoal”, contribuir com histórias orais ou outras formas de testemunho e se envolver em expressões performáticas de memória, como dança, música e criação de arte e contação de histórias. Os arquivos comunitários também são mais propensos a serem receptivos a itens descontextualizados e a reconhecer seu efeito, reunindo as histórias que revestem esses itens no contexto. Flinn (2011) observa que alguns arquivistas são céticos em atribuir o termo “arquivística” a tais empreendimentos comunitários ou objetos pessoais porque os veem como efêmeros e sem valor duradouro, mas ele argumenta que tal desconsideração erra o alvo: “na verdade, a raridade desses traços efêmeros pode dar-lhes ressonância emocional significativa e valor histórico... (arquivistas não devem ignorar) ao significado simbólico e explícitos julgamentos de valor sendo feitos quando tais coleções são designadas (“constituídas”) por quem tem sua custódia, como arquivos” (p.306). Assim como memoriais e monumentos, os arquivos comunitários também podem estar fisicamente situados em locais [o que o psiquiatra Volkan (2006) chamou de “lugares quentes” (p. 49)] que invocam afeto porque se referem diretamente às experiências e lutas daquela comunidade. (GILLILAND ;HALILOVICH, 2015, p. 5).</p>
REFERENCES/ REFERENCIAS	
<p>Bald V (2013) Bengali Harlem and the lost histories of South Asian America. Harvard University Press, Cambridge.</p> <p>Bohjalian C (2012) The sandcastle girls. Simon and Shuster, New York.</p>	

Caswell M (2014) Toward a survivor-centered approach to records documenting human rights abuse: lessons from community archives. *Arch Sci* 14(3–4):307–322.

Caswell M (2015) Documenting South Asian American struggles against racism: community archives in a post-9/11 world. In: Reading A, Katriel T (eds) *Cultural memories of nonviolent struggles: powerful times*. Palgrave Macmillan, New York, pp 188–204.

Chew Sa´nchez MI (2006) *Corridos in migrant memory*. University of New Mexico Press, Albuquerque
Deen H (n.d.) *Muslim journeys. Uncommon lives*. National Archives of Australia. <http://uncommonlives.naa.gov.au/muslim-journeys/index.aspx>. Accessed 3 Jan 2016.

Flinn A (2011) Archival activism: independent and community-led archives, radical public history and the heritage professions. *InterActions* 7(2). <http://escholarship.org/uc/item/9pt2490x#>. Accessed 3 Jan 2016.
Forced Migration Online (n.d.) <http://www.forcedmigration.org/about/about-us>. Accessed 3 Jan 2016

Geist M (2013) The untold story behind the LAC-Canadiana digitization plan. <http://www.michaelgeist.ca/2013/10/lac-canadiana-heritage-digitization/>. Accessed 3 Jan 2016.

Gilliland AJ (2014a) Moving past: probing the agency and affect of recordkeeping in individual and community lives in post-conflict Croatia. *Arch Sci* 14(3–4):249–274.

Gilliland AJ (2014b) Reconceptualizing records: the archive and archival roles and requirements in a networked society. *Knygotyra* 64:17–34.

Gilliland AJ (in press) Permeable binaries, societal grand challenges, and the roles of the twenty-first century archival and recordkeeping profession. *Archifacts*.

Gilliland AJ, Caswell M (2015b) Records and their imaginaries: imagining the impossible, making possible the imagined. *Arch Sci*.

Halilovich H (2013) *Places of pain: forced displacement, popular memory and trans-local identities in war-torn Bosnia*. Berghahn, Oxford.

Halilovich H (2014) Reclaiming erased lives: archives, records and memories in post-war Bosnia and the Bosnian diaspora. *Arch Sci* 14(3–4):231–247.

Halilovich H, Carbone A, Ross B (2013) Spaces where learning takes place: rethinking contemporary approaches to learning and teaching. *HERDSA* 36:175–186.

Hemon A (2008) *The Lazarus project*. Riverhead Books, New York.

Kolb AD (2015) *Experiential learning: experience as the source of learning and development*. Pearson Education, New Jersey.

Kopetman R (2015) Oral history project captures stories of first wave of Vietnamese Americans. *Orange Co Reg* (Apr 24).

Krauss N (2005) *The history of love*. W.W. Norton & Co., New York.

Lam A (2005) *Perfume dreams: reflections on the Vietnamese diaspora*. Heyday Books, Berkeley.

Lau AJ, Gilliland AJ, Anderson K (2012) Naturalizing community engagement in information studies: pedagogical approaches and persisting partnerships. *Inf Commun Soc* 15(7):991–1015.

Lee CR (1995) *Native speaker*. Penguin Group, New York.

Moon AJ (2004) *A Handbook of reflective and experiential learning: theory and practice*. Routledge Falmer, London.

Punzalan R (2014) Archival diasporas: a framework for understanding the complexities and challenges of dispersed photographic collections. *Am Arch* 77(2):326–349.

The National Archives (2013) Moving here. <http://webarchive.nationalarchives.gov.uk/?http://www.movinghere.org.uk/about/default.htm>. Accessed 3 Jan 2016.

UNHCR (2015) 2015 is likely to break records for forced displacement—study. <http://www.unhcr.org/5672c2576.html>. Accessed 3 Jan 2016.

Volkan V (2006) Killing in the name of identity: a study of bloody conflicts. Pitchstone Publishing, Charlottesville.

RESPONSIBLE/ RESPONSÁVEL:	Maíra	DATE/ DATA	11/10/2022
--------------------------------------	-------	-------------------	------------

Ficha N ° 2. Registro do termo <i>Community archives</i> para lente terminológica pontual		2	
TERM/TERMO: Community archives		AUTHOR/AUTORA: Gilliland, Anne	
FONTE: Lau, Andrew J.; Gilliland, Anne J.; Anderson, Kimberly. Naturalizing community engagement in Information Studies: Pedagogical approaches and persisting partnerships Information, Communication & Society. Sep2012, Vol. 15 Issue 7, p991-1015. 25p.	RELATED TERMS /TERMOS RELACIONADOS:		
	community engagement	engajamento comunitário	
	community informatics	informática comunitária	
	community archiving	arquivamento comunitário	
	community archives and archiving	arquivos e arquivamento comunitários	
	community-based archives	arquivos baseados na comunidade	
TITLE	TÍTULO		
Naturalizing community engagement in Information Studies: Pedagogical approaches and persisting partnerships	Naturalização do engajamento da comunidade em Estudos de Informação: Abordagens pedagógicas e parcerias persistentes.		
ABSTRACT	RESUMO		
<p>Researchers and professionals in the information fields are increasingly recognizing that they should engage themselves more closely with local, marginalized and underempowered communities in addressing a range of challenges in diverse information contexts. Education employing critical pedagogy and dialogic action can provide a fertile ground for preparing future graduates for such engagement, and break down over-simplified dichotomies between academic and external community identities. The authors argue that non-traditional, mutually beneficial partnerships between grassroots communities and graduate students in information studies that have been nurtured through this pedagogical approach can help to raise students' consciousness of and sensitivity to authentic grassroots community information needs. At the same time, such activities can provide communities with a lowoverhead entry-point into academic partnerships. In support of this argument, and using a basic qualitative descriptive approach, the authors provide a picture of the complex of community–student collaborations undertaken with a social justice orientation by information studies students at the University of California, Los Angeles.</p>	<p>Pesquisadores e profissionais das áreas de informação estão cada vez mais reconhecendo que devem se envolver mais de perto com as comunidades locais, marginalizadas e com menos poder para enfrentar uma série de desafios em diversos contextos de informação. A educação que emprega a pedagogia crítica e a ação dialógica pode fornecer um terreno fértil para preparar os futuros graduados para tal engajamento e quebrar dicotomias super simplificadas entre identidades acadêmicas e da comunidade externa. Os autores argumentam que parcerias não tradicionais e mutuamente benéficas entre comunidades de base e estudantes de pós-graduação em estudos de informação que foram nutridas por meio dessa abordagem pedagógica podem ajudar a aumentar a consciência e a sensibilidade dos alunos às necessidades autênticas de informações da comunidade locais. Ao mesmo tempo, essas atividades podem fornecer às comunidades um ponto de entrada de baixo custo para parcerias acadêmicas. Em apoio a esse argumento, e usando uma abordagem descritiva qualitativa básica, os autores fornecem uma imagem do complexo de colaborações comunidade-aluno realizadas com uma orientação de justiça social por estudantes de estudos de informação da Universidade da Califórnia, Los Angeles.</p>		

KEYWORDS:	PALAVRAS-CHAVE
community archives; community engagement; critical; pedagogy; dialogic action; service learning	arquivos comunitários; engajamento comunitário; crítico; pedagogia; ação dialógica; aprendizagem por experiência
PAPER STRUCTURE	SEÇÕES DO ARTIGO
<ol style="list-style-type: none"> 1. Introduction 2. Background 3. Part A: building service learning and community 4. engagement into curricula 5. ---Possible longer-term impact of the service learning approach 6. ---Reflecting on community-based service learning as a pedagogy 7. Part B: student-led community engagement projects 8. The Nidorf Collective 9. Library and archive OUTreach and the Rae Lee Siporin Library 10. Machine Project 11. Discussion 12. Conclusion 13. Acknowledgements 14. References 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Introdução 2. Revisão 3. Parte A: construção de aprendizagem por experiência e comunidade 4. Engajamento nos currículos 5. Possível impacto a longo prazo da abordagem de aprendizagem por experiência 6. Refletir sobre a aprendizagem por experiência baseados na comunidade como uma pedagogia 7. Parte B: projetos de engajamento comunitário liderados por estudantes 8. O Coletivo Nidorf 9. Biblioteca e arquivo OUTreach e a Biblioteca Rae Lee Siporin 10. Projeto da máquina 11. Discussão 12. Conclusão 13. Agradecimentos 14. Referências
CONTEXT OF USE OF THE TERM	CONTEXTO DE USO (TRADUÇÃO NOSSA)
<p>Present in the part: Background</p> <p>Most recently, social and community informatics have been joined within the field of information studies by a third strand of research and development related to community-oriented information practices and needs – community archives and archiving. While community-based archives arguably have always existed in a variety of forms, they have only recently become a phenomenon of academic interest. Adapting long-established and/or identifying novel situationally relevant archival techniques, as well as employing creative mixtures of documentary media and social networking technologies to capture and convey collective and local memory, experiences and concerns, personal narratives, urban and rural landscapes, and assorted historical materials, community-based archives today are frequently grassroots or activist-initiated and organized (Bastian & Alexander 2009; Flinn et al. 2009; Riedlmayer & Naron 2009; Flinn 2010; Stevens et al. 2010). Internet and multimedia technologies have provided new forums for expression that can be employed by community archives, and as a result, some have become important and distinctive sites for technological innovation, distributed production, and artistry. Community archives can contain unique situated documentation of diverse cultural, ethnic, and socio-political perspectives, and experiences, of</p>	<p>Presente na parte: Revisão</p> <p>Mais recentemente, a informática social e comunitária se juntou ao campo dos estudos da informação por uma terceira linha de pesquisa e desenvolvimento relacionada às práticas e necessidades de informação orientadas para a comunidade – arquivos e arquivamento comunitários. Embora os arquivos comunitários sempre tenham existido em uma variedade de formas, eles só recentemente se tornaram um fenômeno de interesse acadêmico. Adaptar técnicas de arquivo há muito estabelecidas e/ou identificar novas técnicas de arquivamento relevantes para a situação, bem como empregar misturas criativas de mídia documental e tecnologias de redes sociais para capturar e transmitir memórias coletivas e locais, experiências e preocupações, narrativas pessoais, paisagens urbanas e rurais e diversos materiais históricos, os arquivos comunitários de hoje são frequentemente iniciados e organizados por membros da comunidade local ou ativistas (Bastian & Alexander 2009; Flinn et al. 2009; Riedlmayer & Naron 2009; Flinn 2010; Stevens et al. 2010). As tecnologias da Internet e multimídia forneceram novos fóruns para expressão que pode ser empregada pelos arquivos comunitários e, como resultado, alguns se tornaram locais importantes e distintos para inovação tecnológica, produção distribuída e arte. Os arquivos comunitários podem conter documentação localizada única de diversas perspectivas e experiências culturais, étnicas e sócio-</p>

<p>value both to the ongoing health and identity of communities and to scholarly research (McKemmish et al. 2005). Unlike efforts by mainstream institutional archives or special collections to document local communities and their histories, community archives are usually community-initiated, shaped and controlled, and have less firmly delineated organizational boundaries. However, they face substantial issues associated with physical and digital persistence that relate not only to their design and upkeep, but also to the nurturing of individuals and organizations committed to long-term engagement with and support for their continuing existence. These issues can provide a significant incentive for collaborating with more mainstream institutions that have a stable presence and an available pool of relevant expertise such as information studies programmes within universities. (LAU; GILLILAND; KIMBERL, 2012, p.995)</p>	<p>políticas, de valor tanto para a saúde e identidade contínuas das comunidades quanto para a pesquisa acadêmica (McKemmish et al. 2005). Ao contrário dos esforços dos principais arquivos institucionais ou coleções especiais para documentar as comunidades locais e suas histórias, os arquivos comunitários geralmente são iniciados pela comunidade, moldados e controlados, e têm limites organizacionais menos firmemente delineados. No entanto, eles enfrentam problemas substanciais associados à persistência física e digital que se relacionam não apenas ao seu planejamento e manutenção, mas também ao cultivo de indivíduos e organizações comprometidos com o envolvimento de longo prazo e o apoio à sua continuidade. Essas questões podem fornecer um incentivo significativo para a colaboração com instituições mais tradicionais que têm uma presença estável e um conjunto disponível de conhecimentos relevantes, como programas de estudos de informação dentro das universidades. (LAU; GILLILAND; KIMBERL, 2012, p. 995)</p>
REFERENCES/ REFERENCIAS	
<p>Alimurung, G. (2006) 'The collector of experiences: Mark Allen and his machine project', LA Weekly, 27 December, [Online] Available at: http://www.laweekly.com/2006-12-28/news/the-collector-of-experiences/ (19 April 2011).</p> <p>Ball, M. & Schilling, K. (2006) 'Service learning, technology and LIS education', Journal of Education for Library and Information Science, vol. 47, no. 4, pp. 277-290.</p> <p>Bastian, J. A. & Alexander, B. (eds) (2009) Community Archives: The Shaping of Memory, Facet Publishing, London.</p> <p>Castells, M., Flecha, R., Freire, P., Giroux, H. A., Macedo, D. & Willis, P. (1999) Critical Education in the New Information Age, Rowman and Littlefield Publishers, Lanham, MD.</p> <p>Chu, C. M. (2009) 'Working from within: critical service learning as core learning in the MLIS curriculum', in Service Learning: Linking Library Education and Practice, eds L. Roy, K. Jensen & A. H. Meyers, ALA Editions, Chicago, pp. 105-123.</p> <p>Cuban, S. & Hayes, E. (2001) 'Perspective of five library and information studies students involved in service learning at a community-based literacy program', Journal of Education for Library and Information Science, vol. 42, no. 2, pp. 86-95.</p> <p>Elliott, M. (2011) Personal email to Anne Gilliland, 27 April.</p> <p>Fals-Borda, O. & Rahman, M.A. (eds) (1991) Action and Knowledge: Breaking the Monopoly with Participatory Action-Research, 1st edn, Apex Press, New York.</p> <p>Flinn, A. (2010) 'Independent community archives and community-generated content: "Writing, saving and sharing our histories"', Convergence: The International Journal of Research into New Media Technologies, vol. 16, no. 1, pp. 39-51.</p> <p>Flinn, A., Stevens, M. & Shepherd, E. (2009) 'Whose memories, whose archives? Independent community archives, autonomy and the mainstream', Archival Science, vol. 9, pp. 71-86.</p> <p>Freire, P. (2005) Education for Critical Consciousness, Continuum, New York.</p> <p>Freire, P. (2007) Pedagogy of the Oppressed, Continuum, New York.</p> <p>Gilliland, A. (2011) 'Neutrality, social justice and the obligations of archival education and educators in the twenty-first century', Archival Science, [Online]</p>	

Available at: <http://www.citeulike.org/article/9631659> (4 August 2011).

Giroux, H. A. (2007) 'Higher education in a time of crisis: rethinking the politics and possibilities of critical pedagogy,' Interview by Chronis Polychroniou, 7 February, [Online] Available at: <http://www.cosmopolisonline.it> 20071201/giroux.php (11 May 2011).

Library and Archive OUTreach. (n.d.) Library Outreach Home, [Online] Available at: <http://polaris.gseis.ucla.edu/liboutreach/index.html> (22 April 2011).

McIntyre, A. (2008) Participatory Action Research, Sage Publications, Thousand Oaks, CA.

McKemmish, S., Gilliland-Swetland, A. & Ketelaar, E. (2005) "Communities of memory": pluralizing archival research and education agendas', Archives and Manuscripts, vol. 33, pp. 146–175.

Meister, S. (2009) Record-keeping in a Small Non-profit Organization. Unpublished master's thesis, San Jose State University, California.

Minobe, S. (2011) Personal email to Anne Gilliland, 27 April. National Service-learning Clearinghouse. (n.d.) 'What is service learning?', [Online] Available at: <http://www.servicelearning.org/what-servicelearning> (22 April 2011).

Nidorf Collection @UCLA. (n.d.) 'Bylaws', [Online] Available at: <http://www.studentgroups.ucla.edu/nidorfcollective/bylaws.html> (22 April 2011).

Overall, P. (2010) 'The effect of service learning on LIS students' understanding of diversity issues related to equity of access', Journal of Education for Library and Information Science, vol. 51, no. 4, pp. 251–266.

Riedlmayer, A. & Naron, S. (2009) 'From Yizkor books to weblogs: genocide, grassroots documentation and new technologies', in Community Archives: The Shaping of Memory, eds J. A. Bastian & B. Alexander, Facet, London, pp. 151–167.

Sandewlowski, M. (2000) 'Whatever happened to qualitative description?', Research in Nursing & Health, vol. 23, pp. 334–340.

Sawyer, S. & Rosenbaum, H. (2000) 'Social informatics in the information sciences: current activities and emerging directions', Informing Science, vol. 3, no. 2, pp. 89–95.

Stevens, M., Flinn, A. & Shepherd, E (2010) 'New frameworks for community engagement in the archives sector: from handing over to handing on', International Journal of Heritage Studies, vol. 16, nos. 1–2, pp. 59–76.

Swain, D. (2007) 'Taking the classroom into the community: MIS students supporting computational learning labs', Journal of Education for Library and Information Science, vol. 48, no. 4, pp. 309–320.

Williams, K. & Durrance, J. C. (2009) 'Community informatics', in Encyclopedia of Library and Information Sciences, eds M. J. Bates & Niles Maack, Marcel Dekker, Inc, New York, pp. 1202–1208.

**RESPONSIBLE/
RESPONSÁVEL:**

Maíra

DATE/ DATA

11/10/2022

Ficha N ° 3. Registro do termo <i>Community archives</i> para lente terminológica pontual		3	
TERM/TERMO: <i>Community archives</i>		AUTHOR/AUTORA: Gilliland, Anne	
Gilliland, Anne J. Trust Matters. Provenance: The Journal of the Society of Georgia Archivists . 2019, Vol. 35 Issue 2, p4-31. 28p. (AN: 151635300)	RELATED TERMS /TERMOS RELACIONADOS:		
	community-based archiving	arquivamento baseado na comunidade	
	community-based archives	arquivos baseados na comunidade	
	“community archives movement”	movimento dos arquivos comunitários	
TITLE	TÍTULO		
Trust Matters	Dimensões da confiança		
ABSTRACT	RESUMO		
não consta	não consta		
KEYWORDS	PALAVRAS-CHAVE		
não consta	não consta		
PAPER STRUCTURE	SEÇÕES DO ARTIGO		
<ol style="list-style-type: none"> 1. Introduction 2. The Shifting Professional Landscape of Trust 3. Distrust Matters: Post-Truth, Alternative Facts, and Archival Imaginaries <ol style="list-style-type: none"> 1. Documenting the Present: Climate and Environmental Change 2. Proactive Archives: Records and Archiving Needs for Children in Care 3. Archival Conscience: Refugee Records and Recordkeeping Needs 4. Conclusion 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Introdução 2. A mudança no cenário profissional da confiança 3. Questões de desconfiança: pós-verdade, fatos alternativos e imaginários de arquivo <ol style="list-style-type: none"> 3.1. Documentando o Presente: Mudanças Climáticas e Ambientais 3.2. Arquivos proativos: Necessidades de registros e arquivamento para crianças sob cuidados 3.3. Consciência Arquivística: Registros de Refugiados e Necessidades de Manutenção de Registros 4. Conclusão 		
(CONTEXT OF USE OF THE TERM)	CONTEXTO DE USO (TRADUÇÃO NOSSA)		
(Present in the part The Shifting Professional Landscape of Trust) The first decades of the twenty-first century,	(Present in the part The Shifting Professional Landscape of Trust)		

and particularly the last few years, have seen enormous growth in the numbers and prominence of community archives, many born out of distrust and unhappiness with the kinds of archives that professional principles have traditionally supported. Although what has come to be called “the community archives movement” is gaining traction in many parts of the world, it is strongest in the United States, where it has evolved far beyond the “heritage projects,” community-centered historical societies, and collecting projects of the late nineteenth and early twentieth centuries, as well as the thematically focused archives and scholarly documentation initiatives that were initiated in the 1970s and 1980s. Many community archives today, taking a variety of forms and positions, have developed bottom-up as a result of grassroots activism, a quest for voice and presence and to “set the record straight,” and an overt agenda of augmenting and even countering the holdings and narratives of more traditional history and memory institutions. Community-based archives speak to the presence and experience of those who cannot find or fully find themselves in the official record and archives, and grassroots archival efforts aspire to become the catalyst and provide the evidence needed for social change. In other words, many community archives have a directly political agenda. As I indicated earlier, however, this movement has engendered another kind of mistrust, or at least a wariness, that has limited the ways in which these often radical changes in outlook and practices by community-based archives might positively influence or at least complement more traditional archives. Beyond a concern about archival initiatives that have overtly activist agendas, many professional archivists worry that community archives do not have the necessary expertise, facilities, or funding to safeguard their holdings. There is a tension on both sides around acknowledging that there might be valid roles for professional and for community expertise in archives of all types. Where mainstream archives try as far as possible to implement what the profession has identified as best practices in acquisition, preservation, and description, for example, there are many community archives that do not, cannot, or perhaps most controversially, will not employ those practices because they do not trust or believe that they are designed or implemented in the best interests of the communities they serve. (GILLILAND, 2019, p.14-15).

Faz uma citação direta:

As primeiras décadas do século XXI, e particularmente os últimos anos, testemunharam um enorme crescimento no número e na proeminência dos arquivos comunitários, muitos nascidos da desconfiança e da infelicidade com os tipos de arquivos que os princípios profissionais tradicionalmente apoiam. Embora o que veio a ser chamado de “movimento de arquivos comunitários” esteja ganhando força em muitas partes do mundo, é mais forte nos Estados Unidos, onde evoluiu muito além dos “projetos de patrimônio”, sociedades históricas centradas na comunidade e colecionando projetos do final do século XIX e início do século XX, bem como os arquivos com foco temático e iniciativas de documentação acadêmica que foram iniciadas nas décadas de 1970 e 1980. Muitos arquivos comunitários hoje, assumindo uma variedade de formas e posições, desenvolveram-se de baixo para cima como resultado do ativismo de base, uma busca por voz e presença e para “endireitar as coisas” e uma agenda aberta de aumentar e até combater acervos e narrativas de instituições de história e memória mais tradicionais. Arquivos baseados na comunidade falam da presença e experiência daqueles que não podem encontrar ou se encontram plenamente nos registros e arquivos oficiais, e os esforços de arquivamento de base aspiram se tornar o catalisador e fornecer as evidências necessárias para a mudança social. Em outras palavras, muitos arquivos comunitários têm uma agenda diretamente política. Como indiquei anteriormente, no entanto, esse movimento gerou outro tipo de desconfiança, ou pelo menos uma cautela, que limitou as maneiras pelas quais essas mudanças muitas vezes radicais nas perspectivas e práticas dos arquivos comunitários podem influenciar positivamente ou pelo menos complementar mais arquivos tradicionais. Além da preocupação com as iniciativas de arquivo que têm agendas abertamente ativistas, muitos arquivistas profissionais temem que os arquivos comunitários não tenham a experiência, instalações ou financiamento necessários para proteger seus acervos. Há uma tensão em ambos os lados em torno do reconhecimento de que pode haver papéis válidos para profissionais e especialistas da comunidade em arquivos de todos os tipos. Onde os arquivos tradicionais tentam, na medida do possível, implementar o que a profissão identificou como melhores práticas em aquisição, preservação e descrição, por exemplo, há muitos arquivos comunitários que não, não podem, ou talvez o mais controverso, não empregarão essas práticas porque eles não confiam ou acreditam que são projetados ou implementados de acordo com os melhores interesses das comunidades que atendem. (GILLILAND, 2019, p.14-15).

<p>“Community archives provide an empirical base of evidence on which to assert communities’ historical presence ... in the face of silencing, marginalization and misrepresentation ... mainstream archival repositories and professionally trained archivists would do well to take a page from the community archives movement to counteract more profoundly the effects of symbolic annihilation and instead to work to invoke feelings of representational belonging for the communities and individuals they exist to serve. (Michelle Caswell, Marika Cifor, and Mario H. Ramirez, “ ‘To Suddenly Discover Yourself Existing:’ Uncovering the Impact of Community Archives,”) (GILLILAND, 2019, p.12).</p>	<p><u>Faz uma citação direta:</u></p> <p>“Arquivos comunitários fornecem uma base empírica de evidência para afirmar a presença histórica das comunidades... em face do silenciamento, marginalização e deturpação... neutralizar mais profundamente os efeitos da aniquilação simbólica e, em vez disso, trabalhar para invocar sentimentos de pertencimento representacional para as comunidades e indivíduos que existem para servir.” (Michelle Caswell, Marika Cifor, and Mario H. Ramirez, “ ‘To Suddenly Discover Yourself Existing:’ Uncovering the Impact of Community Archives,”) (GILLILAND, 2019, p.12).</p>
---	--

REFERENCES/ REFERENCIAS

1 This paper was first presented as a keynote at the Society of Georgia Archivists' Annual Meeting, November 3, 2017.

2 See Trudy Huskamp Peterson, “The Nasty Truth about Nationalism and National Archives,” Proceedings of the 5th General Conference of EASTICA, September 19, 2001, <https://static1.squarespace.com/static/58a5af9886e6c0200405a5b5/t/594d695b2e69cf9244b64e43/1498245467332/Nasty+Truth+Korea2.pdf>; and Gilliland, "To What Lengths the 'Physical and Moral Defence of the Record' in Times of Conflict and Exigency," Archives and Records: The Journal of the Archives and Records Association [UK], <http://dx.doi.org/10.1080/23257962.2017.1348940>.

3 Leonid Bershidsky, “Poland's Holocaust Law Seeks to Weaponize Memory,” Bloomberg, January 31, 2018, <https://www.bloomberg.com/view/articles/2018-02-01/poland-s-holocaust-law-seeks-to-weaponizememory>; Ishaan Tharoor, "A Right-wing Government Turns the Past into a Weapon," Washington Post, February 2, 2018, https://www.washingtonpost.com/news/worldviews/wp/2018/02/02/a-right-winggovernment-turns-the-past-into-a-weapon/?utm_term=.e8c57a7b819e.

4 Howard Zinn, *The Politics of History* (Boston: Beacon Press, 1971), 40.

5 Howard Zinn, "Secrecy, Archives, and the Public Interest," *The Midwestern Archivist* 2, no.2 (1977): 20.

6 Zinn, "Secrecy," 21-25.

7 Patrick Quinn, “The Archivist as Activist,” *Georgia Archive* 5, no.1 (1977): 26. Quinn talked about his participation in the civil rights movement and how he was almost killed in Selma in an interview with Nancy Deneen upon his retirement as archivist at Northwestern University in 2008. Nancy Deneen, "Patrick Quinn, Archivist, and the 'House' that Patrick Built," *Weinberg Magazine*, Spring/Summer 2008, <https://www.weinberg.northwestern.edu/after-graduation/weinberg-magazine/crosscurrents-archive/2008-spring-summer/quinn.html>.

8 Vladan Vukliš and Anne J. Gilliland, "Archival Activism: Emerging Forms, Local Applications," *Archives in the Service of People - People in the Service of Archives*, Proceedings of the Alma Mater Europaea 4th International Scientific Conference: All About People: Society and Science for Integrated Care of People, (Maribor, Slovenia, March 2016): 14-25.

9 Terry Cook and Joan M. Schwartz, “Archives, Records, and Power: The Making of Modern

Memory," *Archival Science* 2 (2002): 1.

10 See, for example, the work of the successive InterPARES projects, www.interpares.org and <https://interparestrust.org/>.

11 Cook & Schwartz, "Archives, Records, and Power," *ibid.*

12 Eric Ketelaar, "Archival Temples, Archival Prisons: Modes of Power and Protection," *Archival Science* 2, no. 3-4 (2002) 221-238.

13 Sue McKemmish, Shannon Faulkhead, and Lynette Russell, "Distrust in the Archive: Reconciling Records," *Archival Science* 11, nos. 3-4 (2011): 211-39.

14 Michelle Caswell, Marika Cifor, and Mario H. Ramirez, "'To Suddenly Discover Yourself Existing:' Uncovering the Impact of Community Archives," *The American Archivist* 79, no.1 (Spring/Summer 2016): 56-81.

15 "'Archives have never been neutral:' An NDSA Interview with Jarrett Drake," February 15, 2017, <http://ndsa.org/2017/02/15/archives-have-never-been-neutral-an-ndsa-interview-with-jarrett-drake.html>.

16 Henrietta Fourmile, "Who Owns the Past? - Aborigines as Captives of the Archives," *Aboriginal History* (1989): 1.

17 Victoria Lemieux, "Trusting Records: Is Blockchain Technology the Answer?" *Records Management Journal* 26, no.2 (2016): 110-139.

18 Anna Sexton, Elizabeth Shepherd, Oliver Duke-Williams, and Alexandra Eveleigh, "A Balance of Trust in the Use of Government Administrative Data," *Archival Science* 17, no.4 (December 2017): 305-330.

19 Oliver Darcy, "James O'Keefe Says Trump Asked Him to Go on a Birther-Linked Mission," *CNN Media*, January 12, 2018, <http://money.cnn.com/2018/01/12/media/james-okeefe-trump-obama-columbia-records/index.html>.

20 Andrew Kaczynski and Paul LeBlanc, "GOP Senate candidate Roy Moore has said he doesn't believe Obama is a natural-born citizen," *CNN Politics*, August 22, 2017, <https://www.cnn.com/2017/08/22/politics/kfile-roy-moorebirther-comments/index.html>.

21 "Republican Senate Contender Corey Stewart Revives Obama 'Birther' Claim," *The Guardian*, December 9, 2017, <https://www.theguardian.com/us-news/2017/dec/09/republican-senate-contender-corey-stewart-revives>.

22 Jessica Taylor, "New Allegations Surface Against Moore As His Campaign Tries To Discredit An Accuser," *NPR News*, November 11, 2017, <https://www.npr.org/2017/11/15/564398024/moore-campaigntries-to-cast-doubt-on-accuser-as-new-allegation-reported>.

23 Max Greenwood, "Arpaio: Congress Should Examine Presidential Birth Certificates," *The Hill*, January 1, 2018, <https://thehill.com/homenews/campaign/368440-arpaio-congress-should-examine-presidential-birth-certificates>.

24Graham Lloyd, "BoM Faces Storm Over Weather Inaccuracies," *The Australian*, August 3, 2017, <https://www.theaustralian.com.au/news/inquirer/bom-faces-storm-over-weather-data-inaccuracies/newsstory/375538d5c05310727b6a4154f841cfe2>.

25 Lloyd, "BoM Faces Storm."

26 Nala Rogers, "Retired NOAA Scientist Doubles Down on Climate Data Controversy," *Inside Science*, February 9, 2017, <https://www.insidescience.org/news/retired-noaa-scientist-doubles-down-climatedata-controversy>.

27 Lisa Friedman, "Pruitt Bars Some Scientists from Advising E.P.A.," *New York Times*, October 31, 2017, <https://www.nytimes.com/2017/10/31/climate/pruitt-epa-science-advisory-boards.html>; Brady Dennis, Juliet Eilperin, and Chris Mooney, "Trump Administration Releases Report Finding 'No Convincing Alternative Explanation' for Climate Change," *Washington Post*, November 3, 2017, https://www.washingtonpost.com/news/energy-environment/wp/2017/11/03/trump-administration-releases-report-finds-no-convincing-alternative-explanation-for-climate-change/?utm_term=.ca8552fb35e2.

28 For example, the Environmental Data & Governance Initiative (EDGI), <https://envirodatagov.org/>.

29 A very moving session held at the 2016 FARMER (Forum for Archives and Records Management Education and Research) Conference: Activation and Impact: The Societal Role of Records and Record- Keepers, featured three archivists from Canada, Nichole Vonk, Marianne McLean, Nancy Hurn, who

shared their experience working with aboriginal survivors of the largely church run residential schools as part of the Canadian Truth and Reconciliation Commission that investigated abuses inflicted on children in the Indian residential school system, the system's harmful legacy, and the need for reconciliation; See the Royal Commission into Institutional Responses to Child Sexual Abuse, Final Report, December 2017, <https://www.childabuseroyalcommission.gov.au/final-report>.

30 See, for example, articles by Jacqueline Z. Wilson and Frank Golding, both Australian care leavers and activists themselves. Jacqueline Z. Wilson and Frank Golding, "Latent Scrutiny: Personal Archives as Perpetual Mementos of the Official Gaze," *Archival Science* 16, no. 1 (March 2016): 93-109; and Jacqueline

Z. Wilson and Joanne Evans, "Inclusive Archives and Recordkeeping: Towards a Critical Manifesto," *International Journal of Heritage Studies* 24, 8 (February 2018): 857-860.

31 The Setting the Record Straight for the Rights of the Child Initiative is a partnership of Care Leavers Australasia Network (CLAN), the Child Migrants Trust, Connecting Home, CREATE Foundation, Federation University's Collaborative Research Centre in Australian History (CRCAH), Monash

University's Centre for Organisational and Social Informatics (COSI) and the University of Melbourne's eScholarshipResearch Centre (ESRC), <https://rights-records.it.monash.edu/summit/>.

32 Setting the Record Straight for the Rights of the Child: National Summit 8-9 May, 2017 Report, <http://rights-records.it.monash.edu/wp-content/uploads/2018/02/ReportFinal-1.pdf>.

33 Refugee Rights in Records Project, accessed September 17, 2018, <https://informationasevidence.org/refugee-rights-in-records>.

34 Anne J. Gilliland, "Evidence and Exigency: Reconstructing and Reconciling Records for Life after Conflict," in *Emerging Trends in Archival Science*, ed. Karen F. Gracy (Lanham, MD: Rowman & Littlefield, December 2017), 1-26; and Anne J. Gilliland, "A Matter of Life and Death: A Critical Examination of the Role of Official Records and Archives in Supporting the Agency of the Forcibly Displaced," *Journal of Critical Library and Information Studies*, 2, no. 1 (2017), <http://libraryjuicepress.com/journals/index.php/jclis/issue/view/2>.

35 Gilliland, "A Matter of Life and Death," *ibid.*

36 For further information on the project and its recommendations, see Refugee Rights in Records Symposium: Summary and Research and Development Questions Arising, Report on the Symposium held at the Vera and Donald Blinken Open Society Archives, January 10, 2018, <http://www.osaarchivum.org/press-room/announcements/Final-Report-Symposium-Refugee-Rights-Records-Published>.

RESPONSIBLE/ RESPONSÁVEL:	Maíra	DATE/ DATA	11-10-2022

Ficha N ° 4. Registro do termo <i>Community archives</i> para lente terminológica pontual		4	
TERM/TERMO: Community archives		AUTHOR/AUTORA: Gilliland, Anne	
Gilliland, Anne. Afterword: in and out of the archives. Archival Science . Sep2010, Vol. 10 Issue 3, p333-343. 11p. DOI: 10.1007/s10502-010-9134-x.	RELATED TERMS /TERMOS RELACIONADOS:		
	community-based archives	arquivos baseados na comunidade	
	community archiving	arquivamento comunitário	
TITLE	TÍTULO		
Afterword: in and out of the archives	Posfácio: dentro e fora dos arquivos.		
ABSTRACT	RESUMO		
This Afterword to the papers in the ARCS special issue on Knowledge Cultures assesses the historical approach contained in most of the essays in light of current concerns in archival science and among contemporary scholars in the field.	Este posfácio avalia a abordagem histórica contida na maioria dos ensaios à luz das preocupações atuais na ciência arquivística e entre os estudiosos contemporâneos da área.		
KEYWORDS	PALAVRAS-CHAVE		
Modern archives; Pre-modern archives; Community-based archives; Archival affect	Arquivos modernos; Arquivos pré-modernos; Arquivos baseados na comunidade; Efeito de arquivamento		
PAPER STRUCTURE	SEÇÕES DO ARTIGO		
<ol style="list-style-type: none"> 1. Afterword 2. Archives in transition vs. true archives 3. The affect of archives 4. Conclusion 5. References 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Posfácio 2. Arquivos em transição versus arquivos verdadeiros 3. O efeito dos arquivos 4. Conclusão 5. Referências 		
CONTEXT OF USE OF THE TERM	CONTEXTO DE USO (TRADUÇÃO NOSSA)		
<p>(Present in the part: Archives in transition vs. true archives).</p> <p>Andrew Flinn and his colleagues, for example, argue that “the defining characteristic of community archives is the active participation of a community in documenting and making accessible the history of their particular group and/or locality on their own terms” (Flinn et al. 2009). This is the real reason why the archive, archives, and archiving have become major preoccupations of so many different fields. The multiplicities of meanings and motivations that have been ascribed have added richness as well as considerable contestation and confusion to our understandings of archives in and over time. Some of the ideas are directly oppositional: for example, archives can be exclusive or they can be participatory (Shilton and Srinivasan 2007; Flinn</p>	<p>(Presente na seção: Archives in transition vs. true archives)</p> <p>Andrew Flinn e seus colegas, por exemplo, argumentam que “a característica definidora dos arquivos comunitários é a participação ativa de uma comunidade em documentar e fazer acessível a história de seu grupo particular e/ou localidade em seus próprios termos” (Flinn et al. 2009). Esta é a verdadeira razão pela qual o arquivo, os arquivos e o arquivamento tornaram-se grandes preocupações de tantos campos diferentes. As multiplicidades de significados e motivações que foram atribuídas acrescentaram riqueza, bem como considerável contestação e confusão à nossa compreensão dos arquivos ao longo do tempo. Algumas das ideias são diretamente opostas: por exemplo, os arquivos podem ser exclusivos ou podem ser participativos (Shilton e Srinivasan 2007;</p>		

<p>2010; Huvila 2008); they are set aside and removed from the context of their creation or they are socially embedded; they are fixed or rendered into a state of stasis, or they are performative and continue to participate ritually (Cook and Schwartz 2002). (p.339)</p>	<p>Flinn 2010; Huvila 2008); eles são postos de lado e removidos do contexto de sua criação ou eles estão socialmente incorporados; eles são fixados ou transformados em estado de estase, ou são performativos e continuam a participar ritualmente (Cook e Schwartz 2002). (p.339)</p>
<p>REFERENCES/ REFERENCIAS</p>	
<p>Amad P (2010) Counter-archive. Columbia University Press, New York Bastian JA (2003) Owing memory: how a Caribbean community lost its archives and found its history. Libraries Unlimited, Westport.</p> <p>Bearman D (1992) Diplomats, Weberian bureaucracy, and the management of electronic records in Europe and America. <i>Am Arch</i> 55:168–180</p> <p>Blouin FX, Rosenberg WG (eds) (2006) Archives, documentation, and institutions of social memory: essays from the Sawyer Seminar. University of Michigan Press, Ann Arbor</p> <p>Cline S (2009) 'To the limits of our integrity': reflections on archival being. <i>Am Arch</i> 72(2):331–343.</p> <p>Cook T (1997) What is past is prologue: a history of archival ideas since 1898, and the future paradigm shift. <i>Archivaria</i> 43:17–63.</p> <p>Cook T, Schwartz JM (2002) Archives, records, and power: from (postmodern) theory to (archival) performance. <i>Arch Sci</i> 2:171–185.</p> <p>Crooke E (2010) The politics of community heritage: motivations, authority and control. <i>Int J Heritage Stud</i> 16(1–2):16–29.</p> <p>Derrida J (1996) Archive fever: a Freudian impression. University of Chicago Press, Chicago tr. Eric Prenowitz.</p> <p>Duranti L (ed) (2005) The long-term preservation of authentic electronic records: findings of the InterPARES project. Archilab, San Miniato,</p> <p>Duranti L, Preston R (eds) (2008). International research on permanent authentic records in electronic systems (InterPARES) 2: experiential, interactive and dynamic records. Padova, Italy: Associazione Nazionale Archivistica Italiana. http://www.interpares.org/ip2/book.cfm. Accessed 12 November 2010.</p> <p>Faulkhead S (2008) Narratives of Koorie Victoria. Doctoral dissertation. Melbourne: Monash University</p> <p>Flinn A (2010) Independent community archives and community-generated content: writing, saving and sharing our histories. <i>Converg Int J Res New Media Technol</i> 16(1):39–51.</p> <p>Flinn A, Stevens M, Shepherd E (2009) Whose memories, whose archives? Independent community archives, autonomy and the mainstream. <i>Arch Sci</i> 9:71–86.</p> <p>Hedstrom M (1998) Building record-keeping systems: archivists are not alone on the wild frontier. <i>Archivaria</i> 44:44–71.</p> <p>Huvila I (2008) Participatory archive: towards decentralised curation, radical user orientation, and broader contextualization of records management. <i>Arch Sci</i>, pp 15–36</p> <p>Ketelaar E (2001) Tacit narratives: the meaning of archives. <i>Arch Sci</i> 1:131–141</p> <p>Kowlowitz A, Kelly KL (1998) Functional requirements to ensure the creation, maintenance, and preservation of electronic records. New York State Center for Technology and Government, http://www.ctg.albany.edu/publications/reports/functional?chapter=1. Accessed 12 November 2010</p> <p>Krause MG, Yakei E (2007) Interaction in virtual archives: the Polar Bear expedition digital collections next generation finding aid. <i>Am Arch</i> 70:282–314.</p> <p>Lee CA, Tibbo HR (2007) Introduction to special issue on digital curation and trusted repositories: steps toward success. <i>J Digit Inf</i> 8:2</p>	

- McDonald J (1995) Managing records in the modern office: taming the wild frontier. *Archivaria* 39:70–79.
- McKemish S (2001) Placing records continuum theory and practice. *Arch Sci* 1:333–359.
- Pluralizing the Archival Curriculum Group (2011) Educating for the archival multiverse. *Am Arch* (in press).
- Portuondo MM (2009) *Secret science: Spanish cosmography and the new world*. University of Chicago Press, Chicago.
- Roque Ramirez H (2005) A living archive of desire: Teresita la Campesina and the embodiment of queer Latino community histories. In: Burton A (ed) *Archive stories: Facts, fictions, the writing of history*. Duke University Press, Durham, pp 111–135.
- Shilton K, Srinivasan R (2007) Participatory appraisal and arrangement for multicultural archival collections. *Archivaria* 63:87–101.
- Stoler AL (2009) *Along the archival grain. Epistemic anxieties and colonial common sense*. Princeton University Press, Princeton.
- Takahashi TL (2007) The imaginary archive: current practice. *Camera Obscura* 22(3):179–184.
- Taylor D (2003) *The archive and the repertoire: performing cultural memory in the Americas*. Duke University Press, Durham.
- Upward F, McKemish S (2001) In search of the lost tiger, by way of Sainte-Beuve: re-constructing the possibilities in 'Evidence of Me...'. *Arch Manuscr* 29(1):22–42.
- White KL (2009) Meztizaje and remembering in Afro-Mexican communities of the Costa Chica: implications for archival education in Mexico. *Arch Sci* 9(2–1):43–55
- X A, Campbell T, Stevens M (2010) Love and lubrication in the archives, or rukus!: a Black queer archive for the United Kingdom. *Archivaria* 68:271–294.
- Youn E (2010) *The standardization of archival description in Korea: understanding the adoption and implementation of ISAD(G)*. Doctoral dissertation. University of California Los Angeles, Los Angeles.

RESPONSIBLE/ RESPONSÁVEL:	Maíra	DATE/ DATA	11-10-2022
--------------------------------------	-------	-------------------	------------

Ficha N ° 5. Registro do termo <i>Community archives</i> para lente terminológica pontual		5	
TERM/TERMO: Community archives		AUTHOR/AUTORA: Gilliland, Anne	
Gilliland, Anne J. <i>Contemplating Co-creator Rights in Archival Description Knowledge Organization</i> . 2012, Vol. 39 Issue 5, p340-346. 7p.	RELATED TERMS /TERMOS RELACIONADOS:		
	community archives movement	movimento dos arquivos comunitários	
	community of records	comunidade de registros	
	community protocols-based	protocolos baseados na comunidade	
	community of memory	comunidade de memória	
TITLE		TÍTULO	
Contemplating Co-creator Rights in Archival Description		Contemplando os direitos do cocriador na descrição arquivística	
ABSTRACT		RESUMO	
Archival description and recordkeeping metadata more broadly can be instrumental in perpetrating, as well as in providing for recovery from and reconciliation regarding historical injustices and silences in the historical record. This paper argues that archivists have an ethical imperative to pursue descriptive mechanisms for representing both creator and co-creator worldviews and experiences, and supporting diverse user needs and concerns, within and relating to a given community of records. Drawing upon a study of professional and political discourse surrounding the development of the Aboriginal and Torres Strait Islander Data Archive (ATSIDA) that was conducted as part of the Metadata Archaeology Project, this paper discusses how acknowledging and incorporating co-creator rights and needs in description according to Indigenous protocols provides one approach to addressing this imperative. It concludes that further research and development is needed to identify whether such an approach might also support the interests and practices of other communities of records or whether a rethinking of archival descriptive practices and standards is necessary in order to address concerns about ethical and power differentials within the archival multiverse.		A descrição arquivística e os metadados de manutenção de registros mais amplamente podem ser instrumentais na perpetração, bem como no fornecimento de recuperação e reconciliação em relação a injustiças históricas e silêncios no registro histórico. Este artigo argumenta que os arquivistas têm um imperativo ético de buscar mecanismos descritivos para representar as visões de mundo e experiências dos criadores e cocriadores, e apoiar diversas necessidades e preocupações dos usuários, dentro e relacionados a uma determinada comunidade de documentos. Com base em um estudo do discurso profissional e político em torno do desenvolvimento do Arquivo de Dados dos Aborígenes e das Ilhas do Estreito de Torres (ATSIDA) que foi realizado como parte do Projeto de Arqueologia de Metadados, este artigo discute como reconhecer e incorporar direitos e necessidades de cocriadores na descrição de acordo com os protocolos indígenas fornece uma abordagem para abordar esse imperativo. Conclui que mais pesquisas e desenvolvimento são necessários para identificar se tal abordagem também pode apoiar os interesses e práticas de outras comunidades de registros ou se é necessário repensar as práticas e padrões descritivos arquivísticos para abordar as preocupações sobre os diferenciais éticos e de poder dentro o multiverso arquivístico.	
KEYWORDS		PALAVRAS-CHAVE	
Não consta		Não consta	
PAPER STRUCTURE		SEÇÕES DO ARTIGO	

<p>1.0 Introduction 2.0. Framing within archival discourse 2.1. Co-creatorship, communities of record, and the archival multiverse 3.0. The Metadata Archaeology Project 3.1. A protocols-based approach to archival description 3.2. Bringing them home 3.3. The Aboriginal and Torres Strait Islander Data Archive (ATSIDA) 4.0 Concluding remarks References</p>	<p>1.0 Introdução 2.0. Enquadramento no discurso arquivístico 2.1. Cocriação, comunidades de registro, e o multiverso arquivístico 3.0. O Projeto Arqueologia de Metadados 3.1. Uma abordagem baseada em protocolos para descrição arquivística 3.2. Trazendo-os para casa 3.3. O aborígine e o ilhéu do Estreito de Torres Arquivo de Dados (ATSIDA) 4.0 Observações finais Referências</p>
CONTEXT OF USE OF THE TERM	CONTEXTO DE USO (TRADUÇÃO NOSSA)
<p>(Framing within archival discourse)</p> <p>Influenced by postmodern scholarship, archival studies researchers have questioned the power dynamics underlying the impulses behind and processes of archiving and their effects, for example, “Do archivists participate actively in the construction of a record’s meanings and significances? ... Does the archivist have a moral obligation to engage the marginalized and excluded voices in records?” (Duff and Harris 2007, 133). Three distinct strands of recent discourse have focused on the implications of power and representation for historically subjugated, marginalized, or subaltern communities: post-colonial analyses of the role of the archive and archival practices in colonialism (e.g., Stoler 2009; Ghosh 2005), the community archives movement (e.g., Flinn et al. 2009), and the movement to promote Indigenous protocols for archival materials (e.g., Nakata et al. 2006; McKemmish et al. 2011b) (GILLILAND, 2012, p.341)</p> <p>(Present in the part: 2.1. Co-creatorship, communities of record, and the archival multiverse).</p> <p>[...] Among these is the notion of a community of records, i.e., the web of relationships between actions, records, and recordkeeping traditions, practices and conventions within one particular community of memory (Bastian 2003, 5) that remembers a common past (Ketelaar 2005, 44). This web is often documented or made visible through recordkeeping metadata. (p.) (GILLILAND, 2012, p.342)</p>	<p>Presente na parte: 2.0. Framing within archival discourse</p> <p>Influenciados pela erudição pós-moderna, pesquisadores de estudos arquivísticos têm questionado a dinâmica de poder subjacente aos impulsos e processos de arquivamento e seus efeitos, por exemplo: “Os arquivistas participam ativamente da construção dos significados e significados de um documento? ... O arquivista tem a obrigação moral de engajar as vozes marginalizadas e excluídas nos registros?” (Duff e Harris 2007, 133). Três vertentes distintas do discurso recente se concentraram nas implicações de poder e representação para historicamente subjugados, marginalizados, ou comunidades subalternas: análises pós-coloniais do papel do arquivo e das práticas arquivísticas no colonialismo (por exemplo, Stoler 2009; Ghosh 2005), o movimento de arquivos comunitários (por exemplo, Flinn et al. 2009) e o movimento para promover protocolos indígenas para materiais de arquivo (por exemplo, Nakata et al. 2006; McKemmish et al. 2011b) (GILLILAND, 2012, p.341)</p> <p>Present in the part: 2.1. Co-creatorship, communities of record, and the archival multiverse).</p> <p>[...] Entre elas está a noção de uma comunidade de registros, ou seja, a teia de relações entre ações, registros e tradições, práticas e convenções de manutenção de registros dentro de uma comunidade particular de memória (Bastian 2003, 5) que lembra um passado (Ketelaar 2005, 44). Essa teia é frequentemente documentada ou tornada visível por meio de metadados de manutenção de registros. (GILLILAND, 2012, p.342)</p>
REFERENCES/ REFERENCIAS	
<p>Aboriginal and Torres Strait Islander Data Archive. 2010. ATSIDA Aboriginal and Torres Strait Islander Library and Information Resources Network. 2005. ATSILIRN protocols for libraries, archives and information services. Available http://www1.aiatsis.gov.au/atsilirn/protocols.atsilirn.asn.au/index6df0.html?option=com_content&task=blogcategory&id=0&Itemid=6.</p>	

Archival Education and Research Institute (AERI) Pluralizing the Archival Curriculum Group (PACG). 2011. Educating for the archival multiverse. *American archivist* 74: 69-101.

ATSIDA Reference Group. Available <http://www.atsida.edu.au/reference-group>. Australian Human Rights Commission. 1997.

Bringing them home: report of the national inquiry into the separation of Aboriginal and Torres Strait Islander children from their families. Available http://www.hreoc.gov.au/social_justice/bth_report/report/content_page_full.html.

Bantin, Philip C., and Bernbom, Gerald. 1996. The Indiana University electronic records project: analyzing functions, identifying transactions, and evaluating recordkeeping systems - a report on methodology. *Archives and museum informatics: cultural informatics quarterly* 10: 246-66.

Bastian, Jeannette A. 2003. *Owning memory: how a Caribbean community lost its archives and found its history*. Westport, Conn.: Libraries Unlimited.

Duff, Wendy M., and Harris, Verne. 2007. Stories and names: archival description as narrating records and constructing meanings. In Harris, Verne, *Archives and justice: a South African perspective*. Chicago, Ill.: Society of American Archivists, pp. 131-56.

First Archivist Circle. 2007. Protocols for Native American archival materials. Available <http://www2.nau.edu/libnap-p/index.html>.

Flinn, Andrew, Stevens, Mary, and Shepherd, Elizabeth. 2009. Whose memories, whose archives? Independent community archives, autonomy and the mainstream. *Archival science* 9: 71-86.

Furner, Jonathan. 2009. Interrogating "identity": a philosophical approach to an enduring issue in knowledge organization. *Knowledge organization* 36: 3-16.

Ghosh, Durba. 2005. National narratives and the politics of miscegenation: Britain and India. In Burton, Antoinette M. ed., *Archive stories: facts, fictions, and the writing of history*. Durham, NC: Duke University Press, pp. 27-44.

Gilliland, Anne J. 2011. Reflections on the value of metadata archeology for recordkeeping in a global, digital world. *Journal of the Society of Archivists* 32:97-112.

Gilliland, Anne, Lau, Andrew J., and McKemmish, Sue. Forthcoming. Pluralizing the archive. In *Archives for maintaining community and society in the digital age*. Koyasan: Koyasan University.

Hurley, Chris. 2005a. Parallel provenance: (1) what, if anything, is archival description? *Archives and manuscripts* 33: 52-91.

Hurley, Chris. 2005b. Parallel provenance: (2) when something is *not* related to everything else. *Archives and manuscripts* 33: 110-45.

Ketelaar, Eric. 2005. Sharing: collected memories in communities of records. *Archives and manuscripts* 33: 44-61.

McKemmish, Sue, Faulkhead, Shannon, and Russell, Lynette. 2011. Distrust in the archive: reconciling records. *Archival science* 11: 211-39.

McKemmish, Sue, Iocovino, Livia, Ketelaar, Eric, Melissa Castan, and Russell, Lynette. 2011. Resetting relationships: archives and indigenous human rights in Australia. *Archives and manuscripts* 39: 107-44.

Nakata, Martin, Byrne, Alex, Nakata, Vicky, and Gardiner, Gabrielle. 2006. *Mapping the Aboriginal and Torres Strait Islander Protocols for libraries, archives & information services: research report*. Available <http://nesstar.assda.edu.au/ASSDAData/reports/>

ASSDA.REPORT.01159.pdf.

Russell, Lynnette. 2006. Indigenous records and archives: mutual obligations and building trust. *Archives and manuscripts* 34: 32-43.

Stoler, Ann Laura. 2009. *Along the archival grain: epistemic anxieties and colonial common sense*. Princeton, NJ: Princeton University Press. United Nations. 2007. *Declaration on the rights of indigenous peoples*. Available www.un.org/esa/socdev/unpfii/documents/DRIPS_en.pdf.

Wurl, Joel. 2005. Ethnicity as provenance: in search of values and principles for documenting the immigrant experience. *Archival issues* 29: 65-76.

RESPONSIBLE/ RESPONSÁVEL:	Maira	DATE/ DATA	11-10-2022
--------------------------------------	-------	-------------------	------------

Ficha N ° 6. Registro do termo <i>Community archives</i> para lente terminológica pontual		6	
TERM/TERMO: Community archives		AUTHOR/AUTORA: Gilliland, Anne	
Gilliland, Anne. Permeable Binaries, Societal Grand Challenges, and the Roles of the Twenty-first Century Archival and Recordkeeping Profession Archifacts . Dec2015, p12-30. 19p.	RELATED TERMS /TERMOS RELACIONADOS:		
	community-based archives	arquivos baseados na comunidade	
	community memory	memória comunitária	
TITLE	TÍTULO		
Anne. Permeable Binaries, Societal Grand Challenges, and the Roles of the Twenty-first Century Archival and Recordkeeping Profession	Binários permeáveis, grandes desafios sociais e os papéis da profissão de arquivamento e guarda de registros do século XXI.		
ABSTRACT	RESUMO		
Building upon recent work, this paper demonstrates how 21st century recordkeeping concerns are integral to societal grand challenges that have been identified by governments, think tanks, scholarly organisations and affected communities around the globe. Using the example of forced displacement and migration the paper focuses on ways in which recordkeeping is inextricably linked to both the causes and possible digital, policy and educational mechanisms for addressing certain aspects of societal grand challenges. These linkages are significantly under-explored and under-addressed in our field. The paper's principal arguments are that archives and recordkeepers have social and ethical responsibilities toward those individuals who are least empowered to engage with official records and recordkeeping practices or to maintain their own records; and that responding will require implementing archival and recordkeeping practices and policy at supra-national and meta-archival levels. The paper suggests some actions and reconceptualisations therefore, that might move us in that direction.	Com base em trabalhos recentes, este artigo demonstra como as preocupações com a manutenção de registros do século XXI são parte integrante dos grandes desafios sociais que foram identificados por governos, grupos de reflexão, organizações acadêmicas e comunidades afetadas em todo o mundo. Usando o exemplo de deslocamento forçado e migração, o artigo se concentra em maneiras pelas quais a manutenção de registros está inextricavelmente ligada às causas e possíveis mecanismos digitais, políticos e educacionais para abordar certos aspectos dos grandes desafios sociais. Essas ligações são significativamente pouco exploradas e pouco abordadas em nosso campo. Os principais argumentos do documento são que os arquivos e os arquivistas têm responsabilidades sociais e éticas em relação aos indivíduos que têm menos poder para se envolver com registros oficiais e práticas de manutenção de registros ou para manter seus próprios registros; e que a resposta exigirá a implementação de práticas e políticas de arquivamento e manutenção de registros em níveis supranacionais e metaarquivísticos. O artigo sugere algumas ações e reconceituações, portanto, que podem nos mover nessa direção.		
KEYWORDS	PALAVRAS-CHAVE		
Archives; Forced migration; Grand Societal Challenges; Records Access; Records Protection; Refugees	Arquivos; Migração forçada; Grandes Desafios Sociais; Acesso a Registros; Proteção de Registros; Refugiados		
PAPER STRUCTURE	SEÇÕES DO ARTIGO		
<ul style="list-style-type: none"> • Preamble • Footprints in Space and Time • Rights in and to Records: Refugees, Migrants and Forced Diaspora • Recordkeeping, Archives and Societal Grand Challenges • Permeating and Breaking Down Binaries 	<ul style="list-style-type: none"> • Preâmbulo • Pegadas no Espaço e no Tempo • Direitos em e para registros: refugiados, migrantes e diáspora forçada • Manutenção de registros, arquivos e grandes desafios sociais • Permeando e Quebrando Binários 		

CONTEXT OF USE OF THE TERM	CONTEXTO DE USO (TRADUÇÃO NOSSA)
<p>If we start with the binary that archivists perhaps uphold most often, that between the enduring and the transitory record--most of us are well aware that it is fundamentally challenged by how digital networking works - a record can appear to be transitory when it is binned or simply not officially archived, and yet it endures in different instantiations in different places on a network, caught incidentally and accidentally, although not necessarily in the permanent, authentic, complete form to which archival ideals aspire. And yet, perhaps we can make use of these traces, as I will discuss below. This binary is also challenged in a different way by the stance of community archives and community based archiving - often constructed to meet the needs of the present but not necessarily for the future. As research by Flinn and others have demonstrated, the imperatives of immediate accessibility and the contribution of community archives to voice and activism, and as spaces of aspiration and possibility and of participative practice in the present may outweigh concerns about the sustainability of the archive and the records it holds into the future.²⁴ (GILLILAND, 2015, p.11).</p>	<p>Se começarmos com o binário, que os arquivistas talvez defendam com mais frequência, aquele entre o registro duradouro e o transitório – a maioria de nós está bem ciente de que é fundamentalmente desafiado pelo modo como a rede digital funciona – um registro pode parecer transitório quando é descartado ou simplesmente não arquivado oficialmente, e ainda assim perdura em diferentes instâncias em diferentes lugares em uma rede, capturados incidentalmente e acidentalmente, embora não necessariamente na forma permanente, autêntica e completa a que aspiram os ideais arquivísticos. E, no entanto, talvez possamos fazer uso desses traços, como discutirei a seguir. Esse binário também é desafiado de maneira diferente pela postura dos arquivos comunitários e do arquivamento baseado na comunidade - muitas vezes construídos para atender às necessidades do presente, mas não necessariamente para o futuro. Como a pesquisa de Flinn e outros demonstraram, os imperativos de acessibilidade imediata e a contribuição dos arquivos comunitários para a voz e o ativismo, e como espaços de aspiração e possibilidade e de prática participativa no presente, podem superar as preocupações com a sustentabilidade do arquivo e a registros que detém no futuro.²⁴ (GILLILAND, 2015, p.11).</p>
REFERENCES/ REFERENCIAS	
<p>1 This paper was presented as a keynote paper "Permeable binaries and the twenty-first century record," at Footprints in Space and Time: ARANZ 2015, September 8, 2015 in Auckland, New Zealand. A version of this paper was also presented at Digital Equality/Equity: The Contribution of the Archive? -- a public lecture in celebration of 25 years of records continuum research and education at Monash University, September 17, 2015.</p> <p>2 In this paper I am addressing all areas of recordkeeping and all those engaged it, from records officers and registrars in government agencies, universities and other bureaucracies, to institutional archivists, to those who lead community archives and memory projects. Although the term "recordkeeping" as used in the records continuum is certainly applicable across this entire spectrum, I am consciously choosing to use the phrases "archival and recordkeeping" field/profession and community-based archives, even if it is a tautological phrase in order to be as clear as possible about who has a role to play.</p> <p>3 Anne J. Gilliland, "Neutrality, Social Justice and the Obligations of Archival Educators and Education in the Twentyfirst Century," <i>Archival Science</i> 11 nos. 3-4 (2011): 193-209.</p> <p>4 The Symposium on Affect and the Archive held at the University of California Los Angeles (UCLA) in November 2014 explored and exposed scholarly and professional understandings of and encounters with affect in the archive as well as in broader record- and memory-keeping contexts. This was followed up by a special issue of <i>Archival Science on Affect and the Archive</i>, Anne J. Gilliland and Marika Cifor, eds. See also Anne J. Gilliland, "Studying Affect and its Relationship to the Agency of Archivists Since the Yugoslav Wars," Chapter 2 in Richard J. Cox, Alison Langmead and Eleanor Mattern, eds. <i>Studies in Archival Education and Research: Selected Papers from the 2014 AERI Conference</i></p>	

(Litwin Press, in press); Michelle Caswell and Anne J. Gilliland. "False Promise and New Hope: Dead Perpetrators, Imagined Documents, and Emergent Archival Evidence," *International Journal on Human Rights* 19 no.5 (2015): 615-627; and Anne J. Gilliland, "Moving Past: Probing the Agency and Affect of Recordkeeping in Individual and Community Lives in Post-conflict Croatia," *Archival Science* 14 nos.3-4 (2014): 249-274.

5 Gilliland, "'Studying Affect,'" op.cit. See also the 2008 PBS documentary film, *Objects and Memory* recounting, in part, how curators, archivists and other memory professionals responded in the immediate aftermath of the September 11 attacks in New York, <http://www.pbs.org/program/objects-and-memory/>.

6 Anne J. Gilliland, *Conceptualizing Twenty-first-century Archives* (Chicago, IL: Society of American Archivists, 2014).

7 Eric Ketelaar, "Archival Temples, Archival Prisons: Modes of Power and Protection," *Archival Science* 2 nos. 3-4 (2002): 221-238.

8 Sue McKemmish and I have previously called out the rhetoric in the Declaration, challenging whether: "... existing archival models and their open access regimes support human rights agendas? Do they deliver when it comes to the pressing identity, memory and accountability needs of the victims of human rights abuse? How well do they support reconciliation and recovery?" Anne J. Gilliland and Sue McKemmish. "The Role of Participatory Archives in Furthering Human Rights, Reconciliation and Recovery," *Atlanti: Review for Modern Archival Theory and Practice* 24 (2014). We have also argued that the Declaration provokes questions that speak to the complexities of archival realities in living up to this rhetoric in the many, many situations where there is a history of contestation of rights or memory, or of oppression, marginalisation, or even obliteration of individuals or communities. Do they deliver and protect (and do so equitably) when it comes to the pressing identity, memory and accountability needs of all citizens and all agents in the records in such contexts? Anne J. Gilliland and Sue McKemmish. "Rights in Records as a Platform for Participative Archiving," chapter 14 in Richard J. Cox, Alison Langmead and Eleanor Mattern, eds. *Studies in Archival Education and Research: Selected Papers from the 2014 AERI Conference* (Litwin Press, in press).

9 Heather L. Johnson, *Borders, Asylum and Global Non-citizenship* (Cambridge: Cambridge University Press, 2014).

10 Tamara Mišković, "Disparity Between International Conventions and their Implementation Outcomes Through Local Laws: Making Decisions About the Protection of Children During the War," paper presented at Srebrenica 1995-2015: *Evaluacija Nasliedā i Dugoročnih Posljedica Genocida, Sarajevo-Tuzla-Srebrenica (Potočari) Conference*, July 9-11, 2015.

11 Manny Fernandez, "New Barrier for Immigrants: Texas Birth Certificate," *New York Times* (17 September, 2015), <http://www.msn.com/en-us/news/us/new-barrier-for-immigrants-texas-birth-certificate/ar-AAeq5pg?li=AAa0dzB>.

12 Gilliland and Halilovich, "Migrating Memories: Transdisciplinary Pedagogical Approaches to Teaching About Diasporic Memory and Identity in Archival Studies," paper presented at *The Commonwealth and its People: Diasporas, Identities, Memories*, 2015, Conference, Malta, June 2015.

13 See, for example, Katarzyna Grabska and Lyla Mehta, eds. *Forced Displacement: Why Rights Matter* New York: Palgrave Macmillan, 2008).

14 It is useful here to note that such circumstances underscore the ways in which all the dimensions of the records continuum can be present at any place within the continuum. An example is how we must conceive of creation - while we certainly wish to specify and encourage the creation of the best possible records in a given context, we must bear in mind that many related records will also be created or appear at different moments, for example survivors may not be

emotionally ready to testify or tell their stories until decades after the events they survived, a record that was thought to

be lost or never created may resurface or be discovered, or a record that is latent among traces may be actualised (see

later discussion in this paper)

15 See also Nina Porzucki, "The Things They Carried With Them: What Refugees Take on Their Journey," PRI The

World, <http://www.pri.org/stories/2015-09-04/things-refugees-carry-them-their-journey>.

16 To gain official status and protection as a refugee, "A person who owing to a well-founded fear of being persecuted

for reasons of race, religion, nationality, membership of a particular social group or political opinion, is outside the

country of his nationality and is unable or, owing to such fear, is unwilling to avail himself of the protection of that

country; or who, not having a nationality and being outside the country of his former habitual residence as a result of

such events, is unable or, owing to such fear, is unwilling to return to it." For this reason, a person may carry some

document that proves this to be the case. United Nations, Convention and Protocol Relating to the Status of Refugees

(Geneva, 2010), <http://www.unhcr.org/3b66c2aa10.html>.

17 These fleeing people face an entirely different records quandary once they reach a country within the European

Union. The Dublin Regulation requires that asylum seekers are registered and fingerprinted in the first EU country they

enter. That country becomes responsible for processing them and those who then who move on to other countries can be

returned to the country where they are registered ("Dublin transfers"). Because the first country may not be their most

desired destination, migrants may try to avoid being registered and fingerprinted--a situation being encountered not only

in Croatia, a recent entry into the EU, but also Italy and Greece. This is exacerbated in Croatia's context since, together

with other Balkan states of Bulgaria and Romania, it is not within the Schengen area of the EU. Within a Schengen

country (which begins with Croatia's neighbour, Slovenia), individuals can usually move without being required to

produce identification documentation.

18 Osorio makes this argument with regard to the case of the Bracero Program, which brought millions of Mexican

guest workers to the United States between 1942 and 1964. The US Government withheld approximately 10% of these

migrant workers' wages as "forced savings" which were sent to Mexican banks and subsequently disappeared. Braceros

could only file for compensation, up to \$3500, if they could produce documents such as pay stubs, work visas or labour

contracts as proof that they had worked in the US during those years. Jennifer Osorio, "Proof of a Life Lived: The

Plight of the Braceros and What It Says About How We Treat Records," *Archival Issues*, 29 no2. (2005): 95-103.

19 For an example of research and advocacy addressing issues surrounding biometrics and border crossings, see

Virtual Divides: Biometrics, Bodies, and Borders. An International Symposium, University of Arizona Institute fo LGBT Studies, Tucson, AZ, November 9, 2011, <https://www.lgbt.arizona.edu/events/virtual-divides-biometrics-bodiesand-borders-international-symposium>.

20 See Gilliland, "Moving Past."

21 See, for example, Dimo Todorovski, Jaap Zevenbergen, and Paul van der Molen, "Land Administration for Post-

Conflict Contexts," in Jaap Zevenbergen, Walter de Vries, Rohan Mark Bennett, eds., *Advances in Responsible Land*

Administration (Boca Raton, FL: CRC Press, Taylor and Francis Group, 2015); United Nations, Report of the Panel

on United Nations Peace Operations (The Brahimi Report) (New York: United Nations, 2000).

22 Dragan Primorac and Moses Schanfield, eds., *Forensic DNA Applications: An Interdisciplinary Perspective* (Boca

Raton, FL: CRC Press, Taylor and Francis Group, 2014); Emily Holland, "Moving the Virtual Border to the Cellular Level: Mandatory DNA Testing and the U.S. Refugee Family Reunification Program , California Law Review 99 no. 6 (December 2011): 1635-1682; Aliyah Sternstein, "DHS Delays Refugee Rapid DNA Tests Aimed at Stemming Human Trafficking," NextGov, September 4, 2015, <http://www.nextgov.com/defense/2015/09/dhs-delays-dna-tests-refugeecamps-aimed-stemming-human-trafficking/120356/>.

23 Anne J. Gilliland, " Archival and Recordkeeping Traditions in the Multiverse and their Importance for Researching Situations and Situating Research," chapter 1 in Research in the Archival Multiverse, Anne J. Gilliland, Sue McKemmish and Andrew J Lau, eds. (Melbourne: Monash University Press, in press); and Anne J. Gilliland and Sue McKemmish. "Recordkeeping Metadata, the Archival Multiverse, and Societal Grand Challenges," Proceedings of the International Conference on Dublin Core and Metadata Applications 2012, Kuching, Malaysia, September 2012, 106-115, <http://dcpapers.dublincore.org/pubs/article/view/3661>.

24 Andrew Flinn, "Archival Activism. Independent and Community-led Archives, Radical Public History and the Heritage Professions," InterActions: UCLA Journal of Education and Information Studies 7 no. 2 (2011), <http://escholarship.org/uc/item/9pt2490x>; Andrew Flinn, Mary Stevens, and Elizabeth Shepherd. "Whose Memories, Whose Archives? Independent Community Archives, Autonomy and the Mainstream." Archival Science 9 (2009): 71-86; Anne J. Gilliland, and Andrew Flinn. "The Wonderful and Frightening World of Community Archives: What Are We Really Talking About?" in Proceedings of CIRN 2013 Community Informatics Conference: 'Nexus, Confluence, and Difference: Community Archives meets Community Informatics,' Prato, Italy, 28-30 October 2013 (February 2014), http://ccnr.infotech.monash.edu/assets/docs/prato2013_papers/gilliland_flinn_keynote.pdf; Caswell, Michelle. "Toward a Survivor-Centered Approach to Human Rights Archives: Lessons from Community-Based Archives." Archival Science 14: 3-4 (2014): 307-322.

25 Carolyn Steedman, Dust: The Archive and Cultural History (New Brunswick: Rutgers University Press, 2002).

26 Suzanne Briet, Ronald Day and Laurent Martinet, trans. and eds. What is Documentation: English Translation of the Classic French Text (Scarecrow Press, 2006), p.6.

27 Michelle Caswell, "Inventing New Archival Imaginaries: Theoretical Foundations for Identity-Based Community Archives," in Identity Palimpsests: Ethnic Archiving in the U.S. and Canada (Sacramento, CA: Litwin Books, 2014), pp.35-55; Michelle Caswell and Anne J. Gilliland. "False Promise and New Hope: Dead Perpetrators, Imagined Documents, and Emergent Archival Evidence," International Journal on Human Rights 19 no.5 (2015): 615-627; Anne J. Gilliland and Michelle Caswell, "Impossible Archival Imaginaries and Imagined Records," (Archival Science, forthcoming).

28 Gilliland and Caswell, op.cit.

RESPONSIBLE/ RESPONSÁVEL:	Máira	DATE/ DATA	11-10-22
--------------------------------------	-------	-------------------	----------

Ficha N ° 7. Registro do termo <i>Community archives</i> para lente terminológica pontual		7
TERM/TERMO: Community archives	AUTHOR/AUTORA: Bastian Jeannette	
Bastian, Jeannette A. " Mine, yours, ours: archival custody from transaction to narrative. <i>Archival Science</i>. Mar2021, Vol. 21 Issue 1, p25-42. 18p.	RELATED TERMS /TERMOS RELACIONADOS:	
	Não consta	
TITLE	TÍTULO	
Mine, yours, ours: archival custody from transaction to narrative.	Meu, seu, nosso, custódia arquivística da transação à narrativa.	
ABSTRACT	RESUMO	
This essay explores the archival principle of custody focusing on its evolution beyond post-custodialism. It argues that custody, while its outer trappings and shape may change, remains firmly rooted in the bedrock upon which archival theory and practice has been built. Considering many aspects of custody including stewardship and participatory custody, it introduces the concept of the 3Cs—custody, care and control—as a working model and advocates a new model going forward.	Este ensaio explora o princípio arquivístico da custódia com foco em sua evolução para além do pós-custodialismo. Argumenta que a custódia, embora suas aparências e formas externas possam mudar, permanece firmemente enraizada no alicerce sobre o qual a teoria e a prática arquivística foram construídas. Considerando muitos aspectos da custódia, incluindo administração e custódia participativa, ele introduz o conceito dos 3Cs – custódia, cuidado e controle – como um modelo de trabalho e defende um novo modelo daqui para frente.	
KEYWORDS	PALAVRAS-CHAVE	
Custody · Post-custodialism · Stewardship · Archival custody · Collaboration	Custódia · Pós-custodial · Custódia arquivística · Colaboração	
PAPER STRUCTURE	SEÇÕES DO ARTIGO	
<ul style="list-style-type: none"> • Introduction: archives at the fork • Custody, care and control—the three Cs • A brief custodial history • Post-custodialism • New models: telling the stories • Custodial contradictions • Conclusion: the 4 Cs—custody, care, control, collaboration • References 	<ul style="list-style-type: none"> • Introdução: arquivos na bifurcação • Custódia, cuidado e controle - os três Cs • Um breve histórico de custódia • Pós-custodial • Novos modelos: contando as histórias • Contradições de custódia • Conclusão: os 4 Cs - custódia, cuidado, controle, colaboração • Referências 	
CONTEXT OF USE OF THE TERM	CONTEXTO DE USO (TRADUÇÃO NOSSA)	
Present in the part: <u>Introduction: archives at the fork</u> Importantly, a focus on social justice and the foregrounding of the documentation needs of marginalized communities as well as the emergence of Community Archives themselves has fueled the recognition that traditional archival practice was not well equipped to fill notable gaps in the archival record. While digital technologies and electronic record-keeping changed comfortable archival	Present in the part: <u>Introduction: archives at the fork</u> É importante ressaltar que o foco na justiça social e o destaque das necessidades de documentação das comunidades marginalizadas, bem como o surgimento dos próprios Arquivos Comunitários, alimentaram o reconhecimento de que a prática arquivística tradicional não estava bem equipada para preencher lacunas notáveis no registro arquivístico. Enquanto as	

equations, they have also led archivists to pursue new experimental paths that are leading them far outside long-accepted practice and require a re-examination of fundamental principles. **(BASTIAN, 2021, p.3)**

Present in the parte: New models: telling the stories

Also advocating partnerships and stewardship, Andrew Flinn proffered a postcustodial approach to Community Archives where care and custody of collections happens outside the formal archives and instead within the creating institutions. He writes that, "This is not a 'non-custodial' approach, as instead of caring for the collections within the archive, archivists seek to support the creators and custodians in the stewardship and preservation of the collections" (Flinn 2007, p. 168). Flinn envisions partnerships between communities and formal archives where the establishment of trust by the community is essential for mutual stewardship of the collections. Flinn also introduced the concept of participatory archives, a cooperative endeavor that enhances a stewardship partnership and involves users in all the activities of an archives. He writes, "The lessons from independent and community-led archives are that fundamentally it must be about enabling the user to have greater involvement in managing and processing the archive by supporting the greater permeability and maybe even dissolving the barriers between the professional and the amateur" (Flinn, 2007, p. 16). Flinn's particular vision of participatory archives has been implemented in the UK-based website Community Archives and Heritage Group, an umbrella organization hosting a myriad community archives, historical societies and other heritage groups around the UK (<https://www.communityarchives.org.uk/>). While some of these entities might have an archivist on staff, many are volunteer organizations that follow the DIY processing and preservation instructions on the website. The entities participate on several levels—within their own communities and on the larger website. While access is provided on a large scale through digitization of materials, each community retains custody of its own records and tells its own story. At the same time, each story is part of the larger entity that the website represents. A similar participatory post-custodial strategy is presented by Michelle Caswell through SAADA, the South East Asian Digital Archive that she helped found. **(BASTIAN, 2021, p.10-11)**

tecnologias digitais e a manutenção de registros eletrônicos mudaram equações arquivísticas confortáveis, eles também levaram os arquivistas a buscar novos caminhos experimentais que os estão levando para longe da prática há muito aceita e exigem um reexame dos princípios fundamentais. **(BASTIAN, 2021, p.3)**

Presente na parte: New models: telling the stories

Também defendendo parcerias e administração, Andrew Flinn ofereceu uma abordagem pós-custodial aos Arquivos Comunitários, onde o cuidado e a custódia das coleções acontecem fora dos arquivos formais e, em vez disso, dentro das instituições de criação. Ele escreve que, "Esta não é uma abordagem 'não custodial', pois em vez de cuidar das coleções dentro do arquivo, os arquivistas procuram apoiar os criadores e guardiões na administração e preservação das coleções" (Flinn 2007, p. 168). Flinn prevê parcerias entre comunidades e arquivos formais onde o estabelecimento de confiança pela comunidade é essencial para a gestão mútua das coleções. Flinn também introduziu o conceito de arquivos participativos, um esforço cooperativo que aprimora uma parceria de administração e envolve os usuários em todas as atividades de um arquivo. Ele escreve: "As lições dos arquivos independentes e liderados pela comunidade são que fundamentalmente deve ser sobre permitir que o usuário tenha maior envolvimento no gerenciamento e processamento do arquivo, apoiando a maior permeabilidade e talvez até dissolvendo as barreiras entre o profissional e o amador." (Flinn 2007, p. 16). A visão particular de Flinn de arquivos participativos foi implementada no site do Reino Unido Community Archives and Heritage Group, uma organização guarda-chuva que hospeda uma miríade de arquivos comunitários, sociedades históricas e outros grupos de patrimônio em todo o Reino Unido (<https://www.communityarchives.org.uk/>). Embora algumas dessas entidades possam ter um arquivista na equipe, muitas são organizações voluntárias que seguem as instruções de processamento e preservação de bricolagem no site. As entidades participam em vários níveis – dentro de suas próprias comunidades e no site maior. Embora o acesso seja fornecido em larga escala por meio da digitalização de materiais, cada comunidade mantém a custódia de seus próprios registros e conta sua própria história. Ao mesmo tempo, cada história é parte de uma entidade maior que o site representa. Uma estratégia semelhante pós-custodial participativa é apresentada por Michelle Caswell através do SAADA, o Arquivo Digital do Sudeste Asiático que ela ajudou a fundar. **(BASTIAN, 2021, p.10-11)**

REFERENCES/ REFERENCIAS

- Agostinho D (2019) Archival encounters: rethinking access and care in digital colonial archives. Arch Sci 19:141–165
- Bastian J (2004) Taking custody, giving access: a postcustodial role for a new century. Archivaria 53:76–93
- Battley B (2019) Archives as places, places as archives: doors to privilege, places of connection or haunted sarcophagi of crumbling skeletons? Arch Sci 19:1–26
- Bearman D (1994) Electronic evidence: strategies for managing records in contemporary organizations.

- In: Archives and museum informatics. Pittsburgh
- Booms H (1987) Society and the formation of a documentary heritage: issues in the appraisal of archival sources. *Archivaria* 24:69–107
- Caswell M (2011) Thank you very much, now give them back: cultural property and the fight over the Iraqi Baath Party records. *Am Arch* 74:211–240
- Caswell M (2014) Seeing yourself in history: community archives and the fight against symbolic annihilation. *Public Hist* 36:26–37
- Clanchy MT (1993) *From memory to written record: England 1066–1307*. Blackwell, Oxford
- Community Archives and Heritage Group. <https://www.communityarchives.org.uk/>. Accessed 10 April 2020
- Cook T (1994,2007) *Electronic records, paper minds: the revolution in information management and archives in the post-custodial and post-modernist era*. *Arch Soc Stud J Interdiscip Res* 1:399–443.
- Cook T (2005) Macroappraisal in theory and practice: origins, characteristics, and implementation in Canada, 1950–2000. *Arch Sci* 5:101–161
- Cook T (2013) Evidence, memory, identity, and community: four shifting archival paradigms. *Arch Sci* 13:95–120
- Cox R (1996) *Documenting localities: a practical model for American archivists and manuscripts curators*. Scarecrow Press, Metuchen
- Cunningham A (2017) Archives as place. In: MacNeil H, Eastwood T (eds) *Currents of archival thinking*, 2nd edn. Libraries Unlimited, Santa Barbara, pp 53–80
- Dirks N (2002) Annals of the archive: ethnographic notes on the sources of history. In: Axe BK (ed) *From the margins: historical anthropology and its futures*. Duke University Press, Durham
- Duranti L (2007) Archives as place. *Arch Soc Stud J Interdiscip Res* 1:445–466
- Flinn A, Stevens M, Shepherd E (2009) Whose memories, whose archives? Independent community archives, autonomy and the mainstream. *Arch Sci* 9:71–86
- Insureon (2020) Care, custody or control. <https://www.insureon.com/insurance-glossary/care-custody-and-control>. Accessed 11 April 2020
- Flinn A (2007) Community histories, community archives: some opportunities and challenges. *J Soc Arch* 28:151–176
- Flinn A (2011) Archival activism: independent and community-led archives, radical public history and the heritage professions. *InterActions UCLA J Educ Inf Stud* 7(2):1–20
- Gomez GA (2012) Finding facts and constructing memory: the creation and custody of human rights records in South America. *Arch Manuscr* 40:158–170
- Ham G (1981) Archival strategies for the post-custodial era. *Am Arch* 44:207–216
- Hedstrom M (1992) Archives as repositories: a commentary. In: Bearman D (ed) *Archival management of electronic records*. Archives and museum informatics technical report no. 13. Archives and Museum Informatics, Pittsburgh, pp 25–30
- International Council on Archives (1996) Code of ethics. <https://www.ica.org/en/ica-code-ethics>. Accessed 11 April 2020
- Jenkinson H (1922) *A Manual of archive administration including the problems of war archives and archive making*. Oxford University Press, Oxford
- Martin H (1994) *The history and power of writing*. University of Chicago Press, Chicago
- Lexico, US Dictionary (2020) <https://www.lexico.com/en/definition/principle>. Accessed 20 May 2020
- Light M (2019) From responsible custody to responsible stewardship. In: Weideman C, Caldera MA (eds) *Archival values: essays in honor of Mark A. Greene*. Society of American Archivists, Chicago, pp 96–112
- Lowry J (2017) *Displaced archives*. Routledge Press, Abingdon
- McKemmish S, Upward F (1994) Somewhere beyond custody. *Arch Manuscr* 22:137–149
- McKemmish S, Chandler T, Faulkhead S (2019) Imagine: a living archive of people and place 'somewhere beyond custody'. *Arch Sci* 19:281–301
- Montgomery BP (2012) Saddam Hussein's records of atrocity: seizure, removal, and restitution. *Am Arch* 75:326–370
- Muller S, Feith JS, Fruin R (1968) *Manual for the arrangement and description of archives*, 2nd edn. Wilson, New York
- National Park Service (1990) Native American graves protection and repatriation act. <https://www.nps.gov/subjects/nagpra/index.htm>. Accessed 11 April 2020
- Norton MC (1945) Some legal aspects of archives. *Am Arch* 8:1–11
- Oxford English Dictionary Electronic Version (2020) <https://www.oed.com/>. Accessed 10 April 2020
- Pearce-Moses R (2005) A glossary of archives and records terminology. Society of American Archivists <https://www2.archivists.org/glossary>. Accessed 10 April 2020
- Posner E (1972) *Archives in the ancient world*. Harvard University Press, Cambridge
- Protocols for Native American Archival Materials (2007) <https://www2.nau.edu/libna-p-p/protocols.html>. Accessed 10 April 2020
- Punzalan R (2014) Archival diasporas: a framework for understanding the complexities and challenges of dispersed photographic collections. *Am Arch* 77:326–349

Samuels HW (1992) Improving our disposition: documentation strategy. *Archivaria* 33:125–140

Schellenberg TR (1956) *Modern archives: principles and techniques*. Chicago University Press, Chicago

Shepard T (2015) 'Of sovereignty': disputed archives, 'wholly modern' archives, and the post-decolonization French and Algerian republics, 1962–2012. *Am Hist Rev* 20:869–883

Thomas R (1992) *Literacy and orality in Ancient Greece*. Cambridge University Press, Cambridge.

Tschan R (2015) Archival custody. In: Duranti L, Franks PC (eds) *Encyclopedia of archival science*. Rowman and Littlefield, Lanham, pp 35–38

University of Manitoba National Centre for Truth and Reconciliation (2020) <https://nctr.ca/archives.php>. Accessed 10 April 2020

Upward F, McKemmish S, Reed B (2011) Archivists and changing social and information spaces: a continuum approach to recordkeeping and archiving in online cultures. *Archivaria* 72:197–247

Wurl J (2005) Ethnicity as provenance: in search of values and principles for documenting the immigrant experience. *Arch Issues* 29:65–76

Yeo G (2009) Custodial history, provenance, and the description of personal records. *Libr Cult Record* 44:50–64

Your Dictionary (2020) Custody. <https://www.yourdictionary.com/custody>. Accessed 11 April 2020

Zavala J, Migoni AA, Caswell M, Geraci N, Cifor M (2017) 'A process where we're all at the table': community archives challenging dominant modes of archival practice. *Arch Manuscr* 45:202–21

RESPONSIBLE/ RESPONSÁVEL:	Maíra	DATE/ DATA	12-10-22
--------------------------------------	-------	-------------------	----------

Ficha N ° 8. Registro do termo <i>Community archives</i> para lente terminológica pontual		8	
TERM/TERMO: Community archives		AUTHOR/AUTORA: Bastian Jeannette	
Bastian, Jeannette. The records of memory, the archives of identity: celebrations, texts and archival sensibilities. O Archival Science . Jun2013, Vol. 13 Issue 2/3, p121-131. 11p.	RELATED TERMS /TERMOS RELACIONADOS:		
	community-based representations	representações baseadas na comunidade	
TITLE	TÍTULO		
The records of memory, the archives of identity: celebrations, texts and archival sensibilities.	Os registros de memória, os arquivos de identidade: celebrações, textos e sensibilidades arquivísticas.		
ABSTRACT	RESUMO		
Using a variety of examples of non-traditional archives, the article explores the concept of cultural archives that embraces dynamic events such as commemorations, monuments, and other community-based representations. The paradigm of the postcolonial archive is considered and analyzed as a potential model for such a living cultural archive.	Usando uma variedade de exemplos de arquivos não tradicionais, o artigo explora o conceito de arquivos culturais que abrange eventos dinâmicos como comemorações, monumentos e outras representações baseadas na comunidade. O paradigma do arquivo pós-colonial é considerado e analisado como um modelo potencial para tal arquivo cultural vivo.		
KEYWORDS	PALAVRAS-CHAVE		
Culture _ Cultural _ Postcolonial _ Community archives _ Memory _ Identity _ Celebrations	Cultura _ Cultural _ Pós-colonial _ Arquivos comunitários _ Memória _ Identidade _ Celebrações		
PAPER STRUCTURE	SEÇÕES DO ARTIGO		
Prologue Introduction A cultural archive In the postcolonial archives Alternative archives in practice Monuments as archives Memory cloths The Gaily News An archive of place Conclusion: finding the cultural archive References	Prólogo Introdução Um arquivo cultural Nos arquivos pós-coloniais Arquivos alternativos na prática Monumentos como arquivos Panos de memória As notícias alegres Um arquivo de lugar Conclusão: encontrar o arquivo cultural Referências		
CONTEXT OF USE OF THE TERM	CONTEXTO DE USO (TRADUÇÃO NOSSA)		
Conclusion: finding the cultural archive The cultural archive is not a different physical space—a new archive—but rather part of the archival continuum that archivists work within already. Community archives and archives focused on particular constituencies are rapidly gaining recognition as legitimate repositories that add value	Conclusion: finding the cultural archive O arquivo cultural não é um espaço físico diferente – um novo arquivo – mas sim parte do continuum arquivístico no qual os arquivistas já trabalham. Arquivos comunitários e arquivos focados em grupos específicos estão rapidamente ganhando reconhecimento como repositórios legítimos que agregam valor por meio de		

<p>through their links with dynamic, living cultural activities (Flinn and Stevens 2009). Our cultural archive weaves seamlessly between past and present, locates cultural records between narrative and counter-narrative, and mediates within local and national creators. It supports collective memory and communal identity as it embraces an inclusive societal provenance that considers all the elements that are essential for the full societal record. (BASTIAN, 2013, p.130)</p>	<p>seus vínculos com atividades culturais dinâmicas e vivas (Flinn e Stevens 2009). Nosso arquivo cultural tece perfeitamente entre passado e presente, localiza registros culturais entre narrativa e contra-narrativa, e faz a mediação entre os criadores locais e nacionais. Apoia a memória coletiva e a identidade comunal, pois abraça uma proveniência social inclusiva que considera todos os elementos que são essenciais para o registro social completo. (BASTIAN, 2013, p.130)</p>
REFERENCES/ REFERENCIAS	
<p>Bastian J (2009) 'Play Mas', Carnival in the archives and the archives in Carnival. <i>Arch Sci</i> 9:113–125 Batra K (2010) 'Our own gayful rest': a postcolonial archive. <i>Small Axe</i> 14:46–59 Buckley L (2005) Objects of love and decay: colonial photographs in a postcolonial archive. <i>Cult Anthropol</i> 20:249–270 Burton A (ed) (2005) <i>Archive stories, facts, fictions and the writing of history</i>. Duke University Press, Durham Cohen CB (1998) 'This is de Test': festival and the cultural politics of nation building in the British Virgin Islands. <i>Am Ethnol</i> 25:189–214 Connerton P (1989) <i>How societies remember</i>. Cambridge University Press, Cambridge Cook T, Schwartz J (2002) Archives, records, and power: from (postmodern) theory to (archival) performance. <i>Arch Sci</i> 2:1–19 Derrida J (1996) <i>Archive fever, a Freudian impression</i>. University of Chicago, Chicago Flinn A, Stevens M (2009) 'It is noh mistri, we mekin histri' telling our own story: Independent and community archives in the UK, challenging and subverting the mainstream. In: Bastian J, Alexander B (eds) <i>Community archives, the shaping of memory</i>. Facet, London Foucault M (1972) <i>The archaeology of knowledge</i>. Pantheon, New York Gilliland A, McKemmish S, White K et al (2008) Pluralizing the archival paradigm: can archival education in Pacific Rim communities address the challenge? <i>Am Arch</i> 71:87–117. Hamilton C, Harris V (2002) <i>Refiguring the archive</i>. Springer, New York Harris V (2007) <i>Archives and justice: a South African perspective</i>. Society of American Archivists, Chicago Hartman S (2008) <i>Venus in two acts</i>. <i>Small Axe</i> 26:1–14 Jimerson R (2009) <i>Archives power: memory, accountability, and social justice</i>. Society of American Archivists, Chicago Kelly G (2009) <i>The single Noongar claim</i>. In: Bastian J, Alexander B (eds) <i>Community archives, the shaping of memory</i>. Facet, London Kurtz M (2006) A postcolonial archive? On the paradox of practice in a Northwest Alaska project. <i>Archivaria</i> 61:63–90 Liverpool H (2001) <i>Rituals of power and rebellion: the Carnival tradition in Trinidad and Tobago, 1763–1962</i>. Frontline Distribution International, Chicago McEwan C (2003) Building a postcolonial archive? Gender, collective memory and citizenship in postapartheid South Africa. <i>J South Afr Stud</i> 29:739–757 McKemmish S, Ross F, Faulkhead S (2006) Indigenous knowledge and the archives: designing trusted archival systems for Koorie communities. <i>Arch Manuscr</i> 38:27–50 Punzalan RL (2010) <i>Archiving culture/recording tradition: reflections on archives, culture and community in a Ghanaian Town</i>. Unpublished paper Said E (1979) <i>Orientalism</i>. Random House, New York Scott D (2004) <i>Conscripts of modernity</i>. Duke University Press, Raleigh-Durham Scott D (2008) Introduction: on the archaeologies of black memory. <i>Small Axe</i> 26:v–xvi Shepherd VA (2008) From text to public space, the monument as public archive. <i>Jamaica J</i> 31:34–38 Spivak G (1985) The Rani of Sirmur: an essay in reading the archives. <i>Hist Theory</i> 24:247–272 Steedman C (2002) <i>Dust, the archive and cultural history</i>. Rutgers University Press, New Brunswick Stoler LA (2002) Colonial archives and the arts of governance. <i>Arch Sci</i> 2:87–109 Stoler LA (2010) <i>Along the archival grain: epistemic anxieties and colonial common sense</i>. Princeton University Press, Princeton.</p>	

RESPONSIBLE/ RESPONSÁVEL:	Maíra	DATE/ DATA	12-10-2022

Ficha N ° 9. Registro do termo <i>Community archives</i> para lente terminológica pontual		9	
TERM/TERMO: Community archives		AUTHOR/AUTORA: Caswell, Michelle	
Zavala, Jimmy; Migoni, Alda Allina; Caswell, Michelle; Geraci, Noah; Cifor, Marika. A process where we're all at the table': community archives challenging dominant modes of archival practice. Archives & Manuscripts. Nov2017, Vol. 45 Issue 3, p. 202-215. 14p.	RELATED TERMS /TERMOS RELACIONADOS:		
	community-based archivists	arquivistas baseados na comunidade	
	community-based archives	arquivos baseados na comunidade	
TITLE	TÍTULO		
A process where we're all at the table': community archives challenging dominant modes of archival practice.	Um processo onde estamos todos à mesa': arquivos comunitários desafiando modos dominantes de prática arquivística.		
ABSTRACT	RESUMO		
Community archives have compelled shifts in dominant archival management practices to reflect community agency and values. To analyse these shifts, we ask: In what ways do community archives and their staff challenge traditional archival modes of practice? Do community archives work within or against dominant frameworks for institutional sustainability? Do community archives challenge or replicate dominant custody practices? Based on semi-structured interviews with 17 founders, staff and volunteers at 12 Southern California community archives, this research examines the diverse models of practice utilised by community archives practitioners that diverge from and challenge standard practices in the field. By addressing these questions, our research uncovers a variety of models of practice employed by communities in Southern California to autonomously create and sustain their archives.	Os arquivos comunitários obrigaram a mudanças nas práticas dominantes de gestão arquivística para refletir a agência e os valores da comunidade. Para analisar essas mudanças, perguntamos: De que maneira os arquivos comunitários e sua equipe desafiam os modos tradicionais de prática de arquivamento? Os arquivos comunitários funcionam dentro ou contra as estruturas dominantes de sustentabilidade institucional? Os arquivos comunitários desafiam ou replicam as práticas dominantes de custódia? Com base em entrevistas semiestruturadas com 17 fundadores, funcionários e voluntários em 12 arquivos comunitários do sul da Califórnia, esta pesquisa examina os diversos modelos de prática utilizados por profissionais de arquivos comunitários que divergem e desafiam as práticas padrão no campo. Ao abordar essas questões, nossa pesquisa revela uma variedade de modelos de prática empregados por comunidades no sul da Califórnia para criar e manter seus arquivos de forma autônoma.		
KEYWORDS	PALAVRAS-CHAVE		
Community Archives; Archival Practices; Postcustodial practices	Arquivos comunitários; Práticas de Arquivo; Práticas pós-custodial		
PAPER STRUCTURE	SEÇÕES DO ARTIGO		
Introduction Literature review Methodology Analysis -Post-custodial practices -Community ownership, collaborations and autonomy -Sustainability -Discussion Conclusion	Introdução Revisão da literatura Metodologia Análise -Práticas pós-custodiais - Propriedade da comunidade, colaborações e autonomia -Sustentabilidade -Discussão Conclusão		

Endnotes	Notas finais
CONTEXT OF USE OF THE TERM	CONTEXTO DE USO (TRADUÇÃO NOSSA)
<p>Present in the part: Literature review</p> <p>There is now a growing body of community archives literature addressing specific organisations, contexts and concerns. Andrew Flinn, Mary Stevens and Elizabeth Shepherd define community as ‘any manner of people who come together and present themselves as such, and a “community archive” is the product of their attempts to document the history of their commonality’, with the resulting ‘collections of material gathered primarily by members of a given community and over whose use community members exercise some level of control’.¹ Community archives, both in and outside of the USA, have been formed around ethnic, racial and religious identity,² gender and sexual identity,³ economic class⁴ and geographic location.⁵ Community archival endeavours are framed as ways for people and communities to gain control of decision-making surrounding issues of shared history, memory, narrative, preservation and power.⁶ Verne Harris argues that mainstream archives only represent a small section of society in their holdings, and these records are then further narrowed in scope and access.⁷ This selective nature of collecting leads to marginalisation of voices in archives, as funds and space restrictions continuously frame collection decisions. These power dynamics necessitate the creation of community archives to give space to marginalised communities that have not been represented in mainstream repositories. In their work, Michelle Caswell, Marika Cifor and Mario H Ramirez express that community archives can be alternatives to mainstream repositories ‘through which communities can make collective decisions about what is of enduring value to them, shape collective memory of their own pasts, and control the means through which stories about their past are constructed’.⁸ The VIA (Voice, Identity, Activism) framework proposed by Anne Gilliland incorporates lessons across community archives projects to define a values-based structure for approaching these endeavours holistically. Gilliland asserts that a community-based approach to archival practice is characterised by centring the interests, needs and well-being of a community; respecting and acknowledging that community records and materials are respected and understood in the context of their creation, rather than being seen by mainstream institutions as collectibles, ‘salvage’ projects, or tools for institutional diversification; and shifting community dynamics, including honouring diverse ‘interests, epistemologies, demographics and emotions’.⁹ Joanne Evans, Sue McKemmish, Elizabeth Daniels and Gavan McCarthy. have also contributed to scholarship centred on models of practice currently used in community archives to challenge dominant archival models. Evans et al. use an Australian case study to posit that self-determination and autonomy of communities within the archive can in fact lead to recovery, redress and</p>	<p>Present in the part: Literature review</p> <p>Existe agora um corpo crescente de literatura de arquivos comunitários abordando organizações, contextos e preocupações específicas. Andrew Flinn, Mary Stevens e Elizabeth Shepherd definem comunidade como “qualquer tipo de pessoa que se reúne e se apresenta como tal, e um “arquivo comunitário” é o produto de suas tentativas de documentar a história de sua comunidade’, com as resultantes ‘coleções de material reunido principalmente por membros de uma determinada comunidade e sobre cujo uso os membros da comunidade exercem algum nível de controle’.¹ Os arquivos comunitários, tanto dentro como fora dos EUA, foram formados em torno da identidade étnica, racial e religiosa,² gênero e identidade sexual,³ classe econômica⁴ e localização geográfica. de tomada de decisão em torno de questões de história, memória, narrativa, preservação e poder compartilhados.⁶ Verne Harris argumenta que os arquivos tradicionais representam apenas uma pequena parte da sociedade em seus acervos, e esses registros são, então, restritos em escopo e acesso. A natureza seletiva da coleta leva à marginalização das vozes nos arquivos, pois os fundos e as restrições de espaço moldam continuamente as decisões de coleta. Essas dinâmicas de poder exigem a criação de arquivos comunitários para dar espaço às comunidades marginalizadas que não foram representadas nos repositórios convencionais. Em seu trabalho, Michelle Caswell, Marika Cifor e Mario H Ramirez expressam que os arquivos comunitários podem ser alternativas aos repositórios convencionais ‘através dos quais as comunidades podem tomar decisões coletivas sobre o que é de valor duradouro para elas, moldar a memória coletiva de seu próprio passado e controlar os meios pelos quais as histórias sobre seu passado são construídas”.⁸ A estrutura VIA (Voz, Identidade, Ativismo) proposta por Anne Gilliland incorpora lições em projetos de arquivos comunitários para definir uma estrutura baseada em valores para abordar esses empreendimentos de forma holística. Gilliland afirma que uma abordagem baseada na comunidade para a prática arquivística é caracterizada por centrar os interesses, necessidades e bem-estar de uma comunidade; respeitar e reconhecer que os registros e materiais da comunidade são respeitados e compreendidos no contexto de sua criação, em vez de serem vistos pelas instituições tradicionais como colecionáveis, projetos de “resgate” ou ferramentas para diversificação institucional; e mudando a dinâmica da comunidade, incluindo honrar diversos “interesses, epistemologias, demografia e emoções”.⁹ Joanne Evans, Sue McKemmish, Elizabeth Daniels e Gavan McCarthy. também contribuíram para estudos centrados em modelos de prática atualmente usados em arquivos comunitários para desafiar os modelos arquivísticos dominantes. Evans et al. usar um estudo de caso australiano para postular que a autodeterminação e autonomia das comunidades</p>

<p>accountability for those communities that have experienced trauma and/or human rights abuses.¹⁰ In the last decade, there has also been a call for decentralising curation and placing management decision-making back in the hands of those most greatly impacted by archival holdings, the community members, as exemplified in the work of Isto Huvila, and Katie Shilton and Ramesh Srinivasan.¹¹ There is currently emerging scholarship concerning the ‘participatory turn’ in archives, as referred to by Patricia Garcia, and the ways in which communities practice stewardship and management in archives.¹² Huvila and Shilton and Srinivasan emphasise shifting responsibility between archivist and user, harnessing community knowledge to reposition archives as sites of empowerment and solidarity, reflecting community needs. Mary Stevens, Andrew Flinn and Elizabeth Shepherd position community archives as institutions where community members ‘exercise some level of control’, and argue for community-based archivists as mediators between ‘professional heritage services’ and communities.¹³ This mediation shifts priorities by archives to observe and respect the needs articulated by communities.</p> <p>(ZAVALA; MIGONI; CASWELL, GERACI ;CIFOR2017, p. 2- 3)</p>	<p>dentro do arquivo pode, de fato, levar à recuperação, reparação e responsabilização para as comunidades que traumas sofridos e/ou abusos dos direitos humanos.¹⁰ Na última década, também houve um apelo para descentralizar a curadoria e colocar a tomada de decisões de gestão de volta às mãos daqueles mais impactados por acervos arquivísticos, os membros da comunidade, como exemplificado no trabalho de Isto Huvila, e Katie Shilton e Ramesh Srinivasan.¹¹ Atualmente, há estudos emergentes sobre a “virada participativa” nos arquivos, conforme referido por Patricia Garcia, e as maneiras pelas quais comunidades praticam a administração e gestão de arquivos.¹² Huvila e Shilton e Srinivasan enfatiza a mudança responsabilidade entre arquivista e usuário, aproveitando o conhecimento da comunidade para reposicionar os arquivos como locais de empoderamento e solidariedade, refletindo as necessidades da comunidade. Mary Stevens, Andrew Flinn e Elizabeth Shepherd posicionam os arquivos comunitários como instituições onde os membros da comunidade ‘exercem algum nível de controle’ e defendem os arquivistas comunitários como mediadores entre ‘serviços de patrimônio profissional’ e comunidades. Esta mediação muda as prioridades dos arquivos para a observação e respeito as necessidades articuladas pelas comunidades.</p> <p>(ZAVALA; MIGONI; CASWELL, GERACI ;CIFOR, 2017, p. 2- 3)</p>
REFERENCES/ REFERENCIAS	
<ol style="list-style-type: none"> 1. Andrew Flinn, Mary Stevens and Elizabeth Shepherd, ‘Whose Memories, Whose Archives? Independent Community Archives, Autonomy and the Mainstream’, <i>Archival Science</i>, vol. 9, 2009, p. 73. 2. Elizabeth Kaplan, ‘We Are What We Collect, We Collect What We Are: Archives and the Construction of Identity’, <i>American Archivist</i>, vol. 63, 2000, pp. 126–51; Dominique Daniel, ‘Documenting the Immigrant and Ethnic Experience in American Archives’, <i>American Archivist</i>, vol. 73, 2010, pp. 82–104; Michelle Caswell, ‘Seeing Yourself in History: Community Archives in the Fight Against Symbolic Annihilation’, <i>The Public Historian</i>, vol. 36, 2014, pp. 26–37. 3. Diana K Wakimoto, Christine Bruce and Helen Partridge, ‘Archivist as Activist: Lessons from Three Queer Community Archives in California’, <i>Archival Science</i>, vol. 13, 2013, pp. 293–316. 4. Flinn, Stevens and Shepherd. 5. <i>ibid.</i> 6. <i>ibid.</i> 7. Verne Harris, <i>Archives and Justice</i>, Society of American Archivists, Chicago, 2006. 8. Michelle Caswell, Marika Cifor and Mario H Ramirez, “‘To Suddenly Discover Yourself Existing’: Uncovering the Impact of Community Archives’, <i>American Archivist</i>, vol. 79, 2016, pp. 58–81. 9. Anne Gilliland, <i>Conceptualizing 21st-Century Archives</i>, Society for American Archivists, Chicago, 2014, pp. 20–1. 10. Joanne Evans, Sue McKemmish, Elizabeth Daniels and Gavan McCarthy, ‘Self-Determination and Archival Autonomy: Advocating Activism’, <i>Archival Science</i>, vol. 15, 2015, pp. 337–68. 11. Isto Huvila, ‘Participatory Archive: Towards Decentralised Curation, Radical User Orientation, and Broader Contextualization of Records Management’, <i>Archival Science</i>, vol. 8, 2008, pp. 15–36; Katie Shilton and Ramesh Srinivasan, ‘Participatory Appraisal and Arrangement for Multicultural Archival Collections’, <i>Archivaria</i>, vol. 63, Spring 2007, pp. 87–101. 12. See Vladan Vukliš and Anne Gilliland, ‘Archival Activism: Emerging Forms, Local Applications’, in B Filej (ed.), <i>Archives in the Service of People – People in the Service of Archives</i>, Alma Mater Europea, Maribor, 2016, pp. 14–25. 13. Mary Stevens, Andrew Flinn and Elizabeth Shepherd, ‘New Frameworks for Community Engagement in the Archive Sector: From Handing over to Handing on’, <i>International Journal of Heritage Studies</i>, vol. 16, 2010, pp. 59–76. 	

14. Terry Cook, 'Electronic Records, Paper Minds: The Revolution in Information Management and Archives in the Post-Custodial and Post-Modernist Era', *Archives and Manuscripts*, vol. 22, 1994, pp. 300–29.
15. Stevens, Flinn and Shepherd.
16. Christian Kelleher, T-Kay Sangwand, Kevin Wood and Yves Kamuronsi, 'The Human Rights Documentation Initiative at the University of Texas Libraries', *New Review of Information Networking*, vol. 15, 2010, pp. 94–109.
17. The authors would like to acknowledge intersectionality of identity and understand any and all of the participating archives and their corresponding communities are not limited to one of the aforementioned identities. However, the most prominent identity upon which the community archive was founded is included in Table 1.
18. L.A. as Subject, 'Archives Bazaar', 17 October 2015, available at <https://www.laassubject.org/index.php/archives_bazaar>.
19. This research has also led to two other publications in *Archives and Records* and *The Public Historian*. See Michelle Caswell, Alda Allina Migoni, Noah Geraci and Marika Cifor, "'To Be Able to Imagine Otherwise": Community Archives and the Importance of Representation', *Archives and Records*, vol. 38, no. 1, 2017, pp. 5–26; Marika Cifor, Michelle Caswell, Alda Allina Migoni and Noah Geraci (under review), 'Being an Activist Aligns Well with Being an Archivist: The Politics of Community Archives', *The Public Historian*.
20. Chicano is a term used by Mexican Americans to describe people of Mexican origin living in the United States. Initially, Chicano was used as a pejorative term towards Mexican Americans of lower social standing. The term was re-appropriated by Mexican Americans during the Chicano Movement in the 1960s and 1970s to express pride in a shared cultural, ethnic and community identity. For more, see Carlos Munoz Jr, *Youth, Identity, Power: The Chicano Movement*; Revised and Expanded Edition, Verso Books, London, 2007; Ernesto Chavez, *Mi Raza Primero (My People First!): Nationalism, Identity, and Insurgency in the Chicano Movement in Los Angeles, 1966–1978*, University of California Press, Los Angeles, 2002; George Mariscal, *Brown-Eyed Children of the Sun: Lessons from the Chicano Movement, 1965–1975*, University of New Mexico Press, Albuquerque, 2005.
21. Joel Wurl, 'Ethnicity as Provenance: In Search of Values and Principles for Documenting the Immigrant Experience', *Archival Issues*, vol. 29, 2005, pp. 65–76.

RESPONSIBLE/ RESPONSÁVEL:	Maíra	DATE/ DATA	12-10-2022
--------------------------------------	-------	-------------------	------------

Ficha N ° 10. Registro do termo <i>Community archives</i> para lente terminológica pontual		10
TERM/TERMO: Community archives	AUTHOR/AUTORA: Caswell, Michelle	
Caswell, Michelle. On archival pluralism: what religious pluralism (and its critics) can teach us about archives. Archival Science . Dec2013, Vol. 13 Issue 4, p273-292. 20p.	RELATED TERMS /TERMOS RELACIONADOS:	
	Não consta	
TITLE	TÍTULO	
On archival pluralism: what religious pluralism (and its critics) can teach us about archives.	Sobre o pluralismo arquivístico: o que o pluralismo religioso (e seus críticos) podem nos ensinar sobre arquivos.	
ABSTRACT	RESUMO	
Recent work has stressed the importance of pluralism in archival education, practice, and research. By examining the promises and perils of pluralism as it has been constructed in another field—religion—this article analyzes, expands, and delineates the notion of archival pluralism in a way that helps form the conceptual foundation for further work on pluralistic approaches to archival education, theory and practice. More specifically, it argues that archival pluralism can learn from four basic principles of religious pluralism—energetic engagement, understanding, strengthened commitment, and dialog—while at the same time avoiding four major perils: claims of universality, inattention to power, silencing dissent, and collapsing of difference. First, this article presents a brief discourse analysis tracing the emergence and development of archival pluralism in the literature to date. Next, turning to how pluralism has been constructed in another field, this article gives a brief overview of conceptions of religious pluralism using the work of two of its most prominent American scholars as guideposts and then addresses the strengths and weaknesses of this conceptualization of pluralism in the religious sphere. Next, this article proposes how religious pluralism’s main principles and pitfalls can be adapted and applied in the realm of memory keeping in order to strengthen the conceptual framework for archival pluralism. It concludes by suggesting aspects of a research agenda for future work in archival pluralism.	Trabalhos recentes têm enfatizado a importância do pluralismo na educação, prática e pesquisa arquivística. Ao examinar as promessas e os perigos do pluralismo como foi construído em outro campo – a religião – este artigo analisa, expande e delinea a noção de pluralismo arquivístico de uma forma que ajuda a formar a base conceitual para futuros trabalhos sobre abordagens pluralistas à educação arquivística, a teoria e a prática. Mais especificamente, argumenta que o pluralismo arquivístico pode aprender a partir de quatro princípios básicos do pluralismo religioso – engajamento enérgico, compreensão, compromisso fortalecido e diálogo – enquanto ao mesmo tempo evita quatro grandes perigos: alegações de universalidade, desatenção ao poder, silenciar a dissidência, e colapso da diferença. Em primeiro lugar, este artigo apresenta uma breve análise do discurso traçando a emergência e o desenvolvimento do pluralismo arquivístico na literatura até o momento. Em seguida, voltando-se para como o pluralismo foi construído em outro campo, este artigo apresenta um breve panorama das concepções de pluralismo religioso usando o trabalho de dois de seus mais proeminentes estudiosos americanos como guias e, em seguida, aborda os pontos fortes e fracos dessa conceitualização de pluralismo em à esfera religiosa. Em seguida, este artigo propõe como os principais princípios e armadilhas do pluralismo religioso podem ser adaptados e aplicados no domínio da manutenção da memória para fortalecer a estrutura conceitual do pluralismo arquivístico. Conclui sugerindo aspectos de uma agenda de pesquisa para trabalhos futuros em pluralismo arquivístico.	
KEYWORDS	PALAVRAS-CHAVE	
Pluralism; Archival theory; Diversity; Archival education	Pluralismo; Teoria arquivística; Diversidade; Educação arquivística	
PAPER STRUCTURE	SEÇÕES DO ARTIGO	
Introduction Locating archival pluralism: birth of a concept	Introdução Localizando o pluralismo arquivístico: nascimento de	

Locating religious pluralism: promises and pitfalls Constructing archival pluralism Conclusion	um conceito Localizando o pluralismo religioso: promessas e armadilhas Construindo o pluralismo arquivístico Conclusão
CONTEXT OF USE OF THE TERM	CONTEXTO DE USO (TRADUÇÃO NOSSA)
<u>Present in the part: Locating archival pluralism: birth of a concept</u> More recently, scholarship on community archives has positioned independent grassroots organizations as alternative venues for marginalized groups to question dominant narratives of the past and collect a more inclusive range of materials that have been neglected or misrepresented by mainstream repositories (Flinn et al. 2009; Flinn and Stevens, 2009). (CASWELL, 2013, p.277-278)	<u>Presente na parte: Locating archival pluralism: birth of a concept</u> Mais recentemente, estudos sobre arquivos comunitários posicionaram organizações de base independentes como locais alternativos para grupos marginalizados questionarem narrativas dominantes do passado e coletar uma gama mais inclusiva de materiais que foram negligenciados ou deturpados pelos repositórios convencionais (Flinn et al. 2009; Flinn e Stevens, 2009). (CASWELL, 2013, p.277-278)
REFERENCES/ REFERENCIAS	
<p>AERI (undated) Archival concepts: an AERI curriculum development initiative. http://www.archivalconcepts.net/tikiwiki/tiki-login_scr.php. Accessed 25 Sep 2012</p> <p>AERI (2012) Building the future of archival education and research. http://aeri.gseis.ucla.edu/index.htm. Accessed 24 Sep 2012</p> <p>Bastian J (2003) <i>Owning memory: how a Caribbean community lost its archives and found its history</i>. Libraries Unlimited, Westport, CT</p> <p>Brown R (1991–1992) Records acquisition strategy and its theoretical foundation: the case for a concept of archival hermeneutics. <i>Archivaria</i> 33:34–56</p> <p>Carter R (2006) Of things said and unsaid: power, archival silences, and power in silence. <i>Archivaria</i> 61:215–233</p> <p>Caswell M (2010) Khmer Rouge archives: accountability, truth and memory in Cambodia. <i>Arch Sci</i> 10:25–44</p> <p>Caswell M, Broman G, Kirmer J, Martin L, Sowry N (2012) Implementing a social justice framework in the introductory curriculum: lessons from both sides of the classroom. <i>InterActions</i>. Accepted for publication, forthcoming</p> <p>Christen K (2011) Opening archives: respectful repatriation. <i>Am Arch</i> 74:185–210</p> <p>Cook T (1992) Mind over matter: towards a new theory of archival appraisal. In: Craig BL (ed) <i>The archival imagination: essays in honour of Hugh A Taylor</i>. Association of Canadian Archivists, Ottawa, pp 38–70</p> <p>Cook T (2001) Fashionable nonsense or professional rebirth: postmodernism and the practice of archives. <i>Archivaria</i> 51:14–35</p> <p>Cordova V (2007) How it is: the native American philosophy of V.F. Cordova. In: Moore K, Peters K, Jojola T, Lacy A, Hogan L (eds) <i>University of Arizona Press, Tucson</i></p> <p>Cox R (2000) <i>Closing an era</i>. Greenwood Press, Westport, CT</p> <p>Eastwood T (2002) Reflections on the goal of archival appraisal in democratic societies. <i>Archivaria</i> 54:59–71</p> <p>Eck D (1993) 2003) <i>Encountering God: a spiritual journey from Bozeman to Banaras</i>. Beacon Press, Boston</p> <p>Eck D (1997) Our mission. Pluralism project. http://pluralism.org/about/mission. Accessed 1 May 2012</p> <p>Eck D (1997–2012) What is pluralism? Pluralism project. http://pluralism.org/pages/pluralism/what_is_pluralism. Accessed 1 May 2012</p> <p>Eck D (2006a) From diversity to pluralism. http://pluralism.org/pages/pluralism/essays/from_diversity_to_pluralism. Accessed 1 May 2012</p> <p>Eck D (2006b) <i>On common ground</i>. Columbia University Press, New York</p> <p>Flinn A, Stevens M (2009) 'It is noh mistri, wi mekin histri'. Telling our own story: independent and community archives in the UK, challenging and subverting the mainstream. In: Bastian J, Alexander B (eds) <i>Community archives: the shaping of memory</i>. Facet, London, pp 3–27</p> <p>Flinn A, Stevens M, Shepherd E (2009) Whose memories, whose archives? Independent community archives, autonomy, and the mainstream. <i>Arch Sci</i> 9:71–86</p> <p>Furner J (2004) Conceptual analysis: a method for understanding information as evidence, evidence as information. <i>Arch Sci</i> 4:233–265</p>	

- Gilliland A (2000) Archival research: a “new” issue for graduate education. *Am Arch* 63:258–270
- Gilliland A, McKemmish S (2004) Building an infrastructure for archival research. *Arch Sci* 4:149–197
- Gilliland A, McKemmish S (2011) Pluralising the archives in the multiverse: a report on work in progress. *Atlanti Rev Modern Arch Theory Pract* 21:177–185
- Gilroy P (2005) *Postcolonial melancholia*. Columbia University Press, New York
- Gopalan S (1973) *Outlines of Jainism*. Halsted Press, New York
- Harris V (2002) The archival sliver: power, memory and archives in South Africa. *Arch Sci* 2:63–86
- Harris V (2007) *Archives and justice*. SAA, Chicago
- Harris V (2012) Nelson Mandela, memory and the work of justice. *InterActions UCLA J Edu Inf Stud* 8(2):1–14
- Hatang S, Harris V (2007) Archives, identity, and place: a dialogue on what it (might) mean(s) to be an African archivist. In: *Archives and justice*. SAA, Chicago, pp 215–235.
- Hurley C (2005) Parallel provenance: if these are your records, where are your stories? <http://www.infotech.monash.edu.au/research/groups/rcrg/publications/parallel-provenance-combined.pdf>. Accessed 2 Jan 2013
- Iacovino L (2004) Multi-method interdisciplinary research in archival science: the case of recordkeeping, ethics and the law. *Arch Sci* 4:267–286
- Interfaith Youth Core (Undated) Communicating the movement. <http://www.ifyc.org/communicatingmovement>. Accessed 1 May 2012
- James W (1909, 2011) *A pluralistic universe*. CreateSpace, Seattle
- Ketelaar E (2001) Tacit narratives: the meanings of archives. *Arch Sci* 1:131–141
- Klassen P, Bender C (2010) Introduction: habits of pluralism. In: Bender C, Klassen P (eds) *After pluralism: reimagining religious engagement*. Columbia University Press, New York, pp 1–28
- Leavelle T (2010) The perils of pluralism: colonization and decolonization in American Indian religious history. In: Bender C, Klassen P (eds) *After pluralism: reimagining religious engagement*. Columbia University Press, New York, pp 156–177
- Marty M (1995) Too bad we’re so relevant: the fundamentalism project projected. <http://www.illuminos.com/mem/selectPapers/fundamentalismProject.html>. Accessed 1 May 2012
- Marty M (2005) *When faiths collide*. Blackwell, Malden, MA
- Mayer D (1985) The new social history: implications for archivists. *Am Arch* 48:388–399
- McKemmish S, Faulkhead S, Russell L (2011) Distrust in the archive: reconciling records. *Arch Sci* 11:211–239
- Montalto N (1978) The challenge of preservation in a pluralistic society. *Am Arch* 41:399–404
- Mookerjee S (1978) *The Jaina philosophy of non-absolutism: a critical study of anekantavada*. Motilal Banarsidass, Delhi
- Nesmith T (2002) Seeing archives: postmodernism and the changing intellectual place of archives. *Am Arch* 65:24–41
- PACG (2011) Educating for the archival multiverse. *Am Arch* 74:69–101
- Patel E, Meyer C (2011) The civic relevance of interfaith cooperation for colleges and universities. *J College Character* 12(1):1–9
- Peterson B (2002) The archives and the political imaginary. In: Hamilton C, Harris V, Taylor J, Pickover M, Reid G, Saleh R (eds) *Refiguring the archive*. Kluwer, Dordrecht, pp 28–35
- Pluralism Project (1997) *On common ground: world religions in America*. CD-ROM, Columbia University Press, New York
- Punzalan R (2005) Cultural diversity and post-colonial realities: challenge of archival training in the Philippines. *Arch Manuscr* 33(1):289–293
- Rice B (2005) *Seeing the world with Aboriginal eyes: a four directional perspective on human and nonhuman values, cultures and relationships on Turtle Island*. Aboriginal Issues Press, Winnipeg
- Strong J (1995) *The experience of Buddhism*. Wadsworth Publishing, Belmont, CA
- Upward F (1996) Structuring the records continuum—part one: postcustodial principles and properties. *Arch Manuscr* 22(2):268–285
- Upward F, McKemmish S, Reed B (2011) Archivists and changing social and information spaces: a continuum approach to recordkeeping and archiving in online cultures. *Archivaria* 72:197–237
- White K (2009) Meztizaje and remembering in Afro-Mexican communities of the Costa Chica: implications for archival education in Mexico. *Arch Sci* 9:43–55.

RESPONSIBLE/ RESPONSÁVEL:	Maira	DATE/ DATA	11-10-22
--------------------------------------	-------	-------------------	----------

Ficha N ° 11. Registro do termo <i>Community archives</i> para lente terminológica pontual		11	
TERM/TERMO: <i>Community archives</i>		AUTHOR/AUTORA: Caswell, Michelle	
Caswell, Michelle; Cifor, Marika; Ramirez, Mario H. "To Suddenly Discover Yourself Existing": Uncovering the Impact of Community Archives. <i>American Archivist</i>. Spring/Summer2016, Vol. 79 Issue 1, p56-81. 26p.		RELATED TERMS /TERMOS RELACIONADOS: community-based archival organizations organizações arquivísticas baseadas na comunidade	
TITLE		TÍTULO	
"To Suddenly Discover Yourself Existing": Uncovering the Impact of Community Archives		"Para descobrir-se de repente existente": Descobrimdo o impacto dos arquivos da comunidade	
ABSTRACT		RESUMO	
Although much published work assumes that independent community archives have an important impact on communities, little research has been done to assess this impact empirically. This article begins to fill this gap by reporting the results of a series of qualitative interviews with academic members of one ethnic community regarding their responses to one community archives. More specifically, this article reports on interviews conducted with South Asian American educators regarding their responses to the South Asian American Digital Archive (SAADA), an independent, nonprofit, community-based organization that operates the websites www.saada.org and www.firstdaysproject.org . The article reports on several emergent themes: the absence of or difficulty in accessing historical materials related to South Asian Americans before the emergence of SAADA; the affective and ontological impacts of discovering SAADA for the first time; the affective impact of SAADA on respondents' South Asian American students; and SAADA's ability to promote feelings of inclusion both within the South Asian American ethnic community and in the larger society. Together, these responses suggest the ways in which one community archives counters the symbolic annihilation of the community it serves and instead produces feelings of what the authors term "representational belonging." The article concludes by exploring the epistemological, ontological, and social levels of representational belonging.		Embora muitos trabalhos publicados suponham que os arquivos comunitários independentes tenham um impacto importante nas comunidades, pouca pesquisa foi feita para avaliar esse impacto empiricamente. Este artigo começa a preencher essa lacuna relatando os resultados de uma série de entrevistas qualitativas com membros acadêmicos de uma comunidade étnica sobre suas respostas aos arquivos de uma comunidade. Mais especificamente, este artigo relata entrevistas realizadas com educadores sul-asiáticos americanos sobre suas respostas ao South Asian American Digital Archive (SAADA), um arquivo independente, organização sem fins lucrativos, baseada na comunidade, que opera os sites www.saada.org e www.firstdaysproject.org . O artigo relata vários temas emergentes: a ausência ou dificuldade de acesso a materiais históricos relacionados aos sul-asiáticos americanos antes do surgimento da SAADA; os impactos afetivos e ontológicos da descoberta da SAADA pela primeira vez; o impacto afetivo do SAADA nos estudantes sul-asiáticos dos entrevistados; e a capacidade da SAADA de promover sentimentos de inclusão tanto na comunidade étnica sul-asiática americana quanto na sociedade em geral. Juntas, essas respostas sugerem as maneiras pelas quais os arquivos de uma comunidade se opõem à aniquilação simbólica da comunidade que ela serve e em vez disso, produz sentimentos do que os autores chamam de "pertencimento representacional". O artigo conclui explorando os níveis epistemológico, ontológico e social de pertencimento representacional.	
KEYWORDS		PALAVRAS-CHAVE	
Impact, Affect, Community archives, Symbolic annihilation, Representational belonging, SAADA.		Impacto, Afeto, Arquivos comunitários, Aniquilação simbólica, Pertencimento representacional, SAADA.	
PAPER STRUCTURE		SEÇÕES DO ARTIGO	
Literature Review -Symbolic Annihilation		Revisão da literatura -Aniquilação Simbólica	

<p>-Affect in Archives -Community Archives -Impacts of Archives Methods Limitations Findings Archival Gaps and Difficulty of Access Prior to SAADA Personal Affective Responses to SAADA Students' Affective Responses to SAADA Affective Impact of Community Inclusion Return to Theory Conclusion</p>	<p>-Afetar em Arquivos -Arquivos da Comunidade -Impactos dos Arquivos Métodos Limitações Descobertas Lacunas de arquivo e dificuldade de acesso antes da SAADA Respostas afetivas pessoais à SAADA Respostas afetivas dos alunos ao SAADA Impacto Afetivo da Inclusão Comunitária Voltar para a teoria Conclusão</p>
CONTEXT OF USE OF THE TERM	CONTEXTO DE USO (TRADUÇÃO NOSSA)
<p><u>Present in the part Community Archives</u></p> <p>Recent work in archival studies reflects a growth in independently operated, community-based archival organizations.²⁵ Although much of the scholarship documenting these community archives has been based in the United Kingdom, a growing body of literature in the United States addresses the trajectories of such organizations and projects here.²⁶ While definitions of community are contextual and shifting, Andrew Flinn, Mary Stevens, and Elizabeth Shepherd defined community as “any manner of people who come together and present themselves as such, and a ‘community archive’ is the product of their attempts to document the history of their commonality.”²⁷ Archival communities can materialize around ethnic, racial, or religious identities,²⁸ gender and sexual orientation,²⁹ economic status,³⁰ and physical locations.³¹ As U.K.-based archival scholars Flinn, Stevens, and Shepherd noted, independent grassroots archival efforts first sprang up in response to the political and social movements of the 1960s and 1970s.³² Flinn and Stevens positioned community archives as parts of larger social and political movements whereby groups who have been ignored, misrepresented, or marginalized by mainstream archival repositories launch their own archival projects as means of self-representation, identity construction, and empowerment.³³ These community archives are framed as grassroots alternatives to mainstream repositories through which communities can make collective decisions about what is of enduring value to them, shape collective memory of their own pasts, and control the means through which stories about their past are constructed. In the American context, the majority of the staff and volunteers of these community archives are usually members of underrepresented groups. In maintaining independence and encouraging participation, these archives strive to provide a platform that empowers previously marginalized groups to make decisions about archival collecting on their own terms.³⁴ Flinn, Stevens, and Shepherd found that political activism, community empowerment, and social change are prime motivating factors undergirding these fiercely independent archival efforts.³⁵ In this light, the</p>	<p><u>Present in the part Community Archives</u></p> <p>Trabalhos recentes em estudos arquivísticos refletem um crescimento de organizações arquivísticas operadas independentemente e baseadas na comunidade. organizações e projetos aqui.²⁶ Embora as definições de comunidade sejam contextuais e mutáveis, Andrew Flinn, Mary Stevens e Elizabeth Shepherd definiram comunidade como “qualquer tipo de pessoa que se reúne e se apresenta como tal, e um ‘arquivo comunitário’ é o produto de suas tentativas de documentar a história de sua comunidade.”²⁷ As comunidades de arquivo podem se materializar em torno de identidades étnicas, raciais ou religiosas,²⁸ gênero e orientação sexual,²⁹ status econômico³⁰ e localizações físicas.³¹ Como os estudiosos de arquivos do Reino Unido Flinn, Stevens e Shepherd observaram, bases independentes os esforços de arquivamento surgiram em resposta aos movimentos políticos e sociais das décadas de 1960 e 1970.³² Flinn e Stevens posicionaram os arquivos comunitários como partes de movimentos sociais e políticos maiores, por meio dos quais grupos que foram ignorados, deturpados ou marginalizados pelos repositórios de arquivos convencionais lançam seus próprios projetos de arquivo como meio de auto-representação, construção de identidade e empoderamento.³³ Esses arquivos comunitários são enquadrados como alternativas de base aos repositórios convencionais através dos quais as comunidades podem tomar decisões coletivas sobre o que é de valor duradouro para eles, moldar a memória coletiva de seus próprios passados e controlar os meios pelos quais as histórias sobre seu passado são construídas. No contexto americano, a maioria dos funcionários e voluntários desses arquivos comunitários geralmente são membros de grupos sub-representados. Ao manter a independência e encorajar a participação, esses arquivos se esforçam para fornecer uma plataforma que capacita grupos anteriormente marginalizados a tomar decisões sobre a coleta de arquivos em seus próprios termos.³⁴ Flinn, Stevens e Shepherd descobriram que o ativismo político, a comunidade, o empoderamento e mudança social são os principais fatores motivadores que sustentam esses esforços de arquivamento ferozmente independentes.³⁵ Sob essa luz, a criação de arquivos comunitários pode ser vista como uma forma de protesto político - uma tentativa de aproveitar os meios</p>

creation of community archives can be seen as a form of political protest—an attempt to seize the means by which history is written and to correct or amend dominant stories about the past. Flinn and Stevens asserted: “. . . The endeavor by individuals and social groups to document their history, particularly if that history has been generally subordinated or marginalized, is political and subversive. These ‘recast’ histories and their making challenge and seek to undermine both the distortions and omissions of orthodox historical narratives, as well as the archive and heritage collections that sustain them.”³⁶ In this way, community archives are responses not only to the omissions of history as the official story written by a guild of professional historians, but the omissions of memory institutions writ large, and they can thus be read as directly challenging the failure of mainstream repositories to collect a more diverse representation of society. It is important to note here that the term “community archives” is a general umbrella term under which a host of different types of projects may fit. Community archives can range from entirely independent, permanent, 501(c)(3) nonprofit organizations dedicated solely to archival endeavors; to archival projects within larger community organizations; to informal, loosely defined, temporary configurations of community members dedicated to shaping the collective memory of a community’s past. As such, the term “community archives” can be seen as being imposed externally by archival studies scholars rather than emerging organically from within such community efforts. The archives profession in the United States is only now coming to terms with this burgeoning community archives movement. In the realm of practice, the rise of community archives has meant a reframing of the functions of appraisal, description, and access to align with community-specific priorities, to reflect contingent cultural values, and to allow for greater participation in archival decision making.³⁷ Community input into archives has also led to conceptual shifts, as Chris Hurley developed the notion of “parallel provenance” to better accommodate Indigenous Australian perspectives on record creation; Joel Wurl advocated for ethnicity as a form of provenance; and Jeannette Bastian echoed calls to expand the core archival concept of provenance to include descendants of the subjects of records.³⁸ Terry Cook has even declared that the recent emphasis on community constitutes a paradigm shift in the field, akin to previous conceptual guideposts such as evidence and memory.³⁹ Yet, while much scholarly work has been done in this area, virtually none of it addresses the impact of community archives on the communities they serve. More work is needed not only to understand the conceptual impact of these archival organizations on archival theory and practice, but also to assess the needs and the impacts of these memory organizations on the individual, community, and societal level. **(CASWELL; CIFOR; RAMIREZ, 2016, p. 61-62)**

pelos quais a história é escrita e corrigir ou emendar as histórias dominantes sobre o passado. Flinn e Stevens afirmaram: “. . . O esforço dos indivíduos e grupos sociais documentar sua história, particularmente se essa história foi geralmente subordinada ou marginalizada, é política e subversiva. Essas histórias ‘reformuladas’ e sua criação desafiam e procuram minar tanto as distorções e omissões das narrativas históricas ortodoxas, quanto as coleções de arquivos e patrimônio que as sustentam.³⁶ Nesse sentido, os arquivos comunitários são respostas não apenas às omissões da história como a história oficial escrita por uma guilda de historiadores profissionais, mas às omissões das instituições de memória, em grande escala e, portanto, podem ser lidos como um desafio direto ao fracasso dos repositórios convencionais em coletar uma representação mais diversificada da sociedade. É importante notar aqui que o termo “arquivos comunitários” é um termo geral sob o qual uma série de diferentes tipos de projetos podem se encaixar. Os arquivos comunitários podem variar de organizações sem fins lucrativos 501(c)(3) totalmente independentes e permanentes dedicadas exclusivamente a empreendimentos de arquivamento; para projetos de arquivo dentro de organizações comunitárias maiores; a configurações informais, vagamente definidas e temporárias de membros da comunidade dedicados a moldar a memória coletiva do passado de uma comunidade. Como tal, o termo “arquivos comunitários” pode ser visto como sendo imposto externamente por acadêmicos de estudos arquivísticos, em vez de emergir organicamente de dentro de tais esforços comunitários. A profissão de arquivista nos Estados Unidos agora está chegando a um acordo com esse crescente movimento de arquivos comunitários. No campo da prática, o surgimento dos arquivos comunitários significou uma reformulação das funções de avaliação, descrição e acesso para se alinhar com as prioridades específicas da comunidade, refletir valores culturais contingentes e permitir maior participação na tomada de decisões arquivísticas. ³⁷ A contribuição da comunidade para os arquivos também levou a mudanças conceituais, pois Chris Hurley desenvolveu a noção de “proveniência paralela” para melhor acomodar as perspectivas australianas indígenas sobre a criação de registros; Joel Wurl defendia a etnicidade como forma de proveniência; e Jeannette Bastian ecoaram apelos para expandir o conceito arquivístico central de proveniência para incluir descendentes dos sujeitos de registros. e memória.³⁹ No entanto, embora muito trabalho acadêmico tenha sido feito nessa área, praticamente nenhum deles aborda o impacto dos arquivos comunitários nas comunidades que atendem. É necessário mais trabalho não apenas para entender o impacto conceitual dessas organizações arquivísticas na teoria e na prática arquivística, mas também para avaliar as necessidades e os impactos dessas organizações de memória no nível individual, comunitário e social. **(CASWELL; CIFOR; RAMIREZ, 2016, p. 61-62)**

REFERENCES/ REFERENCIAS

- 1 The authors would like to thank Anne Gilliland, Ricardo Punzalan, and Gregory Leazer for their insightful comments on an earlier draft of this paper and all of the respondents for their participation.
- 2 Gaye Tuchman, "Introduction: The Symbolic Annihilation of Women by the Mass Media," in *Hearth and Home: Images of Women in the Mass Media*, ed. Gaye Tuchman, Arlene Kaplan Daniels, and James Benet (New York: Oxford University Press, 1978), 3–38.
- 3 Although we developed the term "representational belonging," we were subsequently made aware of a prior usage of this term in Josen Masangkay Diaz, "The Subject Case: The Filipino Body and the Politics of Making Filipino America" (PhD diss., University of California, San Diego, 2014).
- 4 The first author of this paper is also a board member of SAADA. We fully acknowledge that we are not impartial, "neutral" observers of community-based archives, but active participants in the phenomenon we are examining, in line with the past forty years of social science research in the interpretivist paradigm.
- 5 Michelle Caswell, "Seeing Yourself in History: Community Archives in the Fight Against Symbolic Annihilation"; Michelle Caswell, "Community-Centered Collecting: Finding Out What Communities Want from Community Archives," *Proceedings of the 77th ASIS&T Annual Meeting* 51 (October 31–November 4, 2014); Michelle Caswell, "Inventing New Archival Imaginaries: Theoretical Foundations for Identity-Based Community Archives," *Identity Palimpsests: Ethnic Archiving in the U.S. and Canada* (Sacramento, Calif.: Litwin Books, 2014), 35–55; Michelle Caswell and Samip Mallick, "Collecting the Easily Missed Stories: Digital Participatory Microhistory and the South Asian American Digital Archive," *Archives and Manuscripts* 42, no. 1 (2014): 73–86.
- 6 Michelle Caswell, "Toward a Survivor-Centered Approach to Records Documenting Human Rights Abuse: Lessons from Community Archives," *Archival Science* 14, nos. 3–4 (2014): 307–22.
- 7 George Gerbner, "Violence and Television Drama: Trends and Symbolic Functions," in *Television and Social Behaviour*, vol. 1, *Content and Control*, ed. G. A. Comstock and E. Rubenstein (Washington, D.C.: U.S. Government Printing Office, 1972), 44.
- 8 Tuchman, "Introduction: The Symbolic Annihilation of Women by the Mass Media," 3–38. See also Gaye Tuchman, "Women's Depiction by the Mass Media," *Signs* 4, no. 3 (1979): 528–42.
- 9 Tuchman, "Women's Depiction by the Mass Media," 10.
- 10 Debra Merskin, "Sending Up Signals: A Survey of Native American Media Use and Representation in Mass Media," *Howard Journal of Communications* 9 (1998): 335. For a discussion of representations of other racial groups see also Mauricio Mazon, *The Zoot-Suit Riots: The Psychology of Symbolic Annihilation* (Austin: University of Texas Press, 1984); Debra Merskin, "The Construction of Arabs as Enemies: Post-September 11 Discourse of George W. Bush," *Mass Communication and Society* 7, no. 2 (2004): 157–75.
- 11 Hugh Klein and Kenneth Shiffman, "Underrepresentation and Symbolic Annihilation of Socially Disenfranchised Groups ('Out Groups') in Animated Cartoons," *Howard Journal of Communications* 20 (2009): 56–57.
- 12 Jennifer L. Eichstedt and Stephen Small, *Representations of Slavery: Race and Ideology in Southern Plantation Museums* (Washington, D.C.: Smithsonian Books, 2002). See also Derek H. Alderman and Rachel M. Campbell, "Symbolic Excavation and the Artifact Politics of Remembering Slavery in the American South: Observations from Walterboro, South Carolina," *Southeastern Geographer* 48, no. 3 (2008): 338–55; E. Arnold Modlin Jr., "Tales Told on the Tour: Mythic Representations of Slavery by Docents at North Carolina Plantation Museums," *Southeastern Geographer* 48, no. 3 (2008): 265–87.
- 13 Eichstedt and Small, *Representations of Slavery*, 107.
- 14 Michelle Caswell, "Seeing Yourself in History: Community Archives in the Fight against Symbolic Annihilation," *The Public Historian* 36 (November 2014): 26–37.
- 15 Michel-Rolph Trouillot, *Silencing the Past: Power and the Production of History* (Boston: Beacon, 1995). To see an alternative take on how archives can respond to historic silences in a different context, see Michelle Caswell, *Archiving the Unspeakable: Silence, Memory, and the Photographic Record in Cambodia* (Madison: University of Wisconsin Press, 2014).
- 16 Verne Harris, *Archives and Justice* (Chicago: Society of American Archivists, 2006).
- 17 Rodney G. S. Carter, "Of Things Said and Unsaid: Power, Archival Silences, and Power in Silence," *Archivaria* 61 (2006): 215–33.
- 18 Michelle Caswell and Anne Gilliland, "Dead Perpetrators, Imagined Documents, Emergent Evidence and False Promises: Deconstructing an Archival Paradox," *International Journal of Human Rights* 19, no. 5 (2015): 615–27.
- 19 Melissa Gregg and Gregory Seigworth, *The Affect Theory Reader* (Durham, N.C.: Duke University Press, 2010), 1.
- 20 Ann Cvetkovich, *An Archive of Feelings* (Durham, N.C.: Duke University Press, 2003), 241.
- 21 Sue McKemmish, Shannon Faulkhead, and Lynette Russell, "Distrust in the Archive: Reconciling Records," *Archival Science* 11 (2011): 211–39.
- 22 Sue McKemmish, Livia Iacovino, Eric Ketelaar, Melissa Castan, and Lynette Russell, "Resetting Relationships: Archives and Indigenous Human Rights in Australia," *Archives and Manuscripts* 39, no. 1 (2011): 107–44.

- 23 Michelle Caswell, "From Human Rights to Feminist Ethics: Radical Empathy in the Archives" (presentation, "Affect and the Archive Symposium," 2014); Marika Cifor, "Visceral Forces: Introducing Affect Studies to Archival Discourse" (presentation, "Archival Education and Research Institute," 2014); Anne Gilliland, *Conceptualizing 21st-Century Archives* (Chicago: Society of American Archivists, 2014); Anne Gilliland, "Moving Past: Probing the Agency and Affect of Recordkeeping in Individual and Community Lives in Post-Conflict Croatia," *Archival Science* 14 (2014); Anne Gilliland, "Studying Affect and Its Relationship to the Agency of Archivists in the Countries of the Former Yugoslavia" (presentation, "Archival Education and Research Institute," 2014); Barbara Reed, "Reinventing Access," *Archives and Manuscripts* 42, no. 2 (2014): 123–32.
- 24 Caswell, *Archiving the Unspeakable*; Michelle Caswell, "Introduction: Defining Human Rights Archives," in "Archives and Human Rights," special double issue, *Archival Science* (2014); Verne Harris, "Antonyms of Our Remembering," *Archival Science* 14 (2014); Hariz Halilovich, "Reclaiming Erased Lives: Archives, Records and Memories in Post-War Bosnia and the Bosnian Diaspora," *Archival Science* 14 (2014); D. Wallace, P. Pasick, Z. Berman, E. Weber, "Stories for Hope—Rwanda: A Psychological-Archival Collaboration to Promote Healing and Cultural Continuity through Intergenerational Dialogue," *Archival Science* 14 (2014).
- 25 Jeannette Bastian and Ben Alexander, "Introduction: Communities and Archives—A Symbiotic Relationship," *Community Archives: The Shaping of Memory* (London: Facet, 2009); Andrew Flinn, Mary Stevens, and Elizabeth Shepherd, "Whose Memories, Whose Archives? Independent Community Archives, Autonomy, and the Mainstream," *Archival Science* 9 (2009): 71–86; Dominique Daniel, "Documenting the Immigrant and Ethnic Experience in American Archives," *The American Archivist* 73, no. 1 (2010): 82–104; Terry Cook, "Evidence, Memory, Identity, and Community: Four Shifting Archival Paradigms," *Archival Science* 13 (2013): 95–120.
- 26 For a historical perspective on the differences between community archives in the United States and the United Kingdom, see Anne J. Gilliland and Andrew Flinn, "Keynote: The Wonderful and Frightening World of Community Archives: What Are We Really Talking About?," in *Proceedings of Nexus, Confluence, and Difference: Community Archives Meets Community Informatics Prato CIRN Conference*, October 28–30, 2013, ed. Larry Stillman, Amalia Sabiescu, and Nemanja Memarovic (Clayton, Aus.: Monash University, Centre for Community Networking Research, Centre for Social Informatics), www.ccnr.infotech.monash.edu.au/assets/docs/prato2013_papers/gilliland_flinn_keynote.pdf.
- 27 Flinn, Stevens, and Shepherd, "Whose Memories, Whose Archives?," 75.
- 28 Elizabeth Kaplan, "We Are What We Collect, We Collect What We Are: Archives and the Construction of Identity," *The American Archivist* 63 (Spring/Summer 2000): 126–51; Daniel, "Documenting the Immigrant and Ethnic Experience in American Archives"; Caswell, "Seeing Yourself in History."
- 29 Marcel Barriault, "Archiving the Queer and Queering the Archives: A Case Study of the Canadian Lesbian and Gay Archives," *Community Archives: The Shaping of Memory* (London: Facet, 2009).
- 30 Andrew Flinn and Mary Stevens, "'It Is Nohmistri, Wimekin History': Telling Our Own Story: Independent and Community Archives in the U.K., Challenging and Subverting the Mainstream," *Community Archives: The Shaping of Memory* (London: Facet, 2009), 3–28.
- 31 Flinn and Stevens, "'It Is Nohmistri, Wimekin History.'"
- 32 Flinn, Stevens, and Shepherd, "Whose Memories, Whose Archives?"
- 33 Flinn and Stevens, "'It Is Nohmistri, Wimekin History.'"
- 34 Michelle Caswell, "SAADA and the Community Archive Model: What Is a Community-Based Archives Anyway?," *South Asian American Digital Archive, Tides*, April 18, 2012, <https://www.saada.org/tides/article/20120418-704>.
- 35 Flinn, Stevens, and Shepherd, "Whose Memories, Whose Archives?"
- 36 Flinn and Stevens, "'It Is Nohmistri, Wimekin History,'" 3–4.
- 37 Katie Shilton and Ramesh Srinivasan, "Participatory Appraisal and Arrangement for Multicultural Archival Collections," *Archivaria* 63 (2007): 87–101.
- 38 Chris Hurley, "Parallel Provenance: What If Anything Is Archival Description?," *Archives and Manuscripts* 33, no. 1 (2005): 110–45; Joel Wurl, "Ethnicity as Provenance: In Search of Values and Principles for Documenting the Immigrant Experience," *Archival Issues* 29 (2005): 65–76; Jeannette Bastian, *Owning Memory: How a Caribbean Community Lost Its Archives and Found Its History* (Westport, Conn.: Libraries Unlimited, 2003).
- 39 Cook, "Evidence, Memory, Identity, and Community."
- 40 Peter Brophy, "The Development of a Model for Assessing the Level of Impact of Information and Library Services," *Library and Information Research* 29, no. 93 (2005): 43–49; 44.
- 41 Archival Metrics, www.archivalmetrics.org. The site contains an extensive bibliography about impact.
- 42 Elizabeth Yakel, Wendy Duff, Helen Tibbo, Adam Kriesberg, and Amber Cushing, "The Economic Impact of Government Archives," *The American Archivist* 75, no. 2 (2012): 297–325.
- 43 Caroline Wavell et al., *Impact Evaluation of Museums, Archives and Libraries: Available Evidence Project* (Aberdeen: Robert Gordon University, 2002), 6. See also Wendy M. Duff, Andrew Flinn, Karen Suurtamm, and David Wallace, "Social Justice Impact of Archives: A Preliminary Investigation," *Archival Science* 13, no. 4 (2013): 317–48.

- 44 Sarah Horton and Jaqueline Spence, "Scoping the Economic and Social Impact of Archives," Museums, Libraries and Archives (MLA) Council Yorkshire (2006): 49–50. See also Duff et al., "Social Justice Impact of Archives: A Preliminary Investigation"; Wendy M. Duff and Joan M. Cherry, "Archival Orientation for Undergraduate Students: An Exploratory Study of Impact," *The American Archivist* 71, no. 2 (2008): 499–529.
- 45 Wavell et al., *Impact Evaluation of Museums, Archives and Libraries: Available Evidence Project*, 19–20.
- 46 Duff et al., "Social Justice Impact of Archives: A Preliminary Investigation."
- 47 Duff et al., "Social Justice Impact of Archives: A Preliminary Investigation," 348.
- 48 Duff et al., "Social Justice Impact of Archives: A Preliminary Investigation."
- 49 Duff et al., "Social Justice Impact of Archives: A Preliminary Investigation," 332.
- 50 Duff et al., "Social Justice Impact of Archives: A Preliminary Investigation," 333.
- 51 Community Archives and Heritage Group, www.communityarchives.org.uk.
- 52 Community Archives and Heritage Group, Community Archives Development Group, "Impact of Community Archives" (2007), www.communityarchives.org.uk/wp-content/uploads/2014/05/CADG_-_PRINT_version.doc.
- 53 For example, the Community Archives and Heritage Group's report found that 50 percent of community archives in the United Kingdom receive funding from the Heritage Lottery Fund. While we lack formal statistics in the United States, very few community archives in the United States receive support from the federal government.
- 54 SAADA, Tides, www.saadigitalarchive.org/tides.
- 55 A SAADA staff member who oversees (though is not technically a part of) the Advisory Council was also included as a research subject.
- 56 Anne Gilliland and Sue McKemmish, "Building and Infrastructure for Archival Research," *Archival Science* 4 (2004): 149–97.
- 57 Alison Jane Pickard, *Research Methods in Information*, 2nd ed. (Chicago: Neal-Schuman ALA, 2013), 7.
- 58 Pickard, *Research Methods in Information*, 195–206.
- 59 Clifford Geertz, "Thick Description: Toward an Interpretive Theory of Culture," in *The Interpretation of Cultures: Selected Essays* (New York: Basic Books, 1973), 3–30.
- 60 Pickard, *Research Methods in Information*, 196–201.
- 61 Pickard, *Research Methods in Information*, 64–65.
- 62 For further discussion about the strategic politics of SAADA using the umbrella term "South Asian," see Caswell, "Inventing New Archival Imaginaries," 35–55.

RESPONSIBLE/ RESPONSÁVEL:	Maira	DATE/ DATA	11-10-22
--------------------------------------	-------	-------------------	----------

Ficha N ° 12. Registro do termo <i>Community archives</i> para lente terminológica pontual		12
TERM/TERMO: Community archives	AUTHOR/AUTORA: Caswell, Michelle	
Caswell, Michelle; Gabiola, Joyce; Zavala, Jimmy; Brilmyer, Gracen; Cifor, Marika. <i>Imagining transformative spaces: the personal–political sites of community archives.</i> Archival Science . Mar2018, Vol. 18 Issue 1, p73-93. 21p.	RELATED TERMS /TERMOS RELACIONADOS:	
	community-based archives	arquivos baseados na comunidade
TITLE	TÍTULO	
Imagining transformative spaces: the personal–political sites of community archives.	Imaginando espaços transformadores: os locais pessoais-políticos dos arquivos comunitários.	
ABSTRACT	RESUMO	
Although much has been written about formal archival spaces, little scholarship has addressed the physical spaces of community archives. This paper asks: How do community members imagine the physical spaces that steward identity-based community archives? Based on focus groups with more than 54 community archives users at five different community archives sites across Southern California, this paper examines how members of marginalized communities conceive of the physical space inhabited by community archives representing their communities. The sites explored range from a prominent location on a university campus, to storefronts, strip malls, and small cinderblock buildings. Yet across sites, users spoke about community archives spaces as symbolic and affectively moving locations. Many users described their community archives site as a “home-away-from-home,” marked by intergenerational dialog and a profound sense of belonging. For other users, community archives sites were described as “politically generative spaces” which foster dialog and debate about identity, representation, and activism and enable the community to envision its future. And yet, while the very existence of community archives is political, many participants felt that the full political potential of these sites is not yet realized. By listening to the voices of the communities represented and served by community archives, our research both indicates that a shift is warranted in archival metaphors of space and reveals how community archives are personally and politically transformative spaces for the communities they represent and serve.	Embora muito tenha sido escrito sobre espaços arquivísticos formais, poucos estudos abordaram os espaços físicos dos arquivos comunitários. Este papel pergunta: Como os membros da comunidade imaginam os espaços físicos que administram os arquivos comunitários baseados em identidade? Com base em grupos focais com mais de 54 usuários de arquivos comunitários em cinco diferentes locais de arquivos comunitários no sul da Califórnia, este artigo examina como membros de comunidades marginalizadas concebem o espaço físico habitado por arquivos comunitários que representam suas comunidades. Os locais explorados variam de uma localização proeminente em um campus universitário a vitrines, shoppings e pequenos edifícios de blocos de concreto. No entanto, em todos os sites, os usuários falaram sobre os espaços de arquivos comunitários como locais simbólicos e em movimento afetivo. Muitos usuários descreveram seu site de arquivos comunitários como um “lar longe de casa”, marcado pelo diálogo intergeracional e um profundo sentimento de pertencimento. Para outros usuários, os sites de arquivos comunitários foram descritos como “espaços politicamente generativos” que promovem o diálogo e o debate sobre identidade, representação e ativismo e permitem que a comunidade visualize seu futuro. E, no entanto, embora a própria existência de arquivos comunitários seja política, muitos participantes sentiram que todo o potencial político desses sites ainda não foi realizado. Ao ouvir as vozes das comunidades representadas e servidas pelos arquivos comunitários, nossa pesquisa indica que uma mudança é garantida nas metáforas arquivísticas do espaço e revela como os arquivos comunitários são espaços pessoais e politicamente transformadores para as comunidades que representam e servem.	
KEYWORDS	PALAVRAS-CHAVE	
Community archives; Space; Identity; Politics	Arquivos comunitários; Espaço; Identidade; Política	

PAPER STRUCTURE	SEÇÕES DO ARTIGO
Introduction Literature review Archival spaces Community archives Sites Methods Findings Theme 1: community archives as symbols of representation Theme 2: community archives as home-away-from-home Theme 3: community archives as politically generative spaces Discussion: imagining transformative spaces Conclusion Appendix 1: Focus group protocol Biographical and demographical info	Introdução Revisão da literatura Espaços de arquivo Arquivos da comunidade Sites Métodos Descobertas Tema 1: arquivos comunitários como símbolos de representação Tema 2: arquivos comunitários como casa longe de casa Tema 3: os arquivos comunitários como espaços politicamente geradores Discussão: imaginando espaços transformadores Conclusão Apêndice 1: Protocolo do grupo focal Informações biográficas e demográficas
CONTEXT OF USE OF THE TERM	CONTEXTO DE USO (TRADUÇÃO NOSSA)
<p>Archival studies scholarship has noted a growth in independently operated, community-based archival efforts (Bastian and Alexander 2009; Cook 2013; Daniel 2010; Flinn and Stevens 2009; Flinn et al. 2009; Gilliland 2014; Mander 2009). Although definitions of community are contextual and shifting, Flinn et al. (2009) define community as “any manner of people who come together and present themselves as such, and a ‘community archives’ is the product of their attempts to document the history of their commonality” (p. 75). Archival communities can materialize around ethnic, racial, or religious identities (Caswell 2014; Caswell 2012; Daniel 2010; Kaplan 2000), gender and sexual orientation (Barriault 2009; Sheffield 2015), economic status (Flinn and Stevens 2009), and physical locations (Flinn and Stevens 2009). Flinn et al. (2009) found that political activism, community empowerment, and social change were prime motivating factors for those who volunteer at these organizations. Given that community archives reflect, and in turn create, the values of their communities, the phenomenon varies widely across national, political, cultural, and social contexts. Recent work has begun to investigate the impact of community archives on identity and representation (Caswell 2014; Caswell et al. 2016a, b). This research leveraged the concept of “symbolic annihilation,” from the field of communications (Caswell 2014). Through this research, a tripartite framework for measuring the impact of community archives was developed: ontological impact (in which members of marginalized communities get confirmation “I am here”); epistemological impact (in which members of marginalized communities get confirmation “we were here”); and social impact (in which members of marginalized communities get confirmation “we belong here”) (Caswell et al. 2016a). Caswell et al. (2016a) also proposed the concept of “representational belonging” to denote the ways in which community archives can empower people who have been marginalized by mainstream media and memory institutions to have the autonomy and</p>	<p>As bolsas de estudos financiadas sobre estudos arquivísticos tem observado um crescimento nos esforços de arquivamento operados de forma independente e baseados na comunidade (Bastian e Alexander 2009; Cook 2013; Daniel 2010; Flinn e Stevens 2009; Flinn et al. 2009; Gilliland 2014; Mander 2009). Embora as definições de comunidade sejam contextuais e mutáveis, Flinn et al. (2009) definem comunidade como “qualquer tipo de pessoa que se reúne e se apresenta como tal, e um ‘arquivo comunitário’ é o produto de suas tentativas de documentar a história de sua semelhança” (p. 75). As comunidades de arquivo podem se materializar em torno de identidades étnicas, raciais ou religiosas (Caswell 2014; Caswell 2012; Daniel 2010; Kaplan 2000), gênero e orientação sexual (Barriault 2009; Sheffield 2015), status econômico (Flinn e Stevens 2009) e localizações físicas (Flinn e Stevens 2009). Flinn et al. (2009) descobriram que o ativismo político, o empoderamento da comunidade e a mudança social foram os principais fatores de motivação para os voluntários nessas organizações. Dado que os arquivos comunitários refletem e, por sua vez, criam os valores de suas comunidades, o fenômeno varia amplamente entre contextos nacionais, políticos, culturais e sociais. Trabalhos recentes começaram a investigar o impacto dos arquivos comunitários na identidade e representação (Caswell 2014; Caswell et al. 2016a, b). Esta pesquisa alavancou o conceito de “aniquilação simbólica”, do campo das comunicações (Caswell 2014). Através desta pesquisa, uma estrutura tripartida para medir o impacto dos arquivos comunitários foi desenvolvido: impacto ontológico (no qual membros de comunidades marginalizadas obtêm a confirmação “Estou aqui”); impacto epistemológico (no qual membros de comunidades marginalizadas obtêm confirmação “Nós estávamos aqui”); e impacto social (no qual membros de comunidades marginalizadas obtêm a confirmação de que “nós pertencemos aqui”) (Caswell et al. 2016a). Caswell et al. (2016a) também propuseram o conceito de “pertencimento representacional” para denotar as maneiras pelas quais os arquivos comunitários podem capacitar as pessoas</p>

<p>authority to establish, enact, and reflect on their presence in ways that are complex, meaningful, substantive, and positive to them in a variety of symbolic contexts. (2018, p. 76)</p>	<p>que foram marginalizadas pela mídia tradicional e pelas instituições de memória a terem autonomia e autoridade para estabelecer, decretar e refletir sobre sua presença de maneiras complexas, significativas, substantivas e positivas para elas em uma variedade de contextos simbólicos. (2018, p. 76)</p>
<p>REFERENCES/ REFERENCIAS</p>	
<p>Arondekar A (2009) For the record: on sexuality and the colonial archive in India. Duke, Durham</p> <p>Barriault M (2009) Archiving the queer and queering the archives: a case study of the Canadian Lesbian and Gay Archives. In: Bastian J, Alexander B (eds) <i>Community archives: the shaping of memory</i>. Facet, London</p> <p>Bastian J (2003) <i>Owning memory: how a Caribbean community lost its archives and found its history</i>. Libraries unlimited, Westport</p> <p>Bastian J, Alexander B (2009) Introduction: communities and archives—a symbiotic relationship. In: Bastian J, Alexander B (eds) <i>Community archives: the shaping of memory</i>. Facet, London</p> <p>Bunn J (2017) Grounded theory: a straightforward and complicated exposition. In: Gilliland AJ, McKemmish S, Lau AJ (eds) <i>Research in the archival multiverse</i>. Monash, Melbourne</p> <p>Burton A (2003) <i>Dwelling in the archive: women writing house, home, and history in late colonial India</i>. Oxford University Press, Oxford</p> <p>Caswell M (2012) SAADA and the community archive model: what is a community-based archives anyway? Tides: South Asian American Digital archive blog. http://www.saadigitalarchive.org/blog/20120418-704</p> <p>Caswell M (2014) Seeing yourself in history: community archives in the fight against symbolic annihilation. <i>Public Hist</i> 36(4):26–37</p> <p>Caswell M, Cifor M (2016) From human rights to feminist ethics: radical empathy in the Archives. <i>Archivaria</i> 81:23–43</p> <p>Caswell M, Cifor M, Ramirez H (2016a) To discover yourself existing: uncovering the affective impact of community archives. <i>Am Arch</i> 79:56–81</p> <p>Caswell M, Migoni A, Geraci N, Cifor M (2016b) To be able to imagine otherwise: community archives and the importance of representation. <i>Arch Rec</i> 38(1):1–20</p> <p>Charmaz K (2006) <i>Constructing grounded theory: a practical guide through qualitative analysis</i>. Sage, Thousand Oaks</p> <p>Cifor M (2017) <i>Your nostalgia is killing me: Activism, affect and the archives of HIV/AIDS</i>, Dissertation, UCLA</p> <p>Conway P, Punzalan R (2011) Fields of vision: towards a new theory of visual literacy for digitized archival photographs. <i>Archivaria</i> 71:63–97</p> <p>Cook T (2013) Evidence, memory, identity, and community: four shifting archival paradigms. <i>Arch Sci</i> 10:95–120.</p> <p>Cooper D (2015) <i>House proud: an ethnography of the BC Lesbian and Gay Archives</i>. <i>Arch Sci</i> 16:261–288</p> <p>Corbman R (2014) A genealogy of the Lesbian Herstory Archives, 1974–2014. <i>J Contemp Arch Stud</i> 1(1):1</p> <p>Cvetkovich A (2003) <i>An archive of feelings: trauma, sexuality and lesbian public cultures</i>. Duke, Durham</p> <p>Daniel D (2010) Documenting the immigrant and ethnic experience in American archives. <i>Am Arch</i> 73(1):82–104</p> <p>Derrida J (1996) <i>Archive fever: a freudian impression</i>. In: Prenowitz E, Trans. University of Chicago Press, Chicago</p> <p>Drake J (2016) <i>Liberatory archives: towards belonging and believing</i>. https://medium.com/on-archivy/liberatory-archives-towards-belonging-and-believing-part-1-d26aaeb0edd1</p> <p>Duranti L (1996) Archives as place. <i>Arch Manuscr</i> 24(2):242–255</p> <p>Flinn A, Stevens M (2009) It is noh mistri, wi mekin histri: Telling our own story: independent and community archives in the UK, challenging and subverting the mainstream. In: Bastian J, Alexander B (eds) <i>Community archives: the shaping of memory</i>. Facet, London</p> <p>Flinn A, Stevens M, Shepherd E (2009) Whose memories, whose archives? Independent community archives, autonomy, and the mainstream. <i>Arch Sci</i> 9:71–86</p> <p>Gilliland A (2014) <i>Conceptualizing 21st-century archives</i>. Society for American Archivists, Chicago</p> <p>Glaser B (1922) <i>Basics of grounded theory analysis: emergence versus forcing</i>. Sociology Press, Mill Valley</p> <p>Halilovich H (2014) Reclaiming erased lives: archives, records and memories in post-war Bosnia and the Bosnian diaspora. <i>Arch Sci</i> 14(3-4):231–247</p> <p>Kaplan E (2000) We are what we collect, we collect what we are: archives and the construction of identity. <i>Am Arch</i> 63:126–151</p> <p>Ketelaar E (2002) Archival temples, archival prisons: modes of power and protection. <i>Arch Sci</i></p>	

2:221–238

Mander D (2009) Special, local and about us: the development of community archives in Britain. In: Bastian J, Alexander B (eds) *Community archives: the shaping of memory*. Facet, London

Narayan M (2013) At home at the Lesbian Herstory Archives enculturation. <http://enculturation.net/lesbian-herstory-archives>

Pickard AJ (2013) *Research methods in information*, 2nd edn. Neal-Schuman/ALA, Chicago

Rawson KJ (2010) Accessing transgender//desiring queer(er?) archival logics. *Archivaria* 68:123–140

Sheffield R (2014) The bedside table archives: archive intervention and lesbian intimate domestic culture. *Radic Hist Rev* 120(2014):108–120. <https://doi.org/10.1215/01636545-2703751>

Radic Hist Rev 120(2014):108–120. <https://doi.org/10.1215/01636545-2703751>

Sheffield R (2015) The emergence, development and survival of four lesbian and gay archives.

Dissertation, University of Toronto

Strauss A, Corbin J (1990) *Basics of qualitative research: grounded theory procedures and techniques*.

Sage, New Park

Taylor KY (2017) Home is the crucible of struggle. *Am Q* 69(2):229–233.

**RESPONSIBLE/
RESPONSÁVEL:**

Maíra

DATE/ DATA

11-10-22

Ficha N ° 13. Registro do termo <i>Community archives</i> para lente terminológica pontual		<h1 style="font-size: 2em; margin: 0;">13</h1>	
TERM/TERMO: <i>Community archives</i>		AUTHOR/AUTORA: Caswell, Michelle	
BRILMYER, GRACEN; GABIOLA, JOYCE; ZAVALA, JIMMY; CASWELL, MICHELLE. Reciprocal Archival Imaginaries: The Shifting Boundaries of "Community" in Community Archives. <i>Archivaria</i> . Fall 2019, Issue 88, p-48. 43p.		RELATED TERMS /TERMOS RELACIONADOS:	
		community-based archives	arquivos baseados na comunidade
TITLE		TÍTULO	
Reciprocal Archival Imaginaries The Shifting Boundaries of "Community" in Community Archives.		Imaginários arquivísticos recíprocos Os limites inconstantes da "comunidade" nos arquivos comunitários.	
ABSTRACT		RESUMO	
<p>Drawing on data collected from focus groups composed of users of five different community-based archives sites in Southern California, and using Benedict Anderson's book <i>Imagined Communities</i> as a conceptual foundation, this article examines community archives users' imaginations, anxieties, and affect regarding other archival users and the shifting boundaries of their community. This article asks, How do members of marginalized groups imagine fluctuating boundaries of their community by specifically conceptualizing other archival users? Community-based archives users, through this research, demonstrate their imaginaries about how their community is defined – not only by community members but also by outside forces. Our data shows a wide range of affective responses to users' imaginaries; some see themselves as drawing on a community history that they are a part of and solidifying the scope of their community, while others are anxious about new "members" or outsiders who narrow or expand the bounds of a community. This article proposes the term reciprocal archival imaginaries – the circular, continually entangled relationships between archival users, their imaginaries, and community-based archives. Given the unique relationships between community-based archives and users – who also hold other roles as volunteers, donors, and board members and influence archival practice – reciprocal archival imaginaries reflect the ways in which users' imaginaries and archives inform one another. Not only do community-based archives contribute to the formation of imaginaries, but imaginaries also inform archival processes and decision-making. This research, located alongside other archival scholarship that explores community archives and affect, emphasizes the importance and influence of community imaginations on the archives that form them.</p>		<p>Com base em dados coletados de grupos focais compostos por usuários de cinco sites de arquivos comunitários diferentes no sul da Califórnia, e usando o livro <i>Comunidades Imaginadas</i> de Benedict Anderson como base conceitual, este artigo examina as imaginações, ansiedades e afetos dos usuários de arquivos comunitários em relação a outros usuários arquivísticos e os limites inconstantes de sua comunidade. Este artigo pergunta: Como os membros de grupos marginalizados imaginam limites flutuantes de sua comunidade ao conceituar especificamente outros usuários de arquivos? Usuários de arquivos comunitários, por meio desta pesquisa, demonstram seus imaginários sobre como sua comunidade é definida – não apenas por membros da comunidade, mas também por forças externas. Nossos dados mostram uma ampla gama de respostas afetivas aos imaginários dos usuários; alguns veem a si mesmos como baseando-se na história da comunidade da qual fazem parte e solidificam o escopo de sua comunidade, enquanto outros estão preocupados com novos "membros" ou pessoas de fora que estreitam ou expandir os limites de uma comunidade. Este artigo propõe o termo imaginários arquivísticos recíprocos – as relações circulares e continuamente emaranhadas entre usuários arquivísticos, seus imaginários e arquivos comunitários. Dado as relações únicas entre arquivos comunitários e usuários – que também desempenham outros papéis como voluntários, doadores e membros do conselho e influenciam a prática arquivística – os imaginários arquivísticos recíprocos refletem as maneiras pelas quais os imaginários e os arquivos dos usuários se informam. Não apenas os arquivos comunitários contribuem para a formação de imaginários, mas os imaginários também informam os processos arquivísticos e a tomada de decisões. Esta pesquisa, localizada ao lado de outros estudos arquivísticos que exploram arquivos e afetos comunitários, enfatiza a importância e a influência do imaginário comunitário nos arquivos que os formam.</p>	

KEYWORDS	PALAVRAS-CHAVE
Não consta	
PAPER STRUCTURE	SEÇÕES DO ARTIGO
<p>Introduction Literature Review: Community, Archives, Imaginaries Sites Methodology Findings Finding 1: Conceptions and Conceptualizations of Community Finding 2: Aspects of Community Archives that Inform Imaginaries Sub-Theme 1: Spatial Aspects of Community Sub-Theme 2: Language and Linguistic Aspects of Community Sub-Theme 3: Material Aspects of Community Finding 3: Responses to Shifting Boundaries Sub-Theme 1: Responsibility for Future Community Members Sub-Theme 2: Anxiety around the Future Discussion Conclusion</p>	<p>Introdução Revisão de Literatura: Comunidade, Arquivos, Imaginários Sites Metodologia Descobertas Descoberta 1: Concepções e Conceituações de Comunidade Descoberta 2: Aspectos dos Arquivos Comunitários que Informam Imaginários Subtema 1: Aspectos Espaciais da Comunidade Subtema 2: Linguagem e Aspectos Linguísticos da Comunidade Subtema 3: Aspectos Materiais da Comunidade Descoberta 3: Respostas à mudança de limites Subtema 1: Responsabilidade dos futuros membros da comunidade Subtema 2: Ansiedade em torno do futuro Discussão Conclusão</p>
CONTEXT OF USE OF THE TERM	CONTEXTO DE USO (TRADUÇÃO NOSSA)
<p>Literature Review: Community, Archives, Imaginaries</p> <p>Andrew Flinn, Mary Stevens, and Elizabeth Shepherd define community-based archives as “collections of material gathered primarily by members of a given community and over whose use community members exercise some level of control.”¹⁴ They elaborate, adding that “the defining characteristic of community archives is the active participation of a community in documenting and making accessible the history of their particular group and/or locality on their own terms.”¹⁵ Building on this, Jarrett Drake critically points out that notions such as local and community-based can “offer diminishing analytic (and consequently, actionable) value,” because “by any metric of the definition of ‘community,’ one is compelled to characterize literally every archive as a ‘community archive.’”¹⁶ He argues, then, that “the field and laborers of ‘community archives’ should radically reframe its orientation to the work and make clear their political projects” as centring the politics of marginalized communities and the liberatory aims of their archives.¹⁷ He argues that just because an archives is participatory and community based does not necessarily make it liberatory. And, as Elizabeth Croke notes, “Community and heritage are not only malleable concepts; they are also highly emotive, closely guarded and are used to stake control and define authority.”¹⁸ Thus, community-based archives have been investigated not only as sites where people can see themselves represented in diverse ways in history and in ways that are significant to themselves and their communities but</p>	<p>Literature Review: Community, Archives, Imaginaries</p> <p>Andrew Flinn, Mary Stevens e Elizabeth Shepherd definem arquivos comunitários como “coleções de material reunido principalmente por membros de uma determinada comunidade e sobre cujo uso os membros da comunidade exercem algum nível de controle.”¹⁴ Eles elaboram, acrescentando que “a característica definidora dos arquivos comunitários é a participação ativa de uma comunidade em documentar e tornar acessível a história de seu grupo particular e/ou localidade em seus próprios termos.”¹⁵ Com base nisso, Jarrett Drake criticamente aponta que noções como local e comunitário podem “oferecer valor analítico (e, conseqüentemente, acionável)”, porque “por qualquer métrica da definição de ‘comunidade’, somos compelidos a caracterizar literalmente todo arquivo como um ‘arquivo comunitário’”. Trabalhadores de ‘arquivos comunitários’ devem reformular radicalmente sua orientação para o trabalho e deixar claros seus projetos políticos” como centrando a política de comunidades marginalizadas e os objetivos libertários de seus arquivos.¹⁷ Ele argumenta que só porque um arquivo é participativo e baseado na comunidade não necessariamente torná-lo libertador. E, como observa Elizabeth Croke, “comunidade e patrimônio não são apenas conceitos maleáveis; eles também são altamente emotivos, bem guardados e são usados para controlar e definir autoridade.”¹⁸ Assim, os arquivos comunitários têm sido investigados não apenas como locais onde as pessoas podem se ver representadas de diversas maneiras na história e de maneiras que são significativas para elas mesmas e suas comunidades, mas também como sites que têm</p>

<p>also as sites that have their own forms of presence and absence. For example, Marika Cifor has looked at the affect and embodiment of bodily traces and absences in trans archives,¹⁹ while Diana Kiyo Wakimoto, Christine S. Bruce, and Helen L. Partridge have focused on the role of activism for archivists at queer community archives.²⁰ As Michelle Caswell, Alda Allina Migoni, Noah Geraci, and Marika Cifor demonstrate, community-based archives have power to radically alter people's perceptions of their identities through more accurate and diverse representation. ²¹ However, they also have their own ways of excluding or erasing identity. For example, Cheryl Dunye's 1996 film <i>The Watermelon Woman</i> shows that community-based archives have the potential to ignore black, queer women as lesbian, gay, bisexual, transgender, and queer (LGBTQ) archives lack racial and ethnic diversity and African-American cinema archives lack gender and sexuality diversity.²² Caswell, Migoni, Geraci, and Cifor have located the ontological, epistemological, and social impact of community-based archives. They state that "by empowering members of communities that have been ignored or misrepresented by mainstream media and archives to realize 'I am here,' 'We were here,' and 'We belong here,' community archives have a profound impact on those individuals and communities whose histories they document."²³ Michelle Caswell, Joyce Gabiola, Jimmy Zavala, Gracen Brilmyer, and Marika Cifor conceptualize the ways community members conceive of community archive spaces and uncover the ways community-based archives act as symbols of representation, as homes away from home, and as politically generative spaces for community members.²⁴ As Flinn notes, community-based archives and other local historical records, "give voice to those usually unheard, illuminate what happened in the workplace beyond the statistics of wages and production, shed light on the life and experiences in communities rarely mentioned in the official record, and open up family life in ways impossible to imagine using conventional sources."²⁵ As this recent work shows, emerging scholarship is just beginning to locate the myriad ways these archives counter dominant archival narratives, complicate histories, and profoundly and affectively influence marginalized groups, often toward liberatory ends. (2019, p, 13,14,15.)</p>	<p>suas próprias formas de presença e ausência. Por exemplo, Marika Cifor examinou o afeto e a incorporação de traços e ausências corporais em arquivos trans,¹⁹ enquanto Diana Kiyo Wakimoto, Christine S. Bruce e Helen L. Partridge se concentrou no papel do ativismo para arquivistas em arquivos comunitários queer. representação diversificada. ²¹ No entanto, eles também têm suas próprias formas de excluir ou apagar a identidade. Por exemplo, o filme de Cheryl Dunye de 1996, <i>The Watermelon Woman</i>, mostra que os arquivos comunitários têm o potencial de ignorar mulheres negras e queer, pois os arquivos lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros e queer (LGBTQ) carecem de diversidade racial e étnica e os arquivos de cinema afro-americanos carecem de gênero e diversidade de sexualidade.²² Caswell, Migoni, Geraci e Cifor localizaram o impacto ontológico, epistemológico e social dos arquivos comunitários. Eles afirmam que "ao capacitar membros de comunidades que foram ignorados ou deturpados pela grande mídia e arquivos para perceber 'eu estou aqui', 'nós estávamos aqui' e 'nós pertencemos aqui', os arquivos comunitários têm um impacto profundo naqueles indivíduos e comunidades cujas histórias eles documentam espaços politicamente geradores para membros da comunidade.²⁴ Como observa Flinn, arquivos comunitários e outros registros históricos locais, "dar voz a quem geralmente não é ouvido, iluminar o que aconteceu no local de trabalho para além das estatísticas de salários e produção, lançar luz sobre a vida e experiências em comunidades raramente mencionadas nos registros oficiais e abrir vida familiar de maneiras impossíveis de imaginar usando fontes convencionais."²⁵ Como este trabalho recente mostra, os estudos emergentes estão apenas começando a localizar as inúmeras maneiras pelas quais esses arquivos se opõem às narrativas arquivísticas dominantes, complicam histórias e influenciam profunda e afetivamente grupos marginalizados, muitas vezes em direção ao fim da libertação. (2019, p, 13,14,15.)</p>		
REFERENCES/ REFERENCIAS			
Não consta.			
RESPONSIBLE/ RESPONSÁVEL:	Maíra	DATE/ DATA	12-10-22

Ficha N ° 14. Registro do termo <i>Community archives</i> para lente terminológica pontual		14	
TERM/TERMO: Community archives		AUTHOR/AUTORA: Caswell, Michelle	
Caswell, Michelle; Migoni, Alda Allina; Geraci, Noah; Cifor, Marika. To Be Able to Imagine Otherwise': community archives and the importance of representation. Archives & Records. Spring2017, Vol. 38 Issue 1, p5-26. 22p.		RELATED TERMS /TERMOS RELACIONADOS:	
		community-based archives	arquivos baseados na comunidade
TITLE		TÍTULO	
'To Be Able to Imagine Otherwise': community archives and the importance of representation.		'Ser capaz de imaginar o contrário': comunidade arquivos e a importância da representação.	
ABSTRACT		RESUMO	
Through data gleaned from semi-structured interviews with 17 community archives founders, volunteers and staff at 12 sites in Southern California, this paper develops a new tripartite framework for understanding the ontological, epistemological and social impact of community archives. Throughout, it reflects the ways in which communities marginalized by race, ethnicity, class, sexuality, gender and political position experience both the profoundly negative affective consequences of absence and misrepresentation in mainstream media and archives (which it calls 'symbolic annihilation') and the positive effect of complex and autonomous forms of representation in community-driven archives (which it terms 'representational belonging').	Por meio de dados coletados de entrevistas semiestruturadas com 17 fundadores, voluntários e funcionários de arquivos comunitários em 12 locais no sul da Califórnia, este artigo desenvolve uma nova estrutura tripartida para entender o impacto ontológico, epistemológico e social dos arquivos comunitários. Por toda parte, reflete as maneiras pelas quais as comunidades marginalizadas por raça, etnia, classe, sexualidade, gênero e posição política experimentam tanto as consequências afetivas profundamente negativas da ausência e deturpação na mídia convencional e arquivos (que chama de 'aniquilação simbólica') quanto a efeito positivo de formas de representação complexas e autônomas em arquivos dirigidos pela comunidade (que denomina 'pertencimento representacional').		
KEYWORDS		PALAVRAS-CHAVE	
Community archives; symbolic annihilation; representation; impact; affect.		Arquivos comunitários; aniquilação simbólica; representação; impacto; afetar.	
PAPER STRUCTURE		SEÇÕES DO ARTIGO	
Introduction Literature review Community archives Representation and symbolic annihilation in archives Assessments of archival impact Methodology Findings Exclusion from mainstream media and narratives Exclusion from mainstream archives Impact framework: ontological, epistemological and social Ontological impact Epistemological impact Social impact Discussion Conclusion	Introdução Revisão da literatura Arquivos da comunidade Representação e aniquilação simbólica em arquivos Avaliações de impacto de arquivamento Metodologia Descobertas Exclusão da grande mídia e narrativas Exclusão dos arquivos convencionais Marco de impacto: ontológico, epistemológico e social Impacto ontológico Impacto epistemológico Impacto social Discussão Conclusão Notas Financiamento		

Notes Funding References	Referências
CONTEXT OF USE OF THE TERM	CONTEXTO DE USO (TRADUÇÃO NOSSA)
<p>Community archives</p> <p>Recent research in archival studies reflects both a growth in – and a growth in academic interest in – independently operated, community-based archival organizations.⁵ Much of the scholarship in this realm has emerged from the UK, but there is a growing body of literature by US scholars addressing organizations, contexts and concerns specific to the US, where a dearth of government funding has fostered highly independent politically charged community archives. Archival communities and community archives have formed around ethnic, racial or religious identity,⁶ gender and sexual identity,⁷ economic class⁸ and geographic location.⁹ Flinn, Stevens and Shepherd narrate grass-roots archival efforts as emerging in response to the political and social movements of the 1960s and 1970s.¹⁰ Flinn and Stevens position community archives as part of larger movements in which groups whose histories and lives have been misrepresented, marginalized or elided entirely by mainstream institutions initiate their own archival projects as means of self-representation, identity construction and empowerment.¹¹ These organizations and projects are framed as ways for communities to make shared, autonomous decisions about what holds enduring value, shape collective memory of their own pasts and control the means through which stories about their past are constructed. Professional archivists and archival studies scholars are only beginning to reckon seriously with the emergence of community-based archives. This engagement has required a reframing of the practices of appraisal, description and access to align with community-specific priorities, reflect cultural values and facilitate community participation in archival decision making.¹² Serious engagement also calls for conceptual shifts, including Chris Hurley's notion of 'parallel provenance' (designed to incorporate Indigenous Australian perspectives on record creation), Joel Wurl's notion of ethnicity as a form of provenance and Jeannette Bastian's call for the expansion of provenance to include descendants of the subjects of records.¹³ Terry Cook named the growing emphasis on community as a paradigm shift in the field, succeeding previous conceptual turns towards evidence and memory.¹⁴ Anne Gilliland's Voice, Identity, Activism framework seeks to synthesize themes and lessons across community archival endeavours to establish a macro-level framework for understanding these organizations and projects in the context of archival theory and practice. Gilliland defines the core principles of a community-centric framework as such: community interests, needs and well-being are central; community records and materials are understood and valued in their originating context and not viewed by mainstream institutions as collectibles,</p>	<p>Pesquisas recentes em estudos arquivísticos refletem tanto um crescimento em – e um crescimento no interesse acadêmico em – organizações arquivísticas operadas independentemente e baseadas na comunidade. por acadêmicos dos EUA abordando organizações, contextos e preocupações específicas dos EUA, onde a escassez de financiamento do governo promoveu arquivos comunitários altamente independentes e politicamente carregados. Comunidades arquivísticas e arquivos comunitários se formaram em torno de identidade étnica, racial ou religiosa, 6 gêneros e identidade sexual, 7 classes econômica e 8 de localização geográfica. das décadas de 1960 e 1970.¹⁰ Flinn e Stevens posicionam os arquivos comunitários como parte de movimentos mais amplos em que grupos cujas histórias e vidas foram deturpadas, marginalizadas ou totalmente omitidas pelas instituições tradicionais iniciam seus próprios projetos de arquivo como meio de autorrepresentação, construção de identidade e empoderamento.¹¹ Essas organizações e projetos são enquadrados como formas para as comunidades tomar decisões compartilhadas e autônomas sobre o que tem valor duradouro, moldar a memória coletiva de seus próprios passados e controlar os meios pelos quais as histórias sobre seu passado são construídas. Arquivistas profissionais e acadêmicos de estudos arquivísticos estão apenas começando a considerar seriamente com o surgimento de arquivos baseados na comunidade. Esse engajamento exigiu uma ressignificação das práticas de avaliação, descrição e acesso para alinhar com comunidades específicas prioridades, refletem valores culturais e facilitam a participação da comunidade na tomada de decisões arquivísticas. fazer.¹² Engajamento sério também exige mudanças conceituais, incluindo a de Chris Hurley noção de 'proveniência paralela' (projetado para incorporar perspectivas australianas indígenas na criação de discos), a noção de etnicidade de Joel Wurl como forma de proveniência e Jeannette Bastian o apelo para a expansão da proveniência para incluir descendentes dos súditos de registros.¹³ Terry Cook chamou a crescente ênfase na comunidade como uma mudança de paradigma na o campo, sucedendo as voltas conceituais anteriores em direção à evidência e à memória.¹⁴ A estrutura Voice, Identity, Activism de Anne Gilliland busca sintetizar temas e lições em todos os esforços de arquivamento da comunidade para estabelecer uma estrutura de nível macro para entender essas organizações e projetos no contexto da teoria e prática arquivística. Gilliland define os princípios fundamentais de uma estrutura centrada na comunidade como tal: os interesses, as necessidades e o bem-estar da comunidade são centrais; os registros e materiais comunitários são entendidos e valorizados em seu contexto de origem e não vistos pelas instituições tradicionais como colecionáveis, projetos de "resgate"</p>

<p>'salvage' projects or vehicles for diversifying existing collections; and community complexity and flux, including changes in 'interests, epistemologies, demographics and emotions,' are recognized, honoured and brought to bear on archival practice.¹⁵ The body of work in archival studies that frames, defines and reckons with community archives conceptually is complemented by research in history, geography, ethnic and LGBT studies on specific community-based archives.¹⁶ There is little other empirical work that examines multiple organizations simultaneously or takes a mid-scale perspective.¹⁷ Additionally, while addressed in some of these works, particularly by Sheffield, there is a greater need for research on emerging models of community-institutional partnerships and other strategies that seek to sustain these archival projects beyond the capacities and lifespans of original founders. While there has been significant scholarship regarding the conceptual impact of community archives for archival theory and practice and framing these organizations within a political and professional context, as well as literature on the histories and models of particular community archives, often in isolation, there is very little that directly addresses the impact of community archives' work on the communities in which they are based. (CASWELL; MIGONI, ALLINA; GERACI; CIFOR, 2017, p.2-3)</p>	<p>ou veículos para diversificar as coleções existentes; e comunidade complexidade e fluxo, incluindo mudanças em "interesses, epistemologias, demografia e emoções," são reconhecidos, honrados e trazidos para a prática arquivística. baseados em arquivos.¹⁶ Há poucos outros trabalhos empíricos que examinam várias organizações simultaneamente ou adotam uma perspectiva de escala média.¹⁷ Além disso, embora abordados em alguns desses trabalhos, particularmente por Sheffield, há uma maior necessidade de pesquisa sobre modelos emergentes de comunidade –parcerias institucionais e outras estratégias que buscam sustentar esses projetos de arquivo além das capacidades e vida dos fundadores originais. Embora tenha havido estudos significativos sobre o impacto conceitual dos arquivos comunitários para a teoria e a prática arquivística e enquadrando-os organizações dentro de um contexto político e profissional, bem como literatura sobre as histórias e modelos de arquivos comunitários particulares, muitas vezes isolados, há muito pouco que aborda diretamente o impacto do trabalho dos arquivos comunitários nas comunidades em que eles são baseados. (CASWELL; MIGONI, ALLINA; GERACI; CIFOR, 2017, p.2-3)</p>
--	---

REFERENCES/ REFERENCIAS

- Alderman, Derek H., and Rachel M. Campbell. "Symbolic Excavation and the Artifact Politics of Remembering Slavery in the American South: Observations from Walterboro, South Carolina." *Southeastern Geographer* 48, no. 3 (2008): 338–355.
- Archival Metrics Investigators. "Archival Metrics." <http://www.archivalmetrics.org/>.
- Ashmore, Paul, Ruth Craggs, and Hannah Neate. "Working-with: Talking and Sorting in Personal Archives." *Journal of Historical Geography* 38, no. 1 (2012): 81–89.
- Barriault, Marcel. "Archiving the Queer and Queering the Archives: A Case Study of the Canadian Lesbian and Gay Archives." In *Community Archives: The Shaping of Memory*, edited by Jeannette Bastian and Ben Alexander, 97–108. London: Facet, 2009.
- Bastian, Jeannette. *Owning Memory: How a Caribbean Community Lost its Archives and Found its History*. Westport, CT: Libraries Unlimited, 2003.
- Bastian, Jeannette, and Ben Alexander. "Introduction: Communities and Archives – A Symbiotic Relationship." In *Community Archives: The Shaping of Memory*, edited by Jeannette Bastian and Ben Alexander, 3–28. London: Facet, 2009.
- Beilin, Ian G. "Promoting and Resisting Student 'Success': Critical Information Literacy Instruction in the Neoliberal Academic Library." Presentation CAPAL, Ottawa, CA, 2015.
- Brophy, Peter. "The Development of a Model for Assessing the Level of Impact of Information and Library Services." *Library and Information Research* 29, no. 93 (2005): 43–49.
- Buschman, John. "Talkin' 'Bout My (Neoliberal) Generation." *Progressive Librarian* 29 (2007): 28–40.
- Carter, Rodney G. S. "Of Things Said and Unsaid: Power, Archival Silences, and Power in Silence." *Archivaria* 61 (2006): 215–233.
- Caswell, Michelle. *Archiving the Unspeakable: Silence, Memory, and the Photographic Record in Cambodia*. Madison, WI: University of Wisconsin Press, 2014.
- Caswell, Michelle. "Inventing New Archival Imaginaries: Theoretical Foundations for Identity-based Community Archives." In *Identity Palimpsests: Ethnic Archiving in the U.S. and Canada*, edited by Dominique Daniel and Amalia S. Levi, 35–55. Sacramento, CA: Litwin Books, 2014.
- Caswell, Michelle. "SAADA and the Community-based Archives Model: What's a Community Based Archives Anyway?" *Tides Magazine*, April 2012. <http://www.saadigitalarchive.org/blog/20120418-704>.
- Caswell, Michelle. "Seeing Yourself in History: Community Archives in the Fight Against Symbolic Annihilation." *The Public Historian* 36, no. 4 (2014): 26–37.
- Caswell, Michelle, Marika Cifor, and Mario H. Ramirez. "'To Suddenly Discover Yourself Existing': Uncovering the Affective Impact of Community Archives." *The American Archivist* 79 (Spring/Summer 2016): 56–81.

- Caswell, Michelle, and Anne Gilliland. "Dead Perpetrators, Imagined Documents, Emergent Evidence and False Promises: Deconstructing an Archival Paradox." *The International Journal of Human Rights* 19, no. 5 (2015): 615–627.
- Chazan, May, Melissa Baldwin, and Laura Madokoro. "Aging, Activism, and the Archive: Feminist Perspectives for the 21st Century." *Archivaria* 85 (2015): 59–87.
- Chuh, Kandice. *Imagine Otherwise: On Asian Americanist Critique*. Durham, NC: Duke University Press, 2003.
- Cifor, Marika, and Jamie Lee. "Towards an Archival Critique: Opening Possibilities for Addressing Neoliberalism in the Archival Field." Under review, Forthcoming.
- Community Archives Development Group. "Impact of Community Archives." 2007. <http://www.communityarchives.org.uk/content/resource/summary>.
- Cook, Terry. "Evidence, Memory, Identity, and Community: Four Shifting Archival Paradigms." *Archival Science* 13 (2013): 95–120.
- Cope, Jonathan. "Neoliberalism and Library & Information Science: Using Karl Polanyi's Fictitious Commodity as an Alternative to Neoliberal Conceptions of Information." *Progressive Librarian* 43 (2015): 67–80.
- Corbman, Rachel F. "A Genealogy of the Lesbian Herstory Archives, 1974–2014." *Journal of Contemporary Archival Studies* 1, no. 1 (2014): 1–16.
- Daniel, Dominique. "Documenting the Immigrant and Ethnic Experience in American Archives." *The American Archivist* 73, no. 1 (2010): 82–104.
- de Leeuw, Sarah. "Alice Through the Looking Glass: Emotion, Personal Connection, and Reading Colonial Archives Along the Grain." *Journal of Historical Geography* 38, no. 3 (2012): 273–281.
- Duff, Wendy M., Andrew Flinn, Karen Suurtamm, and David Wallace. "Social Justice Impact of Archives: A Preliminary Investigation." *Archival Science* 13, no. 4 (2013): 317–348.
- Duff, Wendy M., and Joan M. Cherry. "Archival Orientation for Undergraduate Students: An Exploratory Study of Impact." *The American Archivist* 71, no. 2 (2008): 499–529.
- Edelberg, Peter. "Archive Discipline: An Interview on the Danish Gay and Lesbian Archive with Karl Peder Pedersen." *Radical History Review* 2015, no. 122 (2015): 201–210.
- Eichstedt, Jennifer L., and Stephen Small. *Representations of Slavery: Race and Ideology in Southern Plantation Museums*. Washington, DC: Smithsonian Books, 2002.
- Eisenhower, Cathy, and Dolce Smith. "The Library as Stuck Place: Critical Pedagogy in the Corporate University." In *Critical Library Instruction: Theories and Methods*, edited by Maria Accardi, Emily Drabinski, and Alana Kumbier, 305–317. Sacramento, CA: Library Juice Press, 2010.
- Flinn, Andrew, and Mary Stevens. "'It Is Nohmistri, Wimekin History.' Telling Our Own Story: Independent and Community Archives in the UK, Challenging and Subverting the Mainstream." In *Community Archives: The Shaping of Memory*, edited by Jeannette Bastian and Ben Alexander, 3–27. London: Facet, 2009.
- Flinn, Andrew, Mary Stevens, and Elizabeth Shepherd. "Whose Memories, Whose Archives? Independent Community Archives, Autonomy, and the Mainstream." *Archival Science* 9 (2009): 71–86.
- Geertz, Clifford. "Thick Description: Toward an Interpretive Theory of Culture." *The Interpretation of Cultures: Selected Essays*. New York: Basic Books, 1973.
- Gibbs, Rabia. "The Heart of the Matter: The Developmental History of African American Archives." *The American Archivist* 75, no. 1 (2012): 195–204.
- Gilliland, Anne. *Conceptualizing 21st-Century Archives*. Chicago, IL: Society for American Archivists, 2014.
- Gilliland, Anne, and Michelle Caswell. "Records and Their Imaginaries: Imagining the Impossible, Making Possible the Imagined." *Archival Science* 16, no. 1 (2016): 53–75.
- Gossett, Reina. "Historical Erasure as Violence." Barnard Center for Research on Women, October 30, 2015. <http://bcwr.barnard.edu/videos/reina-gossett-historical-erasure-as-violence/>.
- Harris, Verne. *Archives and Justice: A South African Perspective*. Chicago, IL: Society of American Archivists, 2006.
- Horton, Sarah, and Jaqueline Spence. "Scoping the Economic and Social Impact of Archives." In *Museums, Libraries and Archives (MLA) Council Yorkshire*. MLA Yorkshire, Department of Information Studies, University of Wales Aberystwyth, 2006. http://www.socialvalueuk.org/app/uploads/2016/07/scoping_the_economic_and_social_impact_of_archives__report_9739.pdf.
- Hurley, Chris. "Parallel Provenance: What If Anything is Archival Description?" *Archives and Manuscripts* 33, no. 1 (2005): 110–145.
- Kaplan, Elisabeth. "'Many Paths to Partial Truths': Archives, Anthropology and the Power of Representation." *Archival Science* 2 (2002): 209–220.
- Kaplan, Elisabeth. "We Are What We Collect, We Collect What We Are: Archives and the Construction of Identity." *The American Archivist* 63 (2000): 126–151.
- Klein, Hugh, and Kenneth Shiffman. "Underrepresentation and Symbolic Annihilation of Socially Disenfranchised Groups ('Out Groups') in Animated Cartoons." *Howard Journal of Communications* 20 (2009): 55–72.
- L.A. as Subject. "Archives Bazaar." October 17, 2015. http://www.laassubject.org/index.php/archives_bazaar.
- Mananzala, Rickke, and Dean Spade. "The Nonprofit Industrial Complex and Trans Resistance." *Sexuality*

- Research & Social Policy* 5, no. 1 (2008). <http://srp.org/files/NPICtransresistance.pdf>.
- Marsh, Diana E., Ricardo L. Punzalan, Robert Leopold, Brian Butler, and Massimo Petrozzi. "Stories of Impact: The Role of Narrative in Understanding the Value and Impact of Digital Collections." *Archival Science* 16 (2016): 1–46.
- Mazon, Mauricio. *The Zoot-Suit Riots: The Psychology of Symbolic Annihilation*. Austin: University of Texas Press, 1984.
- McCracken, Krista. "Community Archival Practice: Indigenous Grassroots Collaboration at the Shingwauk Residential Schools Centre." *The American Archivist* 78, no. 1 (2015): 181–191.
- Merskin, Debra. "The Construction of Arabs as Enemies: Post-September 11 Discourse of George W. Bush." *Mass Communication & Society* 7, no. 2 (2004): 157–175.
- Merskin, Debra. "Sending Up Signals: A Survey of Native American Media Use and Representation in Mass Media." *Howard Journal of Communications* 9 (1998): 333–345.
- Modlin Jr., E. Arnold. "Tales Told on the Tour: Mythic Representations of Slavery by Docents at North Carolina Plantation Museums." *Southeastern Geographer* 48, no. 3 (2008): 265–287.
- Nicholson, Karen. "The McDonaldization of Academic Libraries and the Values of Transformational Change." *College and Research Libraries* 76, no. 3 (2015): 328–338.
- Punzalan, Ricardo, and Michelle Caswell. "Critical Directions for Archival Approaches to Social Justice." *The Library Quarterly* 86, no. 1 (2016): 25–42.
- Ramirez, Horacio R. "A Living Archive of Desire." In *Archives Stories: Fact, Fiction and the Writing of History*, edited by Antoinette Burton, 111–135. Durham: Duke University Press, 2006.
- Rawson, K. J. "Archival Justice: An Interview with Ben Power Alwin." *Radical History Review* 2015, no. 122 (2015): 177–187.
- Seale, Maura. *The Neoliberal Library, Information Literacy and Social Justice: Radical Professional Practice*. Sacramento, CA: Library Juice Press, 2013.
- Sheffield, Rebecka Taves. "The Emergence, Development and Survival of Four Lesbian and Gay Archives." PhD dissertation, University of Toronto, 2015.
- Shilton, Katie, and Ramesh Srinivasan. "Participatory Appraisal and Arrangement for Multicultural Archival Collections." *Archivaria* 63 (2007): 87–101.
- Theron, Liesl, and Tshepo Ricki Kgositau. "The Emergence of a Grassroots African Trans Archive." *TSQ: Transgender Studies Quarterly* 2, no. 4 (2015): 578–583.
- Thorpe, Kirsten, and Monica Galassi. "Rediscovering Indigenous Languages: The Role and Impact of Libraries and Archives in Cultural Revitalisation." *Australian Academic & Research Libraries* 45, no. 2 (2014): 81–100.
- Trouillot, Michel-Rolph. *Silencing the Past: Power and the Production of History*. Boston, MA: Beacon, 1995.
- Tuchman, Gaye. "Introduction: The Symbolic Annihilation of Women by the Mass Media." In *Hearth and Home: Images of Women in the Mass Media*, edited by Gaye Tuchman, Arlene Kaplan Daniels, and James Benet, 3–38. New York: Oxford University Press, 1978.
- Tuchman, Gaye. "Women's Depiction by the Mass Media." *Signs* 4, no. 3 (1979): 528–542.
- Wakimoto, Diana K., Christine Bruce, and Helen Partridge. "Archivist as Activist: Lessons from Three Queer Community Archives in California." *Archival Science* 13, no. 4 (2013): 293–316.
- Wavell, Caroline, Graeme Baxter, Ian Johnson, and Dorothy Williams. *Impact Evaluation of Museums, Archives and Libraries: Available Evidence Project*. Aberdeen, SD: Robert Gordon University, 2002.
- Wurl, Joel. "Ethnicity as Provenance. In Search of Values and Principles for Documenting the Immigrant Experience." *Archival Issues* 29 (2005): 65–76.
- X., Ajamu, Topher Campbell, and Mary Stevens. "Love and Lubrication in the Archives, or Rukus!: A Black Queer Archive for the United Kingdom." *Archivaria* 68, no. 68 (2010): 271–294.
- Yaco, Sonia, and Beatriz Betancourt Hardy. "Historians, Archivists, and Social Activism: Benefits and Costs." *Archival Science* 13, no. 2-3 (2013): 253–272.
- Yakel, Elizabeth, Wendy Duff, Helen Tibbo, Adam Kriesberg, and Amber Cushing. "The Economic Impact of Government Archives." *The American Archivist* 75, no. 2 (2012): 297–325.

RESPONSIBLE/ RESPONSÁVEL:	Maíra	DATE/ DATA	12-10-2022
--------------------------------------	-------	-------------------	------------

Ficha N ° 15. Registro do termo <i>Community archives</i> para lente terminológica pontual		15	
TERM/TERMO: Community archives		AUTHOR/AUTORA: Caswell, Michelle	
Caswell, Michelle. Toward a survivor-centered approach to records documenting human rights abuse: lessons from community archives. <i>Archival Science</i> . Oct2014, Vol. 14 Issue 3/4, p307-322. 16p.	RELATED TERMS /TERMOS RELACIONADOS:		
	community-based memory organizations	organizações baseadas na memória comunitária	
	community-based archives	arquivos baseados na comunidade	
	“community of records”	comunidade de registros	
TITLE	TÍTULO		
Toward a Survivor-Centered Approach to Human Rights Archives: Lessons from Community-Based Archives.	Rumo a uma Abordagem Centrada no Sobrevivente para Arquivos de Direitos Humanos: Lições de Arquivos Baseados na Comunidade.		
ABSTRACT	RESUMO		
Não consta			
KEYWORDS	PALAVRAS-CHAVE		
Não consta			
PAPER STRUCTURE	SEÇÕES DO ARTIGO		
Community Archives Principles Shared Stewardship Multiplicity Activism Reflexivity Applying Community Archives Principles to Records Documenting Human Rights Abuse Participation Shared stewardship Multiplicity Archival Activism Reflexivity Conclusion: Toward A Survivor-Centered Framework	Princípios dos Arquivos Comunitários Administração Compartilhada Multiplicidade Ativismo Reflexividade Aplicando Princípios de Arquivos Comunitários a Registros que Documentam Abuso de Direitos Humanos Participação Administração compartilhada Multiplicidade Ativismo arquivístico Reflexividade Conclusão: Em direção a uma estrutura centrada no sobrevivente		
CONTEXT OF USE OF THE TERM	CONTEXTO DE USO (TRADUÇÃO NOSSA)		
Community Archives Principles Ongoing work in English-language archival studies scholarship has noted a growth in independently operated, community-based archival organizations (Bastian and Alexander 2009; Flinn and Stevens	Community Archives Principles O trabalho contínuo na bolsa de estudos na área arquivística de língua inglesa tem notado um crescimento em organizações de arquivamento operadas independentemente e baseadas na		

2009; Flinn, Stevens, and Shepherd 2009; Mander 2009; Daniel 2010; Cook 2013). Although definitions of community are contextual and shifting, UK-based scholars Flinn, Stevens, and Shepherd define community as “any manner of people who come together and present themselves as such, and a ‘community archive’ is the product of their attempts to document the history of their commonality” (2009, p. 75). They provide a broad working definition of community archives as “collections of material gathered primarily by members of a given community and over whose use community members exercise some level of control” (Flinn, Stevens and Shepherd 2009, p. 73). Grassroots archival communities have materialized around ethnic, racial, or religious identities (Kaplan 2000; Daniel 2010), gender and sexual orientations (Barriault 2009), economic status (Flinn and Stevens 2009), and physical locations (Flinn and Stevens 2009). These community-based archives serve as an alternative, grassroots venue for communities to make collective decisions about what is of enduring value to them and to control the means through which stories about their past are constructed. Power is central to this conversation; the need to uncover and provide a platform for previously marginalized voices distinguishes community archives from local geographically-based historical societies, in this estimation (Caswell 2012). Whereas many professional archivists have been slow to respond to community archives discourses, others have called on archivists to embrace community-centric values. Terry Cook, for example, contends that recent archival orientation toward community constitutes a paradigm shift in the field. He writes:

“Community-based archiving involves... a shift in core principles, from exclusive custodianship and ownership of archives to shared stewardship and collaboration; from dominant-culture language, terminology, and definitions to sensitivity to the ‘other’ and as keen an awareness of the emotional, religious, symbolic, and cultural values that records have to their communities as of their administrative and juridical significance. These changes challenge us to stop seeing community archiving as something local, amateur, and of limited value to the broader society, and to start recognizing that community-based archiving is often a long-standing and well-established praxis from which we can learn much... (Cook 2013, p. 115).”

As Cook reveals, community-based archival work has historically been seen as something separate and different from professional archival practice, the assumption being that professional archivists work in established government or university repositories, and that untrained community members volunteer in less established grassroots organizations. Indeed, some professional archivists have cautioned that such community-based archival practice is amateurish, symbolic of the erosion of archival professionalism, or, as Pashchild (2012) asserts, myopic in its focus on identity. However, the boundary between community and institution is shifting, as many professionally trained archivists are

comunidade (Bastian e Alexander 2009; Flinn e Stevens 2009; Flinn, Stevens e Shepherd 2009; Mander 2009; Daniel 2010; Cook 2013) . Embora as definições de comunidade sejam contextuais e mutáveis, os estudiosos do Reino Unido Flinn, Stevens e Shepherd definem comunidade como “qualquer tipo de pessoa que se reúne e se apresenta como tal, e um ‘arquivo comunitário’ é o produto de suas tentativas de documentar a história de sua comunalidade” (2009, p. 75). Eles fornecem uma definição de trabalho ampla de arquivos comunitários como “coleções de material reunido principalmente por membros de uma determinada comunidade e sobre cujo uso os membros da comunidade exercem algum nível de controle” (Flinn, Stevens e Shepherd 2009, p. 73). As comunidades arquivísticas de base se materializaram em torno de identidades étnicas, raciais ou religiosas (Kaplan 2000; Daniel 2010), gênero e orientações sexuais (Barriault 2009), status econômico (Flinn e Stevens 2009) e localizações físicas (Flinn e Stevens 2009). Esses arquivos comunitários servem como um local alternativo e popular para que as comunidades tomem decisões coletivas sobre o que é de valor duradouro para elas e controlem os meios pelos quais as histórias sobre seu passado são construídas. O poder é central nesta conversa; a necessidade de descobrir e fornecer uma plataforma para vozes anteriormente marginalizadas distingue os arquivos comunitários das sociedades históricas locais geograficamente baseadas, nesta estimativa (Caswell 2012). Enquanto muitos arquivistas profissionais demoraram a responder aos discursos dos arquivos comunitários, outros pediram aos arquivistas que adotassem valores centrados na comunidade. Terry Cook, por exemplo, afirma que a recente orientação arquivística para a comunidade constitui uma mudança de paradigma no campo. Ele escreve:

“O arquivamento baseado na comunidade envolve... uma mudança nos princípios fundamentais, da custódia exclusiva e propriedade de arquivos para administração e colaboração compartilhadas; desde a linguagem, terminologia e definições da cultura dominante até a sensibilidade ao “outro” e uma consciência tão aguçada dos valores emocionais, religiosos, simbólicos e culturais que registros têm para suas comunidades a partir de seu significado administrativo e jurídico. Essas mudanças nos desafiam a parar de ver o arquivamento comunitário como algo local, amador e de valor limitado para a sociedade em geral, e começar a reconhecer que o arquivamento baseado na comunidade é muitas vezes uma prática de longa data e bem estabelecida de que podemos aprender muito... (Cook 2013, p. 115).”

Como Cook revela, o trabalho arquivístico baseado na comunidade tem sido historicamente visto como algo separado e diferente da prática arquivística profissional, supondo-se que os arquivistas profissionais trabalham em repositórios governamentais ou universitários estabelecidos e que membros da comunidade não treinados se voluntariam em organizações de base menos estabelecidas. De fato, alguns arquivistas profissionais alertaram que tal prática arquivística baseada na comunidade é amadora, simbólica da erosão do profissionalismo arquivístico ou, como afirma Pashchild (2012), miope em seu foco na identidade. No

involved in community work, and many government and university repositories engage in community outreach. Taking seriously Cook's advice that professional archivists learn from community memory work, this article now turns to five important principles from community-based archival discourses: participation; shared stewardship; multiplicity; activism; and reflexivity. Although community-based memory work is as diverse as the organizations that practice it, and not all such organizations mirror all of these principles, the principles do reflect shared commonalities that emerge across many such organizations. In outlining these principles, I am advocating that community-centric values trickle up to mainstream archival practice in relation to records documenting human rights abuse.

Participation

Community involvement is key to independent archival endeavors. As Flinn, Stevens, and Shepherd posit, "the defining characteristic of community archives is the active participation of a community in documenting and making accessible the history of their particular group and/or locality on their own terms" (2009, p. 73). In these organizations, decisions about what materials to collect, how to describe those materials, and who should have access to them are most often made by community members themselves.

This participation may be solicited through a host of configurations; a board comprised of community members may determine collection priorities (Caswell forthcoming), local events may be used to solicit community feedback on collection priorities (Caswell forthcoming), digital technologies may be employed so that community members may directly upload materials for online archives or tag them using culturally appropriate terminology (Shilton and Srinivasan 2007; Krause and Yakel 2007), or volunteers culled from the community may make appraisal, description, and access decisions. Across these configurations, decision makers are a part of the community they are helping to document, be that community based on ethnicity, gender, sexuality, religion, political orientation, or geographic location. The notion of self-representation is key; the rallying cry of "nothing about us, without us" unites many community-based archival projects, despite shifting notions of identity, ever-changing configurations of inclusion and exclusion, and recent cautions against essentialism (Gamson 1995; Waterton and Smith 2010). What is crucial here is a bottom-up approach to archives; unlike traditional arrangements where materials are collected "for communities rather than with them," in community archives discourses, the community exercises significant autonomy over archival collecting (Waterton and Smith 2010, p.7). In community-based discourses, archives are not led by outsiders imposing their views on communities, but instead are grassroots efforts from within. In collaborations between community archives and government or university repositories, the role of professional archivist shifts from selector of

entanto, a fronteira entre a comunidade e a instituição está mudando, já que muitos arquivistas profissionalmente treinados estão envolvidos no trabalho comunitário e muitos repositórios governamentais e universitários se envolvem no alcance da comunidade. Levando a sério o conselho de Cook de que arquivistas profissionais aprendem com a comunidade trabalho de memória, este artigo agora se volta para cinco princípios importantes dos discursos arquivísticos baseados na comunidade: participação; administração compartilhada; multiplicidade; ativismo; e reflexividade. Embora o trabalho de memória baseado na comunidade seja tão diverso quanto as organizações que o praticam, e nem todas essas organizações espelham todos esses princípios, os princípios refletem semelhanças compartilhadas que emergem em muitas dessas organizações. Ao delinear esses princípios, estou defendendo que os valores centrados na comunidade cheguem à prática arquivística convencional em relação aos registros que documentam o abuso dos direitos humanos.

Participação

O envolvimento da comunidade é fundamental para empreendimentos arquivísticos independentes. Como Flinn, Stevens e Shepherd postulam que "a característica definidora dos arquivos comunitários é a participação ativa de um

comunidade em documentar e tornar acessível a história de seu grupo particular e/ou localidade em seus próprios termos" (2009, p. 73). Nessas organizações, as decisões sobre quais materiais coletar, como descrever esses materiais e quem deve ter acesso a eles são mais frequentemente feitas pelos próprios membros da comunidade.

Esta participação pode ser solicitada através de uma série de configurações; um conselho composto por membros da comunidade pode determinar as prioridades de coleta (Caswell no futuro), eventos locais podem ser usados para solicitar feedback da comunidade sobre as prioridades de coleta (Caswell no futuro), tecnologias digitais podem ser empregadas para que os membros da comunidade podem enviar materiais diretamente para arquivos online ou marcá-los usando terminologia culturalmente apropriada (Shilton e Srinivasan 2007; Krause e Yakel 2007), ou voluntários selecionados da comunidade podem fazer avaliações, descrições e decisões de acesso. Nessas configurações, os tomadores de decisão fazem parte da comunidade que estão ajudando a documentar, seja essa comunidade baseada em etnia, gênero, sexualidade, religião, orientação política ou localização geográfica. A noção de autorrepresentação é fundamental; o grito de guerra de "nada sobre nós, sem nós" une muitos projetos arquivísticos comunitários, apesar das noções cambiantes de identidade, configurações em constante mudança de inclusão e exclusão e advertências recentes contra essencialismo (Gamson 1995; Waterton e Smith 2010). O que é crucial aqui é uma abordagem de baixo para cima dos arquivos; Ao contrário dos arranjos tradicionais em que os materiais são coletados "para as comunidades e não com elas", nos discursos dos arquivos comunitários, a comunidade exerce

<p>materials to facilitator of memory work (Cook 2013), from all-knowing authority to expert among experts. (p.4,5.6e7)</p>	<p>autonomia significativa sobre a coleta de arquivos (Waterton e Smith 2010, p.7). Nos discursos comunitários, os arquivos não são liderados por pessoas de fora que impõem seus pontos de vista às comunidades, mas são esforços de base de dentro. Em colaborações entre arquivos comunitários e repositórios governamentais ou universitários, o papel do arquivista profissional muda de selecionador de materiais para facilitador do trabalho de memória (Cook 2013), de autoridade onisciente para especialista entre especialistas. (p.4,5.6e7)</p>
---	--

REFERENCES/ REFERENCIAS

- Barriault M (2009) Archiving the queer and queering the archives: a case study of the Canadian Lesbian and Gay Archives (CLGA). In: Bastian J and Alexander B (eds) *Community archives: the shaping of memory*. Facet, London, pp. 97-108
- Bastian J (2002) Taking custody, giving access: A postcustodial role for a new century. *Archivaria* 53: 76-93.
- Bastian J (2003) *Owning memory: how a Caribbean community lost its archives and found its history*. Libraries Unlimited, Westport, CT
- Bastian J and Alexander B (2009) Introduction: Communities and archives—a symbiotic relationship. In: Bastian J and Alexander B (eds) *Community archives: the shaping of memory*. Facet, London
- Caswell M (2010) Khmer Rouge archives: accountability, truth and memory in Cambodia. *Arch Sci* 10: 25-44
- Caswell, M (2012) SAADA and the community-based archives model: What's a community-based archives anyway?" *South Asian American Digital Archive*, <http://www.saadigitalarchive.org/blog/20120418-704> . Accessed 18 Mar 2014
- Caswell M (2013a) Rethinking inalienability: trusting nongovernmental archives in transitional societies. *Am Arch* 76(1): 113-134
- Caswell M (2013b) On pluralism: What religious pluralism can teach us about archival studies. *Arch Sci* 13: 273-92.
- Caswell M (2014) *Archiving the unspeakable: silence, memory, and the photographic record in Cambodia*. University of Wisconsin Press, Madison
- Caswell M (forthcoming) *Inventing new archival imaginaries: Theoretical foundations for identity-based community archives*. Identity palimpsests. Litwin Books, Los Angeles
- Cook T (2013) Evidence, memory, identity, and community; four shifting archival paradigms. *Arch Sci* 13 (2-3): 95-120.
- Crooke E (2010) The politics of community heritage: motivations, authority and control. *Int JHerit Stud* 16: 1-2: 16-29
- Daniel D (2010) Documenting the immigrant and ethnic experience in American archives. *Am Arch* 73(1): 82-104.
- Dunbar A (2006) Introducing critical race theory to archival discourse: getting the conversation started. *Arch Sci* 6: 109-129
- Ea M and Sim S (2001) *Victims and perpetrators? Documentation Center of Cambodia*, Phnom Penh
- Flinn A and Stevens M (2009) 'It is nohmistri, wimekin history.' Telling our own story: independent and community archives in the UK, challenging and subverting the mainstream. In: Bastian J and Alexander B (eds) *Community archives: the shaping of memory*. London: Facet, pp. 3-28
- Flinn A, Stevens M, and Shepherd E (2009) Whose memories, whose archives? Independent community archives, autonomy and the mainstream. *Arch Sci* 9: 71-86
- Gamson J (2005) Must identity movements self-destruct? A queer dilemma. *Soc Probl* 42:3: 390-407
- Harris V (2005) Archives, politics, justice. In: Proctor M et al (eds) *Political pressure and the archival record*. Society of American Archivists, Chicago, pp 173-182
- Harris V (2011) *A Centering of Memory*. John Hope Franklin Humanities Institute at Duke University. <http://www.youtube.com/watch?v=IQdUYVHAY0>. Accessed 4 September 2012
- Hastings E (2011) 'No longer a silent victim of history:' Repurposing the documents of Japanese American internment. *Arch Sci* 11: 25-46
- Honigsberg PJ (2013) *Filming detainees and other voices: The Witness to Guantanamo Project*. The Antonym of Forgetting: Global Perspectives on Human Rights Archives, 18 October 2013, UCLA.

- Iacovino L (2010) Rethinking archival, ethical and legal frameworks for records of Indigenous Australian communities: a participant relationship model of rights. *Arch Sci* 10: 353-372.
- Kaplan E (2000) We are what we collect, we collect what we are: archives and the construction of identity. *Am Arch* 63: 126-151
- Kelleher C, Sangwand T, Wood K, and Kamuronsi Y (2010) The Human Rights Documentation Initiative at the University of Texas at Austin. *New Rev Inf Netw* 15: 94-109.
- Kelleher C (2013) Catching up: Human rights archives and ethics through the lens of the University of Texas Libraries' Human Rights Documentation Initiative. *The Antonym of Forgetting: Global Perspectives on Human Rights Archives*, 18 October 2013, UCLA.
- Ketelaar E (2002) Archival temples, archival prisons: Modes of power and production. *Arch Sci* 2: 221-238.
- Krause M and Yakel E (2007) Interaction in virtual archives: The polar bear expedition digital collections next generation finding aid. *Am Arch* 70 (2): 282-314
- Kumbier A (2012) Inventing history: The Watermelon Woman and archive activism. In: Bly L and Wooten K (Eds.) *Make your own history: documenting feminist and queer activism in the 21st century*. Litwin Books, Los Angeles
- Lau A, Gilliland A and Anderson K (2012) Naturalizing community engagement in information studies. *Inf Commun Soc* 15(7): 991-1015
- Lau A (2013) *Collecting experiences*. PhD Thesis, University of California Los Angeles
- Levi P (1989) *The drowned and saved*. Vintage, New York
- Mander D (2009) Special, local and about us: The development of community archives in Britain. In: Bastian J and Alexander B (eds) *Community archives: the shaping of memory*. Facet, London, pp. 29-46.
- McKemmish S, Faulkhead S and Russell L (2011) Distrust in the archive: reconciling records. *Arch Sci* 11: 211-239.
- Noriega C (2005) Preservation matters. *Aztlan* 30:1: 1-20.
- Paschild, C (2012) Community archives and the limitations of identity: Considering discursive impact on material needs," *Am Arch* 75 (1): 132-33.
- Pluralizing the Archival Curriculum Group (2011) Educating for the archival multiverse. *Am Arch*, 74 (1), 69-101.
- Punzalan R (2009) 'All the things we cannot articulate': colonial leprosy archives and community commemoration. In: Bastian J and Alexander B (eds) *Community archives: the shaping of memory*. Facet, London, pp. 199-219
- Ramirez HNR (2006) A living archive of desire. In Burton A (ed) *Archive stories*. Duke, Durham, NC: pp. 111-135
- Ruksha P (2014) Genocide archive Rwanda. Talk at UCLA, 21 Feb 2014.
- Shilton K and Srinivasan R (2007) Participatory appraisal and arrangement for multicultural archival collections. *Archivaria* 63: 87-101
- Stevens M, Flinn A and Shepherd E (2010) New frameworks for community engagement in the archive sector: from handing over to handing on. *Int J Herit Stud* 16:1: 59-76
- Stinnett G (2008) Archival landscape: Archives and human rights. *Progressive Librarian* 32: 10-20.
- Wakimoto D, Bruce C, and Partridge H (2013) Archivist as activist: lessons from three queer community archives in California. *Arch Sci* 13 (4): 293-316
- Waterton E and Smith L (2010) The recognition and misrecognition of community heritage. *Int J Herit Stud* 16: 1-2: 4-15
- Witness to Guantanamo Project (undated) <http://witnessstoguantanamo.com> Accessed 30 Mar 2014
- Wurl J (2005) Ethnicity as provenance: In search of values and principles for documenting the immigrant experience. *Arch Issues* 29 (1): 65-76
- X Ajamu, Campbell T, and Stevens M (2009) Love and lubrication in the archives, or rukus!: A black queer archive for the United Kingdom. *Archivaria* 68: 271-294.

RESPONSIBLE/ RESPONSÁVEL:	Maira	DATE/ DATA	12-10-22
--------------------------------------	-------	-------------------	----------

Ficha N ° 16. Registro do termo <i>Community archives</i> para lente terminológica pontual		16	
TERM/TERMO: <i>Community archives</i>		AUTHOR/AUTORA: Caswell, Michelle	
Punzalan, Ricardo L.; Caswell, Michelle. Critical Directions for Archival Approaches to Social Justice. <i>Library Quarterly</i> . Jan2016, Vol. 86 Issue 1, p25-42. 18p.	RELATED TERMS /TERMOS RELACIONADOS:		
	community-based archival organizations	organizações arquivísticas baseadas na comunidade	
	community-based archival practitioners	profissionais arquivistas baseados na comunidade	
TITLE	TÍTULO		
Critical Directions for Archival Approaches to Social Justice	Direções críticas para abordagens arquivísticas da justiça social		
ABSTRACT	RESUMO		
This article explores the rich history of social justice as a concern in archival studies and delineates future lines of inquiry for the field. We begin by examining how social justice has been defined in the archives literature and its implications for archival studies. Next, we draw forth five major strands of archival thinking in relation to social justice. We identify prominent areas in the archival literature that highlight the relationship between archives and social justice. We also identify critical questions in the relationship between social justice and archives and propose new research trajectories that we deem necessary to advance the archival field in general and its scholarship in particular. Finally, we argue for the importance of research that strengthens the tenets of social justice as a central principle in archival scholarship and practice.	Este artigo explora a rica história da justiça social como preocupação nos estudos arquivísticos e delinea futuras linhas de investigação para o campo. Começamos examinando como a justiça social tem sido definida na literatura arquivística e suas implicações para os estudos arquivísticos. Em seguida, traçamos cinco grandes linhas de pensamento arquivístico em relação à justiça social. Identificamos áreas de destaque na literatura arquivística, que destacam a relação entre arquivos e justiça social. Também identificamos questões críticas na relação entre justiça social e arquivos e propomos novas trajetórias de pesquisa que consideramos necessárias para avançar o campo arquivístico em geral e seus estudos em particular. Finalmente, defendemos a importância da pesquisa que fortaleça os princípios da justiça social, como um princípio central no conhecimento e na prática arquivística.		
KEYWORDS	PALAVRAS-CHAVE		
Não consta			
PAPER STRUCTURE	SEÇÕES DO ARTIGO		
Definitions Social Justice in Archival Studies: Contexts and Approaches -Inclusion of Underrepresented and Marginalized Sectors of Society -Reinterpretation of Archival Concepts -Development of Community Archives -Rethinking Archival Education and Training -Efforts to Document Human Rights Violations Critiques of and Alternatives to a Rights-Based Framework Examining Racial and Economic Structures Understanding the Effects and Outcomes of Digitization and Online Access	Definições Justiça Social nos Estudos de Arquivística: Contextos e Abordagens -Inclusão de Setores Sub-representados e Marginalizados da Sociedade -Reinterpretação de Conceitos de Arquivo -Desenvolvimento de Arquivos Comunitários -Repensando a Educação e Treinamento em Arquivística -Esforços para documentar violações de direitos humanos Críticas e alternativas a uma estrutura baseada em direitos Examinando Estruturas Raciais e Econômicas		

Conclusion	Compreendendo os efeitos e resultados da digitalização e do acesso online Conclusão
CONTEXT OF USE OF THE TERM	CONTEXTO DE USO (TRADUÇÃO NOSSA)
<p>Development of Community Archives</p> <p>Recent developments in the area of community archives further pushed the boundaries of archival practice and thinking. Community archival discourses have expanded the notion of who has the power to process and control archival records. To encourage larger societal participation in archival endeavors, archivists are called to relinquish their role as authoritative professionals in order to assume a more facilitative role in crucial archival practices of appraisal, description, and development of access systems. Although community archives discourses offer new opportunities and challenges for professional archivists, they also draw on decades of postcustodial thinking within the field that have challenged traditional models of archival ownership (Ham 1981; Bearman 1991). With the availability of digital surrogates and Web 2.0 technologies, some ventured into a more participatory archives model (Krause and Yakel 2007; Shilton and Srinivasan 2007), thus exploring new and easier modes of interaction between creators, users, and keepers of archives. Scholars have observed the increasing number of grassroots and community-based archival organizations since the early 2000s (Bastian and Alexander 2009; Flinn and Stevens 2009; Flinn, Stevens, and Shepherd 2009; Mander 2009; Daniel 2010; Cook 2013). The creation of community archives may be situated as a form of political protest in that they are an attempt to seize the means by which history is written and correct or amend dominant stories about the past. Grassroots archival communities have organized around ethnic, racial, or religious identities (Kaplan 2000; Daniel 2010; Caswell 2014b); gender and sexual orientation (Barriault 2009); economic status (Flinn and Stevens 2009); and geographic locations (Flinn and Stevens 2009). (2016, p.30)</p>	<p>Desenvolvimentos recentes na área de arquivos comunitários ampliaram ainda mais os limites da prática e pensamento arquivísticos. Os discursos arquivísticos comunitários expandiram a noção de quem tem o poder de processar e controlar os documentos de arquivo. Para incentivar uma sociedade maior na participação em empreendimentos arquivísticos, os arquivistas são chamados a renunciar ao seu papel de autoridade profissionais, para assumir um papel mais facilitador em práticas arquivísticas cruciais de avaliação, descrição e desenvolvimento de sistemas de acesso. Embora os discursos dos arquivos comunitários ofereçam novas oportunidades e desafios para os arquivistas profissionais, eles também décadas de pensamento pós-custodial dentro do campo que desafiaram os modelos tradicionais de propriedade arquivística (Ham 1981; Bearman 1991). Com a disponibilidade de substitutos digitais e tecnologias Web 2.0, alguns se aventuraram em um modelo de arquivo mais participativo (Krause e Yakel 2007; Shilton e Srinivasan 2007), explorando assim novos e mais fáceis modos de interação entre criadores, usuários e detentores de arquivos. Estudiosos têm observado o número crescente de arquivos de base e comunitários em organizações desde o início dos anos 2000 (Bastian e Alexander 2009; Flinn e Stevens 2009; Flinn, Stevens e Shepherd 2009; Mander 2009; Daniel 2010; Cook 2013). A criação da comunidade arquivos podem ser situados como uma forma de protesto político na medida em que são uma tentativa de apreender os meios pelos quais a história é escrita e corrige ou altera as histórias dominantes sobre o passado. As comunidades arquivísticas de base se organizaram em torno de identidades étnicas, raciais ou religiosas (Kaplan 2000; Daniel 2010; Caswell 2014b); gênero e orientação sexual (Barriault 2009); status econômico (Flinn e Stevens 2009); e localizações geográficas (Flinn e Stevens 2009). (2016, p.30)</p>
REFERENCES/ REFERENCIAS	
<p>AHDS (Arts and Humanities Data Service). 2008. Guides to Good Practice. http://www.ahds.ac.uk/creating/guides/index.htm.</p> <p>Barriault, Marcel. 2009. "Archiving the Queer and Queering the Archives: A Case Study of the Canadian Lesbian and Gay Archives." In <i>Community Archives: The Shaping of Memory</i>, edited by Jeannette Bastian and Ben Alexander. London: Facet.</p> <p>Bastian, Jeannette. 2003. <i>Owning Memory: How a Caribbean Community Lost Its Archives and Found Its History</i>. Westport, CT: Libraries Unlimited.</p> <p>Bastian, Jeannette. 2006. "Reading Colonial Records through an Archival Lens: The Provenance of Place, Space, and Creation." <i>Archival Science</i> 6 (3–4): 267–84.</p> <p>Bastian, Jeannette A. 2009. "Flowers for Homestead: a Case Study in Archives and Collective Memory." <i>American Archivist</i> 72 (1): 113–32.</p> <p>Bastian, Jeannette, and Ben Alexander. 2009. "Introduction: Communities and Archives—A Symbiotic</p>	

- Relationship." In *Community Archives: The Shaping of Memory*, edited by Jeannette Bastian and Ben Alexander. London: Facet.
- Bearman, David. 1991. "An Indefensible Bastion: Archives as Repositories in the Electronic Age." In *Archival Management of Electronic Records*, edited by David Bearman. Pittsburgh: Archives & Museum Informatics.
- Bell, Lee Anne. 1997. "Theoretical Foundations and Frameworks." In *Teaching for Diversity and Social Justice: A Sourcebook*, edited by Maurianne Adams, Lee Anne Bell, and Pat Griffin. New York: Routledge.
- Booms, Hans. 1987. "Society and the Formation of a Documentary Heritage: Issues in the Appraisal of Archival Sources." *Archivaria* 24:69–107.
- Brown, Michael F. 2005. "Heritage Trouble: Recent Work on the Protection of Intangible Cultural Property." *International Journal of Cultural Property* 12 (1): 40–61.
- Card, Claudia. 1991. *Feminist Ethics*. Lawrence: University Press of Kansas.
- Carter, Lisa R. 2012. "Articulating Value: Building a Culture of Assessment in Special Collections." *RBM: A Journal of Rare Books, Manuscripts, and Cultural Heritage* 13 (2): 89–99.
- Caswell, Michelle. 2010. "Khmer Rouge Archives: Accountability, Truth, and Memory in Cambodia." *Archival Science* 10 (1): 25–44.
- Caswell, Michelle. 2013a. "Not Just between Us: A Riposte to Mark Greene." *American Archivist* 76 (2): 605–8.
- Caswell, Michelle. 2013b. "On Pluralism: What Religious Pluralism Can Teach Us about Archival Studies." *Archival Science* 13 (4): 273–92.
- Caswell, Michelle. 2014a. *Archiving the Unspeakable: Silence, Memory, and the Photographic Record in Cambodia*. Madison: University of Wisconsin Press.
- Caswell, Michelle. 2014b. "Inventing New Archival Imaginaries: Theoretical Foundations for Identity-Based Community Archives." In *Identity Palimpsests: Ethnic Archiving in the U.S. and Canada*, edited by Amalia S. Levi and Dominique Daniel. Sacramento, CA: Litwin.
- Caswell, Michelle, Giso Broman, Jennifer Kirmer, Laura Martin, and Nathan Sowry. 2012. "Implementing a Social Justice Framework in an Introduction to Archives Course: Lessons from Both Sides of the Classroom." *InterActions: UCLA Journal of Education and Information Studies* 8 (2). <http://escholarship.org/uc/item/2jx083hr>.
- Chapman, Joyce, and Elizabeth Yakel. 2012. "Data-Driven Management and Interoperable Metric for Special Collections and Archives User Services." *RBM: A Journal of Rare Books, Manuscripts, and Cultural Heritage* 13 (2): 129–51.
- Christen, Kim. 2011. "Opening Archives: Respectful Repatriation." *American Archivist* 74 (1): 185–210.
- Cole, Eve Browning, and Susan Coultrap-McQuin. 1992. *Explorations in Feminist Ethics: Theory and Practice*. Bloomington: Indiana University Press.
- Cook, Terry. 1992. "Mind over Matter: Towards a New Theory of Archival Appraisal." In *The Archival Imagination: Essays in Honour of Hugh A. Taylor*, edited by Terry Cook and Gordon Dodds. Ottawa: Association of Canadian Archivists.
- Cook, Terry. 2004. "Macro-appraisal and Functional Analysis: Documenting Governance Rather than Government." *Journal of the Society of Archivists* 25 (1): 5–18.
- Cook, Terry. 2013. "Evidence, Memory, Identity, and Community: Four Shifting Archival Paradigms." *Archival Science* 13 (2–3): 95–120.
- Daniel, Dominique. 2010. "Documenting the Immigrant and Ethnic Experience in American Archives." *American Archivist* 73 (1): 82–104.
- Danielson, Elena. 2004. "Privacy Rights and the Rights of Political Victims: Implications of the German Experience." *American Archivist* 67 (2): 176–93.
- Davies, J. Eric. 2002. "What Gets Measured Gets Managed: Statistics and Performance Indicators for Evidence Based Management." *Journal of Librarianship and Information Science* 34 (3): 129–33.
- Dawson, Peter, Richard Levy, and Natasha Lyons. 2011. "Breaking the Fourth Wall: 3D Virtual Worlds as Tools for Knowledge Repatriation in Archaeology." *Journal of Social Archaeology* 11 (3): 387–402.
- Douglas, Jennifer. 2010. "Origins: Evolving Ideas about the Principle of Provenance." In *Currents in Archival Thinking*, edited by Terry Eastwood and Heather MacNeil. Santa Barbara, CA: Libraries Unlimited.
- Duff, Wendy, Andrew Flinn, Karen Suurtammn, and David Wallace. 2013. "Social Justice Impact of Archives: A Preliminary Investigation." *Archival Science* 13 (4): 317–48.
- Duff, Wendy M., Jean Dryden, Carrie Limkilde, Joan Cherry, and Ellie Bogomazova. 2008. "Archivists' Views of User-Based Evaluation: Benefits, Barriers and Requirements." *American Archivist* 71 (1): 144–66.
- Dunbar, Anthony. 2006. "Introducing Critical Race Theory to Archival Discourse: Getting the Conversation Started." *Archival Science* 6 (1): 109–29.
- Eastwood, Terry. 2002. "Reflections on the Goal of Archival Appraisal in Democratic Societies." *Archivaria* 54:59–71.
- Flinn, Andrew, and Mary Stevens. 2009. "'It Is Noh Mistri, Wi Mekin Histri.' Telling Our Own Story: Independent and Community Archives in the UK, Challenging and Subverting the Mainstream." In

- Community Archives: The Shaping of Memory, edited by Jeannette Bastian and Ben Alexander. London: Facet.
- Flinn, Andrew, Mary Stevens, and Elizabeth Shepherd. 2009. "Whose Memories, Whose Archives? Independent Community Archives, Autonomy, and the Mainstream." *Archival Science* 9 (1–2): 71–86.
- Franklin, Brinley, and Terry Plum. 2010. "Assessing the Value and Impact of Digital Content." In *Bridging the Gap: Connecting Users to Digital Contents*, edited by Sul H. Lee. New York: Routledge.
- Fraser, Bruce T., Charles R. McClure, and Emily H. Leahy. 2002. "Toward a Framework for Assessing Library and Institutional Outcomes." *portal: Libraries and the Academy* 2 (4): 505–28.
- Frazer, Elizabeth, Jennifer Hornsby, and Sabina Lovibond. 1992. *Ethics: A Feminist Reader*. Cambridge, MA: Blackwell.
- Gilligan, Carol. 1982. *In a Different Voice*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Gilliland, Anne. 2000. "Archival Research: A 'New' Issue for Graduate Education." *American Archivist* 63 (2): 258–70.
- Gilliland, Anne. 2011. "Neutrality, Social Justice, and the Obligations of Archival Education and Educators in the Twenty-First Century." *Archival Science* 11 (3–4): 193–209.
- Gilliland, Anne. 2014. "Moving Past: Probing the Agency and Affect of Recordkeeping in Individual and Community Lives in Post-Conflict Croatia." *Archival Science* 14 (3–4): 249–74.
- Greene, Mark. 2013. "A Critique of Social Justice as an Archival Imperative: What Is It We Are Doing That Is All That Important?" *American Archivist* 76 (2): 302–34.
- Gupta, Akhil. 2012. *Red Tape: Bureaucracy, Structural Violence, and Poverty in India*. Durham, NC: Duke University Press.
- Halilovich, Hariz. 2014. "Reclaiming Erased Lives: Archives, Records and Memories in Post-War Bosnia and the Bosnian Diaspora." *Archival Science* 14 (3–4): 231–47.
- Ham, F. G. 1981. "Archival Strategies for the Post-custodial Era." *American Archivist* 44 (3): 207–16.
- Harris, Verne. 2002. "Power, Memory, and Archives in South Africa." *Archival Science* 2 (1–2): 63–86.
- Harris, Verne. 2007. *Archives and Justice: A South African Perspective*. Chicago: Society of American Archivists.
- Harris, Verne. 2011. "Jacques Derrida Meets Nelson Mandela: Archival Ethics at the Endgame." *Archival Science* 11 (1–2): 113–24.
- Hedstrom, Margaret L. 2010. "Archives and Collective Memory: More than a Metaphor, Less than an Analogy." In *Currents of Archival Thinking*, edited by Terry Eastwood and Heather MacNeil. Santa Barbara, CA: Libraries Unlimited.
- Hedstrom, Margaret L. 2002. "Archives, Memory, and Interfaces with the Past." *Archival Science* 2 (1–2): 21–43.
- Hughes, Lorna M. 2012. "Introduction: The Value, Use and Impact of Digital Collections." In *Evaluating and Measuring the Value, Use and Impact of Digital Collections*, edited by L. M. Hughes. London: Facet.
- Hurley, Chris. 2005. "Parallel Provenance: What If Anything Is Archival Description?" *Archives and Manuscripts* 33 (1): 110–45.
- Jacobsen, Tond, Ricardo L. Punzalan, and Margaret L. Hedstrom. 2013. "Invoking Collective Memory: Mapping the Emergence of a Concept in Archival Studies." *Archival Science* 13 (2–3): 217–51.
- Jimerson, Randall. 2007. "Archives for All: Professional Responsibility and Social Justice." *American Archivist* 70 (2): 252–81.
- Jimerson, Randall. 2009. *Archives Power*. Chicago: Society of American Archivists.
- Jimerson, Randall. 2013. "Archivists and Social Responsibility: A Response to Mark Greene." *American Archivist* 76 (2): 335–45.
- Josias, Anthea J. 2011. "Toward an Understanding of Archives as a Feature of Collective Memory." *Archival Science* 11 (1–2): 95–112.
- Kaplan, Elizabeth. 2000. "We Are What We Collect, We Collect What We Are: Archives and the Construction of Identity." *American Archivist* 63 (1): 126–51.
- Ketelaar, Eric. 2002. "Archival Temples, Archival Prisons: Modes of Power and Protection." *Archival Science* 2 (3–4): 221–38.
- Krause, Magia Ghetu, and Elizabeth Yakel. 2007. "Interaction in Virtual Archives: The Polar Bear Expedition Digital Collections Next Generation Finding Aid." *American Archivist* 70 (2): 282–314.
- Lakos, Amos, and Shelley Phipps. 2004. "Creating a Culture of Assessment: A Catalyst for Organizational Change." *portal: Libraries and the Academy* 4 (3): 345–62.
- Leopold, Robert. 2013. "Articulating Culturally Sensitive Knowledge Online: A Cherokee Case Study." *Museum Anthropology Review* 7 (1–2): 85–104.
- Levy, Daniel, and Natan Sznajder. 2010. *Human Rights and Memory*. University Park, PA: Penn State University Press.
- Mander, David. 2009. "Special, Local and about Us: The Development of Community Archives in Britain."

- In Community Archives: The Shaping of Memory, edited by Jeannette Bastian and Ben Alexander. London: Facet.
- McKemmish, Sue, Livia Iacovino, Eric Ketelaar, Melissa Castan, and Lynette Russell. 2011. "Resetting Relationships: Archives and Indigenous Human Rights in Australia." *Archives and Manuscripts* 39 (1): 107–44.
- McKemmish, Sue, Shannon Faulkhead, and Lynette Russell. 2011. "Distrust in the Archive: Reconciling Records." *Archival Science* 11 (3–4): 211–39.
- Millar, Laura. 2002. "The Death of the Fonds and the Resurrection of Provenance: Archival Context in Space and Time." *Archivaria* 53: 1–15.
- Nakata, Martin, Vicky Nakata, Gabrielle Gardiner, Jill McKeough, Alex Byrne, and Jason Gibson. 2008. "Indigenous Digital Collections: An Early Look at the Organisation and Culture Interface." *Australian Academic and Research Libraries* 39 (4): 223–36.
- Nesmith, Tom. 1999. "Still Fuzzy but More Accurate: Some Thoughts on the 'Ghosts' of Archival Theory." *Archivaria* 47: 136–50.
- PACG (Pluralizing the Archival Curriculum Group). 2011. "Educating for the Archival Multiverse." *American Archivist* 74 (1): 69–101.
- Peterson, Trudy Huskamp. 2008. "The Probative Value of Archival Documents in Judicial Processes." Conference of the Human Rights Ombudsman, Guatemala, November 19. <http://trudypeterson.com/publications-and-speeches>.
- Pilcher, Jeremy, and Saskia Vermeylen. 2008. "From Loss of Objects to Recovery of Meanings: Online Museums and Indigenous Cultural Heritage." *M/C Journal* 11 (6). <http://journal.media-culture.org.au/index.php/mcjournal/article/viewArticle/94>.
- Posner, Eric. 2014. "The Case against Human Rights." *Guardian*, December 4. http://www.theguardian.com/news/2014/dec/04-sp-case-against-human-rights?CMP=share_btn_fb.
- Punzalan, Ricardo L. 2009. "All the Things We Cannot Articulate: Colonial Leprosy Archives and Community Commemoration." In *Communities and Their Archives: Creating and Sustaining Memory*, edited by Jeannette A. Bastian and Ben Alexander. London: Facet.
- Roy, Loriane, and Mark Christal. 2002. "Digital Repatriation: Constructing Culturally Responsive Virtual Museum Tour." *Journal of Library and Information Science* 28 (1): 14–18.
- Samuels, Helen Willa. 1986. "Who Controls the Past?" *American Archivist* 49 (2): 109–24.
- Saracevic, Tefko. 2009. "Introduction: The Framework for Digital Library Evaluation." In *Evaluation of Digital Libraries: An Insight into Useful Applications and Methods*, edited by G. Tsakonas and C. Papatheodorou. Oxford: Chandos.
- Schreibman, Susan, ed. 2007. *Best Practice Guidelines for Digital Collections at University of Maryland Libraries*, 2nd ed. http://ourdigitalworld.org/wp-content/uploads/2012/04/DigitizationBestPractices_Schreibman.pdf.
- Shilton, Katie, and Ramesh Srinivasan. 2007. "Participatory Appraisal and Arrangement for Multicultural Archival Collections." *Archivaria* 63:87–101.
- Spade, Dean. 2011. *Normal Life: Administrative Violence, Critical Trans Politics and the Limits of the Law*. Brooklyn, NY: South End.
- Stinnett, Graham. 2008. "Archival Landscape: Archives and Human Rights." *Progressive Librarian* 32:10–20.
- UKOLN. 2006. *Good Practice Guide for Developers of Cultural Heritage Web Services*. <http://www.ukoln.ac.uk/interop-focus/gpg>.
- Vermeylen, Saskia, and Jeremy Pilcher. 2009. "Let the Objects Speak: Online Museums and Indigenous Cultural Heritage." *International Journal of Intangible Cultural Heritage* 4:60–78.
- Wallace, David. 2010. "Locating Agency: Interdisciplinary Perspectives on Professional Ethics and Archival Morality." *Journal of Information Ethics* 19 (1): 172–89.
- Weld, Kristen. 2014. *Paper Cadavers: The Archives of Dictatorship in Guatemala*. Durham, NC: Duke University Press.
- White, Kelvin. 2009. "Meztizaje and Remembering in Afro-Mexican Communities of the Costa Chica: Implications for Archival Education in Mexico." *Archival Science* 9 (1–2): 43–55.
- Wurl, Joel. 2005. "Ethnicity as Provenance: In Search of Values and Principles Documenting the Immigrant Experience." *Archival Issues* 29 (1): 65–76.
- Zinn, Howard. 1971. "Secrecy, Archives, and the Public Interest." *Boston University Journal* 19 (3): 37–44.

**RESPONSIBLE/
RESPONSÁVEL:**

Maíra

DATE/ DATA

12-10-2022